

AUGUSTO CESAR RIOS LEIRO

Educação e mídia esportiva:
representações sociais das juventudes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de DOUTOR EM EDUCAÇÃO.

Orientadora: Celi Nelza Zulke Taffarel/UFBA
Co-orientador: José Machado Pais/UL

SALVADOR
2004

UFBA/ FACED/ Biblioteca Anísio Teixeira

L531 Leiro, Augusto Cesar Rios.
Educação e mídia esportiva: representações sociais das
juventudes / Augusto César Rios
Leiro.- 2004.
293 f. : il.

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia,
Faculdade de Educação, 2004.

Orientadora: Prof^a Dra Celi Zulke Taffarel.

Co-orientador: Prof. Dr. José Machado Pais.

1.Educação. 2. Mídia Esportiva. 3. Juventude.

I.Taffarel, Celi Zulke. II.Pais, José Machado.

III. Universidade.

Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III Título.

CDD 370

AUGUSTO CESAR RIOS LEIRO

**Educação e mídia esportiva:
representações sociais das juventudes**

Banca de Avaliadores¹

Prof^a Dr^a Celi Nelza Zulke Taffarel (UFBA)
Prof. Dr. José Machado Pais (Universidade de Lisboa)
Prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires (UFSC)
Prof^a Dr^a Stella Rodrigues dos Santos (UNEB)
Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo (UFBA)
Prof. Dr. Nelson De Lucca Pretto (UFBA)

**SALVADOR
2004**

¹ Ouso ao enunciar os membros da banca, não mais chamá-la de Banca de Examinadores. É chegada a hora de reafirmarmos os estudos de Luckesi (2003) quando distingue *examinar* que “tem por objetivo julgar” (p. 11) e se caracteriza por ser pontual, classificatório, seletivo, estático e autoritário, de *avaliar*, que “tem como objetivo diagnosticar” (p. 13) e se caracteriza por ser processual, dinâmica, inclusiva e democrática. Começemos pela Faculdade de Educação da UFBA, a superar a concepção judicativa presente no enunciado das bancas de conclusão dos cursos de graduação e pós-graduação.

Termo de Aprovação

Augusto Cesar Rios Leiro

Educação e mídia esportiva: representações sociais das juventudes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de **Doutor em Educação**, defendida e aprovada com distinção, no dia 27 de outubro de 2004, pela banca de avaliadores constituída pelos professores doutores:

Prof^a Dr^a Celi Nelza Zulke Taffarel
Doutora pela Unicamp
Docente da UFBA

Prof. Dr. José Machado Pais
Doutor pelo ISCTE
Docente da Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires
Doutor pela Unicamp
Docente da UFSC

Prof^a Dr^a Stella Rodrigues dos Santos
Doutora pela PUC-SP
Docente da UNEB

Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo
Doutor pela Paris Vicenne à Saint-Denis
Docente da UFBA

Prof. Dr. Nelson De Lucca Pretto
Doutor pela Universidade de São Paulo
Docente da UFBA

Esta tese é dedicada a todos aqueles que, como no filme "Dançando no escuro", imaginam um mundo melhor e àqueles, em especial aos jovens que, como no filme "Diários de motociclista", lutam por ele.

...e a Guilherme, nosso anjo de luz.

Agradecimentos

A escrita de uma tese é, em grande medida, um ato solitário. No entanto, ela só se edifica com o apoio de pessoas e instituições sem as quais nenhuma produção se sustenta. No caso da presente tese o risoma de apoios e solidariedades foi fundamental. Ao concluir esse estudo não poderia deixar de registrar minha gratidão às instituições educativas, sindicais e científicas bem como à colegas e amigos daqui, dali e de lá:

Aos Colégios Maria José, Osvaldo Valente, Manoel Devoto e Águia pelas experiências sócio-pedagógicas possibilitadas ao longo do ensino básico;

À Escola de Educação Física e ao Diretório Acadêmico da Universidade Católica do Salvador pelas lições acadêmicas e políticas vivenciadas durante o ensino superior;

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia pela rica experiência de estudos, pela formação profissional em rádio e televisão; às Federações de Futebol e de Futebol de Salão pela formação profissional em arbitragem e ao EBEC pela formação em língua inglesa;

À Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e ao Sindicato dos Professores no Estado da Bahia por terem, no exercício das suas direções, contribuído para o alargamento do meu horizonte político e epistemológico acerca do mundo do trabalho e do lazer;

Aos amigos do grupo Raiz pelas lições de democracia, autonomia e liberdade de expressão... e às itinerantes festas de "Babette", é claro;

A Universidade do Estado da Bahia, em particular o Departamento de Educação de Alagoinhas, minha primeira casa de exercício docente universitário, pelo apoio decisivo para o desenvolvimento dessa pesquisa e a Universidade Federal da Bahia, em particular a FACED, pelo acolhimento durante toda minha formação no âmbito da pós-graduação *Stricto Sensu*. Nessas instituições pude apreender c ~ o exercício do magistério superior é estratégico na formação de mentes e corações;

A Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela Bolsa de Estudos no Exterior e pela conseqüente chancela institucional que confere a presente pesquisa;

Ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa pelo grande apoio institucional e pela deferência quando do meu Estágio de Doutoramento em Portugal;

À Prof^a Dr^a Celi Nelza, por ser mais Zulke do que Taffarel, pelas orientações estratégicas e pelo exemplo de luta, determinação e amor pelas causas que abraça;

A orientação do Prof. Dr. Machado Pais é também digna de nota. Trata-se de um intelectual de destacada densidade teórica, um autor brilhante e um exemplo de orientador. Ele combina como poucos, a aproximação e o distanciamento acadêmico e consegue com mestria harmonizar generosidade e rigor científico;

Aos demais membros da Banca a Prof^a Dr^a Stella Rodrigues dos Santos, pelo convívio afetivo e acadêmico na nossa UNEB e pela interlocução e atenção para com a minha escrita desde o mestrado; ao Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo, pelas valiosas contribuições franco-brasileiras e especialmente pela solidariedade desde a qualificação; ao Prof. Dr. Nelson Pretto pelas dicas importantes e bem humoradas na construção do diálogo entre educação e comunicação e ao Prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires pelo jeito de ser humano e pela aproximação segura do referencial teórico e da experiência vivencial em torno da mídia esportiva;

Aos professores e professoras Mauro Betti, Tânia Cordeiro, Cláudia Vasconcelos, Gey Espinheira e Paulo Leandro pelas entrevistas e luzes teóricas que lançaram sobre o estudo;

Aos estudantes de Educação Física da UCSal Paulo Lima e Polyana Suzart e aos Professores Welington Araújo Silva e Joelma Albuquerque por terem, generosamente, participado de estudos e do levantamento de informações para a pesquisa;

Aos jovens voluntários portugueses e brasileiros que se dispuseram a participar da pesquisa. Aos dirigentes do Batoto Yetu: Helena e Mafalda Santos; ao professor Marco Antonio do Grupo de Capoeira Alto Astral; à professora Paula Lima da Escola Secundária Cidade Universitária e aos colegas do Departamento de Educação Física da Escola Filipa Lencastre de Portugal bem como aos coordenadores do MIAC: Izabel Dantas e Cláudio Orlando pela articulação com os grupos de jovens, a Marinalva Góes, coordenadora do Grupo Jovens do bairro de 7 de abril/Salvador e aos dirigentes E Malaquíás da Silva e Aidê da Costa Ribeiro da Escola Estadual Renan Baleeiro pelo apoio na realização dos grupos focais;

Aos jornalistas Cecília Carmo da Rede de Televisão de Portugal e a Jéferson Beltrão da Rede Record pela generosidade que nos recebeu e pela valiosa contribuição técnica que deram como apresentadores do texto-vídeo;

Ao Centro de Áudio Visual do ISCTE, em especial aos técnicos João Monteiro e Sara Rico pelo apoio na edição do vídeo; aos amigos Patrice Besso, Inez Carvalho e Vera Edington pelas traduções e ao *Designer* Márcio Carvalho Figueredo pelos traços e recriações;

Aos amigos Fernando João, Henrique Silvestre, Cristina Ribeiro, Elsa Lechner, José Manoel Rolo, Maria do Carmo, Manoel Sergio e aos demais companheiros da academia, da política e do futebol pela atenção e acolhimento em terras lusitanas;

Ao doutor da capoeira erudita e popular, José Falcão pelos ensinamentos nas viagens luso lúdicas e ao colega Osmar Moreira pela participação no Seminário do Estágio;

Aos colegas doutorandos da turma de 2001, particularmente Elizeu Souza, Lynn Alves, Gianni Boscolo, Jamile Borges, José Cláudio Rocha e Roseane Almeida e em especial Henriette Gomes e Lícia Beltrão pelas trilhas e partilhas ao longo do curso;

Aos demais amigos Antonio Luiz "Da Costa", Albertino Nascimento, Cláudio Orlando, Ednaldo Filho, Emilio Araújo, Fernando Brandão, Jumara Novaes, Livia Margarida, Luiz Rocha, Ligia Portela, Luhana Almeida, Lino Castellani, Maira Landim, Mauricio Néri, Meire Arapiraca, Patrícia Dias, Pedro Abib, Romilson Santos, Roberto Liao, Rutildes Fonseca, Sávio Assis, Silvana Araújo e Tarcisio Vago pelos gestos e palavras nessa caminhada;

Aos colegas Técnicos Administrativos da Biblioteca, da Secretaria do PPGE e, nomeadamente, aos técnicos dos departamentos (Magali Costa, Meire Góes, Teresinha Barreto e Rose Silva) pela generosidade e atenção e aos companheiros e companheiras do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física & Esporte e Lazer pelo apoio acadêmico e interlocução política;

Ao companheiro Marcos Pinho, o Bartola, pelas dicas no caminho para Portugal e pela contribuição no labor estatístico da pesquisa;

Ao trio acadêmico do "céu"... Paulo Freire, Milton Santos e Felipe Serpa pelas lições que deixaram na terra;

Aos meus padrinhos Affonso e Silvia Rios pelo estímulo permanente aos estudos, especialmente o de língua estrangeira e ao primo Augustinho, um Sansão na comunicação, pelas inspirações em torno das imagens e sons;

Aos meus irmãos Rogério, Virgílinho, Afonsinho, ao compadre Dudu e em especial a minha mãe **Anna** e ao meu pai **Virgílio** pelo apoio e incentivo nos passos estranhos e familiares;

À minha queridíssima filha **Cecília** que me fez conhecer muito de mim convivendo com ela e à **Nuna** com quem tenho o privilégio do convívio solidário, sensível e amoroso.

**Eu ando pelo mundo
Prestando atenção em cores que eu não sei o nome
Cores de Almodovar; cores de Frida Kalo, cores
Passeio pelo escuro
Eu presto atenção no que o meu irmão ouve
E como uma segunda pele, um calo, uma casca
Uma cápsula protetora
Eu quero chegar antes
Pra sinalizar o estar de cada coisa, filtrar seus graus
Eu ando pelo mundo divertindo gente, chorando ao telefone
E vendo dor a fome nos meninos que tem fome
Pela janela do quarto, pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela, quem é ela?
Eu vejo tudo em quadrado
Remoto controle
Eu ando pelo mundo
E os automóveis correm para quê?
As crianças correm para onde?
Transito entre lados de um lado
Eu gosto de opostos
Exponho o meu modo, me mostro
Eu canto para quem?
Pela janela do quarto, pela janela do carro...**

Por: Adriana Calcanhoto

Resumo

A presente escrita resulta de estudos e pesquisas em torno da Educação/Educação Física e Comunicação. Trata-se de uma Tese de Doutorado em Educação que reúne cinco capítulos. Inicialmente diz das inspirações que levaram o autor ao tema, delinea o percurso investigativo desenvolvido no Brasil e na Europa e apresenta uma tríade cultural, envolvendo as culturas esportivas, televisivas e juvenis. Busca-se, fundamentado numa concepção dialética, compor um referencial teórico crítico que destaca o *habitus* no universo ideológico e representacional das juventudes. Desenha um talhe metodológico que acolhe diferentes e articulados procedimentos empíricos e, a partir de uma problematização acerca da realidade social, apresenta sínteses possíveis e desafios estratégicos. Pela via dos *Universos Temáticos*, discute a mídia esportiva como um espaço dinâmico de veiculação de bens simbólicos e materiais e a reconhece como conhecimento qualificado para a formação profissional em Educação Física e Jornalismo.

Palavras Chaves: Educação, Mídia Esportiva e Juventude.

Abstract

The present work results from studies and researches into Education, Physical Education and Communication. It is a PHD thesis with five chapters. Initially, it introduces the inspirations that led the author to the theme, then it delineates the investigative course taken by researcher on the topic in Brazil and in Europe, and finally proposes a cultural triad involving sports, television and youth. Based on a dialectic conception, it aims to compose a critical theory that points out the *habitus* in the ideological and representational universe of the youth. It designs a methodology which takes into consideration different but articulated empiric procedures, and from the social fact (reality), it draws possible synthesis and strategic challenges. Via the *Thematic Universes* it discusses the sporting media as a dynamic space for the transmission of symbolic values and material goods as well and acknowledges it as qualified media for the development of professionals in Physical Education and Journalism.

Key-Words: Education, Sporting Media and Youth

Resumé

Ce texte est le résultat d'études et de recherches autour du thème Education/ Education Physique et Communication. Il s'agit d'une thèse de doctorat en Education qui réunit cinq chapitres. Initialement, elle se réfère aux inspirations qui ont conduit l'auteur à ce thème, suit le parcours d'investigation développé au Brésil et en Europe et présente une triade culturelle, prenant en compte les cultures sportives, télévisuelles et juvéniles. Il s'agit, se fondant sur une conception dialectique, de composer une référence théorique et critique qui met en avant un "habitus" dans l'univers idéologique et représentationnelle des jeunes. Se dessine alors une méthodologie détaillée réunissant différentes articulations de procédés empiriques et, à partir du problème prenant en compte une réalité sociale, présente des synthèses possibles et des défis stratégiques. Par la voie de thématique complexe ou de thème générateur, se discute ainsi la média sportive comme un espace dynamique de promotion de biens symboliques et matériels et la reconnaît comme connaissance qualifiée pour une formation professionnelle en éducation physique et journalisme.

Mots clefs: Education, média sportive et jeunesse.

Lista de Ilustrações

Tiras

Tira 01- Cantos	29
Tira 02- Recreio	71
Tira 03- Laerte	198
Tira 04- Laerte	238

Gráficos

Gráfico 01 - Relações de gênero	78
Gráfico 02 - Interesse pela mídia	79
Gráfico 03 - Tempo na mídia televisiva (segunda/sexta)	79
Gráfico 04 - Tempo na mídia televisiva (sábados/domingos/feriados)	80
Gráfico 05 - Gosto pelo esporte	80
Gráfico 06 - Preferência pelo esporte na mídia	81
Gráfico 07 - Interesse em rever jogadas	82
Gráfico 08 – Investimentos em mídia	94

Figuras

Figura 01 – Caldeirão Cultural do MIAC	85
Figura 02 – Jornal Lance	225
Figura 03 – Revista Placar	226
Figura 04 – Jornal dos Sports	227
Figura 05 – Jornal Record	228
Figura 06 – Jornal Mundo Deportivo	229
Figura 07 – A Gazeta Esportiva / A primeira edição do jornal	230
Figura 08 – Jornal A Tarde	230
Figura 09 – Caderno A Tarde Esporte Clube	231
Figura 10 – Revista Isto É	231
Figura 11 – Jornal Tutto Sport	232
Figura 12 – Jornal Eurocopa	233
Figura 13 – Corriere dello Sport	233
Figura 14 – Jornal Sport	234

Quadros

Quadro 01 – Visitas Científicas	21
Quadro 02 – Sistematização dos estudos sobre mídia	106
Quadro 03 – Conbrace I	109
Quadro 04 – Intercom I	110
Quadro 05 – Conbrace II	110
Quadro 06 – Intercom II	112
Quadro 07 – Componentes conceituais em educação	201
Quadro 08 – Generalizações e conceitos básicos sobre comunicação	202
Quadro 09 – Demonstrativo das teorias da comunicação I	214
Quadro 10 – Demonstrativo das teorias da comunicação II	216

SUMÁRIO

1 INSPIRAÇÃO, PERCURSO E OBJETIVOS DA PESQUISA	18
2 EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ESPORTE: DIVERSIDADE E TENSÕES CONTEMPORÂNEAS	30
2.1 CULTURA ESPORTIVA UMA DIMENSÃO PARTICULAR DA CULTURA CORPORAL	34
2.1.1 Gênese e história	36
2.1.2 Esporte sob tensão	42
2.2 CULTURA TELEVISIVA: PONTOS DE VISTA	47
2.3 CULTURAS JUVENIS: O JOGO DAS DIFERENÇAS SOCIAIS	51
2.3.1 Juventude, educação e políticas públicas como desafio	64
3 TALHES METODOLÓGICOS E PROCEDIMENTOS EMPÍRICOS	72
3.1 A CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO E AS INFORMAÇÕES COLHIDAS	75
3.2 GRUPO FOCAL: O SINGULAR E O PLURAL DA PESQUISA	83
3.2.1 O texto-vídeo como estratégia de aproximação temática	86
3.3 ESPAÇO-TEMPO DA MÍDIA ESPORTIVA: O QUE PASSA NA TELINHA	88
3.4 CURRÍCULO E CONHECIMENTO SOBRE MÍDIA ESPORTIVA	96
3.4.1 Produção do conhecimento em mídia esportiva nas sociedades científicas e revistas especializadas brasileiras	104
3.5 ENTRE VISTAS COMO CONSTRUÇÃO TEÓRICA	173
3.6 A QUESTÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	182
3.6.1 Do olhar vadio a colheita	187
3.6.2 Olhares e falas luso-brasileiras: em “contraste”, as representações sociais das juventudes	190
4 HABITUS E FASCÍNIO DA TELEVISÃO: O ESPAÇO-TEMPO DA MÍDIA ESPORTIVA	199
4.1 DEMOCRATIZAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	207
4.2 A TV PARA ALÉM DO QUE SE MOSTRA	213
4.3 TV, <i>HABITUS</i> E SEGMENTAÇÃO DOS PROGRAMAS ESPORTIVOS	222
4.3.1 A mídia esportiva impressa no Brasil, na Itália e na península éra.	225
4.4 ESPORTE NO CAMPO DA TV	232

5 SÍNTESES POSSÍVEIS E DESAFIOS ESTRATÉGICOS	239
5.1 DESAFIOS ESTRATÉGICOS DA CONSTRUÇÃO DOS OBSERVATÓRIOS DA JUVENTUDE E DA MÍDIA ESPORTIVA	247
5.2 EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E CONHECIMENTO EM MÍDIA ESPORTIVA: O PROJETO <i>CULTURA EM MOVIMENTO</i>	252
5.2.1 Formação profissional e produção de conhecimento na mídia universitária	254
5.3 TOCANDO EM FRENTE	258
REFERÊNCIAS	261
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO	268
ANEXO A – COMPONENTES CURRICULARES DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E JORNALISMO (BRASIL/PORTUGAL)	270
ANEXO B –RELAÇÃO DOS SÓCIOS DAS EMISÓRAS DE TV	292

1 INSPIRAÇÃO, PERCURSO E OBJETIVOS DA PESQUISA

É preciso ainda lembrar que a televisão é um objeto técnico totalmente integrado à vida cotidiana dos jovens cidadãos. Esta maravilhosa máquina de sonhar faz parte de um 'meio técnico' que caracteriza cada vez mais as zonas urbanas brasileiras. (BELLONI, 1992, p.10)

Sem dúvida, o esporte faz hoje parte, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas em todo o mundo.[...] Hoje ele é, em praticamente todas as sociedades, uma das práticas sociais de maior unanimidade quanto a sua legitimidade social. No entanto, em meio ao 'boom' esportivo levantam-se algumas vozes, principalmente no meio acadêmico, que expressam dúvidas quanto aos valores humanos e sociais deste fenômeno [...] Entendemos que existe realmente uma lacuna na literatura brasileira no que diz respeito a textos que enfoquem criticamente o esporte (BRACHT, 1997, p. 5 e 6).

As epígrafes retratam a amplitude e a dimensão que envolve o debate em torno do esporte na ambiência da mídia televisiva e expressam parte da minha inspiração teórica sobre o tema.

O presente estudo integra, originalmente, a Linha de Pesquisa – *Currículo e Tecnologias de Informação e Comunicação* em particular, o Grupo de Estudo e Pesquisa em *Educação Física & Esporte e Lazer* da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, bem como o *Observatório da Juventude* do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Trata-se de uma tese que se move entre uma produção nacional e estrangeira de idéias, está ancorada nas teorias críticas, tem caráter reflexivo e emancipador da ordem vigente e se insere confortavelmente no debate do Programa de Pós-

Graduação em Educação referente à *educação, sociedade e práxis pedagógica*.

O interesse de pesquisa surge no processo de conclusão do Mestrado em Educação na Universidade Federal da Bahia. Nesse período, busquei uma aproximação teórica através de leituras e debates com grupos de estudos temáticos, culminando com o meu ingresso no Curso de Formação Profissional em Teleradialismo². Tal experiência vivencial em radiodifusão ampliou minha compreensão sobre o processo produtivo da mídia radiofônica e televisiva, notadamente após as experiências das disciplinas do curso; das visitas orientadas a canais de TV e emissoras de rádio da Bahia e da realização de um estágio de duzentas horas na TV UFBA. Desse modo, o presente objeto de estudo, foi ganhando significado mais amplo e intencionalidade acadêmica.

A essa trajetória, soma-se a minha condição contumaz de telespectador de TV e a minha prática pedagógica, de cerca de vinte anos, como professor de Educação Física me relacionando diretamente com o esporte. Acrescenta-se ainda a esses olhares, (o foco) a mídia impressa a partir dos periódicos nacionais e estrangeiros que se ocupam tematicamente com o esporte.

Para efeito da presente tese, busquei, a um só tempo, refletir o esporte como dimensão substantiva da cultura corporal, a TV como veículo qualificado da comunicação e a juventude como sujeitos sociais dinâmicos e históricos.

Ao lado dessa caminhada, se configura, como traços essenciais de incentivo e importância da presente pesquisa, a possibilidade de contribuir com o debate sobre as representações da juventude e seus interesses culturais em

² O curso foi realizado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia em parceria com o Sindicato dos Radialistas com duração de cerca de dois anos.

torno do esporte contemporâneo e com as urgentes reflexões críticas acerca dos discursos midiáticos e científicos referentes à comunicação esportiva.

Inspirações e percursos concorreram para que apresentasse ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia - Curso de Doutorado, inicialmente, um projeto de pesquisa sobre a produção do conhecimento no âmbito da Educação Física e Esporte e, posteriormente, acompanhado pelas orientações e atividades: Projeto de Tese I e II e pela participação nas disciplinas: Etnopesquisa Crítica, Trabalho Individual Orientado e Educação, Comunicação e Tecnologias, o projeto de pesquisa, à época, anunciado como Cultura & televisão: os programas esportivos e suas implicações na formação da juventude.

Essas experiências, ao lado das demais atividades acadêmicas³, inclusive com o desenvolvimento, no período de abril a julho de 2003, de um Estágio de Doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, bem como as visitas acadêmicas em outros países da Europa foram concorrendo para o redesenho do foco essencial da presente tese. Nesse percurso, participei de eventos acadêmicos, políticos e culturais com o olhar investigativo. Importa registrar ainda as principais atividades de pesquisa e visitas acadêmicas, realizadas no Brasil e no exterior, com vistas à potencialização da pesquisa em tela.

³ Assumi paralelamente ao doutoramento diversas atividades acadêmicas. Na UNEB, a coordenação e a docência das disciplinas Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte e Metodologia do Trabalho Científico no Curso de Especialização em Metodologia da Educação Física e Esporte bem como as disciplinas Educação Física I e II na graduação. Na UFBA, atuei nas disciplinas Educação e Ludicidade e Seminário I para os graduandos da FACED; coordenei o Curso de Extensão: Bioexpressão – Uma proposta pedagógica; desenvolvi dois vídeos da série “Cultura em Movimento” da FACED para TV UFBA e o I Seminário do Núcleo de Pesquisa em História, Linguagem, Educação e Lazer da UNEB. Orientei trabalhos monográficos de conclusão de Curso de Graduação e Pós Graduação na UFBA e UNEB e atuei na co-orientação da dissertação de mestrado “Copa do mundo 2002: mídia esportiva no âmbito da Educação Física Escolar” do Professor Welington Araújo Silva da Universidade Federal de Santa Catarina.

Quadro 01 - Visitas científicas

Instituições	Data	Local	Atividades
Universidade de Lisboa	-3 de abril a 31 de julho de 2003 -7 a 10 de junho de 2003 -25 de Maio de 2003	Lisboa / Portugal	-Estágio de Doutoramento -Fórum Social Português -Conferência Internacional - União Africana
Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana	9 e 10 de abril de 2003	Cruz Quebrada/ Portugal	Congresso Mundial Futebol
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	28 de julho de 2003	Lisboa/Portugal	Visita acadêmica
Instituto Piaget	2 e 3 de junho de 2003	Almada/Portugal	Simpósio sobre Futebol: novas metodologias
Universidade de Vigo	21 de abril de 2003	Vigo/Espanha	Visita acadêmica
Instituto Gramsci	23 de julho de 2003	Roma/Itália	Visita acadêmica
Universidade de Van Amsterdam	25 de julho de 2003	Amsterdã/ Holanda	Visita acadêmica

As participações em eventos universitários assim como as visitas científicas favoreceram uma melhor compreensão sobre o universo temático direto e indireto da pesquisa, ao lado de um amadurecimento acerca da estrutura e funcionamento de atividades e centro de investigação na Europa.

Nesse movimento, percebi, na experiência em curso, algo “arrastando meu olhar como um ímã⁴”, fui impulsionado a aprofundar as leituras em torno do

⁴ São palavras do cantor e compositor Caetano Veloso.

objeto de estudo e iniciar os procedimentos empíricos formais da pesquisa, dada a riqueza que aquele território sinalizava. Antes, porém, busquei formular objetivos e propor questões que fossem capazes, a um só tempo, de construir o horizonte da pesquisa e produzir fios condutores que me levassem a tecer a tese. Consistia em um jogo interessado muito mais no rigor científico do que na rigidez dos conceitos. Um processo produtivo marcado por leituras, diálogos, compartilhamentos, interlocuções e formulações estratégicas cujas conexões almejavam dar sentido político e significação acadêmica ao trabalho.

Certos de que o conhecimento científico, para emergir do encontro entre a literatura e a realidade empírica, necessita de “sujeitos de diálogos”⁵, reconhecidos aqui nos jovens que emprestaram suas falas e nos intelectuais entrevistados; de objetos de estudos e objetivos de pesquisa claros, busquei entrelaçar o acúmulo teórico, produzido historicamente, com as falas dos sujeitos aos meus anúncios. Nesse sentido, é importante situar os horizontes deste no campo de análise privilegiado: os programas que tematizam o esporte nos canais abertos da mídia televisiva, com o objetivo de entender as percepções dos jovens e suas representações em torno desse tema.

Acrescente-se ainda o intento de verificar de que forma os cursos de formação de professores de Educação Física e de Jornalistas tratam a mídia esportiva nos seus currículos. Tais objetivos impulsionaram a busca da compreensão em termos contrastivos das relações e contradições dos jovens e seus interesses culturais no esporte, via representações sociais construídas por esses jovens com base na mídia televisiva; o levantamento dos dados referentes à mídia esportiva bem como seus nexos, contextos históricos e

⁵ Para Elsa Lechner (ICS-UL), os informantes, os voluntários de uma pesquisa podem ser anunciados como “sujeitos de diálogos”.

implicações na vida das juventudes e, por fim, a proposição de diretrizes contemporâneas para a produção do conhecimento sobre mídia esportiva nos cursos de formação profissional em Educação Física e Jornalismo, ao lado de estudos e pesquisas que tematizem a cultura midiática, a cultura corporal e a cultura juvenil.

Postos os elementos centrais que constituem o texto, cabe ressaltar que a presente pesquisa visa, por um lado, contribuir para a ampliação e o aprofundamento do debate teórico sobre a juventude e, por outro, oferecer pistas para potencializar ações estratégias de políticas para/com a juventude e ainda contribuir nos processos formativos como um todo a partir do conhecimento setorial, desse modo colaborar na *elucidação* ideológica do debate em torno do conhecimento que vincula esporte e mídia.

O desafio do elucidar, que etimologicamente tem origem no latim, se constitui na reunião do prefixo “e” mais o verbo “lucere”, que significa trazer à luz. Trata-se da “luz do elucidar”, logo refere-se à luz da inteligibilidade. A mesma que nos possibilita desvendar – tirar a venda, iluminar o real e desvelar – tirar o véu e ver para além das aparências. O recorte elucidativo, propósito desse estudo, é inspirado nas reflexões filosóficas de Luckesi e Passos (1995), ao se referirem ao conhecimento “como elucidação da realidade [...] forma de tornar a realidade inteligível, transparente, clara, cristalina. É o meio pelo qual se descobre a essência das coisas que se manifesta por meio de suas aparências.” (p. 15)

Assim sendo o tema é interdisciplinar, relevante e multifacetado. Conforme faz alusão a epígrafe de abertura do texto, necessita de novas problematizações para responder às crescentes inquietações da sociedade.

Nessa busca, percorri trilhas e caminhos, com destaque para quatro etapas da pesquisa.

Constituem quatro etapas específicas com vínculos metodológicos entre si. Na **primeira** etapa - denominada de planejamento da pesquisa - caminhei dialeticamente do problema ao tema e realizei estudos de aprofundamento teórico na perspectiva de elaboração das primeiras linhas e intenções da pesquisa. Essa etapa foi marcada muito mais pelas dúvidas do que pelas certezas. Construiu-se um plano provisório e, após diálogos envolvendo questões referentes à relevância e à pertinência do tema, alcancei uma formulação mais representativa do desafio da investigação naquele momento.

Na **segunda** etapa – identificada como estruturante do trabalho – sob a orientação da Prof^a Dr^a Celi Zulke Taffarel, desenvolvi uma série de atividades e disciplinas obrigatórias e optativas, necessárias para totalização dos créditos e para as aproximações teóricas inicialmente requeridas para edificação da tese. Cumpridos os créditos referentes ao curso de doutorado em educação, realizei os exames de proficiência e atividade de qualificação da tese. Tal atividade combinou a entrega de uma síntese preliminar do texto básico da tese, para dialogar com os membros da banca presentes à qualificação, com uma apresentação pública e aberta aos interessados no tema durante um evento acadêmico internacional⁶.

A **terceira** etapa refere-se ao conjunto da experiência desenvolvida ao longo do Estágio de Doutorado, realizado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa sob a qualificada orientação do Dr. José Machado

⁶ A atividade de qualificação ocorreu no dia 08 de outubro de 2002 e contou com a participação do Prof. Dr. José Machado Pais (UL); do Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo (UFBA) e da Prof^a Dr^a Celi Zulke Taffarel (UFBA).

Pais. Nesse período, conforme relatei à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, foram articulados três momentos específicos.

O primeiro momento teve como objetivo o planejamento do estágio. Consistiu de encontros na Universidade de Lisboa, em Portugal, para construção de uma agenda quadrimestral de estudos e pesquisas. No segundo momento do estágio, participei de um conjunto de atividades acadêmicas, estudos dirigidos e leituras temáticas, especialmente as que versavam sobre a juventude.

Durante o referido período, participei ainda de seminários e elaborei um artigo. Os Seminários de Investigação tiveram como objetivo socializar os projetos de pesquisas e os avanços observados⁷. Na oportunidade, minha fala foi orientada pelo texto denominado: “Cultura corporal, juventude e comunicação: caminhos e trilhas”, elaborado para ocasião. No terceiro momento do estágio, centrado na pesquisa de campo, a Juventude é reconhecida como *sujeito de diálogo*, contou com dois procedimentos principais para o levantamento de informações junto aos jovens lisboetas: questionário e grupos focais.

Os procedimentos de campo, adotados em Portugal, foram ressignificados e desenvolvidos com os jovens brasileiros, também como parte integrante da terceira etapa.

Vencidas as fases anteriores, foi a vez da **quarta** etapa denominada de

⁷ O primeiro ocorreu no dia 16 de abril de 2003, contou com a nossa participação ao lado dos colegas José Luiz Falcão (UFSC) e Melisa de Mattos Pimenta (USP). O segundo seminário, realizado no dia 09 de junho de 2003, além dos participantes da primeira experiência, incorporou a participação do Dr. Osmar Moreira dos Santos, docente da UNEB e pós-doutorando na Université Paris VIII e foi estruturado, tomando como referência um artigo científico de cada participante da mesa.

redação, a qual, no curso da sua escrita, ganhou forma técnica, linguagem própria e logicidade, além de uma estrutura gráfica referenciada nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Importa sublinhar que a lente crítica e o caráter qualitativo da pesquisa, o acolhimento de uma conceituação ampla envolvendo questões filosóficas, psicológicas, antropológicas e sociológicas assim como considerações vivenciais impulsionaram as sínteses aqui construídas. Sempre em busca de um movimento teórico-prático de recusa de aproximações forçadas de produção de teoria sem prática e de prática sem teoria. A metáfora construída por Fazenda (1989, p. 86) ilustra bem este propósito em dialogar criticamente com a literatura acumulada e produzir conhecimentos inovadores.

É preciso entender, então, que, apesar de sapos e rãs serem batráquios e conviverem num mesmo lago, não são a mesma coisa. A tentativa de metaforseá-los em lagartos – numa espécie de síntese integradora – certamente não será um avanço para a espécie.

As sínteses que foram possíveis construir, desse modo, contemplaram duas dinâmicas essenciais. A primeira diz respeito ao exercício direto da produção. Ela instigou o olhar acerca da tríade: educação, comunicação e cultura esportiva, como rizomas teóricos capazes de sustentar marcos epistemológicos, concepções filosóficas e passos metodológicos para tese.

A segunda refere-se à intinerância, ao jeito e ao envolvimento com o objeto de estudo, e os desafios de intervenção social pós-pesquisa. Nessa perspectiva, considero prudentes as palavras de Macedo (2000, p. 215), quando acolhe a tensão, a razão e a emoção, recomendando na elaboração de qualquer escrita:

[...] tomar-se consciência de que as emoções, por si só, não podem guiar um processo de construção do conhecimento, faz-se necessário aprender a dialetizar de forma cuidadosa o movimento de aproximação e distanciamento do objeto investigado, numa vigília constante ao imperativo de cientificidade da pesquisa.

Trata-se, portanto, de reconhecer a pesquisa como um processo histórico e como dimensão importante da produção para o atendimento das necessidades humanas. Com essa compreensão, o fazer/pesquisar buscou contemplar um movimento de descrição para interpretar, de indagação para explicar e de compreensão para descrever.

Decorre dessa caminhada o presente texto, estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se a **Inspiração, percurso e objetivos da pesquisa**, situando o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como espaço acadêmico de desenvolvimento do estudo, traçando o caminho percorrido no Brasil e na Europa e suas respectivas etapas: planejamento; estruturação e totalização dos créditos; estágio de doutoramento e redação final do texto.

No segundo capítulo, denominado de **Educação, comunicação e esporte: gênese e tensões contemporâneas**, discute-se a tríade cultural envolvendo as culturas esportivas, televisivas e juvenis, são destacados os principais autores desenhando um quadro teórico do tema.

No terceiro capítulo, anunciado como **Talhes metodológicos e procedimentos empíricos**, busca-se definir conhecimento e problematizar a realidade social, apontar os fundamentos metodológicos e dizer das técnicas e procedimentos de campo.

No quarto capítulo, aborda-se **Habitus e fascínio da televisão: espaço-tempo da mídia esportiva**, entrelaçando as categoria *habitus* e mídia

esportiva no universo ideológico e representacional das juventudes, reconhecendo a luta pela democratização dos meios de comunicação como um desafio substantivo para soberania do Brasil.

No quinto capítulo, aponta-se como **Sínteses possíveis e desafios estratégicos**, a edificação de dois Observatórios, a ampliação das iniciativas de ensino, pesquisa e extensão que articulam a educação e comunicação esportiva, como tema particular no currículo de professores e jornalistas.

Por fim, após uma breve narrativa sobre a minha experiência formativa, as referências que sustentam a tese e os anexos; convido os leitores interessados ao diálogo com o texto para um jogo interativo.

Tira 01 – Cantos



2. EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ESPORTE: DIVERSIDADE E TENSÕES CONTEMPORÂNEAS

Uma das palavras de que mais gosto é diversidade, pela sonoridade e, principalmente, pelo significado. Ela está na arte, na ciência, na natureza e em tudo na vida. O mundo fica repetitivo, sem graça quando existe apenas um único pensamento, uma única visão psicológica, filosófica e política, um único estilo de vida, um único esquema tático no futebol, um único doce de coco, uma única televisão para assistir os jogos da Copa e outras situações pouco democráticas.

Tostão

Parte significativa das problemáticas de pesquisa em educação privilegia o ensino formal nas distintas modalidades e trazem, na média do conjunto histórico da sua produção, uma contribuição qualitativa e indicadora de estratégias políticas e pedagógicas para superação de parte dos graves problemas sociais brasileiros. No entanto, pode-se afirmar que são muitas as necessidades investigativas em educação, sobretudo em diálogo teórico com o campo da comunicação.

Nesse jogo, as categorias - juventude, esporte e televisão sob a perspectiva da educação se constituíram, ao longo do doutoramento, em temas atratores essenciais da nossa (in)formação acadêmica e do nosso interesse investigativo.

Trata-se de um processo no qual a formação identitária e cultural do jovem se afirmou como grupo de relevo sócio-antropológico e ganhou, na presente pesquisa, referência qualitativa e estudo específico. Associa-se a essa reflexão o desejo de entender melhor as representações sociais que os jovens constroem, sob a influência da mídia que tematiza o esporte com destaque para mídia televisiva.

O percurso investigativo, em tela, considerou, para efeito de edificação do seu “objeto” de estudo, um caminho diverso e mais amplo do que sincreticamente se convencionou. Para entender a amplitude dos estudos sobre televisão, esporte e juventude foi preciso dar-lhes maior significação e afirmá-los em três dimensões relevantes do fazer cultural contemporâneo: cultura esportiva, a cultura juvenil e a cultura televisiva.

Na porta de entrada desse debate, admitir que, diante da “possibilidade de revisão de seu estatuto econômico e semiótico atual, os meios de comunicação de massa têm um papel importante” e do movimento histórico e contemporâneo, referente ao universo diverso que a cultura humana vem gerando com “novas técnicas cognitivas, novos modos perceptivos, novas maneiras de viver a cultura” (SODRÉ, 1996, p. 97), fez-se necessário focar campos teóricos que pudessem responder aos desafios da presente pesquisa, envolvendo esses três campos teóricos.

Entender esse processo requer evidenciar histórica e conceitualmente o tema. No diálogo com as ciências sociais, destacamos Cuche (1999), quando aponta a origem histórica da palavra *cultura*, de início no latim e posteriormente na língua francesa, quando discute a invenção conceitual da cultura na ambiência científica. O autor observa que o conceito de cultura como especificidade humana, está inscrita na diversidade e nos costumes dos povos e registra como uma das primeiras reflexões nesse campo, a do antropólogo Edward Tylor, que, já em 1871, considerava cultura e civilização como “um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (p.1). Outra contribuição histórica

importante nesse processo de afirmação científica é atribuída a Franz Boas, que, em 1911, deu um salto na definição interpretativa da cultura, ao discutir o caráter inconsciente dos fenômenos lingüísticos e etnográficos. Suas pesquisas eram realizadas de forma direta, particular e prolongada em distintas comunidades e buscavam pensar as diferenças fundamentais de ordem cultural. Nos estudos historiográficos de Cuche, destaca-se também o labor sociológico de inspiração antropológica de Emile Durkheim que, na sua ambição de pesquisar os inúmeros aspectos e dimensões sociais, tomou com mais freqüência o conceito de civilização do que de cultura e “extraí do conceito de civilização os pressupostos ideológicos implícitos em maior ou menor grau” (CUCHE, 1999, p. 52). Malinowski se caracterizou, nesse debate, por criticar a “atomização da realidade cultural” e as avaliações com base em traços culturais observados do exterior ou à distância do real. Ele elaborou a polêmica teoria das necessidades e se destacou por criar um método etnográfico denominado de “Observação Participante” (CUCHE, 1999, p. 71 e 74).

A rubrica no debate sobre o fenômeno cultural pode reunir diferentes campos disciplinares como: sociologia, antropologia, filosofia, história e crítica literária. Com gênese na palavra latina *cultura*, o termo significava “cultivo ou o cuidado de alguma coisa, tal como grãos ou animais” (THOMPSON, 1995, p. 167). Ainda para o mesmo autor “este sentido original foi estendido da esfera agrícola para o processo do desenvolvimento humano, do cultivo dos grãos para o cultivo das mentes” (167).

Ao conceituar as principais dimensões de uso do termo cultura, Thompson (1995) distingue quatro tipos básicos. O primeiro surge na ambiência de filósofos e historiadores alemães nos séculos XVIII e XIX, era usado para se

referir "a um processo de desenvolvimento intelectual e espiritual" (p. 166) e pode ser denominado de a esse uso como *concepção clássica*. Com a chegada do olhar antropológico no fim do século XIX, Thompson reconhece duas concepções: a *descritiva* e a *simbólica*. A primeira "refere-se a um variado conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico" e na concepção simbólica o estudo da cultura " está essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica" (166). Por fim a concepção *estrutural* de cultura, segundo Thompson (1995), os fenômenos culturais "podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas" (p. 166).

Dentre as diferentes e inúmeras contribuições teóricas sobre a temática, sobressaem as reflexões relevantes tratadas por Laraia (1986), na qual supera dois tipos de determinismo: o biológico e o geográfico. O determinismo *biológico* atribui capacidades inatas a determinados grupos étnicos/raciais e, ao analisar a relação entre diferença cultural e a diferença genética, conclui que "o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada" (p. 20) e um determinismo *geográfico* que tenta considerar que "as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural" (p. 21). Ao contrário dessa tese, o referido autor reconhece a possibilidade de "existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico" (LARAIA,1986, p.21).

Vivemos um tempo de dismantelamento da autonomia e de “enjaulamento”⁸ econômico e cultural. Para Jameson “o imperialismo cultural também enjaula; mas não apenas por meio dos produtos e sim pela construção de novos hábitos de consumo e novos modos de vida” (p. 67). Diante da dificuldade de afirmação da diversidade cultural e da promoção da cultura regional, é necessário um grande esforço crítico que favoreça o debate cultural e estimule a participação dos intelectuais como “recriadores de utopias” (JAMESON, 2000, p.71).

Ainda no campo das ciências sociais, são qualificados os escritos de referência Marxista, quando apresentam a comunicação, o trabalho e o poder como pilares importantes no debate cultural. É nesse cenário que o presente estudo foca o esporte, o reconhece como o mais importante fenômeno dentre as culturas corporais e diante da complexidade, valores e saberes que envolvem essa prática social, a denomina de cultura esportiva.

2.1 CULTURA ESPORTIVA UMA DIMENSÃO PARTICULAR DA CULTURA CORPORAL

*A espetacularização do esporte,
etapa que sucede a de esportivização do jogo,
determina o apagamento do espírito lúdico*

Giovani Pires

O esporte⁹ é uma prática social que integra as manifestações da cultura corporal do *ser humano*, em cada espaço e em cada grupo social, se edifica de

⁸ Terminologia utilizada por Michael Mann para refletir sobre a irreversibilidade da história e seus mecanismos.

⁹ Durante o texto, os termos Esporte, por nós utilizado, e Desporto, usado principalmente por teóricos portugueses, têm o mesmo significado.

modo particular, embora guarde linhas e gestos internacionalmente praticados. Reconhecido como experiência ampla que vai além do ato de competir, inspirado no labor sociológico do francês Pociello (1995), o esporte é tomado no presente estudo como cultura esportiva. A "cultura esportiva" surge em 1985 como um tema a ser aprofundado no âmbito do Centro de Pesquisas Especializadas da Universidade de Paris Sud-Orsay. Considerando que “os modelos teóricos e os instrumentos conceituais forjados pelas ciências sociais e pela sociologia da cultura já estavam à nossa disposição, cabia-nos mobilizá-los e fazê-los trabalhar em prol do nosso domínio de investigação: a cultura esportiva.” (p. 1). A expressão cultura esportiva¹⁰

quer dar conta dos efeitos teóricos da pertinência das ciências sociais (história, geografia etnologia, mitologia) para o domínio das práticas, das representações e dos mitos esportivos que se diferenciam segundo os países e os grupos. É uma démarche que, partindo de um campo esportivo acessível e familiar tendo sua estrutura e sua lógica próprias, visa a descrição e a interpretação de um universo de práticas, de técnicas e de símbolos que assumem significativa importância na vida social contemporânea. (POCIELLO, 1995, p. 21 e 22).

Para o autor, em tela, a formulação em torno do conceito de "cultura

¹⁰ Tradução livre – Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo: “cultures sportives” veut rendre compte des effets théoriques de la poussée des sciences sociales (histoire, sociologie, démographie, géographie...) et des sciences de la culture (anthropologie, ethnologie, mythologie...) dans le domaine des pratiques, des représentations et des mythes sportifs qui se différencient selon les pays et les groupes. C’est d’abord une démarche qui, partant d’un champ sportif accessible et familier ayant a structure et sa logique propres, vise à la description et à l’interprétation d’un univers de pratiques, de techniques et de symboles qui prennent une importante place – et revêtent du sens – dans la vie sociale contemporaine. (POCIELLO, 1995, p.21 e 22).

Une culture commune, faite de bricolage d’idées, de savoirs, d’images, de représentations, de techniques, de valeurs, de normes, de croyances... sur lesquelles un milieu constitué travaille, lutte et entre en conflit, mais en lesquelles il se reconnaît, à partir d’un consensus minimal sur le bien-fondé de ce travail minutieux d’élaboration; travail sur lequel il définit ses enjeux sociaux propres. On a voulu montrer que cette culture cultivée était susceptible de produire des effets de connaissances.

L’extraordinaire richesse et complexité du sport – que sa vitalité et sa capacité de renouvellement propres entretiennent – n’a d’égal que celles de la culture et de la société qui l’ont forgé. La diversité des points de vue et la variété des angles d’attaques théoriques qu’il suscite aujourd’hui – et dont ce livre voulait assez précisément rendre compte – sont tous considérés comme indispensables pour donner à cet objet polysémique tout son relief et lui conférer toute sa légitimité universitaire. (POCIELLO, 1995, p.282)

esportiva” se constitui historicamente.

Uma cultura comum feita de bricolagens de idéias, de saberes, de imagens, de representações, de técnicas, de valores, de normas, de crenças...sobre as quais um meio constituído trabalha, luta e entra em conflito, mas nas quais se reconhecem, a partir de um consenso mínimo sobre o bom fundamento desse trabalho minucioso de elaboração; trabalho sobre o qual se define jogos sociais próprios. Quero mostrar que esta cultura cultivada é sucessível de produzir efeitos de conhecimento. A extraordinária riqueza e complexidade do esporte têm a ver com a cultura e a sociedade que os forjaram. A diversidade de pontos de vista, a variedade de ângulos teóricos são considerados indispensáveis para dar a este objeto polissêmico todo o relevo e lhe conferir toda sua legitimidade universitária. (p.282).

Desse modo, a cultura esportiva reúne, em torno de si, o esporte no seu conjunto de experiências vivenciais e reflexões sociológicas e, para ser melhor compreendida, requer discutir sua gênese e bases históricas centrais.

2.1.1 Gênese e história

Entender a gênese do esporte seguramente não é uma tarefa fácil. Ao buscar *retraçar a gênese do esporte*, Assis de Oliveira (2001) argumenta: “não interessa uma definição e sim uma compreensão explicativa, um enredo [...]” (p. 71). Situado entre os estudos históricos e sociológicos, o referido autor traz duas advertências na tentativa de explicação sobre o surgimento do esporte moderno: “não se deve considerá-lo como resultado de um processo linear de desenvolvimento, tampouco como uma instituição completamente autônoma.” (p. 73).

A combinação de jogos das classes populares e das culturas corporais, no cenário europeu do século XVIII, não pode ser entendida de forma linear nem responsável pelo surgimento do esporte moderno. Mesmo guardando similaridades de “movimentação de uma bola com os pés e as mãos; existência

de campos específicos de jogo; um confronto entre dois ou mais grupos sendo decidido através do esforço físico-corporal, etc.” (BRACHT, 1997, p. 92) não podemos considerar o esporte moderno como continuidade direta dos antigos jogos populares, passatempos e competições. Ainda que rejeitemos a tese da historiografia conservadora de que o esporte decorre gestual e identitariamente das formas primitivas de jogar, é preciso rejeitar a compressão da “ausência absoluta de continuidade [...]” (idem, p.93).

Constituam assim contextos históricos e culturais diferentes:

Tomemos como exemplo o jogo dos antigos Mayas – para não recair no exemplo comum dos jogos gregos – realizado desde 1500 a.C. até a invasão espanhola (descobrimto da América) por volta de 1500 d.C. Se considerarmos a forma dessa prática, identificaremos semelhanças com os hodiernos jogos de vólibol e basquetebol. Mas, se perguntarmos pelo sentido daquela prática, pela sua inserção sócio-cultural, somos forçados a reconhecer que ela muito pouco se assemelha ao esporte de hoje. (BRACHT, 1997, p. 93).

O aprofundamento dos estudos sobre as práticas corporais antigas nos levará a perceber seus traços religiosos e militares como “centro articulador e gerador de significado.”(BRACHT, 1997, p. 93) e a entender o esporte moderno em sua relativa descontinuidade concernente ao período descrito.

Os eventuais fragmentos históricos encontraram na Inglaterra um palco privilegiado para agrupamento de regras e um território fecundo para promover batizados esportivos a modos de jogar, nascidos em diferentes cantos do mundo.

Esse processo de transição esporte/jogo só foi possível, porque contou com a chancelaria do poder público inglês, sufocando e folclorizando distintas manifestações corporais, até então, presentes em vários países. Mesmo com resistências, o espraiamento do fenômeno esportivo foi intensificado nos

séculos XIX e XX e chega ao século XXI envolvido por sofisticadas características racionais, científicas, competitivas e claros vínculos com negócios de altos rendimentos.

Para entender as razões pelas quais a Grã-Bretanha deu os passos mais significativos no processo de sistematização do esporte moderno, a que Elias (1986) chamou de “esportivização das distrações”, é preciso retomar as reflexões historiográficas em torno das guerras entre Estados-nação, entre os Estados dinásticos e as remanescentes formas feudais de organização societária.

Nesse processo, verificou-se uma afirmação econômica e militar ocidental e no dinâmico papel político da Europa no cenário mundial, destaca-se a trajetória do Estado inglês no surgimento do esporte moderno.

[...] a desunião da Alemanha e da Itália até o século XIX explica por que esses dois países não se tornaram sítios de “esportização”. Decerto, os italianos haviam desenvolvido muito cedo, no século XVI, seu *cálcio*, isto é, bem antes que os Ingleses desenvolvessem o *soccer* e o *rugby*, porém, nesse país desunido, o *cálcio* continuou confinado a Florença, com talvez algumas variantes em outras cidades. As tradições locais tendiam a prevalecer sobre as tradições nacionais [...] Além disso, nasceu na Alemanha, um movimento ultranacionalista em favor do desenvolvimento da ginástica, die Turnerbewegung. (GARRIGOU E LACROIX, p. 96 e 97, 2001)

Ao contrário das cisões entre italianos e alemães até o século XIX, a França e a Inglaterra estavam, no período, relativamente unidas no plano nacional, o que favoreceu a divulgação, a afirmação de suas experiências e até a “exportação” de algumas práticas sociais como, por exemplo, o esporte moderno.

No território brasileiro, a chegada do esporte surge trazendo contornos próprios. Alguns autores vêm revisitando a historiografia sobre o tema. Nos

seus estudos, Lucena (2001) argumenta que:

No caso do Brasil, não há, tomando por base o ocorrido em alguns países europeus, e na Inglaterra em particular, uma passagem sincrônica do jogo popular e ritualístico ao esporte ou jogo esportivizado. Em nossa opinião, há, na verdade, o ‘implante’ de uma prática específica ao lado dos jogos de caráter popular [...] o esporte chega até nós não por um amadurecimento contínuo, que permitiu a passagem de uma técnica específica, que parece caracterizá-lo; mas por uma ação deliberada e dirigida para determinados setores da elite brasileira. (2001, p. 46).

Um processo de “implante”, em qualquer situação, não é simples. No ambiente cultural muito menos. As experiências lúdicas brasileiras de movimento corporal acolheram as manifestações esportivas que chegavam aqui, mas deu-lhes uma *ginga* brasileira. Nas tensas tentativas de implante do esporte no Brasil, o fenômeno esportivo “tomou como de assalto o mundo da cultura corporal de movimento, tornando-se sua expressão hegemônica, ou seja, a cultura corporal de movimento esportivizou-se.” (BRACHT, 1997, p.11).

O esporte é uma prática social que não se caracteriza apenas pela sua forma de desenvolvimento ou “implantação”, ele se edifica por suas inúmeras possibilidades de vivências corporais no movimentar-se humano.

O esporte pode ser classificado de distintas maneiras. Os quatro elementos e os esportes olímpicos nos ajudam a construir uma delas¹¹. No, elemento **terra**, é possível agrupar: atletismo, badminton, basquete, beisebol, ciclismo, futebol, handebol, hóquei, softbol, tênis, tênis de mesa, vôlei e vôlei de areia; no elemento **água**: canoagem, vela, nado sincronizado¹², natação, saltos ornamentais, pólo aquático e remo; no elemento **fogo** poderíamos reunir as lutas: boxe, esgrima, judô, greco romanas, livre e tae-kwon-dô e no **ar**: a ginástica olímpica, ginástica rítmica desportiva e ginástica trampolim, hipismo,

¹¹ A reportagem apresenta a relação entre os quatro elementos e os esportes olímpicos. Revista Olimpíadas, 2004. Nº 1, p. 52 – 71, 2004.

¹² É ainda a única modalidade exclusivamente feminina nos jogos olímpicos.

levantamento de peso (arranco e arremesso), tiro e tiro com arco. Somam-se aos citados os de características mistas: pentatlo moderno e triatlo.

Se tomarmos equipamentos como referência, poderíamos ter outra maneira de classificação: quadras, pistas, piscinas, campos, areias, ringues..., podendo ser coletivos ou individuais.

A orientação pedagógica e os equipamentos recreo-esportivos, disponíveis em cada lugar, seguramente interferem no desenvolvimento de uma modalidade esportiva e conseqüentemente no desenho cultural de cada região. Cada experiência revela um jeito do esporte ser *praticado, assistido e estudado*.

Para refletir criticamente sobre o relevo teórico do esporte, tomamos para esse escrito, dois recortes conceituais sobre o tema. O primeiro surge em meados da década de 80 e toma o fazer esportivo de modo estruturante e normatizador e o divide em três manifestações: esporte/educação; esporte/participação e esporte/rendimento. Um outro olhar teórico sobre a questão é encontrado nos estudos de Bracht (1997), que reconhece o esporte na sua dimensão múltipla e o divide em dois campos: esporte de alto rendimento ou espetáculo e esporte como atividade de lazer.

As manifestações de educação, de participação ou comunitária e de lazer, presentes nos referidos olhares sobre o esporte, reúnem “múltiplas realidades construídas cotidianamente” (MACEDO, 2000, p.54) e podem favorecer o debate relacional entre as regras do jogo e as regras da sociedade. Tais manifestações podem ainda, nos territórios citadinos formais e não-formais, se configurarem em espaços referenciais de aprendizagem das culturas corporais, independente do segmento social ao qual o cidadão

pertence, da sua habilidade motora, do sexo ou da etnia.

Para efeito dessa produção, cabe aprofundar as características do *esporte-espetáculo* que, ancorado na mídia, vem se (pré)ocupando muito mais com os altos rendimentos financeiros advindos dessa prática social do que com os aspectos sócio-culturais da experiência. A esse respeito, (SOUZA, 1993) considera que o esporte–espetáculo se tornou “uma mercadoria altamente complexa, em volta da qual, ocorre uma circulação significativa de capital” (p. 127). No dizer de Bracht, citando Digel, a perspectiva do pensar e do fazer esportivo de espetáculo já pode ser considerada um sistema que possui

um aparato para a procura de talentos normalmente financiados pelo Estado; um pequeno número de atletas que tem o esporte como principal ocupação; uma massa consumidora que financia parte do esporte-espetáculo; os meios de comunicação de massa são co-organizadores do esporte-espetáculo e um sistema de gratificação que varia em função do sistema político-societal [...].(DIGEL apud BRACHT, 1997, p.13).

Os meios de comunicação de massa, em especial a TV, referenciados no ideário olímpico, diariamente, em diferentes horários e com tempos distintos, produzem e reproduzem imagens gravadas ou ao vivo, mostrando corpos em movimento, em práticas esportivas e materializam a “mercadoria esporte espetáculo de forma a reproduzi-la quando, onde e quantas vezes se fizerem necessário” (SOUZA, 1993, p.127).

Nesse movimento, o esporte espetáculo, que prefiro nomear esporte espetacularizável, com seu foco, volume, enquadramento, cor, movimento das câmeras e sua iluminação vem soprando, “via satélite”, uma programação editada e um fazer reconhecidos como *esporte telespetáculo*.

2.1.2 Esporte sob tensão

O esporte, como todas as práxis culturais, guarda em si o contraditório. Para Medina (1992), as chamadas ciências do esporte vêm, paradoxalmente, desenvolvendo conhecimentos mais detalhados e específicos “ao mesmo tempo em que nos afasta da melhor compreensão de suas dimensões genuinamente humanas” (p.145). Parte significativa das organizações esportivas revelam “atletas espetaculares” sem se dar conta de quão, muitas vezes, é desumano o processo de construção de determinadas marcas e recordes. O referido autor considera que, nesse sentido, o esporte, “ao invés de ser um agente dinâmico de aproximação da saúde integral, de educação libertadora ou de uma cultura corporal-esportiva que poderia promover a compreensão e a solidariedade entre as pessoas, mais parece seguir em direção contrária” (p. 145).

Para debater a cultura esportiva, ampliamos a leitura bibliográfica, privilegiando os autores que, a um só tempo, reconhecem o esporte como fenômeno cultural e educativo da humanidade e buscam relacioná-lo com os meios de comunicação de massa e a televisão em particular. Este trabalho vale-se principalmente dos estudos de Taffarel (1995, 2001 e 2002), Bracht (1997), Lucena (2001), Souza (1993), Assis de Oliveira (2001), Linhares (2001), Kunz (1994), Altuve (2002), dentre outros.

O esporte vem se ampliando, relacionando-se com as tecnologias contemporâneas e segmentando-se nos meios de comunicação de massa e da televisão em especial. Ao se discutir a repercussão pedagógica do esporte na sociedade, cabe incluir o debate desenvolvido por Kunz (1994), quando considera, a partir do conceito de racionalidade comunicativa em Habermas,

duas possibilidades de esporte: o da esfera do “sistema” e o do “mundo vivido”, e as reflexões críticas de Taffarel et al. (1995) que manifesta sua crença na capacidade humana de sistematizar e organizar os dados da realidade, de compreender, interpretar, de explicar e intervir no âmbito da cultura corporal & esportiva. Para a referida autora, em pronunciamento no parlamento federal brasileiro¹³, é inconsistente e fragmentado

olhar o desporto isolado, fora do contexto de inter-relações é atribuir-lhe uma autonomia inexistente. As visões idealistas de que o desporto é algo bom em si mesmo e que paira acima dos conflitos e confrontos humanos e sociais, já foram severamente criticadas. (TAFFAREL, 2001, p. 604).

Nessa perspectiva, Lucena (2001) discute o esporte na cidade, a partir do seu entendimento como prática corporal implantada no Brasil e como um dos elementos fundantes de inúmeras configurações sociais, permitindo assim um diálogo crítico. Defende que o termo “implante” é o que melhor caracteriza a chegada do esporte ao Brasil, menos “pelo amadurecimento contínuo, que permitiu a passagem de uma ação mais simples para outra de caráter mais complexo, apoiado numa técnica específica [...], mas por uma ação deliberada e dirigida para determinados setores da elite brasileira” (p. 46). Que a cidade é um palco privilegiado para pensarmos o esporte não restam dúvidas, mas quanto ao “implante” desta manifestação corporal no Brasil cabe discussão. Ao defender a distinção entre jogo e esporte por características espaciais, temporais e inter-relacionais, Lucena faz um “paralelo” entre as contribuições de Johan Huizinga e Norbert Elias e analisa-o em “sentido inverso” a idéia de que “os jogos de uma maneira geral esportivizaram-se” (p. 47).

¹³ Trata-se de um discurso proferido durante a 1ª Conferência Nacional de Educação, Cultura e Desporto, da Câmara dos Deputados do Brasil, realizada em Brasília/DF, no período de 22 a 24 de novembro de 2000.

As variações semânticas e as experiências comunitárias envolvendo jogos populares resistem a tal afirmação. No entanto, o próprio Lucena reconhece a permanência e atualidade do debate, envolvendo as relações culturais entre jogo e esporte.

Eloy Altuve (2002), nos seus escritos considera o esporte como modelo perfeito de globalização do espetáculo, do entretenimento e das comunicações, por “anunciar, esconder e antecipar” o fenômeno esportivo que ajudou a edificar o capitalismo industrial e potencializou com os jogos olímpicos a função ideológica, durante o século XX, de “esconder conflitos, justificar a preeminência das potências industriais e as desigualdades, convertendo o *desporto-rendimento-recorde-campeão-medalha* em um espaço social de igualitarismo absoluto, de nações e de classes [...]”(p. 29).

Na esteira desse processo, Altuve acredita que

[...] a conformação das federações desportivas nacionais (uma em cada país) e a estruturação de um sistema orgânico desportivo mundial, organizador e regente de competência em todo planeta, e um processo aparelhado com o desenvolvimento tecnológico, com a expansão do capital, que incorpora Ásia, África e América Latina a sua dinâmica, passando estas zonas a serem elementos constitutivos do sistema capitalista desde uma posição de subordinação [...]. (2002, p. 28).

Desse espraiamento, é possível entender parte da hierarquização e homogeneidade no sistema e nas organizações esportivas no Brasil.

Ainda em torno do esporte, destacam-se as reflexões de Linhares (2001) sobre a relação Esporte-Estado, partindo da idéia de que o esporte moderno compreende basicamente os séculos XIX e XX, e seu processo de edificação não aconteceu sem conflitos e resistências. Tratarei desse tema a seguir. Para a autora, o esporte vem ampliando sua legitimidade e pode ser

entendido como “um sistema capaz de comportar diferentes instituições e atores sociais, que se encontram, direta ou indiretamente, envolvidos com as variadas formas de consumo e de prática esportiva. Esse conjunto multifacetado incorpora ações e organizações que envolvem o Estado e o mercado.”(p. 33).

Nesse estudo, o esporte é tomado como direito social, situado num tempo histórico e uma prática social de grande alcance popular. Uma prática social que influencia e é influenciada pelas decisões políticas e econômicas e que, cada dia mais, com seu poder objetivo e subjetivo, vem persuadindo o pensar e o fazer cotidiano de parcelas significativas das populações em especial da juventude.

O esporte é um fenômeno cultural que, essencialmente, não é bom nem ruim. Suas relações, procedimentos éticos e metodologias de educação formal, não formal e informal¹⁴ é que vão moldar concepções e legitimar hegemonias. No Brasil, esse debate vive um momento de grande efervescência com a instituição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva¹⁵ da 1ª Conferência Nacional de Esporte cuja finalidade central foi de “democratizar a elaboração da Política Nacional de Esporte e Lazer e os Planos Nacionais subseqüentes, envolvendo e valorizando a participação de todos os segmentos da sociedade brasileira.”(TEXTO BÁSICO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DE ESPORTE, 2004, p.7).

A Conferência Nacional contou com 861 delegados, dos quais 208 eram mulheres. A participação se deu por representação estadual (a Bahia, por

¹⁴Ver mais nos escritos e pesquisa de Maria da Glória Gohn (1999), quando reconhece três modalidades de educação (formal, informal e não formal) articulada com cultura política.

¹⁵ A 1ª Conferência Nacional de Esporte foi instituído pelo decreto presidencial de 21 de janeiro de 2004.

exemplo, teve direito a 52 delegados), foi precedido de um intenso e precário debate realizado nas conferências das unidades da federação e da eleição dos delegados de cada estado¹⁶ com base em critérios gerais. Foi tema da primeira conferência: *Esporte, lazer e desenvolvimento humano*, contou com oito eixos temáticos: esporte e alto rendimento; esporte educacional; futebol; esporte, lazer e qualidade de vida; direito ao esporte e ao lazer; esporte, economia e negócio; esporte, administração e legislação e esporte e conhecimento; foi precedida por 60 conferências municipais e 116 regionais, envolvendo 873 municípios e cerca de 83 mil pessoas ao longo de todo processo.

Na esteira desse processo, concepções se revelaram. Olhares e tendências que ora se expressaram no instituído, ora buscaram ser instituintes. Compreensões que concebem o esporte como um conhecimento teórico-prático, formal e não-formal. Para Kunz (1998), o desafio é “compreender o esporte nos seus múltiplos sentidos e significados para nele poder agir com liberdade e autonomia” (p. 36), para tanto importa exigir

[...] além da capacidade objetiva de saber efetivamente praticar o esporte, ainda, a capacidade da interação social e comunicativa. Implica dizer que o esporte, na escola, não deve ser algo apenas para ser praticado, mas sim estudado (afinal, para que se vai à escola?), o que passa a ser uma exigência um pouco mais pesada do que a simples prática. (p. 36).

Nesse debate literário e experiencial, as concepções crítico-dialéticas, sobretudo as de vínculos com a teoria marxiana, se afirmam no presente estudo como fundamentadora e como ponto de partida de diálogos teóricos e

¹⁶ Diante das possibilidades de eleição dos delegados (nominal, por chapas ou por aclamação) na Bahia conquistou-se, no processo, a democratização da eleição dos delegados e adotou-se a representação das conferências regionais, das entidades e segmentos e dos eixos temáticos como critério para composição da delegação da Bahia.

possibilidades epistêmicas.

No âmbito das reflexões crítico-emancipatórias, a contribuição de Taffarel sobre produção do conhecimento compreende a necessidade radical de uma teoria decorrente da prática e de um compromisso articulado com um projeto histórico. Nessa direção, discute as possibilidades e os limites da pós-modernidade, enquanto uma manifestação de elementos culturais que

convivem com seus contrários, seus antagônicos, seus diferentes, que intentam superar, mas o fazem somente em suas formas fenomênicas, visto que em sua essência não se altera o princípio de sua produção sejam bens materiais ou espirituais. (TAFFAREL, 1995, p. 123)

A autora menciona a singularidade do esporte e nos convida a “conhecermos e reconhecemos as possibilidades humanas de explicar e interferir” na realidade social brasileira e toma a “práxis revolucionária da humanidade [...]” como perspectiva. (Idem, p. 132).

Ao tomarmos o esporte como fenômeno, a cidade como palco de sua realização, a história como lente referencial do seu desenvolvimento e os jovens cidadãos como sujeitos dessa prática, faz-se necessário recusar o esporte como mercadoria e ler a TV para além do que se mostra.

2.2 CULTURA TELEVISIVA: PONTOS DE VISTA

Na legenda e dublagem da televisão
Queriam as verdades sem corte
Queria liberdade
Queriam independência ou morte

Gabriel Pensador¹⁷

“A televisão é o fenômeno mais impressionante da história da

¹⁷ Gabriel é compositor e autor da música Mentiras do Brasil.

humanidade. É o maior instrumento de socialização que jamais existiu”. Com tais afirmações, Ferrés (1998, p.1) abre o debate em torno da televisão e da comunicação. Ao ligarmos a TV e optarmos por um programa em um determinado canal, o que nos move nessa escolha? O canal onde estava, quando desligamos o aparelho, um interesse jornalístico, ou o simples desejo despercebido? Ou escolhemos conscientemente uma possibilidade midiática de grande poder de *informação*? Para Ferrés, “informação é poder” e, ao contrário do que sincreticamente pensamos, a informação televisiva não se situa exclusivamente na esfera da racionalidade, da consciência. “Na verdade, nem a informação televisiva pertence sempre ao regime do discurso nem seus efeitos são sempre conscientes” (p. 157). A TV tem uma variação de gêneros, estilos e programas e uma quantidade crescente e diferenciada de informações que lhe distingue como uma mídia. Outras mídias podem reunir melhores e mais qualitativas informações. No entanto, é a partir da telinha que, cada dia mais, parcelas significativas de cidadãos e cidadãs tomam conhecimento e debatem a realidade política, econômica e cultural/esportiva local e mundial.

Ao lado da base informacional, a publicidade e o entretenimento compõem o campo referente à **cultura televisiva**. Para discutir o tema e dar os passos preliminares dessa pesquisa, além das reflexões de Ferrés (1998), potencializou-se o diálogo com os estudos de Pretto (1996), Hetkowski (2000), Pires (2000, 2002 e 2003) Betti (1988) e Belloni (1992 e 2001) bem como com as principais experiências latinoamericanas sobre meios de comunicação.

Ao caminhar das primeiras imagens do mundo ao mundo das informações, passando pelo universo teocêntrico até a perspectiva da televisão interativa, Pretto (1996) destaca o período histórico da segunda metade do

século XIX quando, fruto do desenvolvimento científico e tecnológico, surge “o telégrafo, o telefone, a fotografia, o cinema, que começaram a impulsionar e a dar origem a esse mundo da comunicação generalizada, estabelecendo também uma outra *relação* entre as artes e técnicas” (p.32).

Após os referidos inventos e os recentes avanços dos conhecimentos comunicacionais, “a sociedade ainda meio perplexa [...] começa a apresentar sinais de incorporação, aceitação e até de intimidade com os novos procedimentos desta nova era [...]”(PRETTO, 1996, p. 98). Tal movimento redesenha uma nova geografia, promove a simultaneidade e favorece a possibilidade “de ser tribal e não-tribal, local e não local, ao mesmo tempo [...] a possibilidade de estar em outro lugar, ficando em sua casa.”(PRETTO, 1996, p. 40 e 41). Tudo em grande medida é resultante da crescente diversidade de meios de comunicação. As telas do *computador e da televisão* constroem um “novo habitat”, re-qualificando antigos e novos espaços de aprendizagens e caracterizando as telas como um *espaço público*, “povoado por manifestações culturais de toda natureza, ligado por redes telemáticas de comunicação”. (PRETTO, 1996, p. 43).

Nesse sentido, de início é preciso, reconhecer que a mídia televisiva é parte fundamental dessa cena e que a mesma nos remete à produção de imagens e a uma linguagem “marcada por alta velocidade, alto ritmo de trocas de imagens e grande força para vincular os homens” (MARCONDES FILHO, 1994, p. 12). Para Hetkowski (2000), “a força persuasiva da televisão está baseada, sobretudo no poder de mobilizar emoções, de espelhar e, até mesmo, criar desejos”. Para a autora, “a televisão possui um grande poder socializador, principalmente de maneiras pouco perceptíveis”, o que, Ferrés

(1998) denominou de “caráter subliminar”.

A ilusão de estar em contato com a realidade foi por Willem Hesling denominada de “Janela de vidro”. Essa metáfora inspirou Betti (1988) a dialogar com Paul Virilio¹⁸ e dizer que é importante considerarmos também o que se está convencendo chamar de tele-realidade. Betti (1988) afirma que “já não abrimos a janela para ver o que se passa, apertamos o botão da TV” (p. 35) daí a força da “transmissão ao vivo” na qual “o esporte molda-se perfeitamente à forma dessa nova linguagem das imagens; tudo é instantaneidade, ação e velocidade” (p. 34).

A produção em grande escala de aparelhos de TV e sua conseqüente difusão em inúmeros países do mundo foi potencializada, em grande medida, pelo fenômeno esportivo. O que começou tenso se transformou em um grande filão de entretenimento, informação e publicidade. Os estudos de Betti dão conta de haver “inicialmente um relacionamento de certa rivalidade entre a televisão e os dirigentes esportivos, pois estes temiam que o televisual ao vivo pudesse diminuir o público pagante de ingressos”. Citando Carlson, Betti (1998) revela que as tensões entre gestores esportivos e proprietários de canais de TV logo deram lugar ao entendimento, e o esporte e a televisão passaram a viver uma “relação simbiônica”.

Essa relação amistosa virou profissional e retornou a Atenas, o berço da primeira Olimpíada da Era Moderna, em 1896, como palco, de 16 dias dos jogos e 301 medalhas; objeto de disputa; observamos então um extraordinário espetáculo midiático. Compareceram 21,5 mil jornalistas, 16 mil de TV, sendo 5,5 mil entre repórteres e fotógrafos da mídia escrita. Só os custos da rede

¹⁸ Paul Virilio é urbanista e filósofo francês. Nasceu em Paris em 1932. Estudou arquitetura em Paris, em 1963; tornou-se presidente e editor da revista do grupo "Architecture Principe". Até 1968, foi professor de arquitetura na École Speciale de Architecture.

estadunidenses NBC e sua sócia General Electric circularam em torno de 3,5 bilhões pelo “pacote”, envolvendo Sydney, em 2000, Atenas, em 2004 e Pequim, em 2008. O investimento vem possibilitando a veiculação de imagens para mais de 220 países, divulgando suas marcas para milhões de telespectadores. Estima-se que só a abertura dos jogos gregos fora vista por 4 bilhões de pessoas e sua audiência acumulada chegou a 25 bilhões. Para o Brasil, duas redes nacionais abertas transmitiram os Jogos Olímpicos de Atenas: Bandeirantes e Globo, além de três canais por assinatura: Sportv, ESPN e Bandsports.

O espraiamento das culturas corporais e da cultura esportiva, em particular, nos permite “falar no esporte telespetáculo, construído pela televisão, e que traz novas implicações para sociologia do esporte e do lazer, pois há diferenças na experiência de assistir ao esporte como testemunha corporalmente presente, nos estádios e nas quadras, e pela televisão, em casa, confortavelmente no sofá” (BETTI, 1998, p. 35). Dimensões complexas que desafiam novas investigações e, em especial, àquelas interessadas em entender esse processo, na ambiência juvenil.

2.3 CULTURAS JUVENIS: O JOGO DAS DIFERENÇAS SOCIAIS

Aos que degradam a democracia, fazendo da juventude apenas eleitores, e se apegam ao princípio da “Ordem de Direito”. Aos que pensam fabricar o futuro deste jeito, enquanto se divertem nos escombros da paciência, saberão pela desobediência, o que é da história ser sujeito.

Ademar Bogo¹⁹

¹⁹ Poeta que inspira sua arte no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra do Brasil.

No interior das reflexões em torno da **cultura juvenil** na cidade, especialmente nas cidades de Lisboa e Salvador, desenvolvi um diálogo teórico com os escritos de Osório (1989), Silva (2000 b.), Porto (2000), Cogo & Gomes (2001) e, especialmente com o teórico português José Machado Pais, ao lado de importantes produções institucionais²⁰.

Ao destacar a juventude como parte substantiva do debate, é preciso considerar que se trata de um conjunto amplo de pessoas que acolhe sujeitos de diferentes segmentos sociais.

Eleger a juventude como tema multidimensional requer refleti-la em sua significação específica e em distintas dimensões: trabalho, educação, comunicação, dentre outros. No entanto, qualquer recorte específico é míope se desconsiderar o todo e os seus nexos.

O olhar bio-social na ambiência dos estudos sobre juventude remete à permanente condição aprendiz que caracteriza homens e mulheres. No entanto, Peralva (1997) adverte que as qualificadas formulações bio-psíquica sobre as distintas faixas etárias não são suficientes para explicar o ciclo da vida. Para a pesquisadora, o fenômeno não é “puramente natural, mas social e histórico, [...] intrinsecamente educativo” (p. 15) e edificador de saberes e valores. A referida autora considera que estamos vivendo um tempo des-ordem na representação social do ciclo da vida, sendo assim, faz-se necessário uma re-fundação das bases sociológicas centradas na representação social, à medida que “a cristalização geracional se dissolve pela dissolução da oposição

²⁰ Dentre as produções institucionais, cabe registrar o número especial “Juventude e contemporaneidade” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação; a publicação “Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática” da Fundação Odebrecht, a série Políticas Públicas - uma agenda social para os jovens de Salvador do Governo do Estado da Bahia, os Cadernos do Observatório do Ibase e Observatório da Cidadania e as produções do Observatório Permanente da Juventude - Portugal.

entre o passado e o futuro. O futuro se torna presente e oculta o passado. O tempo linear aparentemente se esgota, cedendo lugar a um tempo funcionalmente diferenciado” (PERALVA,1997, p.21).

Nesse movimento, a juventude é reconhecida como grupo geracional de grande importância sócio-antropológica, mediado pela diversidade de interesses e definido hegemonicamente pela classe social a qual o jovem ou grupo de jovens pertence. O esforço teórico para melhor explicar tais interesses tem levado intelectuais e instituições a se ocuparem com a reflexão específica sobre o tema²¹.

Sendo assim, é numa rede teórica mais ampla, denominada de sociologia da juventude, que encontramos as bases teóricas e correntes de pensamento mais sólidas em torno da reflexão sobre o fazer cultural juvenil.

A partir da contribuição de Criado (1988), é possível reconhecer, sobretudo na juventude ocidental, um conjunto de correntes e escolas que foram se configurando ao longo da história. Nos anos 20, tendo Mannheim e Ortega e Gasset como expoentes principais, surgem os *geracionistas*. Essa corrente emerge, após a violência da qual os jovens foram vítimas, durante a primeira grande guerra e da consciência geracional desenvolvida, entre os jovens, por ativistas e intelectuais da classe média. Ortega formula a teoria do câmbio social, com o propósito do crescimento europeu do socialismo e afirmar que o triunfo da revolução social não era uma vitória de classe e, sim, de geração. Com uma formulação mais ampla, Mannheim defende a concepção geracionista pela sua unidade geracional, na condição de “grupo concreto com

²¹ O número especial “Juventude e contemporaneidade” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação; ao lado da publicação “Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática” da Fundação Odebrecht constituem parte importante desse debate.

consciência de si". (CRIADO,1988, p.23).

O mesmo autor destaca o aparecimento das publicações de Thrasher, oriundo da *Escola de Chicago*, nos Estados Unidos, cujo pressuposto de natureza adolescente se baseia na psicologia, para consolidar a idéia de que "os espaços dos grupos e suas subculturas servem para integração pessoal dos jovens e a desorganização dos jovens dos bairros marginais" (ibid., p.24). Thrasher é considerado um (sub)culturalista nos estudos sobre a juventude. A terceira corrente sistematizada por Criado é a *construção psicológica da adolescência*. Desde Rousseau, com sua obra *Emílio e a educação*, o debate em torno da adolescência ganhou um olhar específico. Uma casa de passagem entre a infância e a vida adulta. Uma espécie de "segundo nascimento", marcadamente turbulenta e volátil, porém tida como uma etapa fundamental no desenvolvimento do sujeito. Nessa corrente de pensamento, a adolescência se consolida como grupo social acolhido pelos segmentos médios da sociedade que, por sua vez, se conforma com a "naturalização da adolescência como psicologicamente universal" (CRIADO,1988, p. 26).

O aparecimento da *Cultura Juvenil* encontra em Parsons uma formulação que busca distinguir a geracionismo de Ortega, propondo uma classe de idade. A visão funcionalista e culturalista parsoniana é assinalada por Criado como uma teoria hegemônica na literatura sobre juventude durante as décadas de 50 e 60, quando a sociedade de classe é superada pelo avanço da sociedade de consumo. Esse processo é caracterizado pelo discurso "mítico-científico", ao lado da "explosão da publicidade" voltada particularmente para os jovens.

Do movimento estudantil rebelde, surgem, no final da década de 60,

jovens sujeitos revolucionários, interessados em mudar a sociedade. Na análise de Criado, estamos diante das *primeiras críticas às teorias funcionalistas da cultura juvenil*, propondo “ressituar a problemática das classes de idades em relação à problemática da classe social” (ibid., p. 29). Decorre dessas críticas uma amplificação dos questionamentos acerca da naturalização da adolescência e, a partir das investigações realizadas nas escolas da Grã-Bretânia e França, se ampliam os confrontos com o estrutural-funcionalismo na tentativa de situar a juventude na sociedade de classes.

Trago mais uma vez Criado, quando aponta o aparecimento, nos anos 70, da *nova sociologia da juventude britânica*. Outros estudos a reconhecem como uma corrente anglo-saxônica intitulada “nova teoria sub-cultural”. Tal corrente se caracteriza: pela sua inspiração marxista; por sua capacidade de solucionar problemas sociais de um grupo e pelas suas reflexões sobre o papel das instituições, notadamente das mídias. Criado, ao citar Clarke (1976), destaca, ainda nesse momento histórico, uma simbólica “resistência mediante rituais” contra a burguesia. Vale ressaltar que o movimento, em tela, recebeu críticas, no que diz respeito aos seus fundamentos e métodos.

Emfim, Criado registra o surgimento da sociologia contemporânea sobre a juventude, no *Centro de Sociologia da Educação e Cultura* da Escola de Altos Estudos de Paris. Sob a liderança de Pierre Bourdieu, as reflexões sobre a linguagem ganham legitimidade acadêmica e força discursiva no âmbito do debate da luta de classe.

Destacamos ainda os escritos contemporâneos do teórico português Machado Pais (1999, 2001, 2002 e 2003) e as reflexões de Cogo & Gomes (2001), Melucci (1997), Abramo (1997 e 2003), Porto (2000), Spósito (1997 e

2003) e Criado (1988), como estudos importantes para compreendermos o estado da arte nessa questão.

Ao refletir sobre o tema, Pais (1996), após reconhecer as múltiplas possibilidades de estudo e abordagens no âmbito das culturas juvenis e a predominância de itinerários "descontínuos, sinuosos, fragmentados, imprevisíveis" na formação dos jovens; acolhe duas tendências na sociologia da juventude. Em uma delas, "a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma fase de vida" e em outra "é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis" (PAIS, 2003, p.29).

No debate sobre as correntes teóricas é possível reconhecer "diferentes juventudes", Pais propõe um agrupamento dual: a corrente *geracional* e a corrente *classista*. A primeira fundamenta-se nas "teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo e na teoria das gerações" (ibid.,p.48) e entende a juventude como uma fase de vida, constituída por um grupo etário homogêneo. A segunda corrente qualifica o olhar em torno da questão social, apresenta significado mais amplo às demandas relativas às relações de gênero e de etnia, por exemplo, presentes no interior do debate referente às classes sociais.

Ainda sobre os classistas, importa dizer o quanto as desigualdades sociais marcam os caminhos da juventude, haja vista que, para essa corrente, "as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produtos das relações antagônicas de classe". (PAIS, 2003, p. 61). No entanto, Pais adverte que "não é certo que a condição social determine, entre os jovens pertencentes a uma mesma classe social, uma homogeneidade

cultural e de estilo de vida entre esses mesmos jovens como o fará supor o latente determinismo presente em alguns trabalhos da corrente classista” (ibid., p. 63). As trajetórias e as relações, o território e o tempo histórico admitem “condicionalismos”, mas certamente, não se coadunam com determinismos. Cotidianamente, novos “campos de possibilidades” e de mobilidades sociais abrem trilhas.

Cogo & Gomes constatam que o ser jovem tem mudado historicamente e que “o decréscimo da autoridade, a debilidade das instituições, a incerteza econômica, a proliferação das tecnologias eletrônicas mediatizadas, a pedagogia consumista” vem forjando um outro jovem. Uma geração marcada pelas simultaneidades e multiplicidades das experiências de vida. E é justo, nessa perspectiva, que a ação juvenil e a cultura venham se configurando em temas emergentes de estudo com ênfase macro-sociológica.

Melucci (1996) toma os movimentos sociais, o tempo e as pessoas jovens, particularmente os adolescentes, como campo de análise. Para ele, a reflexão em torno da definição de tempo é uma questão social, “um campo cultural e conflitivo no qual está em jogo o próprio significado da experiência temporal” e no debate sobre juventude, fica claro o entendimento desse segmento, como um grupo social encharcado de sonho e esperança. Considerando o tempo “como um horizonte no qual o indivíduo ordena suas escolhas e comportamento”, é no adolescer que se começa a enfrentar “o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade” (p.8). A abordagem temporal sobre o jovem tornou-se um tema interessante de pesquisa por extrapolar os limites biológicos para se tornar cultural.

Esse estudioso discute também os movimentos sociais juvenis, sobretudo, porque “tomam formas de rede de diferentes grupos, dispersos fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática” (p.12). O tempo e os movimentos sociais de juventude constituem temas recorrentes no debate sociológico. Entretanto, seu distanciamento e aproximação na opinião pública não têm conseguido garantir, para além da educação formal, políticas públicas consistentes e permanentes destinadas aos jovens. Ainda assim, o tema tem ficado latente nas discussões dos *dilemas* e das *utopias* da sociedade em que vivemos e pelos trilhos do cotidiano vai sendo dialeticamente²² desenhado.

No âmbito desse debate, é preciso destacar a iniciativa da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), quando apresenta mais um diagnóstico. Lançado no Brasil, em março de 2004 e mundialmente em maio do mesmo ano, na sede da UNESCO em Paris para cerca de 190 missões diplomáticas, o livro com Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003 apresenta o “Índice de Desenvolvimento Juvenil”, com critério semelhante à metodologia utilizada para elaboração do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

O estudo toma como bases a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE, o Subsistema de Informações de Mortalidade, do

²² Na sua acepção moderna, Konder (2000) atribui à dialética a possibilidade de pensarmos o conjunto da sociedade e de “compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (p. 8). Pensar dialeticamente requer admitir que a sociedade é dinâmica e está em constante movimento. Admitir sua vocação contestadora e que sua gênese cultural “intranqüiliza os comodistas, assusta os preconceituosos, perturba desagradavelmente os pragmáticos ou utilitários” (p. 86).

Ministério da Saúde e o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Básico, do Ministério da Educação, e busca contribuir com as políticas de juventude apresentando um panorama sobre a situação da juventude nas 27 Unidades da Federação do Brasil. A pesquisa, coordenada pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz²³, apresenta, na página da Unesco, um relatório que, dentre outras questões, “propõe um indicador sintético das condições de vida da juventude denominado Índice de Desenvolvimento Juvenil [...] integrado pelas seguintes dimensões: educação (taxa de analfabetismo, de jovens que freqüentam o ensino médio em diante e qualidade do ensino); saúde (taxa de mortalidade por causas violentas e de mortalidade por causas internas) e renda, indicada pela renda familiar per capita dos jovens nos Estados brasileiros”. (UNESCO, acessado em 31 de agosto de 2004).

Na mesma página, consta como conclusão do Estudo:

- Baixas taxas de analfabetismo entre os jovens (4,2%), mas distribuição desigual. Os extremos vão de Santa Catarina ou Amapá (1%), a Alagoas, com 15,4% de jovens na faixa dos 15 aos 24 anos analfabetos.
- Em todas as faixas etárias analisadas, o analfabetismo é maior entre pretos e pardos (6,4%) do que entre brancos (2%).
- Só 29,2% dos jovens do país encontram-se matriculados no segundo grau ou no ensino superior. Os extremos vão do Distrito Federal (37,7%) até Alagoas (16,2%). Novamente maior participação feminina (31,4%) do que masculina (26,9%) e de brancos (36,6%) do que pretos e pardos (21,3%)
- Altas taxas de atividade entre os jovens: 30,3% só estuda ; 31,2% só trabalha e 18,2% trabalha e estuda. Ainda assim, 20,3% nem trabalha nem estuda, é a população juvenil de renda mais baixa.

Quando os dados voltam-se para média nacional de Renda Familiar Per Capita (RFPC) dos jovens, em salários mínimos, gira em torno de 1,46.

²³ O sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz é coordenador do escritório da UNESCO em Pernambuco.

Os extremos vão do Distrito Federal com 2,46 a Alagoas com 0,73. A discriminação racial também aparece aqui. A RFPC dos jovens brancos é de 2 SM e a dos pardos/pretos 0,9 .

- A taxa global de mortalidade da população brasileira caiu de 633 em 100 mil habitantes em 1980 para 573 em 2000. Porém, a taxa referente aos jovens cresceu, passando de 128 para 133 no mesmo período. A esperança de vida população jovem piorou devido às mortes produzidas por causas violentas.

- Se a média nacional de mortalidade por causas violentas já é elevada (74,4 mortes em 100 mil jovens), em Roraima, Pernambuco e Rio de Janeiro essa taxa supera as 120 mortes em 100 mil. Quase 90% da mortalidade violenta (homicídios, suicídios, acidentes de transporte) é masculina.

- Entre os jovens, as causas internas matam em proporção muito menor do que as causas violentas, mas em mais de 90% dos casos as mortes são consideradas evitáveis. Isso remete à ausência de políticas de acesso dos jovens à saúde.

- No IDJ, os primeiros lugares corresponderam a Santa Catarina, Distrito Federal e Rio Grande do Sul.

Com base em diagnósticos e movidos por grande sensibilidade social, nota-se o crescimento de instituições e agências de trabalho sociais não governamentais de atendimento a jovens em desvantagem e ou em situação de riscos pessoais e sociais²⁴, constituem parte desse desenho e têm sido signatária de parte dessas iniciativas. No entanto, vale registrar que, em grande medida, tais organizações vêm se restringindo a programas de ressocialização através de oficinas de arte e esporte e programas de capacitação profissional, através de oficinas ocupacionais com vistas muito mais ao mercado de trabalho do que ao mundo de trabalho.

No âmbito das políticas públicas voltadas para a juventude, observa-se um abismo entre o diagnóstico e a ação concreta de políticas para e com os jovens. Dados recentes²⁵, sistematizados por Fernandes (2001), mostram, mesmo focando as preocupações de “educar e empregar”, que é possível

²⁴ Jovens em situação de risco pessoal e social é uma formulação usada para caracterizar adolescentes que vivem fora da unidade familiar e que estão submetidos a variados tipos de exploração.

²⁵ Pesquisa realizada em 2000 e publicada em 2001, envolvendo 10 áreas de atuação social do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais em parceria com a Associação Nacional das Mantenedoras de Escolas Católicas do Brasil.

reconhecer a “ineficiência das políticas públicas voltadas para a juventude, colocando especialmente os (as) jovens de camadas populares em situações liminares” (p.69). A referida autora, ao citar as pesquisas de Jane Souto (2000), constata que os (as) jovens brasileiros(as), nas décadas de 60 e 70, “eram movidos pelo desejo de transformação social” e, a partir da década de 90, “estão indiferentes aos problemas sociais, possuem baixo nível de associativismo e encontram-se sem perspectivas” (p. 78). Para Fernandes, o desafio de harmonizar “formação com profissionalização” vai além do reducionista e excludente mercado de trabalho. No entender da autora, as ações precisam potencializar a construção identitária da juventude, e serem estruturadas “não para os(as) jovens, mas com eles(as)” (p.78) e assim, contribuir para o exercício pleno da cidadania.

Dessa maneira, a afirmação da cidadania se confronta com os limites impostos pelo grande capital e nos remete as lutas sociais contra a concentração de renda cultura e terra. Em sintonia com essas lutas, em especial, a luta da juventude, Taffarel (2002), ao se dirigir ao acampamento de juventude, reconhece que

o atual sistema de produção de mercadorias não apresenta alternativa de futuro para a juventude. Contra este sistema temos que lutar incidindo em seus pilares centrais, com convicção e ética revolucionária. (p.06).

Nessa linha de desconstrução da selvageria do sistema capitalista e construção do socialismo, a experiência da juventude do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra se destaca pela sua pedagogia cooperativa.

As culturas e pedagogias juvenis, socialmente referenciadas no movimento popular, nem sempre são refletidas positivamente na mídia,

notadamente nos jornais, nos programas de auditórios da TV e nas telenovelas.

De que maneira as crianças e os jovens são vistos pela mídia é objeto de ocupação de setores do poder público e de várias ONGs²⁶. Para o sociólogo Gey Espinheira (UFBA), importa acompanhar o tipo de cultura que a mídia tem ajudado a construir e como os jovens têm sido representados na grande mídia.

Na Folha de São Paulo temos a Folhinha para criança e a Folha Teen para jovens e aqui na Bahia temos no Jornal A Tarde o Caderno Dez. [...] atualmente em outros estados têm surgido veículos dirigidos ao jovem. Geralmente enfatizando cinema, um pouco de sexualidade, música, moda e esporte. De um modo geral passa a idéia de uma juventude um pouco alienada, indecisa, sem saber o que quer e precisando de conselho e quem mais escreve são adultos sobre os jovens. Nesse sentido a representação do jovem na mídia me parece que ela subestima a capacidade e a inteligência do jovem e subestimando outros projetos que não sejam de um lazer imediato e ou uma estética consumista que está aí no 'mercado'. (INFORMAÇÃO ORAL)²⁷

De modo geral, dois focos dominam essa tematização. Quando as matérias são dirigidas para os próprios jovens, os temas são:

[...] cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos 'adultos', no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos 'problemas sociais', como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas. (ABRAMO, 1997, p.25).

Tais questões, potencializadas pela televisão, acabam por repercutir significativamente nos *papos* e representações da juventude contemporânea.

Na ambiência acadêmica, a mesma autora constata que

²⁶ ANDI e Cipó são exemplos de Organizações não governamentais que atuam no campo da comunicação que tematizam crianças e jovens.

²⁷ Depoimento obtido através de entrevista com o Prof. Gey Espinheira, em 1º de setembro de 2004.

[...] depois de anos de quase total ausência, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado – no entanto, a maior parte da reflexão é ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes na vida dos jovens ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações ‘problemáticas’ para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios vivem e elaboram essas situações. (p.25).

Cada tempo histórico circunscreve interesses e valores diferentes. Silva e Soares (2004), em escrita sobre juventude, escola e mídia, reconhecem, com base em pesquisas com estudantes²⁸, que eles “parecem apresentar novas necessidades e capacidades. São jovens que, entre outras coisas, cresceram imersos numa cultura de mídia” (p.83).

Também sobre o grande desafio da juventude, Espinheira (2004) continua seu depoimento, argumentando:

O grande problema da juventude é primeiro, a juventude é um ‘estado de espírito’. Segundo que a juventude luta para se inserir na sociedade e a juventude como estado de espírito tem uma espécie de pacto mundial, cada país, tem sua cultura de um jeito...mas ser jovem tem um certo pacto universal desse ser jovem. O que Bourdieu chamou de “transgressão tolerada”, aqueles que estão fora dos trâmites muito convencionais... enfim isso é um pouco de juventude e há uma certa universalidade nesse pacto. E juventude é também o que Marcuse dizia: uma luta biológica dos jovens contra os mais velhos para poder participar da sociedade. A juventude traz outras expectativas e anseios de uma outra sociedade que não é a sociedade que ai está [...] daí o fato de que a juventude sempre se apresenta com uma certa rebeldia e uma certa vontade de desmobilizar o que ai está para pensar de uma forma diferente. (ENTREVISTA ORAL).

Nesse sentido, a segmentação da televisão brasileira vem buscando recortes particulares e visa também alcançar o público jovem. Ao ocuparem uma parte considerável no tempo dos jovens brasileiros, os programas de televisão promovem, em parte significativa da sua programação,

²⁸ Ver mais sobre pesquisas com jovens estudantes publicadas em 1995, nos estudos de Bill Green e Chris Bigun.

entretenimentos e ilusões e edificam “padrões de comportamento, valores e objetivos de vida” (PORTO, 2000, p. 51).

2.3.1 Juventude, educação e políticas públicas como desafio

Para entender o quadro da pesquisa sobre juventude no Brasil e na Bahia, em particular, nos valem dos estudos e pesquisas de Sposito (1997) e do recorte sobre juventude em educação. Ao examinar a produção do conhecimento na área e associar critérios etários ao uso direto das expressões: *jovem, adolescentes, adolescente em situação de exclusão, aluno ou estudante e trabalhador-estudante ou aluno-trabalhador* no corpo da investigação, a autora apresenta interessantes sínteses provisórias, nas quais, verifica que, para além da concentração regional, há uma grande dispersão e variação dos chamados estudos sobre juventude em educação.

O distanciamento e a aproximação do tema na opinião pública e a reflexão universitária regionalmente desigual não têm conseguido garantir políticas públicas firmes e permanentes, “especificamente destinadas aos jovens, como alvo diferenciado das crianças, para além da educação formal” (ABRAMO, 1997, p.25). Ainda assim, o tema tem sido latente para discutir os *dilemas e as utopias* da sociedade contemporânea.

A tentativa de adequação social do jovem à ordem política hegemônica não tem impedido que setores descontentes com essa ordem se mobilizem com os movimentos populares, buscando o oposto, iniciativas governamentais e não governamentais que afirmem a juventude como sujeito da sua própria história. Sujeitos sociais, entendido aqui, como agente da ação referente a uma

peessoa, a um grupo, a uma instituição ou a um movimento social partícipe de um conjunto de pessoas de diferentes segmentos, mesmo não sendo a juventude uma categoria etária, visto que pode ir de 15 a 24 anos, se tomarmos como referência os critérios das Nações Humanas.

O crescimento do abismo entre o Brasil social e o Brasil econômico ao lado do aumento populacional de jovens no território nacional, potencializou, a partir da década de 90, o tema juventude no espaço público brasileiro.

Ganha relevo o movimento de legitimação da categoria juventude no sentido de uma formulação para além da adolescência. Tal movimento instituiu, por iniciativas de organizações governamentais e não governamentais, políticas de juventude cujo estudo em torno de suas ressonâncias sociais, ainda está começando a ser socializado.

Reporto-me, a esse respeito, às reflexões críticas de Abad (2003) sobre as políticas de juventude. O autor concebe o Estado como sendo a expressão político-institucional da sociedade e a política como “atividade pela qual essa mesma sociedade reflexiona e questiona a validade de suas instituições, junto com as suas normas e comportamentos” (p.14).

Segundo Abad, as políticas para serem adjetivadas como públicas precisam promover, de modo controlado pelo cidadão, o desenvolvimento do sistema institucional capaz de promover a “governabilidade democrática para as sociedades, tanto em sua acepção mais limitada, referida as interações entre o Estado e o resto da sociedade, como no seu sentido mais amplo de levar a convivência cidadã” (p. 16). Nessa perspectiva, os desafios que envolvem as políticas de juventude se afirmam como políticas setoriais, mas que não podem ser pensadas fora do conjunto das políticas universais. Tal

postulado se desenvolveu a partir da superação de uma visão etapista da condição juvenil e da edificação da juventude como categoria teórica.

Hoje, dificilmente se pode negar que os jovens, inclusive os do meio rural, têm-se convertido em uma categoria social, interclassista e comum a ambos os sexos, definida por uma condição específica que demarca interesses e necessidades próprias, desvinculadas da idéia de transição e suas instituições responsáveis. Efetivamente, a juventude passa, mas também fica. (ABAD, 2003, p.23).

Esse quadro em favor da condição juvenil e de afirmação de uma *cidadanização* dos jovens conta, segundo Abad (2003, p. 24 e 25), com três fatores de reconhecimento e validação:

*A infância quase que desapareceu, encurralada por uma adolescência que desponta muito cedo. E a juventude se prolonga até depois dos 30 anos, o que significa que quase um terço da vida, e um terço da população tem esse rótulo, impreciso e convencional como todos, mas simbolicamente muito poderoso.

*A relativização da cultura do emprego e do salário, frente às dificuldades das sociedades atuais para facilitar um trânsito linear, simétrico e ordenado da juventude pelo circuito família-escola-emprego no mundo adulto, se transforma, na prática, em itinerários de transição caracterizados por trajetórias muito mais prolongadas, indeterminadas e descontínuas entre jovens e adultos.

*A emergência de novas formas da *aldeia global*, com a forte influência dos meios de comunicação, e, entre eles, conformado uma verdadeira cultura juvenil, de características quase universais, heterogênea e inconstante, que discorre em paralelo, em substituição ou contradição com a transmissão cultural proporcionada pelas instituições da transição, ou seja, família, a escola e o emprego assalariado.

Tais fatores apontam para uma subjetividade juvenil diferente das gerações anteriores e para um cotidiano marcado pelo transitório e pela principalidade da definição de percursos, experiências e ocupação espaço-temporal do lazer, nas relações de trabalho. Esses cenários de transitoriedade exigem reflexões críticas e perenes e diálogos qualificados com a sociologia da juventude.

No interior dessas reflexões, é importante destacar as ações afirmativas de políticas públicas brasileiras para juventude, quer no parlamento quer no

poder executivo. Na Câmara dos Deputados do Brasil²⁹, principalmente na sua Comissão Especial Destinada a Acompanhar e Estudar Propostas de Políticas Públicas para Juventude (CEJUVENT)³⁰, um conjunto de iniciativas vem marcando a atuação dessa comissão. São seis Grupos de Trabalho da referida comissão: o jovem, o desporto e o lazer; o jovem e o trabalho; o jovem, a educação e a cultura; o jovem: saúde, sexualidade e dependência química; o jovem: família, cidadania, consciência religiosa, exclusão social e a violência; o jovem como minoria: deficiente, afro-descendente, mulher, índio, homossexual, jovem do semi-árido e jovem rural. A Comissão Especial para Juventude reconhece a importância de um marco legal para integrar, incluir e garantir os direitos de cerca de 50 milhões de pessoas jovens entre 15 e 29 anos de idade no Brasil.

O alargamento da condição juvenil bem como os interesses econômicos – culturais, nesse variado segmento social, sugerem o quanto a juventude é um tema importante de ser perenemente debatido.

O conceito de juventude e a dinâmica social em que esses sujeitos estão envolvidos inspiram Machado Pais a um diálogo teórico com Bourdieu, em que chama a atenção para eventuais manipulações a que essa categoria social vem sendo submetida e para a tentativa de “falar de jovens como uma <unidade social>, um grupo dotado de <interesses comuns> a uma faixa de idades” (PAIS, 1996, p.28). A rigor, no mesmo agrupamento de um mesmo

²⁹ O parlamento federal brasileiro funciona em regime bicameral pleno. Os estados e os municípios funcionam em regime unicameral, mas têm prerrogativas parecidas no que tange a dinâmicas de funcionamento. Centram parte significativa de suas atividades em trabalhos das comissões e subcomissões *técnicas ou de mérito* e plenário. O Congresso acolhe 513 deputados e 81 senadores.

³⁰ A CEJUVENT foi criada por Ato da Presidência da Câmara dos Deputados, em 7 de abril de 2003, a partir de requerimento do Deputado Reginaldo Lopes e parlamentares de diversos partidos, foi instalada em 7 de maio de 2003.

lugar, é possível encontrar interesses históricos e imediatos bem diferentes.

Nesse sentido, os saberes, valores e normas de conduta, muitas vezes, tentam aprisionar as juventudes em uma juventude e, devido à sua relativa instabilidade ocupacional, familiar e habitacional é, a esses sujeitos, associada a condição de portadores de “problemas sociais”. Tal ideário de juventude vem se afirmando como “mito ou quase mito” e encontra eco na grande mídia que difunde uma cultura juvenil como algo pré-definida, ameaçadora à sociedade e edificada como conduta heterônoma, “na exata medida em que são sugeridas pelos *mass media*, pelo discurso político por intervenções administrativas de várias ordens” (PAIS, 1996, p. 34 e 35).

Para entender a complexidade desse campo emergente de estudo, o mesmo autor nos desafia a “transformar o problema social da juventude em problema sociológico” (p.34), sob a ótica de dois eixos semânticos: “como aparente *unidade* (quando referida a uma fase da vida) e como *diversidade*, quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens um dos outros” (p.42). Assim é possível se falar de jovens rurais, jovens mulheres, jovens estudantes e jovens professores; é diferente de falar de jovens como uma fase de vida. “Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações”. (p. 42).

É prudente também destacar as observações de Marques (1997), ao apontar que o tratamento da questão da juventude, de modo geral, está “subordinado à ótica das *questões maiores* referentes às formas de exploração e de reprodução da força de trabalho” ou concerne a questões referentes às “problemáticas gerais que a estrutura geral do país coloca em termos de

qualificação e aproveitamento escolar” (p.68). A percepção em torno das juventudes leva a autora a considerar que toda identidade é construída no plano simbólico do cotidiano cultural e que, se quisermos pensar a identidade jovem, temos que pensá-la em rede, em contextos familiares, escolares, na rua etc.

Cada vez mais a juventude se apresenta como uma problemática cultural e política. Suas novas formas de ação, seus modos *espetaculares* de existir através da música, dança, vestuário, indicam que esses jovens paradoxalmente buscam a integração, mesmo que essa integração se faça pela inserção no mundo do consumo, da produção de imagens, símbolos, etc. (p. 68).

Na perspectiva do presente estudo quer o esporte quer a televisão como campos teóricos, abrigam em si distintos focos de pesquisa, já tratados pela lente da educação. Aqui tomada no olhar de Fávero e Santos (2002) como parte construtiva de vida digna.

[...] definimos a educação como um processo de criação ao mesmo tempo de sonhos (utopias) e de realidades (materialistas). Uma educação que seja capaz de instaurar a fome no sentido da curiosidade permanente, que enseje uma abertura para o mundo e instaure a condição para o espanto e para a indignação frente às desigualdades sociais e a exclusão da parte que cabe a todos nós. [...], sem descuidar em nenhum momento, o fazer e o aprender, o sonho e a materialidade, o espanto e a ação.(p. 15).

A trilha investigativa deste trabalho, como integrante de uma pesquisa matricial interessada, em um só tempo, em contribuir na abordagem das problemáticas sociais significativas do Brasil, em particular do Nordeste, aprofundou sua reflexão acerca das possibilidades de formação humana das juventudes e, sob o foco da mídia televisiva sobre esporte, buscou ampliar sua troca de olhares com constructos teóricos críticos bem como experiências em torno das questões pesquisadas.

Diante dessas observações, surgem questões importantes a serem

investigadas, tais como: Qual a representação social das juventudes sobre o esporte? Como as telecomunicações esportivas influenciam na construção dos ídolos, nos interesses de consumo, discursos e silenciamentos no cotidiano das juventudes? São perguntas que, pela sua pertinência social e pelo seu alcance cultural, podem, sob a ótica crítica e dialética, favorecer o debate sobre a cultura esportiva e iluminar nossas afirmações investigativas.

Posto assim, para dar conseqüência à questão da juventude na sua dimensão identitária e representacional como deseja a presente pesquisa, faz-se necessário ir além das qualificadas reflexões teóricas da sociologia da juventude e promover a interação do que discutimos até aqui com o conjunto das informações levantadas.

Tira 02 – Recreio



3 TALHES METODOLÓGICOS E PROCEDIMENTOS EMPÍRICOS

Entender a percepção dos jovens acerca da mídia esportiva pressupõe compreender a centralidade da ideologia nos contextos sociais, demarcar o *ethos* do conhecimento em pesquisas qualitativas e discutir a metodologia como esteira teórico-prática.

Para Gamboa (1995), as novas alternativas de pesquisa precisam superar o colonialismo epistemológico sobre a tensão entre o quantitativo/qualitativo, privilegiar as reflexões conceituais que situam a epistemologia como “estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, destinadas a determinar sua origem lógica, seu valor e seu alcance” onde “aditem-se diversas formas de fazer pesquisa” (GAMBOA, 1995, p. 68 e 80).

Sendo assim é mister refletir sobre a centralidade da ideologia como vertente do pensamento filosófico. Mészáros (2004), ao debruçar-se sobre o binômio ideologia e autonomia, considera:

A ideologia é, em geral, considerada o principal obstáculo da consciência para a autonomia e a emancipação. Deste ponto de vista, ela torna-se sinônimo da ‘falsa consciência’ auto-enganadora, ou até da mentira pura e simples, atrás das quais a ‘verdade’ é oculta por sete véus, sendo o acesso a seus segredos permitido apenas a ‘especialistas’ privilegiados que sabem como decifrar o difícil significado dos sinais reveladores, enquanto as ‘massas enganadas’ (na complacente expressão de Adorno) são deixadas ao próprio destino, condenadas a permanecer prisioneiras da ideologia (p. 459).

A idéia de autonomia, como dimensão humana que pode ser apropriada ou não e pode ser reconhecida nos processos pedagógicos como um campo

privilegiado, um “modo socialmente significativo e também praticamente eficaz” (MÉSZÁROS, 2004, p. 461).

Precisamos reconhecer a centralidade da ideologia nos distintos processos formativos, em especial nas mensagens televisivas, e estarmos atentos ao postulado da neutralidade ideológica na produção e socialização de conhecimentos defendidos pela ordem hegemônica capitalista. Os representantes dessa corrente de pensamento, adverte Mézáros, “não hesitaram em se apropriar (às vezes com cinismo total) do poder da ideologia, denunciando apenas o *outro* lado como repreensivelmente ‘ideológico’.”(p. 461).

Marx trata o conceito de ideologia nos seus escritos de juventude, em especial em *A Ideologia Alemã*, associando-a ao idealismo e à metafísica da consciência societária e mais tarde em *Contribuição à crítica da economia política*, associando-a as formas jurídicas, políticas e de maior consciência dos conflitos sociais. As mais ricas definições marxistas sobre ideologia apresentam recortes literários que buscam superar o reducionismo conceitual que a vincula apenas a *interesse* que refutam a ideologia a partir de idéias isoladas, e a reconhece como uma visão de mundo que pode comportar ilusões e utopias.

No interior desse processo, o conhecimento representa uma curiosa aventura humana, mais do que um fim, um meio, uma tentativa de persuadir, convencer.

Na metodologia científica, teoria e prática se complementam e uma precisa da outra para continuar inovadora, e esta pesquisa considerou nos procedimentos empíricos uma dinâmica que se recusou a ser estanque,

fragmentada e definitiva. Ela considerou os contextos e os sujeitos implicados, à medida que o trato metodológico indicado para desenvolver a pesquisa decorreu dos estudos em Portugal e no Brasil. Como passo dessa caminhada são destacáveis duas características: as concepções teóricas e as técnicas que possibilitam apreender a realidade. Para Minayo (1994), uma investigação de caráter social pressupõe conhecimento teórico, domínio do conjunto das técnicas e capacidade crítica e criativa do pesquisador. Trata-se de uma metodologia com ênfase na abordagem qualitativa, que buscou perenemente desvelar os condicionamentos históricos na relação esporte/mídia, compreender o trato hegemônico do conhecimento sobre o tema e entender as representações sociais dos jovens a partir do esporte como fenômeno pedagógico e comunicacional historicamente situado.

Os procedimentos metodológicos desenvolvidos ao longo da pesquisa, foram dialeticamente se edificando. Foram tentativas vitoriosas, atentas e flexíveis, cujo desafio foi captar o fenômeno na sua multiplicidade, na sua essência. Os dados de campo, ao lado do constructo teórico, foram potencializando contrastes; nunca comparações. Estou convencido de que numa pesquisa qualitativa não se pode fazer comparações.

Os procedimentos desenvolvidos na pesquisa foram, na introdução do texto, relatado brevemente. Imagino ser, neste capítulo, pertinente descrevê-los melhor, apresentando os talhes metodológicos utilizados ao longo da investigação.

Após o diálogo com a literatura sobre o tema e com a atenção centrada nos objetivos principais da pesquisa, foram realizados quatro procedimentos empíricos principais para levantar as informações consideradas importantes

para edificar a tese. Foram procedimentos distintos entre si, formados por dois ângulos agudos, fontes diretas e por dois ângulos obtusos, fontes secundárias, tecendo desse modo uma rede em losango³¹.

O **primeiro** procedimento consistiu na construção e aplicação de um questionário unitário Brasil-Portugal; o **segundo**, na realização de grupos focais, a partir de um texto-vídeo³²; o **terceiro** privilegiou um levantamento de informações acerca do espaço-tempo da mídia esportiva, analisando a programação sobre esporte veiculada nas emissoras de TV do Estado da Bahia e, no **quarto**, procedeu-se com questões relativas à presença do conhecimento sobre mídia esportiva nos currículos de formação profissional em Educação Física e Jornalismo na Bahia. A pesquisa contou ainda com um conjunto de entrevistas realizadas com intelectuais que estudam e ou vivenciam questões vinculadas com a cultura televisiva, com a cultura esportiva e com a cultura juvenil. Mais do que entrevistas, os diálogos se constituíram em breves e importantes constructos teóricos.

3.1 A CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO E AS INFORMAÇÕES COLHIDAS

O primeiro procedimento empírico foi um questionário misto (ver anexo), desenvolvido como parte das atividades do Estágio de Doutoramento realizado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. O referido instrumento foi organizado no âmbito da estratégia de levantamento de informações para fazer avançar as pesquisas.

³¹ “Paralelogramo que tem os quatro lados iguais, formando dois ângulos agudos e dois obtusos” (Coutinho e Ribeiro, 2001, p. 358.)

³² Foram feitas duas edições para o vídeo. Tomando um roteiro previamente escrito como referência, os apresentadores Cecília Carmo, da Rede de Televisão Portuguesa – RTP e Jéferson Beltrão, da Rede Record do Brasil, se dirigiram aos grupos focais dos jovens portugueses e brasileiros respectivamente.

Como recomenda Silva, no levantamento dos primeiros dados empíricos “o importante não é o que se vê, mas o que se observa com método” (SILVA, c. 2000, p.62). Com esse propósito, busquei com o questionário um contato preliminar para compreender o sujeito jovem, seu lugar e seu espaço social.

Desde o primeiro diálogo com os voluntários, interessados em participar da pesquisa, foi possível aproximá-los do sentido de uma investigação científica de caráter qualitativo. Para construção do questionário, as contribuições de Hetkowski foram consideradas quando formula questões para entender os vínculos e as tendências entre a juventude e o esporte. As perguntas elaboradas por essa pesquisadora inspiraram a construção do instrumento e ajudaram na apreensão junto aos jovens dos olhares luso-brasileiros acerca da relação mídia e esporte. As questões a seguir foram referências importantes na elaboração do instrumento que adotei.

Os adolescentes quando escolhem um grupo como ‘seu bando’, escolhem por quais motivos? Os adolescentes, como outros sujeitos, estão expostos aos meios de comunicação de massa. Como eles definem padrões de comportamento e estilos de vida a partir desta interação com a mídia? Porque eleger a TV como meio principal de comunicação? Como a mídia explora a predisposição do adolescente em ligar-se aos seus conteúdos? De que maneiras a influência da televisão está refletida nas atitudes dos adolescentes? E quais as conseqüências dessa influência na aquisição da identidade adulta? É a televisão fornecedora de referenciais e de conceitos para a vida do adolescente? Qual influência é predominante na hora de fazer uma escolha, ou de tomar uma decisão: a da mídia ou a dos pais? De acordo com a teoria qual deve predominar? E como isso se dá na prática? Como o adolescente percebe-se enquanto sujeito? Que ideologia está sendo construída pelo adolescente contemporâneo? Quem dita esta ideologia? Até que ponto o adolescente está ciente das influências que absorve da mídia televisiva? Como reage a isso? O que o adolescente reconhece como mais forte: sua identidade enquanto indivíduo? Ou sua identidade enquanto grupo? (HETKOWSKI, p. 38, 2000).

Outra referência considerada por este estudo é o questionário de uma pesquisa sobre “o que faz, o que pensa e como vive o adolescente brasileiro”, publicada em 1996, coordenada por Zagury. O instrumento compõe-se de sete seções (dados gerais; dados sobre o estudo; vida profissional; lazer; família; sexo e religião), busca saber as principais ocupações dos adolescentes no seu tempo livre e discute a televisão, como opção de lazer de mais de 60% dos entrevistados. Tais questões concorrem para aprofundar as referências em torno do objeto com a amplitude que o problema requer e com o foco que o estudo necessita.

Dividido em duas partes, o questionário contou com seis questões relativas aos dados de identificação e sete questões referentes ao binômio mídia e esporte. Foi aplicado junto a uma parcela de jovens portugueses e africanos que vivem em Lisboa e, posteriormente, à brasileira residente em Salvador. A opção recaiu por entrevistar estudantes exclusivamente de escolas públicas portuguesas e brasileiras e, na sua grande maioria, oriundos de famílias de baixa renda.

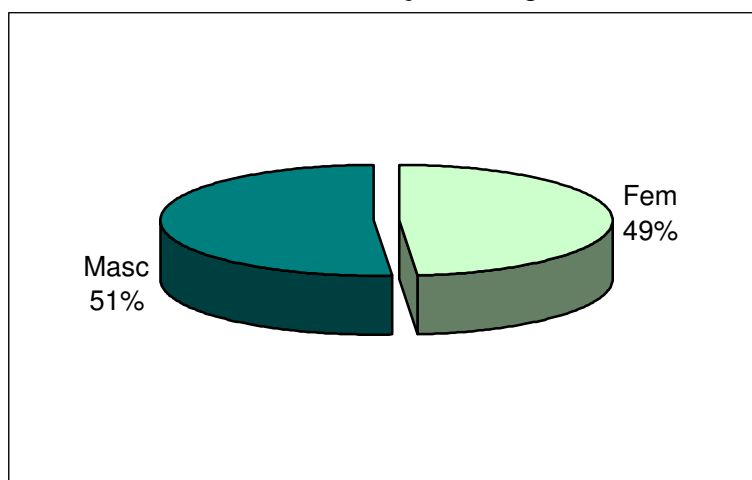
Com a aplicação do questionário, pretendeu-se levantar, junto aos jovens, “dados” preliminares para subsidiar a reflexão em torno da face figurativa e da significação no que se refere a mídia esportiva. Em outros termos, as informações levantadas, mediante questionário, foram estratégicas para a construção, a edição do vídeo e orientação do roteiro de discussão do grupo focal.

O objetivo consistiu em perceber se a televisão é um meio de comunicação que se constitui em um *habitus* entre as populações juvenis

citadas; entender o interesse dos jovens pela mídia esportiva e compreender que lugar a telinha ocupa nos seus respectivos tempos.

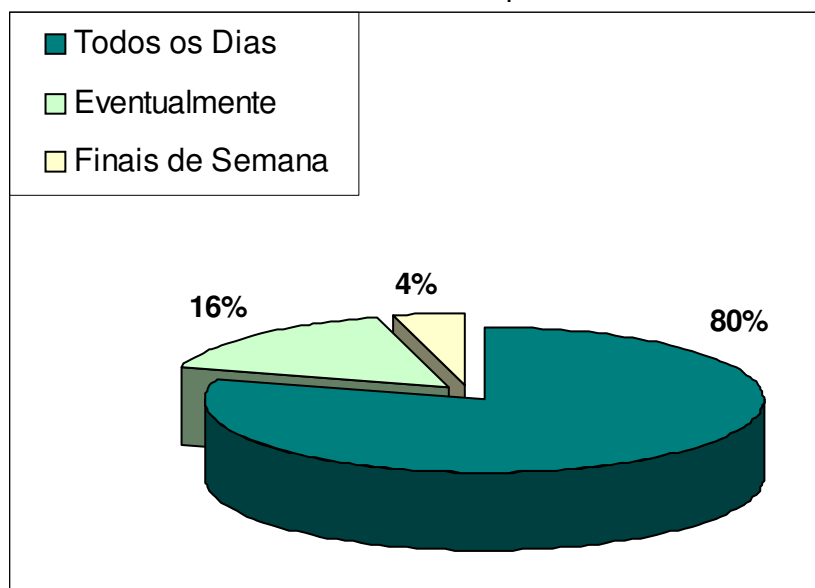
O questionário foi respondido por 74 jovens, de ambos os sexos, filhos de trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda. Foi respondido no ambiente escolar, ou no ambiente dos grupos culturais envolvidos na pesquisa. O equilíbrio entre o olhar masculino e feminino buscou afastar a visão androcêntrica sobre a mídia esportiva e garantir a visão eqüitativa de gênero.

Gráfico 01 – Relações de gênero



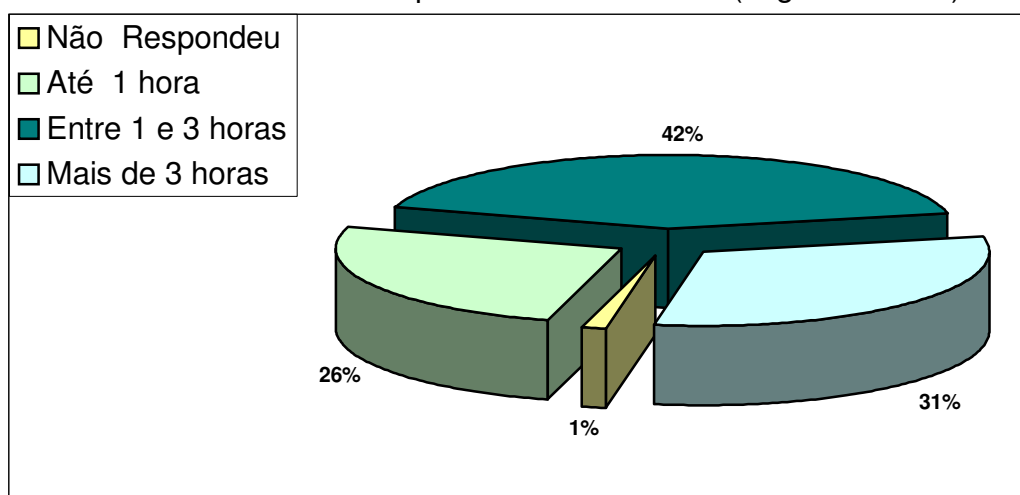
Ao serem perguntados sobre a freqüência com que assistem televisão, os jovens demonstraram seu interesse cotidiano pela mídia televisiva.

Gráfico 02 – Interesse pela mídia



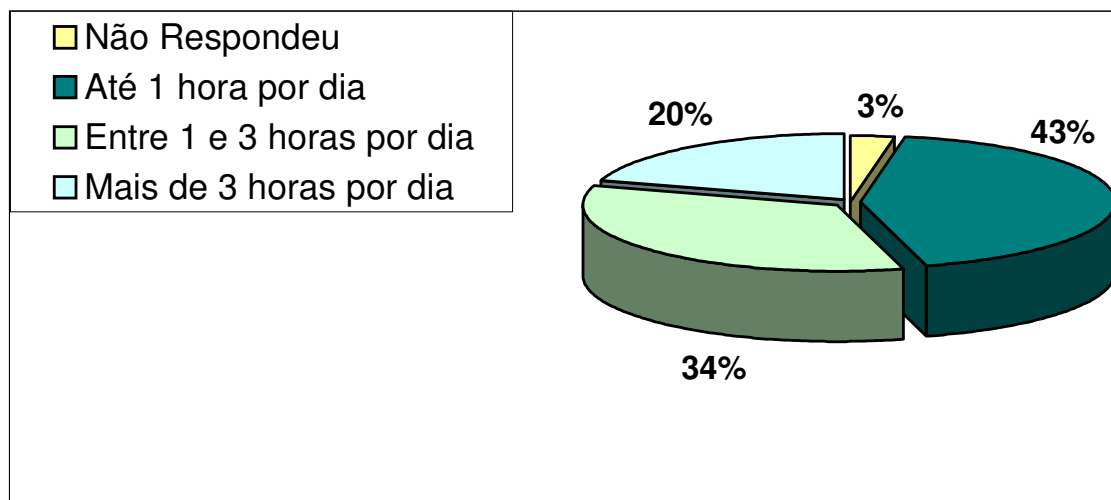
Quando o questionário inquiriu sobre a disponibilidade temporal para TV de segunda a sexta-feira, a maioria declarou permanecer mais de 3 horas por dia em frente à TV.

Gráfico 03 – Tempo na mídia televisiva (segunda/sexta)



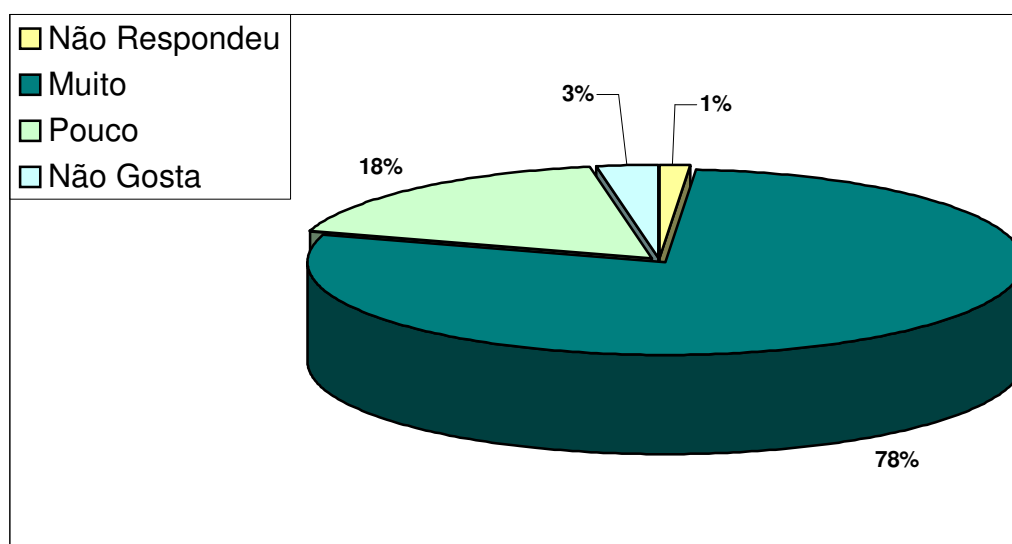
Nos sábados, domingos e feriados as opções de lazer ou a oferta de trabalho reduzem o tempo de TV entre os jovens pesquisados.

Gráfico 04 – Tempo na mídia televisiva (sábado/domingos/feriados)



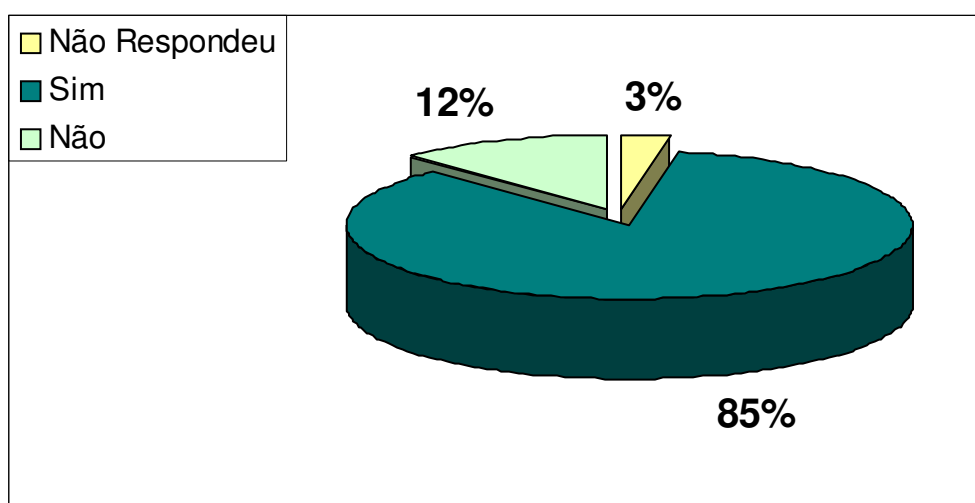
O gosto pelo esporte tem grande repercussão entre os jovens e as modalidades mais citadas são coletivas: futebol, voleibol e basquetebol.

Gráfico 05 – Gosto pelo esporte



Outra questão importante para o presente estudo versou sobre o interesse midiático dos jovens, no que diz respeito ao esporte na televisão, e alcançou o seguinte índice de “audiência”.

Gráfico 06 – Preferência pelo esporte na mídia



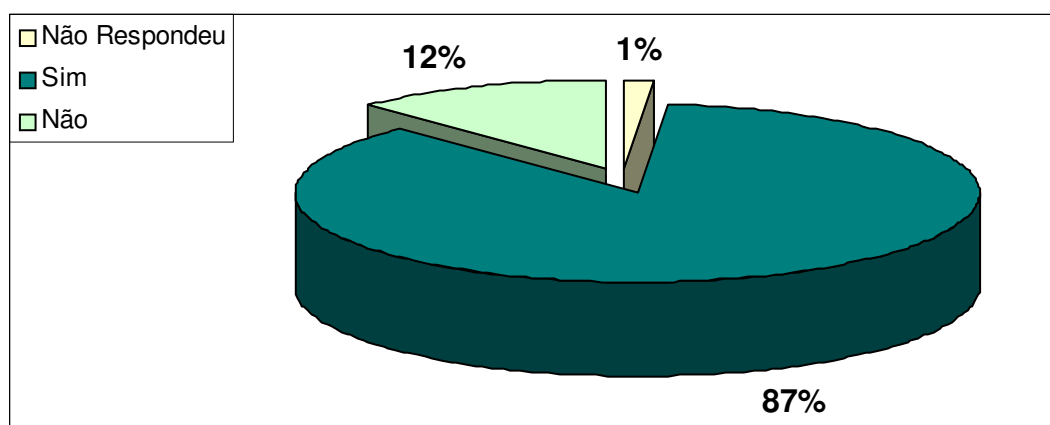
Por fim, buscou-se levantar informações sobre o interesse dos jovens, que responderam ao questionário, em rever jogadas que resultam em gol, ponto e outros. A beleza das jogadas, a narrativa dos comentaristas, “conferir o resultado”; porque é “emocionante”; “pra ver os melhores momentos”; pra ver se o gol foi duvidoso”; “para prestar a atenção nos detalhes do lance”; observar as falhas dos jogadores”; “para aprender as jogadas rápidas ou esplêndidas” e nas respostas dos jovens portugueses muda o vocábulo e permanece o sentido; “gosto de confirmar o momento”; pra ver todos os pormenores”; “para ver se foi realmente bonito”; rever a beleza do lance”; “ao rever o golo; estou também a rever os sentimentos que em mim...Isto claro, se for um golo da equipa porque torço”; “para ver uma boa manobra”; “porque dá praser”; “sometimes trings happer so fast l’ dont see what happened”; “perceber as ultrapassagens”; “pra ver como deve ser”; constituíram o conjunto das respostas dos interessados em rever as jogadas que resultam em gol ou ponto. Já a minoria que não se interessa em rever as jogadas na televisão pode ser sintetizada em duas respostas: “não gosto de rever as jogadas...eu acho muito

intediante e patético”; “não me interesso em ver a jogada, muito menos a repetição”.

Das escritas colhidas nos questionários, foi possível apreender parte das representações sociais situadas entre a percepção e o conceito. A percepção como “ação de recolher” é para Lagneau, citado por Russ (1994) como “o acabamento das representações e a reificação dos dados sensíveis, que resultam, ambos, de um juízo”, uma mistura que resulta do trânsito entre o subjetivo e o objetivo e que gera uma fala, uma reflexão. E o conceito aprendido do casamento tenso e fecundo da psicologia e sociologia. Com base nesse *corpus* teórico e na experiência dos grupos focais (vamos discutir adiante) fui compreendendo a representação e como nos aconselha Moscovici, em dois pólos: a figura (pólo passivo) e a significação (pólo ativo).

Nessa questão, ficou evidente a atração pelas finalizações como imagem síntese do espetáculo esportivo, ainda que a rejeição completa aparecesse eventualmente.

Gráfico 07 – Interesse em rever jogadas



As informações levantadas cumpriram seu papel estratégico de subsidiar a edição do vídeo e de orientar parte do roteiro de discussão nos grupos focais. A observação dos “dados” permite-me, ainda que panoramicamente, perceber, para além da influência de causa e efeito da mídia televisiva no fazer cotidiano dos jovens e seus respectivos interesses pelas culturas corporais, a TV, na “condição de meios de comunicação social ou de linguagem audiovisual específica, ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas” (FISCHER, 2001, p. 15), e, independente da condição do sujeito praticante de esporte, contribui para sua compreensão sobre a cultura, sua percepção dos problemas sociais que vivem e seu envolvimento num “dado” projeto de educação/sociedade.

3.2 GRUPO FOCAL: UM ESPAÇO PLURAL DA PESQUISA

Finalmente, após o questionário aplicado e a apresentação do vídeo, ocorreram os grupos de discussão, ora na universidade ora na comunidade. Foram quatro grupos organizados, levando em consideração as informações colhidas do questionário e do texto mostrado no vídeo. As atividades do grupo focal valorizaram a expressão livre da palavra, constituindo-se, desse modo, em espaço plural da pesquisa.

Os procedimentos adotados para o desenvolvimento do grupo focal, em todas as suas edições, foram: uma explicação aos jovens voluntários sobre o sentido de uma pesquisa qualitativa e a importância da participação sincera

dos presentes no grupo, a apresentação do texto-vídeo e início do grupo de discussão propriamente dito.

Entende-se aqui como grupo focal o que foi definido por Macedo (2000) como

um recurso de coleta de informação organizado a partir de uma discussão coletiva, realizado sobre um tema preciso e mediado por um animador-entrevistador ou mesmo mais de um. Em realidade, configura-se numa entrevista coletiva aberta e centrada. Alguns elementos, entretanto, devem ser levados em conta: os membros do grupo; sua preparação para entrevista; as condições de tempo; o lugar do encontro; a qualidade da mediação ou do entrevistador em termos de domínio da temática a ser trabalhada e da dinâmica grupal.(p. 178)

Assim procedeu-se ao longo do desenvolvimento dessa técnica na pesquisa. Em Portugal, esse processo envolveu quatro agrupamentos: o grupo cultural Batoto Yetu, o grupo de capoeira Alto Astral, a Escola Filipa Lencaster e a Escola Secundária Cidade Universitária. As atividades foram realizadas com dois grupos focais.

O primeiro na Universidade de Lisboa com representantes de dois grupos de jovens: Batoto Yetu e da Escola Secundária Cidade Universitária e o segundo, na comunidade com o grupo de Capoeira Alto Astral.

No Brasil, as atividades de discussão foram desenvolvidas com grupos ligados ao Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural pela Cidadania - MIAC. Inicialmente, ocorreu na Universidade Federal da Bahia, envolvendo dez jovens, e posteriormente na comunidade, com um grupo de doze jovens. Em Salvador, foram formados dois agrupamentos do MIAC para os grupos focais da pesquisa que se reuniram, inicialmente, na Faculdade de Educação da UFBA e, posteriormente, na Escola Estadual Renan Baleeiro.

Portanto, as técnicas vivenciadas em Portugal foram desenvolvidas no Brasil com jovens soteropolitanos e tomou como base empírica o MIAC. A



Figura 01 - Caldeirão Cultural do MIAC

opção pelo MIAC se consolida após um caldeirão³³ pelo subúrbio ferroviário de Salvador. Foi uma viagem singular de encontro com um movimento, em movimento. A cada estação, quando as cortinas, ou melhor, as portas do trem se abriam para comunidade, entrava em cena um ato político, uma sensibilização artística por cidadania emancipatória³⁴.

Os procedimentos contaram, portanto, com aplicação do questionário, identificação de voluntários para o grupo de discussão, apresentação do texto-vídeo editado com o objetivo de aproximar os jovens da temática e aquecer o grupo focal e, por fim, a discussão com captação dos depoimentos, forma dinâmica e formalmente autorizada.

³³ O Caldeirão é uma modalidade de evento coordenado pelo Miac com autonomia organizativa dos coletivos juvenis dos bairros de cada espaço territorial da região metropolitana de Salvador. O postal – convite em tela é do I Caldeirão do Miac.

³⁴ Pedro Demo considera a Cidadania Emancipatória “um fenômeno profundo e complexo, de teor tipicamente político, e que supõe, concretamente, a formação de um tipo de competência, ou seja, de saber fazer-se sujeito histórico capaz de pensar e conduzir seu destino [...] Coragem de dizer não a pobreza política e material e competência humana de fazer-se sujeito, negando aceitar-se objeto. (Demo, 1995, p.133).

3.2.1 O texto-vídeo como estratégia de aproximação temática

Especialmente editado no Centro de Recursos Áudio Visual do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE)³⁵, o texto-vídeo foi montado a partir da chamada de uma apresentadora de televisão³⁶ e foi escolhido por apresentar, como características básicas da comunicação audiovisual, o que Silva (1998) chamou de texto-vídeo. No dizer de Beltrão (2004), no jogo semântico dado a sua significação, o texto precede o vídeo. Texto como campo de “materialização de idéias e espaço de sentido” e vídeo como suporte “que acolhe e sustenta o texto.”³⁷

A rigor, já havíamos optado por lançar mão do vídeo como estratégia metodológica da pesquisa e quando acessamos as qualificadas razões da escolha desse suporte no rigoroso estudo português realizado por Silva (1998), confirmamos a nossa opção. Para o referido autor, o uso do vídeo como texto combina a

[...] simultaneamente imagem e som [...] porque é o que mais se aproxima da televisão, utiliza inclusive o mesmo ecrã [...] permite uma flexibilidade de utilização, a adopção de metodologias diversificadas e um feed-back imediato com a utilização das funções de paragem, pausa, voltar atrás e avançar [...] acresce ainda que a grande maioria das escolas do ensino secundário estão equipadas com vídeo-gravador, o que vai ao encontro do cenário previsto para a experiência, ou seja, este equipamento já faz parte do contexto natural da escola, não é introduzido artificialmente pelo investigador. (SILVA . 1998, p. 262).

Para a presente pesquisa, as imagens e sons foram editados levando em consideração o esporte, veiculado principalmente na mídia televisiva

³⁵ O vídeo contou com uma re-edição em Salvador.

³⁶ O texto-vídeo veiculado em Portugal contou com a apresentação da mais importante Jornalista Esportiva da Rede de Televisão Portuguesa – RTP, Cecília Carmo.

³⁷ Informação oral obtida junto à Prof^a Dr^a Lícia Beltrão (UFBA).

aberta. Não chegou a ser considerado um procedimento, e, sim, uma condição para provocar os grupos focais.

O debate foi captado por uma câmera de filmar, estratégia devidamente acordada com os participantes. O vídeo tomou a publicidade, informação e o entretenimento como palavras-chave e foi mediado por três perguntas básicas: O que você acha da programação esportiva da televisão?; A televisão influencia no seu interesse esportivo?; A juventude prefere assistir ao esporte, praticar ou estudar o esporte? Seguiu-se às questões levantadas um intenso debate, envolvendo o esporte e a violência, as drogas, o tempo e conteúdo das propagandas, o consumismo, a competição, as técnicas corporais, a religião, a ética, dentre outros temas.

A partir da experiência brevemente relatada, ao lado dos festivais realizados pelo MIAC³⁸ e do reconhecimento de diferentes segmentos sociais acerca da atuação do MIAC como fórum crítico de formação humana, de exercício dinâmico de protagonismo juvenil, particularmente de formação de jovens e educadores, na qual os sujeitos envolvidos, no conjunto das suas ações, expressam opiniões e demonstram compromissos com o movimento, a pesquisa, em Salvador, tomou como referência grupos culturais de jovens ou de educadores que mantêm vínculos com o MIAC. As relações oficiais entre o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA e o MIAC foram

³⁸ Os quatro festivais do Miac foram:

1- *O Adolescente e a arte pelos direitos humanos em 1998*

2- *O Adolescentes e a arte pelos direitos humanos: este é o palco da cidadania em 1999*

3- *O Adolescente e a arte pelos direitos humanos: 10 anos ECA nosso direito é de lei! em 2000*

4- *O adolescente e a arte pelos direitos humanos: Vamos contar outra história! em 2001.*

Eles antecederam os três *Caldeirões Culturais em 2002:*

Liberdade tecendo a cidade-cidade baixa; Seu terno meu peixe a isca... nossa rede- Boca do rio; Educando o meio por inteiro- Região metropolitana.

viabilizados a partir da troca protocolar de solicitação/autorização formal para a pesquisa³⁹.

3.3 ESPAÇO-TEMPO DA MÍDIA ESPORTIVA: O QUE PASSA NA TELINHA

Para conhecer os costumes televisivos sobre o esporte, recortei os programas e os informes temáticos sobre o tema que têm inserções garantidas nas diversas emissoras do estado da Bahia. Todos os canais veiculam programas de esporte e comentários sobre os mesmos na sua grade de programação. Na esteira do debate sobre o alcance da audiência, cabe destacar a produção de sentidos, a edição midiática em torno da “realidade” esportiva “passa” na TV. Nessa linha, realizamos o levantamento dos dados referentes aos programas sobre esporte e sua abrangência temática.

No levantamento sobre a da programação diária que realizamos com a participação direta de jovens pesquisadores⁴⁰, foi possível reconhecer as seguintes inserções sobre esporte na mídia aberta:

SITEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO – SBT / TV ARATU

A TV Aratu, associada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), mantém o mais antigo programa da mídia esportiva baiana. São cerca de 15 anos no ar com o programa “No campo do 4”, atualmente é veiculado de segunda à sexta:

13h00min às 14h00min – [Com Eliseu Godoy, Marzzo Silva, Ricardo Lima, Rui Botelho].

³⁹ O PPGE encaminhou Of. 079/02, nos apresentando e solicitando apoio do MIAC para nossa pesquisa. O MIAC, por sua vez, acolhe solicitação formal em Of. 043/02.

⁴⁰ Participaram desse procedimento os estudantes de Educação Física da Universidade Católica de Salvador Paulo Lima e Polyana Suzart.

NA REDE GLOBO / TV BAHIA

Segunda à sexta:

- 06h30min - Jornal da Manhã [Comentário sobre esporte com o jornalista Jorge Alan de 07h00min às 07h10min]
- 07h10min às 07h15min - Manhã Olímpica.
- 07h15min - Bom Dia Brasil [Comentário sobre esporte com o jornalista Maurício Torres das 08h00min às 08h05min]
- 12h45min às 13h15min - Globo Esporte.

Sábado:

- 14h40min às 13h15min - Globo Esporte

Domingo:

- 09h00min às 09h30min - Auto Esporte.
- 09h30min às 12h50min - Esporte Espetacular.

A TV Bahia, vinculada à Rede Globo, acolhe diariamente no Jornal da Manhã a presença de um jornalista com informações referentes ao esporte, repetindo o modelo do Bom Dia Brasil e, às doze e quarenta e cinco realiza a parte local do programa Globo Esporte, veiculado de segunda a sábado. Trata-se, segundo Durães (2002) de um

[...] modelo de programa híbrido, ou seja, começa pelas notícias locais e logo depois é reportado para o programa nacional [...] realizado quase que exclusivamente por noticiário do futebol, ou seja, 95% da programação está vinculada a este esporte considerado paixão nacional. O restante (5%) fica dividido entre noticiário de futsal, basquetebol, fórmula mundial, fórmula 1, natação entre outros. (p. 79 e 81).

Aos sábados veicula o Esporte Espetacular, um programa que busca reunir informações e reportagens diversificadas sobre esporte. Há ainda as inserções regionais vinculadas à programação da TV Globo como, por exemplo, a da TV Cabralia que cobre a Cidade de Vitória da Conquista e região e garante, no seu Jornal do Meio Dia, apresentador específico para as notícias sobre o esporte.

NA REDE RECORD / TV ITAPOAN

Segunda à sexta-feira:

- 11h45min às 12h15min - Esporte Record.
- 12h15min às 13h00min - Debate Bola.

Sábado:

- 12h00min às 13h00min - Debate Bola.

Domingo:

- 20h30min às 22h30min - Terceiro Tempo.

A TV Itapoan, recentemente adquirida pela Rede Record, conta, nas suas edições, com Esporte Record. Regionalmente a TV Itapoan/Record, ora com jornalista específico, ora com o próprio apresentador são certas as reportagens sobre esporte no Programa Balanço Geral.

NA REDE BANDEIRANTE / TV BANDEIRANTE

Segunda à sexta-feira:

- 11h 45min às 12h 30min - Esporte Total (1ª Edição)
[Com o jornalista Luiz Ceará]
- 20h 20min às 20h 50min - Esporte Total (2ª Edição)
[Com a jornalista Renata Cordeiro]
- 21h 55min às 22h15min – Maratona
[Com o Jornalista Roberto Cabrini]

Sábado:

- 20h 20min às 20h 50min - Esporte Total.
- 21h 55min às 22h 10min – Maratona [Com o jornalista Roberto Cabrini]

Domingo:

- 19h 30min às 20h 00min - Esporte Total.
- 20h 00min às 21h 00min - Formula Indy.

A TV Bandeirantes, que já se nominou o "canal do esporte", mantém uma ampla programação sobre o tema em nível nacional, inclusive no horário nobre da televisão brasileira entre 20 e 21h, apresentando diariamente de segunda a sexta o Programa Esporte Total e aos domingos o Programa Terceiro Tempo.

Na REDE CULTURA / TV EDUCATIVA

A TV Educadora (TVE) reúne a maior programação local entre as emissoras baianas. É a única estatal das TVs abertas no Estado e transmite parte da programação da rede pública de TV e da Fundação Padre Anchieta do estado de São Paulo. O maior destaque da TVE no mundo esportivo é a versão estadual do Programa Cartão Verde. Além do apresentador e dos comentaristas, completa, todo domingo à noite, seu quadro com convidados do mundo do esporte e ou artista que dividem suas participações entre sua arte e seus olhares sobre o esporte.

Ao se debruçar sobre os programas esportivos televisivos, Durães (2002)⁴¹, nos dados da sua pesquisa junto à Rede Globo, observa, no que tange às propagandas entre os blocos de programas que tematizam o esporte,

[...] ao contrário do normal, que são trinta segundos, são na sua maioria de quinze segundos, podendo ser veiculada novamente em outro intervalo ou inclusive no mesmo bloco de comerciais, aparecendo a tendência de rápida veiculação para que o telespectador não pratique o Zapping⁴². (p. 80).

Os dados demonstram a diversidade de inserção e a sua extensão nas grades de programação das emissoras. No entanto, a forma e o conteúdo em pouco se diferem. Em síntese, são diversas emissoras mais o ideário do

⁴¹ A pesquisa em tela foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física da Universidade Católica de Brasília pelo Prof. Geraldo Magela Durães, sob a orientação do Prof. Dr. Alfredo Feres Neto e recortou o Programa Globo Esporte como campo empírico.

⁴² Dicionário da mídia foi organizado pela Rede Globo e apresenta um resumo de siglas, termos e gírias utilizadas no dia-a-dia dos meios de comunicação. Exemplos: **BRIEFING** – Documento que sintetiza diretrizes e metas do anunciante para uma campanha publicitária. É a partir do briefing que as áreas das empresas de comunicação começam o seu trabalho; **BREAK** – Intervalo comercial em TV ou rádio; **SHARE** – Participação; **ZAPPING** – Designa o hábito de trocar contínua e freqüentemente os canais em um televisor com controle remoto, dentre outros.

esporte performance, e o de “alto rendimento” permanece. A edição que foca o herói individual do gol da rodada, da cesta espetacular, do fantástico salto triplo, da *poli-position*, do novo recorde, reforça o olhar de Altuve (2002), quando aponta a valorização do individualismo e “a tendência mundial de imbricação – integração do poder financeiro com o poder comunicacional” (p.7) com fins marcadamente neoliberais.

O esporte vem sendo caracterizado como produto e sendo, cada dia mais, particularizado na TV. O jogo, como espetáculo presencial, dá lugar aos interesses mercantis. Desse modo, o corpo se transforma em difusor de *kits*/produtos que vão da cabeça aos pés, do boné à chuteira. A grande maioria das emissoras de televisão privada no Brasil prioriza os aspectos industriais e comerciais na sua programação e tenta reduzir os telespectadores em massa consumidora.

Para Porto (2000), a constitucional finalidade educativa da TV tem perdido espaço para a publicidade. “O consumo é a cultura idolatrada do capitalismo, mesmo que, para muitos indivíduos, ele não se realize. O importante é mantê-los ansiosos e sonhadores [...]” (p. 38). O desafio é superar a possível passividade diante do fascínio da telinha e reagir criticamente ao texto televisivo, banalizador e conservador da ordem vigente.

Em conseqüência, observa-se no país a redução do esporte, uma manifestação cultural e educativa dos povos, a uma perspectiva de esporte-performance, de rendimento.

No âmbito do Estado da Bahia, a redução é ainda mais grave, pois, em grande medida, o discurso midiático se refere, em maior parte do tempo ao futebol, focando quase exclusivamente a dona da bola, a dupla Ba x Vi,

Esporte Clube Bahia e Esporte Clube Vitória. A *overdose* da monocultura do futebol estimula muito mais o surgimento de torcedores/consumidores do que de cidadãos. A formação crítica é substituída pela de torcedores. Torcer vira o mote da persuasão. A responsabilidade educativa cede à ordem consumista.

O traço “cultural” tem levado alguns torcedores a definir, ainda no berço, o time do filho(a), e as principais cores do consumo. Creio ser possível virar esse jogo e desenhar campos de intervenção nos quais os jovens não sejam colocados apenas nas arquibancadas, na condição de telespectadores acrílicos e passivos e possam, à luz da história, ampliar seu olhar sobre as culturas corporais/esportivas e questionar: um outro esporte é possível?

Estou certo que sim. Faz-se necessário experimentar, mediados pelas culturas lúdicas regionais, um novo *habitus* esportivo. Uma práxis social esportiva que promova convívio dos povos do mundo inteiro, como espaço de vivências corporais, associada às reflexões em torno da superação dos problemas sócio-ambientais que afligem o nosso tempo e que valorize a comunicação esportiva sintonizada com a mobilização e organização social dos povos interessados no desenvolvimento sustentável, no comércio justo e na paz.

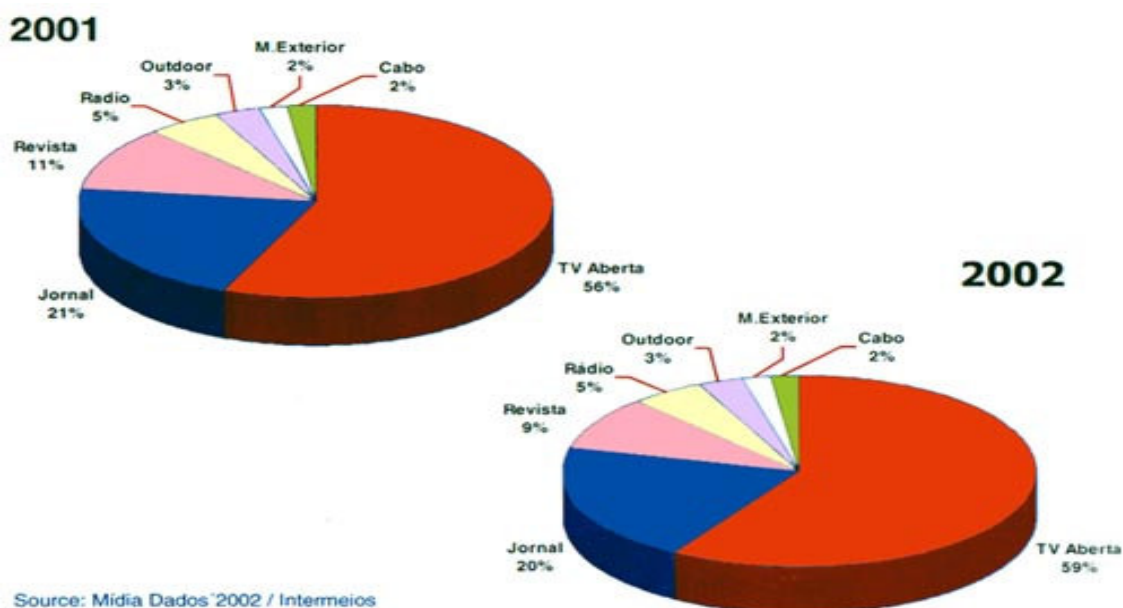
Em palestra sobre o panorama da mídia no Brasil, no período de 2002/2003, Ana Balleroni ⁴³ apresentou um resumo dos principais dados estatísticos e quantitativos sobre o ramo de mídia e publicidade no Brasil dos últimos anos. Ela aponta, inicialmente, que o crescimento populacional no Brasil elevou de 41,2 de habitantes, em 1940, para 176,2 milhões em 2002.

⁴³ Diretora Geral de Mídia da J.W.Thompson Brasil apresentou os dados em tela durante o Seminário de Comunicação e Marketing, 29 de abril de 2003.

Dessa população, apenas 36% era urbana na década 40, sendo 64% rural. Em 2002, a população correu para a vida urbana e já chega à cerca de 80%.

(Mídia Dados, 2002).

Gráfico 08 – Investimentos em mídias por meios



Segundo a autora, a TV Aberta brasileira conta com 6 redes, 360 Canais, 335 Canais Comercializados, 41 milhões de domicílios com TV, alcançando cerca de 98% de penetração. Sendo que a cobertura geográfica apresenta os seguintes percentuais: Globo - 100%, SBT - 97%, Band - 87%, Rede TV! - 80% e Record - 77% (Mídia Dados 2002).

A autora destaca ainda como *Share* de Audiência: das 07 às 12h - Globo 52% / SBT 31% / Outras 17%, das 12 às 18h - Globo 57% / SBT 20% / Outras 23%, das 18 às 24h - Globo 63% / SBT 20% / Outras

17%. A TV, ao lado de outras mídias como: revistas, jornais, rádio, outdoor, cinema e internet, promove uma explosão de informação.

-Revistas

1.675 títulos, sendo 57% produzidas nas regiões Sul e Sudeste.

A soma da circulação total no Brasil equivale a R\$ 16,7 milhões/mês.

(Mídia Dados)

A faixa etária que mais lê revistas é a de 20 a 29 anos, representando 27% do total, seguido da de 30 a 39 com 19%, e a de 15 a 19 anos com 16%.

(Marplan 2002)

-Jornal

2.324 títulos, sendo 22% diários e 74% produzido no Sul/Sudeste.

A soma da circulação total no Brasil equivale a R\$ 4,1 milhões/mês.

(Mídia Dados)

A faixa etária que mais lê jornais é a de 20 a 29 anos, representando 25% do total, seguido da de 30 a 39 com 20%, e a de 40 a 49 anos com 17%.

(Marplan 2002)

-Rádio

41,1 milhões de domicílios com Rádio no Brasil.

1.384 emissoras filiadas à ABERT.

3.421 emissoras no total, sendo 1.649 AM, 1.529 FM e 243 educativas. 11 redes.

64% das emissoras estão concentradas no Sul/Sudeste do Brasil.

(Mídia Dados 2002)

53% dos ouvintes de rádio são do sexo masculino.

A faixa etária predominante dos ouvintes de rádio é de 20/29 anos (24%), seguido da de 30/39 (20%) e da de 40/49 (15%). As outras somam 42% do total. (Marplan 2002)

-Outdoor

24.027 painéis no país. 62% desse total estão concentrados no Sul/Sudeste do Brasil.

(Mídia Dados 2002 / LPM Burke - Central de Outdoor)

-Cinema

1.115 salas no Brasil, sendo 77% desse total no Sul/Sudeste.

Perfil do telespectador de cinema:

- Homens = 52%

- 15 a 29 anos = 60%

-Internet

12,7 milhões de pessoas têm acesso à internet, mas a penetração desta mídia não ultrapassa os 15%.

57% desse total de internautas é do sexo masculino.

36% pertence a faixa etária de 20 a 29 anos, seguida da faixa de 15/19 com 20%, 30/39 com 17%, 40/49 com 12%, 10/14 com 10% e acima de 50 anos com 6%. (Marplan 2002 - 2º semestre)

Tais informações, somadas ao fato de que, segundo o Grupo de Mídia de São Paulo, com base em pesquisa do Instituto Marplan Brasil a rigor,

[...] 98% da população entre 10 e 65 anos vêem TV pelo menos uma vez por semana e, sozinha, a TV atrai duas vezes mais público do que todos os meios impressos, aí computados também os livros, além de jornais e revistas. (BUCCI, 2000, p. 9).

revelam quanto o quadro de acesso à informação no Brasil é extremamente desproporcional, a diferença de acesso das mensagens televisivas em relação aos outros meios de comunicação de massa demonstra a importância da TV na formação da consciência histórica do povo brasileiro. A consciência histórica, “[...] em sentido lato, alberga o passado num espaço cognitivo constituído não apenas mas também em função da História rarefeita ou ainda não feita.” (PAIS, 1999, p. 21).

3.4 CURRÍCULO E CONHECIMENTO SOBRE MÍDIA ESPORTIVA

Refletir sobre um caminho, um currículo na sociedade contemporânea necessita perguntar que caminhos queremos percorrer, se há trilhas nesse caminhar e onde queremos chegar. O currículo como construção social deriva da idéia de que a realidade é também uma construção sócio-histórica. Com a sociologia do conhecimento, é possível entender melhor esse processo, ou

seja “a sociologia do conhecimento deve ocupar-se com tudo aquilo que é considerado ‘conhecimento’ na sociedade” (BERGER e LUCKMANN, 1985 p. 29). Na compreensão dos referidos autores, a realidade “constitui a matéria da ciência empírica da sociologia, a saber, o mundo da vida cotidiana”. (p. 35). Inspirado nas palavras de Berger e Luckmann, as reflexões discursivas de Roberto Sidnei Macedo nos levam a compreender o currículo como uma *construção/proposição por atores/atrizes, autores/autoras da cena educacional, orientado ideologicamente. Portanto, é uma construção social complexa e interessada, instituída e instituinte, que consubstancia-se em formulação e prática.*

Ele reconhece ainda o currículo como um macro-conceito educacional, que acolhe o contraditório e o relacional, *um fenômeno movente, contraditório, dialógico, interativo, intersubjetivado.* O currículo *também é emergência e acontecimento.* Pensar em currículo implica pensar em produção e socialização de conhecimentos, nas quais as mídias são qualificadas como espaços de *evidência (aletheia) e ou ocultação (opacidade).* Portanto, a produção do conhecimento referenciada na vida cotidiana “terá de tratar não somente da multiplicidade empírica do ‘conhecimento’ nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais *qualquer* corpo de ‘conhecimento’ chega a ser socialmente estabelecido como ‘realidade’”. (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 13 e 14).

Uma construção social em educação, à altura do nosso tempo, precisa se indignar com a concentração de renda e terra, com o abismo crescente entre o Brasil social e o Brasil econômico e dar curso ao processo permanente de *educação e mudança* e de mudanças em educação, propostos por Freire

(1981). É preciso considerar a dinâmica social e a necessidade de formulação de novas problemáticas de pesquisa a partir do mundo real, do mundo dos acontecimentos,

de valores, de idéias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos. Mundo da opinião e mundo do saber. Mundo da ciência, da religião, das artes, mundo das relações de produção. Mundo finalmente humano. Todo este mundo histórico-cultural, produto da práxis humana, se volta sobre o homem, condicionando-o. Criado por ele, o homem não pode, sem dúvida, fugir dele. Não pode fugir do condicionamento de sua própria produção. Como dissemos antes, não há estabilidade da estabilidade, nem mudança da mudança, mas estabilidade e mudança de algo [...] Esta é a razão pela qual não há mundo humano isento de contradição. (Freire, 1981, p. 45).

O currículo como processo e como *trama intinerante* percebe e é percebido no jogo dialético de mudança e estabilidade. Nesse jogo, reclama uma percepção crítica da realidade, uma mudança de percepção da realidade hegemônica vigente,

[...] que se dá na problematização de uma realidade concreta, no entrelaço de suas contradições, implica um novo enfrentamento do homem com sua realidade. Implica ad-mirá-la em sua totalidade: vê-la de “dentro” e, desse “interior”, separá-la em suas partes e voltar a ad-mirá-la, ganhando assim uma visão mais crítica e profunda da sua situação na realidade que não condiciona. Implica uma “apropriação” do contexto; uma inserção nele; um não ficar “aderido” a ele; um não estar quase “sob” o tempo, mas no tempo. Implica conhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante. (FREIRE, 1981, p. 60).

No cerne desse processo é que emerge a mídia como instituinte de conteúdos e como potente socializadora de conhecimentos gerais e segmentados. Observei programas que valorizam vendas, culinária, bolsas de valores, astrologia, religião etc., com o esporte não poderia ser diferente. Dessa forma, a segmentação em torno do esporte torna-se a cada dia mais sofisticada tecnicamente e os interesses que o envolvem têm sido marcadamente econômicos.

Essa tendência não nos impede de reconhecer a importância do fenômeno esportivo e o impulso que vem tendo com sua visibilidade midiática. Para nós o esporte pode, além dos seus benefícios corporais, concorrer para o desenvolvimento de relações solidárias, cooperativas e de pertença.

Portanto, como nos referimos anteriormente, o esporte pode ser *praticado, assistido e estudado*. Daí a sua condição de cultura esportiva. Sua legitimidade social foi alcançada, em grande medida, pela sua extensa lista de modalidades e por ser praticado por povos do mundo inteiro. Sua assistência onde ele ocorre ou através da sua veiculação em diferentes mídias, é um fato social irrefutável. No entanto, mesmo os estudos referentes às Ciências do Esporte tendo alcançado um importante patrimônio literário, de modo geral, entendemos que, no que tange às reflexões sistematizadas sobre a mídia esportiva, sobretudo no Brasil, ainda temos muito que avançar.

Se tomarmos como referência os cursos superiores em Educação Física e Jornalismo, nos quais seus ambientes acadêmicos estão vinculados diretamente à temática mídia esportiva, vai ser possível constatar um distanciamento formal desse conhecimento com as suas respectivas formações profissionais.

Lendo os currículos das principais instituições de ensino superior, verifiquei uma invisibilidade do conhecimento referente a mídia esportiva na formação profissional em Educação Física e Jornalismo na Bahia e nos principais cursos de Educação Física em Portugal. Para tanto, foi feita uma análise sobre os componentes curriculares, tomando a oferta de disciplinas dos cursos como referência.

Ainda que os componentes curriculares apenas anunciem o conjunto das propostas formativas, neles observamos o profundo descompasso entre o relevo contemporâneo da mídia e seu espaço-tempo na formação profissional em Educação Física e Jornalismo, entre a condição instituinte do esporte e sua ampla dimensão societária. (Ver, em anexo, lista completa dos componentes curriculares das instituições referidas).

No campo da formação profissional em Educação Física da Bahia foram levantados os componentes curriculares dos cursos da Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade Católica do Salvador, União Metropolitana de Educação e Cultura, Faculdade Montenegro, Faculdade de Tecnologia e Ciências, Faculdade Social da Bahia e Universidade do Estado da Bahia. (ver anexo). Nada foi encontrado de forma sistematizada nos cursos de formação superior em Educação Física na Bahia. Isso, quando requer, como nos adverte Pires (2002), a importância de

[...] identificar a gênese e a rede de influências do discurso midiático sobre o conjunto de saberes/fazeres relativos a atividades físicas e esportivas na atual conjuntura social e, em decorrência, apontar possibilidades de intervenção emancipatória da Educação Física parece constituir-se em contribuição normativa para atuação esclarecida e esclarecedora dos profissionais dessa área no âmbito da cultura contemporânea. (p.31).

Os cursos de formação pós-médio e superior em comunicação na Bahia podem ser divididos em Rádio & TV e Jornalismo. Visam, de modo geral, qualificar profissionais para atuarem na produção, edição e apresentação nas diferentes mídias. O mundo do trabalho e o campo de atuação são, a cada dia, mais abrangentes e envolvem emissoras de rádio e TV, assessorias de comunicação na esfera pública, privada e ONGs, além de produtoras

independentes e agências de publicidade. Observa-se que há um fosso entre o conhecimento contemporâneo, a realidade social brasileira e a organização do trabalho pedagógico acerca da comunicação em esporte e lazer. Segundo o Jornal A Tarde, em edição do dia 06/06/2004, e, tomando o Ministério da Educação como fonte, estão autorizados a funcionar 11 cursos de jornalismo na Bahia.

A quarta ponta do losango buscou compreender como vem se dando, no âmbito acadêmico, a formação profissional em dois cursos superiores na Bahia: Educação Física e Jornalismo. Levantei, a partir do enunciado dos componentes curriculares dos cursos citados, os dispersos referenciais sobre mídia esportiva no processo de formação profissional dessas áreas que consideram a educação e a comunicação como macro categorias teóricas importantes.

Durante o estágio de doutoramento, em Portugal, pesquisei também a presença do conhecimento sobre mídia esportiva na formação profissional em Educação Física. Para efeito do nosso trabalho em Lisboa, destaquei os principais cursos da área. Na Universidade de Lisboa, Licenciatura em Ciência do Desporto e Licenciatura em Gestão do Desporto e na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Licenciatura Educação Física e Desporto.

É possível depreender, com base nas observações realizadas, que nenhuma referência à mídia esportiva foi encontrada nos principais cursos de licenciatura de Lisboa. Tal constatação se reflete na formação profissional em Educação Física e Desporto e pode estar dificultando a tematização da mídia esportiva na ambiência escolar, conforme ficou evidenciado na fala de

estudantes lisboetas, participantes do grupo focal da pesquisa, a qual transcrevo:

“Meu professor de desporto nunca falou do desporto da mídia”

“Tenho muito gosto pelo desporto...mas sei que, às vezes, ele é muito violento. A gente sempre vê na televisão cenas de violência de torcedores e de atletas que, às vezes, com a desculpa do jogo duro fazem todo tipo coisa”

O conjunto dos extratos curriculares dos cursos de formação profissional em Educação Física e Jornalismo na Bahia revela a miopia acadêmica dos seus respectivos projetos pedagógicos e o distanciamento dessas experiências com o conhecimento que trata da mídia esportiva. Aquele que, a rigor, vem formando o *corpo inteiro* da sua crescente legião de telespectadores. A exceção confirma a regra: encontrei no curso de jornalismo das Faculdades Jorge Amado, a disciplina Comunicação e Esporte. No curso de Educação Física da Universidade Católica de Salvador e das Faculdades Montenegro, as disciplinas Comunicação e Expressão e Comunicação em Educação Física, respectivamente, anunciam a comunicação como componente curricular, mas, segundo o programa das próprias disciplinas, elas tratam de questões referentes à língua portuguesa.

Para o Professor Paulo Leandro, que discute a comunicação e esporte como conhecimento da formação de jornalistas, é lamentável a incompreensão acerca do relevo social do tema.

Se você for entrevistar grande parte dos meus colegas, eles vão considerar de menor importância. Mesmo nessas faculdades que iniciam esse processo de resgate da mídia esportiva nós notamos que há discriminação com horários dessas disciplinas, que são os mais barrados pesados, são os piores [...] e a carga horária é menor em relação à política e economia. É um processo em andamento para se tirar o esporte desse sentimento de ser um tema de segunda divisão

na vida das pessoas e trazer ele para o status que originalmente ele teve na história da nossa civilização. (INFORMAÇÃO ORAL)⁴⁴

O filósofo português Manoel Sergio (2003), ao conceber o esporte como fenômeno social e “meio insubstituível de educação permanente em que, através de exercícios físicos generalizados, sintéticos, lúdicos e competitivos, se procura a competição, o recreio e a educação” (p. 117), advoga a tese da *especialização na informação desportiva*. Diante da extraordinária quantidade de informação, inclusive no esporte, o autor adverte que “o homem, submergido pela informação, ameaça despersonalizar-se, submeter-se acriticamente à irradiação omnipresente do jornal, da rádio, da TV.” (p. 118) e desafia: “Está por nascer uma pedagogia para a informação, que prepare o homem a enfrentá-la e a dominá-la” e que abdique “daquele tipo de publicidade dirigida tão-só às tendências inconscientes do consumidor.(p. 118). No entender de Manoel Sergio, a possibilidade da crítica e do rigor no trato desse conhecimento um dos meios que a imprensa desportiva dispõe é a especialização dos jornalistas. “Claro que a especialização não é tudo. Mas no aqui e agora que atravessamos, seria um passo importante, em direção às macro decisões de que o nosso desporto necessita”(p. 118). Sendo assim, se a mídia esportiva quer concorrer à obtenção de níveis mais elevados de credibilidade e reconhecimento terá que beber em fontes mais críticas sob pena de realizar apenas “uma caricatura de desporto, que justifica teorias-mitologias, imagens simplificadoras e, sobre o mais, a reificação do ser humano”. (MANOEL SERGIO, 2003, p. 18).

⁴⁴ Depoimento obtido através de entrevista com o Jornalista e Professor Paulo Leandro, em 08 de setembro de 2004.

O conhecimento sobre a comunicação com foco no esporte e no lazer pode ser tratado de várias formas. As possibilidades didáticas nessa área de conhecimento precisam ser garantidas na formação dos profissionais do jornalismo e da educação e devem promover “a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida do cotidiano, com e através dos meios de comunicação” (PORTO, 2003, p. 86). Ainda no entender de Porto, para que o campo articulador entre a educação e a comunicação possa partilhar, com altivez, o mundo contemporâneo, faz-se necessário “processar criticamente as informações/linguagens dos meios de comunicação, inserindo e preparando o indivíduo para as ambigüidades e complexidades de um tempo e contexto mediados por tecnologias” (p. 83).

A força da mídia televisiva e sua repercussão formativa junto aos docentes e jornalistas que organizam seu trabalho pedagógico, observando as juventudes e a cultura esportiva, precisam ganhar tratamento mais amplo e complexificado nos seus respectivos currículos.

3.4.1 Produção do conhecimento em mídia esportiva nas sociedades científicas e revistas brasileiras

A discussão, envolvendo comunicação e esporte tem ampliado seu referencial teórico e sua experiência de pesquisa no Brasil. Levantar sua produção com o objetivo de reconhecer o caminho trilhado até o momento e desenhar novos desafios nesse campo é uma tarefa já experimentada. Em artigo demandado pelo Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, cujo desafio

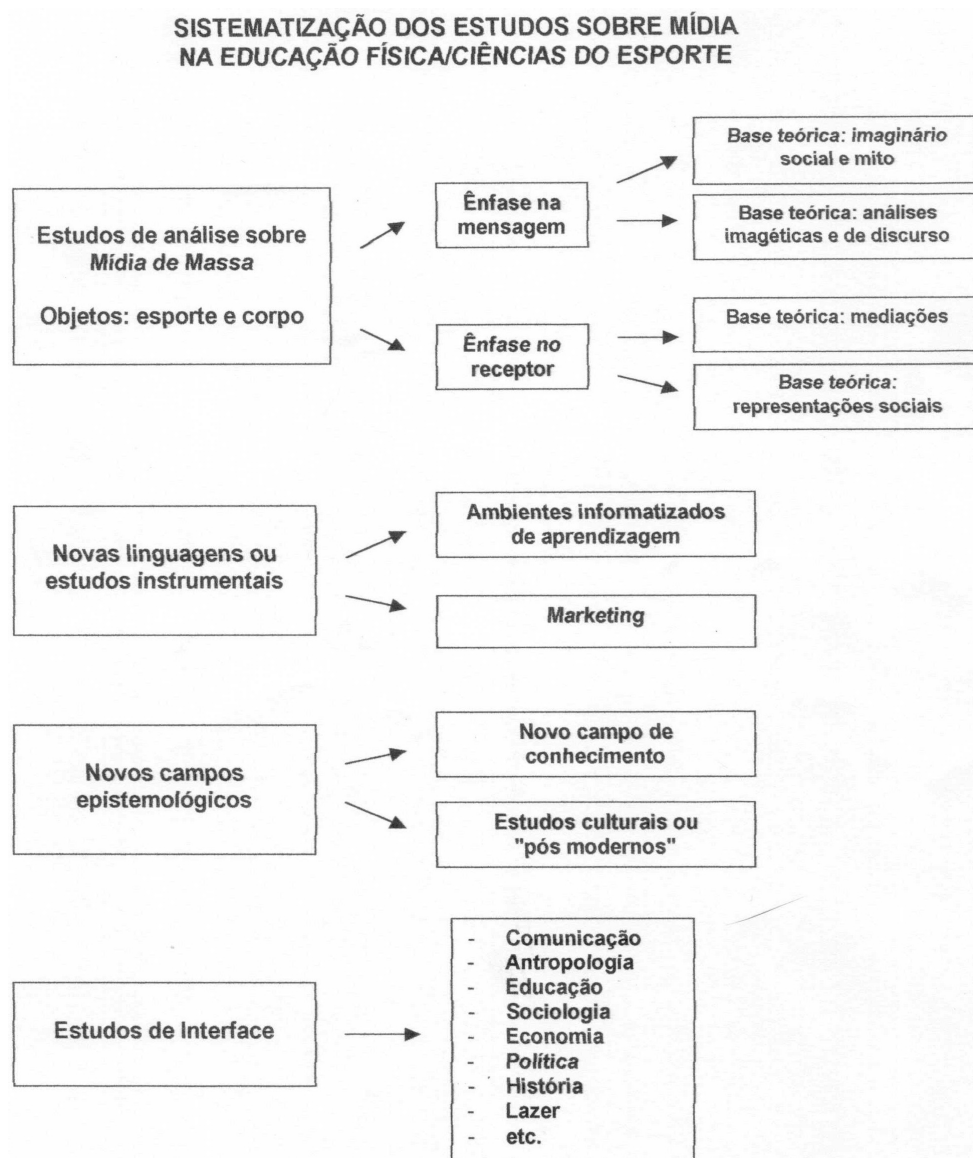
foi reconhecer o estado da arte no período de 1997 a 2001, produziu “uma síntese classificatória” acerca do esporte e mídia.

Segundo Pires, a intenção se limitava a traçar pequeno quadro contextual didático que expressasse, tanto quanto possível, o “estado atual da arte” da pesquisa na área da Educação Física/Ciências do Esporte (EF/CE) referente ao campo comunicacional e midiático (2001, p. 2). O campo temático envolvendo a comunicação no âmbito da Educação Física e Esporte, conquistou espaço institucional e ementário com a criação dos Grupos de Trabalho Temáticos em 1997, durante a décima edição do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

Foi neste contexto que a conexão Educação Física/Esporte, Comunicação e Mídia tornou-se temática interdisciplinar de estudos nas Ciências do Esporte, privilegiando, como afirmava a sua ementa, *‘os estudos em Educação Física/Ciências do Esporte relacionado aos interesses influências e possibilidades de interação deste campo de conhecimento/intervenção com as diferentes mídias e tecnologias comunicacionais’* (GTT3 - CONBRACE, 1997).

No congresso seguinte (XI CONBRACE), em Florianópolis, diante das dispersas informações sobre o tema e considerando o relevo da sistematização dos trabalhos socializados até então, foi construído um quadro com as quatro grandes linhas e suas principais temáticas e tendências do primeiro ano de funcionamento do grupo: *os estudos relacionados à área do marketing*, envolvendo tanto o âmbito público quanto o privado; *a área da mídia informativa de massa*, referente à veiculação de temas da Educação Física/Ciências do Esporte, especialmente o esporte; *o campo das chamadas novas tecnologias educacionais*, que se refere ao uso pedagógico dos recursos da informática e da internet; *estudos de reflexão teórica*, marcadamente críticos

sobre à interação esporte e mídia de massa na cultura contemporânea. O esforço de agrupamentos temáticos e ênfase de estudos pode ser percebido no quadro (02) de sistematização:



QUADRO 02 – Sistematização dos Estudos sobre mídia

A partir do quadro de sistematização, constata-se o desaparecimento de trabalhos sobre marketing, ao tempo em que surgem novas interfaces como podemos observar na descrição histórico-crítica desenvolvida por Pires (2003).

Examinando-se a produção sobre mídia no âmbito da Educação Física, a partir do esquema proposto, pode-se perceber que o principal foco dos estudos, ao menos quantitativamente, está centrado na análise de como os *meios de comunicação de massa* se apropriam e veiculam temas da área, especialmente aqueles que têm como principal objeto a produção/veiculação *do esporte telespetáculo* (Betti, 1998) ou a construção da *imagem social de corpo*. Duas são as principais ênfases identificadas entre estes estudos: i) os que centram suas análises na própria *mensagem* veiculada pelos meios e ii) aqueles que preferem examinar como os *receptores* percebem e atribuem significados a ela. Nos primeiros – centrados na mensagem –, as principais bases teóricas utilizadas são relativas ao exame da produção do *imaginário social* e do *mito do herói* no esporte, e aos estudos que promovem *análises semióticas e/ou de discurso* sobre imagens/textos relacionados à construção do discurso midiático sobre esporte ou corpo. [...] Já os estudos de recepção têm como principais quadros de referência o conceito de *mediações* e a teoria das *representações sociais*, compreendendo, entre os primeiros, aqueles que examinam como se dá o processo de atribuição de sentidos à mensagem midiática e, entre os últimos, a análise das formas como estes significados são individuais e socialmente manifesto pelos receptores. (p. 18).

O texto de Pires (2003) reconhece que o segundo agrupamento de trabalhos se caracteriza pela dimensão *instrumental*, na qual,

[...] percebem e operam os meios tecnológicos de informação como facilitadores do acesso e apropriação de conteúdos temáticos específicos. Entre estes, destacam-se as propostas comunicacionais que preconizam a utilização das *novas linguagens midiáticas* para o desenvolvimento de *ambientes informatizados de aprendizagem* ou como estratégia para a veiculação de material de *marketing promocional* ou *institucional*. [...] Com algumas sutis, mas importantes diferenças em relação aos anteriores, destacam-se os estudos que pensam as oportunidades viabilizadas pela mídia, especialmente a informatizada, como *novos campos epistemológicos* para a Educação Física. Para estes, mais do que uma nova linguagem, o mundo digital e em rede configura-se como um amplo espaço comunicacional virtual, com influência não apenas na transmissão mas sobretudo na produção de novos conhecimentos para a cultura de movimento, o esporte, o lazer, etc. O entusiasmo com estas possibilidades vai da proposição do surgimento de um *campo de conhecimento e profissional próprio*, resultante da interação entre Educação Física e Jornalismo, até os *estudos culturalistas*, aqui denominados ‘*pós-modernos*’, por identificarem, em determinadas práticas corporais associadas a novas ferramentas da mídia, a presença de elementos de uma cultura pós-estruturalista. [...]. (p. 18).

Do último grupo de trabalhos analisados, o autor pontua ser possível observar a promoção de

interfaces de outras ciências – como a História, a Sociologia, a Economia, a Medicina, etc. - com a Educação Física. A partir de referências conceituais e metodológicas destas outras áreas do conhecimento, tomam por objeto de estudo determinados conteúdos que integram o campo da Educação Física – especialmente os relativos a corpo e esporte. Referimo-nos aqui aos que interessam aos objetivos deste texto, isto é, aqueles que expressam relações, ainda que tangenciais, com a mídia.(p. 18 e 19).

A quantidade e a qualidade da produção de conhecimento no campo temático em tela têm sido destacadas pelo labor acadêmico e reconhecidas pelas sociedades científicas que discutem a mídia esportiva. Nesse processo, crescem os grupos de estudos, observatórios, experiências de ensino-pesquisa-extensão e de eventos científicos que se ocupam do referido tema.

A esse respeito, vale registrar dois ambientes científicos de debates e sessões para apresentações de trabalhos acadêmicos: o CBCE e a INTERCOM. O primeiro realiza o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, que acolhe o GTT de Comunicação e Mídia, reúne-se bianualmente e o segundo o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação que conta com o Núcleo de Pesquisa sobre Mídia Esportiva e mantém atividades congressuais todo ano. No primeiro, também chamado Conbrace (2001) foram apresentados, entre comunicações orais e pôsteres treze trabalhos. Para mostrar parte do desenho desses eventos, a seguir, relaciono a produção recente:

Quadro 03 - Relação de trabalhos apresentados no XII CONBRACE (2001)

- 1- Análise de conformidade ergonômica de programas informatizados para a educação física: proposta de um instrumento de inspeção
- 2- Corpo, propaganda e imaginário social
- 3- Cultura esportiva e mídia: abordagem crítico-emancipatória a partir da educação física
- 4- Hip-hop: tatuagens urbanas de uma cultura ordinária
- 5- Imagem e ação: a televisão e a educação física escolar (resultados iniciais)
- 6- Imagens de corpo impostas à infância nas pedagogias culturais em circulação
- 7- Mundo da (in)formação sobre a cultura corporal: desafios e caminhos para superar o modelo do mito
- 8- O campo esportivo e a mídia: a educação física em silêncio
- 9- O espaço escolar, a mídia televisiva e o “corpo”: um diálogo marcado pelas complexidades dos cotidianos da vida
- 10- Características e valores esportivos veiculados em programas de televisão
- 11- De corpo “sarado” à qualidade de vida: analisando alguns significados das práticas corporais para profissionais atuantes em academias de ginástica
- 12- Mídia impressa e Copa Davis no Brasil: descrição e comentários
- 13- Televisão e educação física: parceira pedagógica ou simples veículo de massa?

O evento também denominado Intercom, contou, na sua edição de 2002, com cerca de quatro mil participantes; uma vasta programação científica e com um conjunto de dezoito núcleos de pesquisas. Dentre os núcleos da Intercom, chamo a atenção para o denominado “Mídia Esportiva” que acolheu, no referido ano, onze comunicações:

Quadro 04 - Relação de trabalhos apresentados no XXV INTERCOM (2002)

- 1- O esporte como uma construção específica no campo jornalístico
- 2- O corpo em questão: metamorfosepsíquica a partir das atividades físicas
- 3 - Quando a rede entra em campo - as relações entre futebol e novas tecnologias de comunicação. a partir da lista de discussão flamengo.placar
- 4- O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual
- 5- Considerações sobre o país do futebol: mídia e copa do mundo no Brasil
- 6- Futebol, jornalismo e promoções
- 7- Percepciones e imágenes de público del periodismo deportivo local
- 8- A falação esportiva (o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol)
- 9- Comunicação nas organizações desportivas
- 10- Muito além das quatro linhas: um estudo das ciências do futebol
- 11- A reconstrução do jornalismo esportivo, o movimento social e a academia: uma experiência educacional unindo teoria e prática no compromisso com a sociedade
- 12- Esporte e juventude, uma experiência em educação pelo esporte

Nos congressos realizados em 2003, foi evidente o crescimento no GTT de Comunicação e Mídia do CBCE.

Quadro 05 - Relação de trabalhos apresentados no XIII CONBRACE (2003)

- 1- Categorização dos trabalhos apresentados no GTT – Educação Física/Esporte, Comunicação e Mídia, no XII CONBRACE/2001
- 2- O primeiro olhar: a linguagem audiovisual na Educação Física escolar
- 3- Na voz de professores de Educação Física: o corpo que ganha visibilidade na mídia televisiva – tecendo significados
- 4- A história do esporte e do poder na era Vargas: do estado novo aos braços do povo – uma óptica da imprensa escrita carioca no período de 1930 a 1954

- 5- De repente é aquela corrente pra frente (a grande imprensa brasileira e a cobertura das últimas copas do mundo)
- 6- Educação Física e mídia
- 7- Voleibol e mídia: lances de um “jogo” desconhecido
- 8- O corpo modificado, os discursos da mídia e a educação multirreferencial
- 9- Mídia impressa e representações sociais expressas por competidores do ironman Brasil/2002: em busca de consensos fabricados
- 10- A fantasia do real – a mídia e o corpo virtual
- 11- As práticas corporais na mídia: os significados da musculação para freqüentadores de um parque público
- 12- As relações entre o esporte contemporâneo e o olimpismo na cobertura dos jogos olímpicos
- 13- Big Brother Brasil: a vez do programa ficar no “paredão”.
- 14- Metáforas do esporte – imagens e narrativas de guerra: o uso da linguagem esportiva na cobertura jornalística da guerra entre os Estados Unidos e o Iraque
- 15- Estaríamos caminhando para uma implosão do espaço-tempo e para a desrealização? algumas implicações das teorias de Jean Baudrillard e Paul Virilio sobre o virtual para a educação/educação física
- 16- A mídia e a idolatria na copa de 2002
- 17- A imagem da atleta de futebol feminino na mídia impressa brasileira: análises e reflexões
- 18- Imagenes de los ídolos. aportes del interaccionismo de goffman para el análisis de personajes deportivos
- 19- Dança em projetos sociais: análise da construção de sentidos no discurso jornalístico
- 20- Cultura & televisão: os programas esportivos e suas implicações na formação da juventude
- 21- Mídia esportiva e educação física escolar: um estudo de recepção para compreensão de sentidos/significados
- 22- A comunicação do árbitro de futebol
- 23- A mídia televisiva no processo de formação de um habitus

- 24- Aspectos positivos e negativos do modelo organizacional do esporte de rendimento
- 25- Desenvolvimento de tecnologia educacional no contexto da busca das metodologias emergentes no ensino de educação física
- 26- Estudo de possíveis influências de filmes publicitários no comportamento masculino relacionado à estética corporal
- 27- Luzes, câmera e ação: uma experiência audiovisual como produção do conhecimento em Educação Física
- 28- O papel do jornal a razão no posicionamento da marca do Santa Maria esporte clube
- 29- Programas esportivos televisivos: contribuições para educação física escolar

Em 2003, a Intercom voltou a se reunir e, na oportunidade foram apresentados os seguintes trabalhos:

Quadro 06 - Relação de trabalhos apresentados no XXVI INTERCOM (2003)

- 1- El interaccionismo de Goffman para el estudio de imágenes de personajes deportivos
- 2- A queda de um treinador: estratégias discursivas de agendamento e a demissão de Luxemburgo da Seleção Brasileira de Futebol
- 3- O jornalismo esportivo como ferramenta para a divulgação científica de um laboratório de tecnologia esportiva
- 4- Atividade física e corpo padrão: reflexões sobre estética e identidade pessoal
- 5- A família Scolari somos todos nós: questões de identidade brasileira na Copa de 2002
- 6- Esporte e sociedade: uma relação pautada pela mídia
- 7- Mídia e Esporte: a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro
- 8- O jornalista e o cartola: a evolução do jornalismo esportivo impresso na Bahia como resistência à ascensão política dos dirigentes de clubes

- 9- Cultura & televisão: os programas esportivos e suas implicações na formação da juventude
- 10-O *doping* e a cobertura jornalística
- 11-Relações do inter-sm com os meios de comunicação: decisões que orientam a promoção do produto futebol
- 12-O esporte e suas manifestações midiáticas, novas formas de produção do conhecimento no espaço escolar
- 13-Novas tecnologias e as torcidas virtuais - A transformação da cultura do futebol no século XXI
- 14-Copa do mundo 2002: mídia esportiva no âmbito da educação física escolar
- 15-Duas semanas de cobertura esportiva da *Folha de São Paulo* analisadas sob a ótica de gênero
- 16-O trio de erre's e Felipão divulgados pela Folha de S.Paulo

Esse conjunto demonstra o vigor e o crescimento que o campo temático vem ganhando nas sociedades científicas brasileiras e sinalizando sobre a importância de uma atitude mais sistematizada voltada para a organização do trato pedagógico referente à mídia esportiva, principalmente nos cursos de formação profissional em Educação Física, Jornalismo, bem como de Rádio e TV.

Ao lado dos trabalhos citados, levantamos⁴⁵ o conjunto da produção socializada nos seguintes periódicos científicos: Revista Motrivivência da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE); Revista Movimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS) e

⁴⁵ Tal levantamento contou com a participação intensa e direta da pesquisadora alagoana Joelma Albuquerque em estágio científico na UFBA bem como do Estudante Paulo Lima (UCSal) e do Professor e Doutorando em Educação Cláudio Orlando Nascimento (UFBA).

Revista Pensar a Prática da Universidade Federal de Goiás (UFG). A Revista Motrivivência é vinculada ao Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. Periódico de caráter anual teve o primeiro volume editado no ano de 1988 pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. A Revista Brasileira de Ciências do Esporte é um dos mais tradicionais periódicos científicos brasileiros na área da Educação Física/Ciências do Esporte e se constitui no principal órgão de divulgação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. A Revista Pensar a Prática é organizada por professores da Faculdade de Educação Física e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás. A Revista Movimento é uma publicação da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS) foi fundada em 1994 e acolhe artigos nacionais e estrangeiros.

No presente estudo, foram considerados artigos e resumos que circularam nesses periódicos ao longo das suas histórias. Assim, foram encontrados sobre o tema Mídia Esportiva, trabalhos em 23 revistas. Sendo que o primeiro trabalho aparece em forma de resumo e foi apresentado pelo Prof. Otávio Catani do Estado do Amazonas. A seguir, vieram, em 1990, dois artigos: um publicado na Revista Motrivivência, na época ainda vinculada a Universidade Federal de Sergipe, do Prof. Renato Miranda do Estado do Rio de Janeiro e o outro na RBCE. O tema na Revista Motrivivência aparece em três edições e na Revista Movimento, em dois. Trata-se de um periódico de caráter semestral, teve o primeiro volume editado no ano de 1998 (jan/jun.), já editou 7 volumes. Nessa revista, um artigo relacionado à temática foi encontrado.

Vale ressaltar que em alguns volumes aparecem mais de um artigo ou resumo sobre o tema. Dito isso, apresento o conjunto dos artigos e resumos, destacando seus dados de identificação/referência, autoria, título, problematização, objetivo (s), sistematização e considerações finais focados em cada trabalho. Foram analisadas as produções que circularam em cada revista até o momento da pesquisa.

A seguir a relação das revistas:

- 01 - Revista Motrivivência, Sergipe, Ano II, n.3, janeiro 1990.
- 02 - Revista Motrivivência, Santa Catarina, Ano XII, n.17, setembro 2001.
- 03 - Revista Motrivivência, Santa Catarina, Ano XIII, n.18, março 2002.
- 04 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.25, n.2, janeiro 2004.
- 05 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.25, n.1, setembro 2003
- 06 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.23, n.2, janeiro 2002.
- 07 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.22, n.1, setembro 2000.
- 08 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.21, n.2 e 3, janeiro e maio 2000.
- 09 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.21, n.1, setembro 1999.
- 10 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.19, n.1, setembro 1997.
- 11 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.18, n.3, maio 1997.
- 12 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.18, n.1, setembro 1996.
- 13 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.17, n.3, maio 1996.
- 14 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Belém, v.15, n.1, setembro 1993.
- 15 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Maringá, v.13, n 2, janeiro 1992.
- 16 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Maringá, v.13, n.3, junho 1992.
- 17 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Uberlândia, v.13, n.1, setembro 1991.
- 18 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.11, n.3, 1990.
- 19 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.11, n 2, janeiro 1990.

- 20 - Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Volta Redonda, v.05, n.1, setembro 1983.
- 21 - Movimento, Revista da Escola de Educação Física, UFRGS, Ano III, n. 4, 1996.
- 22 - Movimento, Revista da Escola de Educação Física, UFRGS, v.9, n. 1, junho 2003.
- 23- Revista Pensar a Prática: Goiânia, v. 3, julho/junho, 1999-2000

REVISTA MOTRIVIVÊNCIA

Referência	Autor	Título	Problematização
Ano II – Nº 3 – Janeiro, 1990. pág. 112 – 115.	Renato Miranda * Mestrando em Educação Física da UGF.	O Esporte na Televisão – o poder da mensagem vazia.	O esporte passou a ser assunto em qualquer parte do mundo, de uma maneira efetiva, quando surgiu seu maior instrumento de divulgação, a televisão. Na sociedade capitalista, o componente econômico é fator primordial dos intentos dominadores do esporte eficaz na incansável reprodução de ideologia que atinge um alvo fácil – o telespectador.

Objetivo (s)	Sistematização	Considerações / conclusões / recomendações
Aumentar o campo de discussão e reflexão sobre o assunto.	<ul style="list-style-type: none"> - Baseado em Sampaio, que considera que o esporte na televisão deve ser analisado em três pontos – a imagem, o conteúdo da mensagem e a emoção produzida. - Analisa a questão da audiência a partir do “Marketing Empresarial” vislumbrando no esporte uma nova fonte de lucros, ao mesmo tempo em que passa a ter nas mãos um instrumento de manipulação das massas. - Analisa a locução (apresentadores e comentaristas) – como a da TV Globo - a partir do entendimento que esta se utiliza de uma linguagem redundante e adjetiva, da exaltação, na qual, a criatividade e o conhecimento do que se está mostrando, confunde e irrita qualquer telespectador de bom senso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Nossos programas esportivos são mais do que simplesmente cansativos, são alienantes. No sentido de que o telespectador torna-se um teleguiado, quase um “bobo”, não permitindo que o público conheça o esporte na sua forma mais ampla, seu lado bom, ruim, suas diferenças, enfim a televisão tem que oportunizar o conhecimento e não “aperfeiçoar o desconhecimento e a mesmice”. - Propõe mudar. A televisão tem que criar, imaginar medidas que sejam transformadas. (...) é eminentemente importante que os responsáveis pelas seleções de programas esportivos saibam descobrir qual a melhor escolha e que locutores e comentaristas conheçam o que estão transmitindo e/ou comentando.

Referência	Autor	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P. 47-68, set./2001	Carlos Azevedo e Aldo Rabelo	A corrupção no futebol brasileiro.	O futebol é um dos aspectos de maior vitalidade do patrimônio cultural do povo brasileiro. A função da CBF é promover o futebol do país desde a divisão de base até a seleção principal, porém mesmo com uma entidade para esse fim o futebol não está bem..

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Apresentar síntese de partes do Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados, que investigou as relações entre a CBF e a multinacional Nike, além de aspectos pertinentes ao crescente e inexplicável endividamento da entidade federativa maior do futebol brasileiro.	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa como a mercantilização do esporte e seu potencial econômico – venda de direitos de uso de imagens de seleções, clubes e jogadores a empresas de produtos esportivos; direitos de transmissão; transferências de jogadores entre clubes e países; - Situa o porque da CPI para investigar o futebol; a crise na CBF; o contrato entre a CBF a Nike e a Traffic (analisa detalhadamente); - Analisa o contrato demonstrando como o mesmo colide, com os princípios apresentados no art.2º, IX e XII, da Lei Pelé; - Analisa sob quais condições foi assinado o contrato e o favorecimento da Nike; as ingerências da Nike; o desrespeito da justiça brasileira; depoimento dos representantes da Nike; a escalação do Ronaldo na copa 98; - Analisa ainda a má administração da CBF; as despesas com juros aumentados; os auxílios a federações filiadas à políticos; os desvios de recursos da CBF; empréstimos etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - A CBF foi convertida numa agência de negócios milionários que explora a imagem da seleção brasileira; - O “sistema” CBF desorganiza o futebol, submete o calendário a pressões de patrocinadores como emissoras de TV, e de interesses políticos; para isso corrompe dirigentes de clubes e de federações. E culmina com a falência do futebol.

Referências	Autor	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P. 47-68, set./2001	Édison Luis Gastaldo	Notas sobre um país em transe: mídia e copa do mundo no Brasil.	A publicidade durante a Copa do Mundo de 1998, refletindo sobre a relação entre futebol e cultura no Brasil.

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar os discursos oriundos da imprensa esportiva durante o período da copa ressaltando a dimensão mediatizada do futebol.	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho de campo etnográfico, utilização de diário de campo; - Analisa aspectos do país durante um jogo: quieto, ruas silenciosas, comércio fechado, etc; e o que representa um jogo para os brasileiros – momento ritual de celebrar a nacionalidade. - Observa a apropriação social do futebol como fato cultural, de diferentes formas; e sua simbologia da relação entre a seleção brasileira e o povo brasileiro; - Tece considerações sobre a mídia, em sua dimensão social (através de instituições), na dimensão de bens culturais vendidos como mercadorias, ressaltando seu poder ideológico. - Aborda a questão do discurso do esporte espetáculo, do esporte assistido que veicula a imprensa esportiva. (Eco, 1984). - Relaciona o tempo dedicado à Copa e a outros assuntos em telejornais e blocos comerciais. 	- p. 67. [...]. Se por um lado, um jogo da seleção brasileira, durante uma Copa do Mundo, é um fato social da maior importância, [...], por outro é importante destacar a construção social desta representação, e o papel desempenhado pelos veículos de mídia durante o período da Copa na obtenção de um consenso social neste sentido. Discursos mediatizados, [...] colaboram de modo ativo para sustentar e justificar a “eternização” de uma categorização do Brasil como o “país do futebol”.

Referências	Autor	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P. 69-84, set./2001.	Alfredo Feres Neto	Produção de subjetividade, subjetivação e objetivação: algumas contribuições de Félix Guattari e Pierre Lévy para a Educação Física.	A cada dia que passa, novas modalidades esportivas são criadas, particularmente as que pertencem à denominação de “esportes radicais”. Além desses, é cada vez maior o espaço ocupado pelo videogame e pelo esporte telespetáculo, principalmente enquanto atividade de lazer.

Objetivo(s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Os objetivos deste trabalho são subsidiar a Educação Física com alguns elementos que permitam compreender o processo de criação de novas modalidades esportivas, bem como contribuir com alguma idéias de Félix Guattari e Pierre Lévy.	<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta considerações sobre os esportes radicais (não apresenta características de competição, rendimento máximo etc.), jogos eletrônicos e telespetáculo (apresentam “embaralhamento” entre prática e assistência); - p. 78 - Sobre Félix Guattari e Pierre Lévy, o autor analisa que para o primeiro, as novas tecnologias de comunicação podem contribuir com o que chama de “produção de subjetividade” desde que sua utilização caminhe para a heterogênesse do humano e para a criação de novos Universos de Referência. Para o segundo, a virtualização se refere a própria humanização, onde as NTC devem ser pensadas como aprofundamento desse processo; - A partir das considerações sobre Guattari e Lévy, aponta elementos para compreensão da IC – Inteligência Coletiva, partindo da subjetivação e objetivação, na qual a resolução de problemas originais deve necessariamente passar pelo coletivo. - Levanta a hipótese de que se talvez os processos de subjetivação e objetivação, tornados conscientes e abrangentes pelo professor de Educação Física em suas aulas, possam contribuir para novas formas de vivenciar o esporte, que se contraponham ao modelo hegemônico inspirado no esporte espetáculo (...). 	<ul style="list-style-type: none"> - Remete a uma nova prática pedagógica que transcenda o mero ensino de técnicas de movimento dos conteúdos culturais da educação física – o jogo, a dança, o esporte, a ginástica, a capoeira etc. - Reconhece esforços nos últimos quinze anos, na construção de novas tendências pedagógicas. Sua possível contribuição, no referido trabalho, é a de acrescentar a este debate algumas idéias acerca da virtualização, entendida como “criação de realidade” e da experiência, “da qual emerge historicamente a cultura”. - Entende que a virtualização do esporte tem levado a maior necessidade de abordagens interdisciplinares, particularmente no âmbito escolar. Pensa que esse movimento pode elevar o esporte ao nível da cultura, apontando como problema a escola não perceber isso.

Referências	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P. 85-103, set./2001.	Maria Luiza Belloni	O lazer espetacularizado: cultura do narcisismo e indústria cultural.	A civilização técnica ou as sociedades tecnificadoras não podem ser caracterizadas como civilização do lazer, em virtude da redução progressiva da jornada de trabalho que ainda é insuficiente para provocar transformações profundas no tempo do não trabalho no âmbito da atual fase do capitalismo pós-fordista, neoliberal, globalizado. Paralelamente, aborda a questão da espetacularização do lazer, através da cultura do narcisismo e do esporte espetáculo, veiculado pela Mídia como diversão organizada.

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Discutir as relações imbricadas entre trabalho e lazer na chamada civilização técnica ou sociedades tecnificadoras.	<p>Analisa as categorias:</p> <p>-p. 86 -Lazer e trabalho, onde a tecnologia permite instituir formas de coesão e controle social [...]. Observa que em quase todo o mundo urbano e capitalista, já não há muitas tradições transmitindo uma arte de viver fora do trabalho, de discutir com seus pares sobre questões culturais ou políticas, sendo o tempo liberado do trabalho paulatinamente preenchidos pelas mercadorias culturais, importante para a prosperidade e estabilidade da economia.</p> <p>- p. 91 -Tecnologia e identidade. As comunicações de massa confundem harmoniosamente, e muitas vezes de maneira subreptícia, a arte, a política, a religião, a filosofia, e o comércio, reduzindo estes campos culturais a um denominador comum: a forma mercantil. (Marcuse, 1968).</p> <p>- p.94 – Espetáculo, esporte e narcisismo. Nesta sociedade de consumo globalizada e desigual, a indústria cultural ou do entretenimento apresenta-se como mecanismo poderoso de produção da consciência, coletiva e individual, que assegura a adesão da maioria da população a um modo de vida e a um modelo de consumo das quais elas estão definitivamente excluídas.</p>	<p>p. 100.- Considera que as idéias trabalhadas no texto revelam a preocupação com um fato social concreto: a presença massiva, em diferentes dimensões da vida social, de máquinas que “lidam” com o imaginário e a mente das pessoas que têm grande poder de atração. As relações que se estabelecem entre os indivíduos e os sofisticados dispositivos técnicos, que caracterizam esta passagem de século, recolocam a questão crucial do papel da ciência e da tecnologia, que ocupou tantos estudiosos durante o século XX.</p> <p>Cita ainda Donna Haraway e seu “Manifesto ciborgue? Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, publicado nos anos 80 que chama a atenção para a prevalência de uma interpretação falaciosa e parcial das relações entre ciência/tecnologia e seres humanos [...].</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P.107 - 111, set./ 2001.(Seção Ponto de Vista)	Mauro Betti	Esporte <i>na</i> mídia ou esporte <i>da</i> mídia?	Não existe esporte <i>na</i> mídia, apenas esporte <i>da</i> mídia. E ainda, se a mídia enfocasse o esporte como cooperação, auto-conhecimento, sociabilização etc., em vez da habitual ênfase no binômio vitória-derrota, recompensa extrínseca, violência etc., ainda assim estaria fragmentando e descontextualizando o fenômeno esportivo, pois a competição e uma certa agressividade são a ele inerentes. Admitir o esporte na mídia exigiria aceitar o pressuposto de que a mídia seria capaz de abordar o esporte em sua inteireza

Objetivo	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Descrever uma série de fatores que caracteriza o esporte <i>da</i> mídia.	<p>Utiliza-se de três categorias que caracterizam o esporte da mídia:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ênfase na falação esportiva – que informa e atualiza; conta história; faz previsões; explica e justifica; promete; cria polêmicas e constrói rivalidades; critica; elege ídolos e, por fim, dramatiza. 2. Monocultura esportiva – a ênfase quantitativa na falação das mídias no Brasil é evidentemente relacionada ao futebol.. 3. Sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo, como é o caso do esporte telespetáculo , que faz uso privilegiado da linguagem audiovisual. 4. Superficialidade – a cultura das mídias é a cultura do efêmero, do breve, do descontínuo.(Santaella, 1996). 5. Prevalência dos interesses econômicos –a lógica das mídias, em última instância, atende a interesses econômicos entronizando na televisão os índices de audiência. 	<ul style="list-style-type: none"> - A pobreza de conteúdo na TV brasileira é cada vez mais evidente; - Do ponto de vista político, a imposição de limites a esse processo teria que ser ditada pela própria sociedade civil, nos termos previstos pelo artigo 224 da Constituição Brasileira de 1988, que prevê o funcionamento de um conselho de comunicação social, até hoje não concretizado. - Conclui o texto apontando tópicos que se contrapõem aos cinco já citados, num exercício de imaginação do que deveríamos ler, ouvir e olhar se houvesse um outro lado, o do esporte na mídia.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P.113 -122, set./2001	Raquel Moysés	Morrer de tanto rir.	As coisas parecem só existir midiaticizadas apenas quando aparecem nos meios de comunicação, mas principalmente, quando a televisão fala delas. Isto aconteceria no mundo dos esportes e dos desportos que só dariam mostras de “existir” quando a mídia exaustivamente falca deles.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar as relações estabelecidas pela mídia televisiva e o esporte espetacularizado.	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa os grandes eventos, colocando que os mesmos transformaram de modo decisivo as relações lingüísticas e as estruturas comunicativas no âmbito esportivo, provocando o fenômeno que Bettetini chama de (re-regulamentação - uma predisposição, em uma adequação do referente esportivo à reelaboração quer terminará por produzir os signos de um discurso audiovisual. - Observa como o fenômeno esportivo produzido pela televisão, destituído de sua tradição festiva e ritual, provoca uma reviravolta nos hábitos de inteiras populações [...]. - Considera que a TV para transformar sua linguagem esportiva seguiu dois caminhos: 1. melhorar as técnicas de filmagem com a intenção de levar o ponto de vista do telespectador cada vez mais perto do centro da ação competitiva [...]. 2. O replay, a repetição da ação a partir de diversos ângulos, os caracteres eletrônicos e a computação gráfica fazem da TV cada vez menos da reprodução objetiva do espetáculo esportivo. 	p. 121 - [...] aqui, no Brasil, também parece haver alguns indícios preocupantes de que uma cultura <i>cafonesca</i> , rica de sensações desmesuradas, estaria reduzindo comunidades inteiras à passividade e ao egoísmo.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P.125 -132, set./2001	Tatiana Passos Zylberberg	A Internet como uma possibilidade do mundo da (in)formação sobre a cultura corporal.	A velocidade na transmissão de mensagens, a maior utilização de recursos tecnológicos e o crescente papel da auto-instrução na formação do indivíduo têm gerado mudanças nas formas de aquisição da cultura elaborada, afetando o campo do ensino e pesquisa em Educação, e por extensão em Educação Física.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Contribuir na produção e transmissão das informações sobre a cultura corporal com crianças e adolescentes, apontando como uma alternativa, a produção de um <i>website</i> .	<ul style="list-style-type: none"> - Na pesquisa bibliográfica foram questionados, por meio da metáfora do <i>modelo do mito</i>, os paradigmas adotados pela mídia nas escolhas ideológicas/estéticas, quando aborda questões sobre o corpo-movimento tanto em textos escritos como em imagens, para repensar os discursos explícitos e implícitos nas informações oferecidas dia-a-dia pela mídia para redimensioná-las a partir de bases científicas, com o propósito de transcender o estado atual; - Num subcapítulo foi feita abordagem de como os profissionais de Educação Física têm estudado o papel da mídia nos caminhos do esporte, por intermédio, principalmente, das publicações de artigos do CONBRACE –CBCE, no GTT de Mídia 	<ul style="list-style-type: none"> - O “mundo da (in)formação” é, então, a proposta de um ambiente de aprendizagem que supera a visão unidirecional e linear do conhecimento, da memorização e repetição de informações, para a visão multidimensional e complexa do conhecimento por meio da aprendizagem para a compreensão. - A idéia é propiciar às crianças e adolescentes o desafio de aprender para a compreensão sobre a cultura corporal. A proposta é organizar diferentes atividades num crescente de complexidade de acordo com as quatro etapas referentes aos níveis de compreensão. [...] - É importante destacar que a opção de utilizar o computador define-se como mais um caminho para a aprendizagem. - Os professores precisam se conscientizar que a rede não se limita a ser uma fonte inesgotável de pesquisas e dados quantitativos, mas além disto, permite usufruir de seus recursos para re-criar formas de aprender os conhecimentos de sua área de investigação e atuação.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P.135 -144, set./2001. Seção Experimentando.	Coletivo do Centro de Desportos/UFSC.	Mídia impressa e Copa Davis no Brasil: descrição e comentários.	Desenvolver competências técnicas e conceituais para a compreensão da mídia esportiva pode constituir-se em um dos objetivos da formação acadêmica em Educação Física.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Desenvolver e aplicar procedimentos de leitura/interpretação da mídia esportiva, perspectivando-a como uma temática transversal aos demais conteúdos da área.	<ul style="list-style-type: none"> - Faz aproximações teóricas com o objeto de estudo, a partir do entendimento de que as representações socialmente construídas da realidade e a opinião pública a respeito dos fatos que a compõe é essencialmente um produto da interação dos diversos atores sociais, entre os quais os meios de comunicação de massas exercem papel destacado. - Utiliza análise documental de dois jornais sob abordagem quantitativa por meio de protocolo de critérios. A análise qualitativa teve por objetivo demonstrar as tendências da cobertura jornalística [...]. 	<ul style="list-style-type: none"> - Admite que reconhecer como os sentidos/significados são construídos e agendados na cultura cotidiana da sociedade pode representar uma ferramenta didática diferenciada para o professor da área [...]. Neste sentido, é possível perceber que tais influências variam conforme os interesses editoriais e/ou comerciais de cada órgão ou veículo de comunicação de massa. - A mídia impressa [...] mostra-se também sensível e reproduz emoções decorrentes do senso comum, como o discurso nacionalista/otimista, a exaltação individualização de atletas elevados à categoria mítica [...]. - o trabalho cumpriu seu papel enquanto estratégia pedagógica.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XII, nº 17, P.159 - 166, set./2001. Seção Porta Aberta.	Vera Regina Toledo Camargo	Comunicação esportiva: fluxos convergentes entre as Ciências da Comunicação e o Esporte	A relação entre esporte e a comunicação foi estabelecida desde o surgimento da atividade esportiva, enquanto atividade lúdica. Existem reações comunicacionais diferentes e distintas e que precisam ser contextualizadas.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Apresentar os meios de comunicação de massa como fator decisivo para a implantação e divulgação dos acontecimentos esportivos.	<ul style="list-style-type: none"> - Introduz uma discussão sobre os conceitos de Alcoba (fluxo da comunicação esportiva), onde o mesmo enfatiza que existe um processo comunicativo em cada etapa da estruturação do jogo e a relação esporte-espetáculo no contexto da Comunicação Esportiva. - Considera, a partir de Alcoba, que existem reações comunicacionais que precisam ser contextualizadas: a comunicação primária (contato pessoal entre os competidores e espectadores, que relatam suas experiências) e a secundária (em virtude das transformações comunicacionais provocadas pelos meios de comunicação de massa). - Vale-se de DIGEL (1995) para dissertar sobre o impacto da informação esportiva, considerando cinco características destes efeitos: a) conhecimento a respeito de um fato; b) alterações e padrões de lingüística; c) ações sociais; d) atitudes e e) emoções. O jornalista deve proporcionar ao leitor, se a notícia exigir, os enfoques políticos, econômicos e sociais que estão intrinsecamente presentes na disputa esportiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os aspectos mercadológicos que envolvem o esporte são absorvidos e consumidos mais facilmente pelo receptor. Seu caráter é imediato e o retorno financeiro é necessário para que a emissora de televisão tenha lucros. Entretanto, corremos um risco, porque os aspectos mercadológicos relacionados com o esporte são facilmente substituídos por outros. São valores de duração efêmera. - Nenhuma das teorias sobre o esporte ou a Educação Física consegue alcançar a dimensão e a importância entre o esporte e os meios de comunicação. - Enfatiza a necessidade da aproximação entre os profissionais do Esporte e da Comunicação, contribuindo para o crescimento e a valorização da Comunicação Esportiva.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XIII, n.18, p.15-31. Março/2002.	Carmen Rial	Televisão, futebol e novos ícones planetários: aliança consagrada nas copas do mundo.	A recente Copa do Mundo de futebol 2002 bateu novo recorde de recepção, ultrapassando a copa de 1998 e colocando-se na frente entre os ventos mais vistos do planeta. Cálculos aproximados indicam que mais de 40 bilhões de espectadores assistiram aos jogos desta Copa, em audiência acumulada.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
<p>- Como (de que modo através de quais estratégias narrativas) a televisão tem construído imaginários sociais ao tratar do futebol – o acontecimento mais assistido do planeta;</p> <p>- quais as características principais enfatizadas nestes imaginários sociais, ou seja, que valores são reforçados pelas narrativas.</p>	<p>Considera a transmissão de uma partida de futebol como: <i>documentário</i> (GAUTHIER, 1995): atores que representam seu próprio papel sem roteiro pré-fixado em um cenário que não foi construído especialmente para o filme; <i>ritual</i> (TURNER, 1990), ou seja, apresenta seqüências pré-determinadas e portanto, previsíveis na sua configuração mais geral.</p> <p>Tece considerações sobre as seqüências obrigatórias, seqüências esperadas, repetição, reprodução definitiva e tempo na televisão; relação atores – jogadores: nem sempre a boa performance esportiva é a melhor performance visual; nacionalidade, religião e masculinidade.</p>	<p>No caso desta Copa do Mundo, vencida pelo Brasil, a mídia mostrou o nacionalismo malandro, a masculinidade não-agressiva e romântica, e a religiosidade como valores centrais.</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XIII, n.18, p.33-52. Março/2002.	Caroline de Souza Ferreira e Fernando Mascarenhas.	Um banquete no olimpo: o esporte nas ondas do rádio.	As tecnologias da mídia, ao mesmo tempo em que criam novas formas de circulação de imagens e mensagens, alteram as dinâmicas de percepção e intervenção na realidade. Os veículos de comunicação de massa, quando a serviço dos blocos de poder interessados na manutenção do atual modo de organização societal, operam com a fragmentação, a descontinuidade e o simulacro, tendendo ao tratamento espetacularizado dos variados fenômenos contemporâneos.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Investigar como o esporte vem sendo tratado pela mídia na estrutura radiofônica, procurando problematizar a cobertura dos jogos olímpicos de Sydney, realizada pelo programa <i>Banquete Esportivo</i> da rádio universitária da UFG.	Considera o Esporte como produção histórico-cultural da sociedade “[...] numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica”. (Coletivo de Autores, 1992). Para analisar a categoria Esporte globalizado: mercadoria e espetáculo na feira do olimpo. A rádio universitária apresenta-se como veículo de informações e formador de opinião, com caráter efetivamente público, caracterizado por um conjunto de funções básicas, dentre as quais se destacam a social, a educativa, a cultural e a acadêmica.	<ul style="list-style-type: none"> - No trato dado ao esporte pelo programa durante o período, constatou-se que os conteúdos foram veiculados de maneira desconexa e deslocada dos princípios que norteiam o projeto geral da Rádio [...]; - Apresenta proposta de sistematização da programação; - Sugere a interlocução com os cursos da UFG, possibilitando a troca de experiência se conhecimento entre esses; - Propõe, para firmar os objetivos, uma constante avaliação de nossa prática para termos maiores chances de tornarmos realidade o que projetarmos. (Educação Física). - Indica o trabalho/estudo como forma de contribuir para a construção de um outro mundo possível.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XIII, n.18, p.53-76. Março/2002.	Giovani de Lorenzi Pires e Aguinaldo Gonçalves.	Estudos sobre a mídia esportiva na formação do professor de Educação Física: apontamentos de pesquisa-ação.	A constituição do campo da Educação Física tem sido objeto de diferentes abordagens teóricas, algumas inconciliáveis como, por exemplo, as relativas à existência/necessidade ou não de estatuto científico próprio (e do respectivo objeto de estudo).

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
A apresentar uma breve síntese do quadro conceitual e metodológico de pesquisa-ação realizada na UFSC; expor reflexões/interpretações decorrentes da análise de conteúdo do material produzido.	A partir da concepção crítico-emancipatória de (Kunz ,1994) foram buscados/refletidos conceitos da Teoria Social Crítica (Indústria Cultural, Semicultura, Esclarecimento) e da Sociologia Latinoamericana da Comunicação (Estudos de Recepção, Mediação e Dialética das Múltiplas Mediações). Vale-se da afirmação de Thiollent para justificar a pesquisa-ação; (sondagem, diário de campo, entrevistas, mesa-redonda, pesquisa/texto publicado). Utiliza unidades de codificação ou expressões de referência: bate papo, vendo com outros olhos, tematizar a realidade, receptor –sujeito, esclarecimento como processo, mãos à obra. Para a análise se utilizou da análise de conteúdo por Bardin s/d.	- Destaca a atualidade e adequação da Teoria Crítica para a compreensão crítica do papel da mídia na conformação no processo de mercadorização da cultura esportiva e na formação subjetiva de estruturas psicológicas e cognitivas adaptadas ao consumo acrítico desta produção simbólica. - Preconiza uma educação que tematize o discurso da mídia no âmbito da formação acadêmica e oriente-se para facilitar o acesso dos alunos a “ferramentas” (conceituasse técnicas) que lhes permitam efetuar a leitura crítica das mensagens subliminares [...].

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XIII, n.18, p.83-89. Março/2002.	Paulo Liedtke	O determinismo econômico na mídia e no esporte.	Considera que a época da Copa do Mundo é um momento sugestivo para discutir a influência da mídia no esporte.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Refletir sobre a interferência da mídia no futebol, levantando hipóteses sobre o determinismo econômico nesse e em outros esportes.	- Apresenta uma breve retrospectiva de fatos que ilustram a influência da imprensa e dos patrocinadores nos acontecimentos esportivos.	- É crescente o desencantamento do público com os eventos dessa natureza.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XIII, n.18, p.111-117. Março/2002. Seção experimentando.	Mario Luiz C. Barroso, Mellyssa da Costa Mol e Ricardo Lucas Pacheco.	Programa <i>Esporte Cultura</i> : “de pedra à vidraça”.	Com uma dinâmica de entrevistas e apresentação de matérias previamente gravadas, o “bloco amador” entra após os 60 primeiros minutos de programação esportiva dedicada ao futebol catarinense.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Tratar da produção e apresentação do programa de televisão “ <i>Esporte Cultura</i> ”, da UFSC TV transmitido ao vivo com o objetivo de formar e informar o telespectador.	- Disserta sobre a trajetória histórica do programa; demonstra como se organizaram as análises sobre programa (Tema, gancho, convidados, assuntos abordados, data de veiculação).	- O Programa em questão sofre algumas limitações técnicas (recursos audiovisuais etc.) e conceituais (as conversas com os convidados ainda são muito formais). - Recomenda que outros cursos de Educação Física situados em Universidades que tenham canais de televisão e/ou emissoras de rádio, possam também reivindicar espaço semelhante e se experimentem na condição de formadores de opinião, crítica sempre atribuída à mídia.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Ano XIII, n.18, p.131-142. Março/2002. Seção Porta Aberta.	Priscilla de Cesaro Antunes	As imagens do corpo feminino refletidas nos espelhos das mídias.	Desde 1900, as imagens de corpos femininos sempre foram objeto de atenção, apropriadas pelos meios de comunicação. O processo de mercadorização da imagem do corpo da mulher vem se tornando cada vez mais evidente, ao passo que a mídia o expõe cada vez mais descoberto para atingir seus objetivos capitalistas.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Informar os leitores acerca da temática. (implícito)	Retoma a discussão acerca do aparecimento e do comportamento do corpo feminino durante as décadas de 30, 50, 60, 70 e 80. Tece comentários acerca da deficiência no sistema educacional brasileiro, que contribui em muito para a alienação.	Ressalta a necessidade de informar e educar as pessoas de forma crítica e emancipatória, para que não sejam complacentes com tal apelo midiático e para que atuem em busca da resignificação da cultura de movimento midiaticizada. - A educação da criança, orientada de forma crítica e emancipatória, poderá contribuir para outra visão de mundo e sociedade [...] produzindo indivíduos atentos para interpretar os signos e os significados midiaticizados.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Referência	Autor (a)	Título
Set./83, pág.19, vol. 5, n. 1 (R)	Otávio Augusto Aníbal Cattani Fanali.	Esporte x Imprensa: divulgação.

Objetivo (s)	Sistematização / análise das informações
Comparar, em nível regional, o espaço ocupado pelas matérias sobre o esporte amador, em comparação ao esporte profissional (futebol) e a área total dos veículos informativos pesquisados.	-Procedeu com o levantamento de 3 jornais diários editados no Município de Manaus, AM, em um período de quinze dias, escolhidos aleatoriamente.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Jan../90, pág.123, vol. 11, n. 2 (R)	Maria Lícia Bastos Marques	Situação atual da informação desportiva na América Latina.	Demonstração do início da organização dos primeiros centros especializados de documentação e informação esportiva.

Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Faz uma exposição sobre a criação de entidades internacionais como o Conselho internacional para o Esporte e para a Educação Física que contribuíram para a indexação de literatura produzida como por exemplo no Brasil, Portugal e África. (em Língua Portuguesa).	.Aponta como fato novo na América Latina a união de entidades diversas como ministérios, secretarias, conselhos, escolas de Educação Física, Centros de Documentação, Institutos de Pesquisa, Comitês Olímpicos, editores e jornalistas, num esforço comum para a organização da informação desportiva.

Referência	Autor (a)	Título
Dez./90, pág.227, vol. 11, n..3 (R)	Sérgio Carvalho - UFSM	Proposta de Utilização do veículo rádio na difusão da Educação Física.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
<ul style="list-style-type: none"> - Propor o uso do rádio na difusão da Educação Física; - Verificar alterações na atitude de estudantes nas dimensões sociais, afetivo-emocional, intelectual, diagnóstico da realidade e saúde, em relação à percepção da atividade física, usando o veículo rádio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Foram utilizados 83 sujeitos. Grupo experimental (52) e de controle (31). -Utilizou pra medir a atitude dos alunos o questionário tipo Likert com 30 questões. -Foi feita a média do somatório dos escores. 	.Os resultados evidenciaram a importância do programa radiofônico na difusão da Educação Física.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Dez./90, pág.227, vol. 11, n..3 (R)	Sérgio Carvalho – UFSM	Caminhos da Educação Física via rádio – uma proposta alternativa.	Ressalta a importância do veículo rádio na difusão da Educação Física.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Propor um programa radiofônico alternativo a partir do Projeto Caminhos da educação Física do centro Brasileiro de Rádio educativo Roquete Pinto – Rádio – MEC – AM – Rio de Janeiro..	<ul style="list-style-type: none"> - Amostra de 52 sujeitos de ambos os sexos, alunos de Licenciatura em Educação Física da UFSM / 4º e 5º semestre letivo. - Aplicação de tratamento estatístico. 	<ul style="list-style-type: none"> - As atitudes sobre Educação Física, dentre os estudados, se mostraram positivas. - Constatou-se que o programa alternativo atingiu em maior escala a expectativa dos sujeitos entrevistados. - Evidenciaram diversos níveis de diferenças nas atitudes dos grupos experimentais. - Ambos os programas mostraram-se eficientes

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set./91, pág.95, vol. 13, n. 1 (R)	Alexandre Fernandez Vaz	O Esporte enquanto elemento constituinte da Indústria de Espetáculo.	Considera o esporte moderno como um elemento importante na cultura de massas, tanto como forma de entretenimento, como, associado a este primeiro item, ponto relevante na disseminação de ideologia.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Compreender o esporte moderno em seu desenvolvimento histórico até a forma que atinge como esporte-espetáculo.	- Tece considerações sobre o crescimento dos meios de comunicação de massa, como a televisão, responsável pela disseminação de uma forma cultural hegemônica em relação ao movimento humano que se traduz no esporte – espetáculo.	Não se pode mais compreender o esporte fora de sua caracterização de espetáculo para as massas, nem se pode esperar que dele surja (por suas características de comparação objetiva e sobrepujança) qualquer possibilidade de crítica à sociedade, diferentemente ao que acontece com a arte.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set./91, pág.100, vol. 13, n. 1 (R)	Sérgio Carvalho	Comunicação e seus meios na educação física: uma proposta.	Surgimento de novas tendências ou linhas de pesquisa envolvendo a Educação Física e outras áreas e a necessidade de uma ampla divulgação dos resultados obtidos nessas tendências.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Alerta para o surgimento de novas tendências e linhas de pesquisa envolvendo a Educação Física e comunicação e a necessidade de divulgação dos resultados dos estudos realizados.	Com o surgimento de novas tendências e linhas de pesquisa envolvendo Educação Física e Comunicação o autor a partir do aumento do número de estudos, propõe formas de divulgação dos mesmos.	- Recomenda a criação de uma área interdisciplinar (Comunicação e Educação Física); - O Centro de Educação Física e Desportos da UFSM – RS oferece subsídios aos profissionais interessados em difundir e estudar a comunicação e seus meios enquanto fenômeno de massa.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set./91, pág.120, vol. 13, n. 1 (R)	Luiz Alberto Batista, M. Ed. & Marcos Avelar do Nascimento – UERJ.	Educação Física e Mídia Esportiva: a eficiência no trato do senso comum.	O pensamento progressista em EDUCAÇÃO FÍSICA aceita a idéia de que esse campo pode servir como elemento importante dentro de um processo de mudança social (Guiraldelli, Júnior, 1988). Parte do pressuposto de que seu conteúdo deve conter características que viabilizem o atingimento deste objetivo e que outros setores da sociedade também lancem mão desses conteúdos em benefício próprio para traçar seu objetivo.

Objetivo (s)	Sistematização/análise e das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Identificar características e discutir em que magnitude de eficiência ela é trabalhada pelos usuários.	-Utilizou um “corpus de análise” constituído por textos e discursos orais.	- A análise desvelou indicadores de que a mídia manipula, organizando e dando coerência interna ao bom senso contido no senso comum (Gramsci, 1955), do desporto.(Batista, 1988), para conseguir vender objetos de consumo. - Em função do potencial de penetração popular da mídia ser maior que o do profissional de Educação Física, esse último deve, em primeiro lugar ter conhecimento acerca da questão da manipulação do senso comum e em segundo, desenvolver uma ação coletiva que fortaleça uma práxis pedagógica voltada para o alcance de mudanças sociais significativas.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set./91, pág.170, vol. 13, n. 1 (R)	Juliana Souto Santos	TV: a criança na arte do enquadramento.	A influência da televisão no comportamento das crianças em Aracaju, descaracterizando as brincadeiras de rua.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Busca as influências da televisão no comportamento das crianças em Aracaju e as suas contribuições para a para a descaracterização das brincadeiras de rua.	<ul style="list-style-type: none"> - Divide o conteúdo em quatro itens: 1) mudança social; 2) a televisão na sociedade de consumo; 3) historização das brincadeiras de criança; 4) modificação nas crianças a partir da presença da TV; - Apresenta em anexo: fotografias; questionários; reportagens; entrevistas com sociólogos, educadores e psicólogos; - Utiliza o método observacional e o método comparativo; - Busca embasamento teórico através de leituras e pesquisas para subsidiar as respostas encontradas. 	.- Pode verificar o desempenho da televisão como aparelho alienador das grandes massas, que está a serviço da classe dominante, contribuindo, conseqüentemente, para uma perda de identidade cultural das brincadeiras populares.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set/91, pág. 221, vol. 13, n.1 (R)	Sérgio Carvalho	A influência de programas radiofônicos na mudança de atitude quanto a percepção da atividade física em escolares de ambos os sexos.	Influência dos problemas radiofônicos na atitude de escolares.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Verificar a influência de programas radiofônicos na atitude de escolares do 2º grau da rede	Seleção de 52 sujeitos de ambos os sexos que responderam a um questionário com 30 itens sobre a percepção da atitude em relação à atividade física, divididos em questões pertencentes as dimensões: social, afetivo-emocional, intelectual, diagnóstico da	Os resultados encontrados evidenciaram alterações na atitude em relação a percepção da atividade física. Sendo que no

estadual de ensino no RS.	realidade em saúde em pré e pós teste. Com veiculação de um programa radiofônico em circuito fechado, tendo como alvo o atingimento das dimensões citadas e servindo igualmente como tratamento.	grupo masculino houve uma melhora nas dimensões intelectual e afetivo – emocional, já o grupo feminino houve alterações significativas na dimensão intelectual.
---------------------------	--	---

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set./91, pág.222, vol. 13, n. 1 (R)	Sérgio Carvalho	Caminhos da Educação Física via rádio – uma proposta alternativa.	Construção de uma proposta de rádio alternativa

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Propor através do conhecimento antecipado do Projeto Caminhos da Educação Física do centro Brasileiro de Rádio educativo Roquete Pinto – Rádio – MEC – AM – Rio de Janeiro um programa radiofônico alternativo.	<ul style="list-style-type: none"> - Amostra de 52 sujeitos de ambos os sexos, alunos de Licenciatura em Educação Física da UFSM. - Tratamento estatístico. 	<ul style="list-style-type: none"> - As atitudes sobre Educação Física, dentre os estudados, se mostraram positivas. - Constatou-se que o programa alternativo atingiu em maior escala a expectativa dos sujeitos entrevistados. - Evidenciou diversos níveis de diferenças na atitude dos grupos experimentais levando a inferência de que houve importância do programa radiofônico alternativo utilizado como estímulo na difusão da Educação Física.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Jan./92, pág.308, vol. 13, n. 2 (R) Seção de resumos de dissertações e teses.	Ana Márcia de Souza	Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano	No decorrer do último século, o esporte tem se apresentado com diferentes objetivos e características. Este fenômeno da cultura é criação da sociedade industrial moderna, atendendo a seus modelos e formas de relação entre os homens. [...] Com essa nova caracterização, o esporte vai sendo difundido por todo o mundo e seu estatuto de mercadoria acaba superando os outros objetivos potencialmente existentes.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Apontar indícios de que o processo de mercadorização do esporte não se dá apenas em sua conformação exterior. Transforma, também, o movimento corporal humano no interior do esporte, direcionando-o de maneira a adequá-lo ao caráter de espetáculo que o esporte precisa apresentar com vistas a sua colocação no mercado.	<ul style="list-style-type: none"> - Discute a estrutura das sociedades que têm como ordem econômico-social o capitalismo feito a partir do referencial da “crítica à economia política” e de suas categorias de análise. - Busca compreender a nova forma de espetáculo assumida pelo esporte a partir das categorias de análise. - se propõe mostrar concretamente o processo de mercadorização do esporte e a conseqüente alteração do movimento corporal que o constitui a partir da influência das ciências aplicadas e dos meios de comunicação de massa. 	É preciso salientar que não é uma preocupação deste estudo situar a discussão especificamente no Brasil, por entender que a caracterização atual da sociedade brasileira é, em maior ou menor grau, similar a todas as demais sociedades industriais modernas.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Jun/92, pág.357, vol. 13, n. 3	Vicente Molina Neto	Marketing Esportivo	Como na maioria dos lugares do mundo, no Brasil, as pessoas, em várias situações e lugares, participam, individualmente ou em grupos, assistindo ou praticando ativamente de atividades esportivas. Atividades de caráter formal, institucionalizadas, ou informal, sob a ótica do lazer.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Encaminhar algumas reflexões sobre o marketing esportivo, na tentativa de melhor compreender essa face do fenômeno esportivo, suas relações e seus efeitos na população.	<p>- As considerações são frutos de discussões em conjunto com alunos da disciplina Evolução II, agora denominada de Administração e Marketing esportivo do currículo da ESEF/IPA e nas disciplinas Planejamento e Administração Esportivo, e Futebol Técnicas avançadas, na graduação da ESEF/UFRGS.</p> <p>- Analisa categorias como: Esporte: instrumento e produto de venda; Evolução do marketing a marketing esportivo; Estratégias globais;</p>	<p>O autor afirma que a apropriação completa do esporte de alta performance pela mídia eletrônica é um caminho irreversível.</p> <p>As relações de poder advindas da internacionalização da economia já emitem sinais na área esportiva. Afirma que não se trata de destruir ou não utilizar os conceitos e os princípios do Marketing até agora institucionalizados. O que precisamos é redefinir quais os valores éticos e morais fundamentais e inegociáveis sob qualquer tipo de negociação.</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Jun/92, pág..370, vol. 13, n. 3.	Eliane Pardo Chagas.	Educação Física: reflexo das concepções dominantes sobre o controle do corpo feminino.	Quais os aspectos relativos às formas e meios de como o corpo feminino se padroniza na sociedade de consumo?

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar os aspectos relativos às formas e meios de como o corpo feminino se padroniza na sociedade de consumo, especificamente na brasileira, através da aquisição de modelos hegemonicamente estabelecidos e assumidos, consciente ou inconscientemente.	Utilizou-se de análise bibliográfica e documental, tomando como base interpretativa o Materialismo Dialético Histórico.	Considera que a resistência encontra-se no cerne dos conflitos sociais e que os conflitos entre os sexos devem ser superados a partir de uma transformação radical nas práticas de Educação Física, resgatando aspectos importantes que poderão ser potencializados dentro de uma nova visão de Educação Física.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set./93, pág.56., vol. 15, n. 1 (R)	Marcos Avelar Nascimento	A mídia e o senso comum no futebol.	Quais os elementos senso comum existentes no futebol e que são manipulados pela mídia?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Identificar os elementos do senso comum presentes no futebol e manipulados pela mídia.	- Basea-se no conceito Gramsciano de senso comum e utiliza uma das técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 1977) para investigar um corpus de análise constituído por reportagens do jornal O Globo, O dia e dos Sports no período de 15 dias que antecederam a Copa do Mundo de 1993. - Foi feita a análise de três categorias: incoerência, acriticidade e incoerência.	A mídia, ao se utilizar da presença do senso comum no futebol além de conseguir vender seus objetos de consumo, também atua como aparelho ideológico informativo.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set./93, pág.56., vol. 15, n. 1 (R)	Poliana Paiva Araújo	A influência da mídia na relação desporto- drogas. UERJ.	Muitas vezes as relações entre desporto e drogas se apresentam turvas e carentes de um maior aprofundamento teórico dentro dos procedimentos encontrados por parte dos meios de comunicação. Como a mídia utiliza essa relação?

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Discute as reais utilizações, por parte da mídia, das relações entre desporto e drogas, sejam elas lícitas (álcool e tabaco) ou ilícitas (todas as demais).	Utilizou-se de técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 1977) sobre propagandas veiculadas em redes de televisão captadas pelo estado do Rio de Janeiro e em revistas nacionais e internacionais não-especializadas.	Percebe que as relações econômicas se fazem preponderantes, levando à veiculação simultânea de propagandas que utilizam o desporto contra o consumo de algumas drogas em detrimento de outras.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set./93, pág.44., vol. 15, n. 1 (R)	João Alberto Lisot – SESC Taguatinga – DF.	O uso da informação no ensino da Educação Física.	Qual o valor que as informações assumem no ensino da Educação Física? Quais as informações úteis e necessárias para a prática de ensino?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Realizar uma discussão sobre o valor que a informação pode assumir no ensino da Educação Física, analisar, teoricamente o problema da natureza da informação útil e necessária para a prática de ensino e seu papel nos modelos pedagógicos da Educação Física.	- Utiliza o conceito de informação útil. Tal conceito busca articular a necessidade da prática de ensino com as necessidades de quem a utiliza.	- A forma de usar a informação refletirá na formação e comprometimento do professor com suas convicções pedagógicas e políticas. O uso eficiente e sistemático da informação conduziria as nossas ações com maior qualidade e se equipararia a um padrão proporcional ao atual nível de conhecimento filosófico, científico e político da Educação Física atual.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Mai/96, pág.212., vol. 17, n. 3	Uwe Müller	Esporte e Mídia: um pequeno esboço.	Atualmente, não é mais possível discutir o esporte sem incluir nessa discussão, a mídia, os meios de comunicação. E, nesse sentido, o esporte já deixou de ser uma manifestação que se expressa pelo movimentar-se humano, e é, hoje, uma mercadoria idêntica a qualquer outra.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Fazer referência ao status que a temática tem atualmente e com que base o seu desenvolvimento pode se tornar compreensível.	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa acontecimentos na cultura a partir da sua mercadorização; - Vale-se de Merleau-Ponty (1966) para entender dialeticamente o Ser-no-Mundo e o movimentar-se. - Analisa o surgimento de aparelhos esportivos e a manipulação das capacidades reais de rendimento. 	A horrível ironia das conseqüências sócio-culturais deste processo tecnológico, por intermédio da própria técnica, poderá ser regulada de forma dirigida no e pelo homem. Os homens fariam, conforme Habermas, a história à sua vontade, “mas não de forma consciente”.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Mai/96, pág.220., vol. 17, n. 3	Mauro Betti	A televisão e a Guerra do Pacaembu: “povão” versus “cidadãos”	No dia 20 de agosto de 1995, o conflito das torcidas do Palmeiras e do São Paulo no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, chocou a todos. Era a partida final do campeonato de juniores, com portões abertos aos torcedores, e transmissão ao vivo pela TV para grande parte do Brasil. O que se seguiu na mídia, em especial na televisão, é motivo de reflexão para os interessados numa compreensão mais profunda e crítica do assunto.

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Realizar uma interpretação da cobertura jornalística efetuada pela televisão com referência ao conflito de torcidas organizadas ocorrido no Estádio do Pacaembu, em São Paulo.	A televisão tem a capacidade de conferir uma dimensão social aos acontecimentos e de alargar nossa percepção de mundo; A mídia constrói uma nova realidade, que confunde real com imagem; A televisão segue uma lógica de espetacularização dos acontecimentos, que encontra espaço numa cultura visual-auditiva, assim ela reproduz, amplifica e justifica a violência, banalizando-a e descontextualizando os fatos; A mídia alimenta o imaginário da nova fase de expansão do capitalismo, sendo responsável pela coesão deste novo “processo civilizador.	Conclui que o discurso da televisão centrou-se na defesa de padrões de comportamento das camadas sociais médias, contrastando-os com os das camadas baixas. Além disso, ignorou o contexto de vida dos torcedores envolvidos, priorizou medidas punitivas contra eles e assimilou o conceito “cidadão” ao de “consumidor”.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Mai/96, pág.226., vol. 17, n. 3	Kleber do Sacramento Adão. E Sérgio Carvalho.	“Comunicações do CEFD”: uma proposta de comunicação alternativa estabelecida segundo os moldes do informativo mural denominado “Jornal do Poste”	A Educação Física, como área do conhecimento, tem buscado seu alicerce epistemológico. Nesse sentido cabe a ela utilizar-se de canais acessíveis de informação no trabalho de divulgação do seu cotidiano.

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
<p>A partir do veículo de comunicação alternativo, denominado “Jornal do Poste”, refletir acerca de sua proposta, bem como apresentar, inspirado nesse modelo, uma forma de comunicação passível de ser implementada junto à comunidade da Educação Física/Ciências do esporte.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caracteriza o “Jornal - Mural”, tecendo considerações acerca de seus antecedentes numa perspectiva histórica. - caracteriza o “Jornal do Poste” e localiza-o historicamente. - Discute como significativa e digna de reflexão a afirmação de Gutierrez (1978), de que “queiramos ou não, a comunicação eletrônica está moldando efetivamente a estrutura do mundo atual”; - Tal afirmação, trazida para o cotidiano do movimento humano chama a atenção para que a Educação Física e seus profissionais sejam situados frente aos meios de comunicação; - Apresenta proposta de jornal-mural para um centro de Educação Física e Desportos. 	<p>Chama atenção para o importante papel que a comunicação e seus meios pode desempenhar para a autonomia e hegemonia pedagógica da Educação Física possa se tornar realidade, partindo-se fundamentalmente do diálogo aberto e maduro de seu segmento profissional escolar e acadêmico.</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
<p>Mai/96, pág.234., vol. 17, n. 3</p>	<p>Alda Lúcia Pirolo</p>	<p>O processo de comunicação e informação. Sua influência no movimento do homem em movimento no mundo.</p>	<p>A interação homem-máquina tem produzido um tipo de consciência mais preocupada com a aparência dos fenômenos do que com sua essência. Tem promovido o individualismo, prejudicando o senso de coletivismo e da atividade consciente e crítica.</p>

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
<p>Apresentar uma discussão sobre a influência que a informação veiculada pelos meios de comunicação de massa exerce sobre a forma de ação do homem no mundo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Considera que o processo de conhecimento, através da informação se dá de duas formas distintas: comunicação direta (de uma pessoa para outra) e comunicação mediada (por máquinas); - Utiliza conceito de tecnologia da informação como um modo próprio do homem fixar seus signos e transmiti-los à distância superior em velocidade estratégica de propagação; - Segundo Pfromm (1987) na história da organização tecnológica existem quatro gerações: da informação impressa; de imagem e som; do rádio e TV; e dos computadores; - O processo evolutivo da tecnologia é identificado em ciclos: Revolução Industrial, no século XVIII, no contexto do <i>Capitalismo Concorrencial</i> (aumento da produção e acumulação de bens pela exploração do trabalhador); revolução tecnológica; transnacionalização do capital (reduz os trabalhadores a apêndices das máquinas); - Trata sobre a mediação lingüística do corpo no processo da comunicação e informação; o corpo/consciência como forma de expressividade esportivizada: corpo-ritualizado; corpo-utensílio; corpo-propriedade e corpo-mercadoria; corpo-ideologizado; corpo-sexuado (Santini (1990)) 	<p>Considerando que um processo acrítico se estabelece e que é digno de atenção, pois vive-se uma cultura corporal sem uma reflexão crítica da conjuntura, que promove desvios e propaga valores. O papel do professor é, pois, o de contribuir com a desmitificação da realidade enganosa projetada na consciência do homem.</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
<p>Mai/96, pág.260., vol. 17, n. 3</p>	<p>Sérgio Carvalho & Marli Hatje</p>	<p>Proposta de desenvolvimento de um novo conhecimento na e para a Educação Física e a comunicação social no Brasil.</p>	<p>O que estão fazendo os professores de educação física sobre os temas relacionados com a área esportiva frente a ação dos meios de comunicação?</p>

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
<p>1-Despertar inquietude nos profissionais da educação física sobre a ação dos meios de comunicação no seu dia-a-dia; 2- Propor estudos interdisciplinares entre as áreas da educação física e a comunicação social; 3- Alertar para a necessidade de se criar disciplinas específicas nos currículos dos cursos de educação física; 4-Incentivar a assessoria e/ou consultoria esportiva como uma nova perspectiva de mercado de trabalho.</p>	<p>-Educação Física enquanto disciplina curricular obrigatória; - Utiliza Carvalho (1994) para chamar atenção de que “para seus profissionais não bastará somente a compreensão da mensagem transmitida, e sim o que dela se conclua socialmente”. - Apresenta proposta da subárea comunicação, movimento e mídia na Educação Física; ressalta a importância da especialização esportiva nesse contexto.</p>	<p>1-Os meios de comunicação reforçam ou mudam nossos desejos [...]; 2- A inquietude dos profissionais da Educação Física será fundamental para a compreensão dos meios de comunicação e suas influências sociais; 3- É urgente a criação de disciplinas e o desenvolvimento de pesquisas conjuntas e interdisciplinares numa aproximação com o curso de comunicação social. 4- necessita construir o “corpus” teórico da Educação Física ainda fragilizado; 5-As figuras do assessor/consultor esportivo poderão surgir destes estudo e abrir uma nova perspectiva de mercado de trabalho para os profissionais de Educação Física e comunicação social.</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
<p>Mai/96, pág.273., vol. 17, n. 3</p>	<p>Trabalho coletivo realizado por acadêmicos da ExNEEF.</p>	<p>V Seminário Nacional de Movimento Estudantil e Esporte/Esporte e Mídia – um possível relato.</p>	<p>O documento constitui-se de um possível relato do que foi o V Seminário Nacional de Movimento Estudantil e Esporte, realizado na Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás – ESEFEGO – em Goiânia/GO, de 19 a 21.04.96, discutindo o tema “Esporte e Mídia”.</p>

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
<p>Levantar um breve histórico deste espaço de discussão que é Seminário Nacional de Movimento Estudantil e Esporte .</p>	<p>Apresenta um breve histórico do seminário e das necessidades que o MEEF vinha sentindo em relação ao esporte; os objetivos do seminário.</p> <p>- Especificamente com relação ao V Seminário, houve grupos de discussão que tratavam: 1- Políticas Públicas para o esporte; 2- Esporte e classes populares; 3 – Esporte: quem te viu... quem TV!</p>	<p>No grupo 1, foram elaboradas 13 propostas, dentre as quais destacamos: as políticas Públicas para o Esporte e Educação Física que considera a cultura corporal, as realidades regionais e o ser humano como cidadão ativo na sociedade; Grupo 2: discutiu, dentre outros assuntos, as diferenças significativas entre o que é jogo e o que é Esporte; Grupo 3: notou-se que o homem vem sendo substituído pela tecnologia, que tem regulado todos os momentos de sua vida.</p> <p>Como propostas encaminhadas em Plenária Final detectamos : 2. Ampliar a discussão sobre “Esporte e Mídia” para toda a comunidade acadêmica e fazer um intercâmbio desta discussão com estudantes da comunicação num primeiro momento, ampliando logo após, para a Universidade.</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Mai/96, pág.290., vol. 17, n. 3 (R)	Ana Beatriz Latorre de Faria Pinheiro. Orientador: Vinícius Ruas Ferreira da Silva.	O Marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994.	Quais as estratégias e procedimentos utilizados pelos profissionais desse campo, assim como, as conseqüências decorrentes da favorável relação custo –benefício proporcionado aos investidores?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar a atuação do marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994.	Pesquisa histórica, baseada em fontes primárias e secundárias, entrevistas com personalidades envolvidas com os aspectos relatados e consultas a documentos originais. Foram estudados: 1) a ascensão do voleibol; 2) o patrocínio às equipes nacionais; 3) a mídia; 4) o merchandising 5) os campeonatos nacionais; 6) o patrocínio à seleção brasileira masculina.	Pontua seis parágrafos conclusivos: 1) o voleibol caracteriza-se como um desporto-espetáculo; 2) o aperfeiçoamento foi decorrente da necessidade de transformação em desporto-espetáculo; 3) o voleibol passou por um processo de mercadorização; 4) a mídia criou e cristalizou ídolos, vendendo sua imagem, construída com base nos padrões de eficiência; 5) a profissionalização foi decorrente da sua manutenção como desporto-espetáculo; 6) a participação do marketing no voleibol resolveu as dificuldades de ordem financeira que impediam sua evolução. Porém, os interesses mercantis colocados em plano prioritário, trouxeram conseqüências indesejáveis como a incerteza da duração dos patrocínios e a concentração das equipes nos Estados brasileiros de maior poder aquisitivo, o que imprime um caráter elitista.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/96, pág.71., vol. 18, n. 1 (R)	Silvia Cristina Amaral Gonçalves. Orientador: Sérgio Carvalho.	As mensagens sobre corpo e atividade física: um Estudo Descritivo sobre as Mensagens Veiculadas pela televisão e o Discurso de Praticantes de atividades Físicas.	Quais os significados da prática da atividade física e do conceito de corpo enfatizados as mensagens das transmissões pela TV e os discursos dos praticantes?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Abordar o significado da prática de atividades físicas e o conceito de corpo enfatizando estas mensagens tanto em sua transmissão pela televisão, quanto no discurso das pessoas que praticam estas atividades.	Análise centrada na comparação das semelhanças entre o discurso de três grupos de praticantes de atividade física e as mensagens transmitidas pela televisão. -Realiza-se uma caracterização sócio-cultural da amostra através de um inventário sobre estilos de vida (EVIA, 1995) adaptado a realidade deste estudo.	Os três grupos analisados apresentam estilos de vida e discursos diferenciados sobre corpo e atividade física, existindo alguns pontos de aproximação. Os dados levam a crer que a televisão é uma instituição social com papel relevante [...]. A ação educativa dos profissionais que atuam com tais comunidades em informarem e conduzirem o processo de apropriação crítica das mensagens televisivas [...].

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/97, pág.71., vol. 19, n. 1 (R)	Ana Julia Pinto Pacheco Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior.	A mídia impressa e o “futebol de saias” do Brasil: uma análise dos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996.	Quais as relações entre a categoria gênero, a imprensa escrita e o futebol?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Investigar a ocorrência de preconceitos e estereótipos sexistas atribuídos à mulher atleta praticante de futebol.	Análise de conteúdo (BARDIN, 1979) das notícias dos jornais “O Globo”, “O Dia” e “Jornal do Brasil”, publicados de 14/07 a 10/08 de 1996 por ocasião dos Jogos Olímpicos de Atlanta.	As manifestações sexistas compuseram o conteúdo do nosso corpus de análise e vêm influenciando o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/97, pág.71., vol. 19, n. 1 (R)	Ana Beatriz Latorre de Faria Pinheiro.	A Mídia no voleibol brasileiro masculino.	Em que medida a mídia (meios de comunicação) participa e influencia os rumos do voleibol masculino brasileiro?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar a participação da mídia, ou seja, dos meios de comunicação, no voleibol brasileiro masculino.	Investigou-se o patrocínio das empresas na modalidade voleibol masculino, no intuito de mostrar as vantagens obtidas pelos investidores, bem como os interesses envolvidos no processo que permitiu a ascensão do voleibol no cenário mundial.	Explicitou-se a transformação dos atletas em ídolos do grande público e a excessiva profissionalização do desporto, decorrente das imposições do mercado consumidor. A força da mídia que impôs diversas alterações na estrutura do jogo, algumas vezes em detrimento do próprio desenvolvimento do voleibol.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/97, pág.72., vol. 19, n. 1 (R)	Giuliano Gomes de Assis Pimentel.	A mídia na construção social do Rodeio-Esporte.	Qual a validade dos discursos e da ação da mídia especializada no processo de exposição do rodeio como esporte?

Objetivo(s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar a influência da ação da mídia no processo de exposição do rodeio como esporte.	Atualmente, a ruralidade brasileira aparece nos meios de comunicação social revestida de novas configurações. Entre os ícones que simbolizam essa neo-ruralidade encontra-se o rodeio projetado enquanto atividade esportiva.	Deve-se observar a ação da mídia estimulando o consumo praticado nos ambiente country, onde se dá a valorização do rodeio, assim como os esportes, enquanto produto de consumo cultural.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/97, pág.72., vol. 19, n. 1 (R)	Fernando Gonçalves Bitencourt.	Esporte Globalizado e Cultura do consumo.	Como se estrutura o desenvolvimento do esporte no contexto da Globalização e lógica do capital?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Discutir o desenvolvimento do esporte no contexto da Globalização e da lógica do capital.	Apoiado na técnica e no capital, a Globalização anda a passos largos, num processo contraditório, onde inclusão e exclusão caminham conjuntamente. São características desse processo o	Amparado sobre as bases do processo de Globalização, o esporte alimenta-se da cultura de consumo, criando e recriando hábitos, normas, sonhos; vendendo imagens, gestos, roupas e cigarros. Em

	encolhimento do espaço em relação ao tempo aproximando culturas distantes, a ampliação da cultura de consumo. Nessa atmosfera, o Esporte encontra espaço para seu pleno desenvolvimento.	suas articulações, contradições são camufladas pelo factual e pela alegria do consumo.
--	--	--

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set/97, pág.72., vol. 19, n. 1 (R)	Giovani De Lorenzi Pires	Globalização, cultura esportiva e Educação física: primeiras aproximações.	Quais os compromissos político-pedagógicos do profissional de Educação Física diante da realidade de Globalização? Que competências devem ser garantidas na formação acadêmica para que ele possa se inserir e possibilitar inserção crítica de seus alunos na cultura esportiva?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Pontuar tópicos para uma reflexão sobre a formação do profissional competente, para a globalização cultural esportiva	A <i>cultura esportiva</i> é um dos interesses do capital globalizado porque pode determinar mudanças nas práticas sociais, com vistas a transformar a cultura e a cultura esportiva em mercadoria. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa são instrumentos fundamentais por conta de sua abrangência mundial	Pontua questionamentos para reflexão sobre a formação do profissional competente para o que vivemos na atualidade. É ainda estudo em andamento no Programa de Pós-graduação (Doutorado) da FEF/UNICAMP.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/97, pág.72., vol. 19, n. 1 (R)	José Nildo Alves Caú & Íris N. Libonati.	As razões da procura pelo curso de Educação Física nos últimos três anos. Leitura sobre os ingressos – ESEF – UPE.	Qual a percepção da aprendizagem do esporte, nos estudantes de Educação Física, ingressos da ESEF-UPE no ano de 1995?

Objetivo(s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações/ recomendações
Identificar e analisar a percepção de aprendizagem de esporte na leitura dos estudantes que ingressaram no curso de Educação Física, na ESEF-UPE em 1995.	<ul style="list-style-type: none"> - Predomina, socialmente, a idéia da aprendizagem do esporte enquanto aprendizagem das técnicas esportivas; - A espetacularização do esporte, e sua influência na sociedade, é tomada como fator de análise dessa pesquisa; - Vale-se de (OLIVEIRA, 1993) para dissertar sobre a Educação Física, enquanto essencialmente atividade prática, porém pode e deve oferecer a oportunidade para a transformação do homem consciente, crítico e sensível à realidade que o envolve. 	Evidencia-se uma alienação da sociedade quanto às crescentes práticas esportivas.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/97, pág.72., vol. 19, n. 1 (R)	Raquel Andrezzo.	GINÁSTICA: conteúdo de Reflexão e a Prática em Grupo.	Em que medida os meios de comunicação influenciam a percepção dos sujeitos sobre a ginástica?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar a conceituação de ginástica, exercício físico e atividade física; a influência dos meios de comunicação na Ginástica, bem como sua associação com o estresse do dia-a-dia.	<ul style="list-style-type: none"> - Entende-se que o padrão de corpo disseminado pela mídia limita o entendimento mais amplo de ginástica; - Realiza-se um estudo de campo, com mulheres entre 13 e 53 anos, no Clube Alvorada, na cidade de Criciúma/SC, a partir de fevereiro de 1997.. 	O autor afirma ainda não ter chegado a uma conclusão, por conta da dificuldade de mudar o entendimento de corpo, de ginástica e de saúde imposto pela mídia e pela sociedade.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Jan. a Mai/2000, pág.72., vol. 21, n. 2 e 3	Koiti Anzai.	O corpo enquanto objeto de consumo.	Qual o papel dos profissionais de Educação Física na manutenção do culto à beleza, que se constitui preocupação de uma parcela considerável da população?.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Discutir a preocupação de uma parcela considerável da população brasileira com a beleza corporal, e o papel representado por profissionais da educação física na manutenção de um verdadeiro culto à beleza, alimentado e mantido pela indústria do consumo.	<ul style="list-style-type: none"> - O corpo vem sendo um dos objetos de estudo cada vez mais freqüente atualmente no campo das ciências humanas e sociais; - A mídia reforça os sistemas hierárquicos de valores, tornando a beleza o ponto alto dessa hierarquia; - As academias de ginástica têm um papel importante no processo de descoberta do corpo. 	Os profissionais de Educação Física podem modificar esta situação de ditadura da estética corporal através da informação.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set/2000, pág.105., vol 22, n. 1 .	Édison Luis Gastaldo	Os campeões do século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo.	Diversos aspectos tornam as transmissões do jogo da seleção brasileira em Copas do Mundo um momento extremamente raro de audiência dos veículos de comunicação de massa do Brasil, permitindo analisar as construções sociais sobre a realidade no “futebol-espetáculo”?

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar a construção social da realidade no chamado “futebol-espetáculo” referente ao jogo de futebol Brasil x França, que decidiu a Copa do Mundo de 1998, na França.	<ul style="list-style-type: none"> - Parte-se do discurso dos locutores e comentaristas das emissoras abertas que transmitiram tal partida; - Realiza-se a análise comparativa entre imagens do jogo (geradas pela televisão francesa e, portanto, idênticas para todas as emissoras) e as locuções/comentários de cada uma delas – interpretação das imagens – tomadas como definidoras da realidade do jogo. 	Pode-se evidenciar um amplo painel de representações sobre a sociedade brasileira, o futebol, o papel social do esporte, honra, ética e identidade nacional, entre outros temas, apresentados como “definições da realidade” na medida em que interpretam/ definem “o que”, afinal de contas, está acontecendo dentro de campo.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Jan/2004, pág.39., vol 25, n. 2 .	Osmar Schneider	Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da Educação Física nas décadas de 1930 e 1940 – um estudo a partir da revista <i>Educação Physica</i> .	Quais as mudanças no significado e nas prescrições sobre qual seria a melhor forma do professor tratar os saberes que deveriam ser mobilizados na atuação docente veiculadas no periódico?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Discutir a Educação Física e o esporte entre as décadas de 1930 e 1940, utiliza como fonte a revista <i>Educação Physica</i> .	Prioriza o exame dos objetos investigados, utilizando como referência a cultura, o que remete o pesquisador ao tratamento do objeto pela sua materialidade.	A revista toma parte do processo de reorientação, quer vulgarizando os esportes como meio de exercitação mais racional, dentro dos padrões considerados de maior controle, quer difundido o discurso do aperfeiçoamento da raça por meio das atividades esportivas e da possibilidade de produção de um novo homem, preparado para uma nova sociedade mais moderna e industrializada. Os editores do periódico tomaram para si a tarefa de remodelar o imaginário da população e dos homens do poder em relação à educação física e as práticas pedagógicas. “Visualizar as leituras com fins pedagógicos como estratégia permite observá-las como dispositivos doutrinários de produção e conformação do campo pedagógico” (p.51)

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Set/2003, pág.173., vol 25, n. 2 .	Victor Andrade de Melo	Memórias do esporte no cinema: sua presença em longa – metragens brasileiros	Quais as relações ocorridas entre esportes e cinema no Brasil durante o século XX?

Objetivo (s)	Sistematização/ análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Apresentar os resultados relativos ao levantamento de longa-metragens brasileiros, produzidos entre os anos de 1908 e 2002, que, de alguma forma, retrataram o esporte.	Analisa as relações entre: esporte e cinema, esporte e cinema no mundo e esporte no Brasil. Identifica os principais cineastas e procura caracterizar suas obras.	Foi identificado que entre 3.416 filmes produzidos, 134 tocam na questão do esporte, sendo que em 54 deles o esporte é o tema central ou ocupa lugar de grande importância, em 41 ocupa um relativo espaço e em 37 é somente citado. A partir desse levantamento, pretende-se analisar os filmes tendo em vista os seguintes eixos de discussão: a) o esporte e a sorte, b) Gênero e esporte, c) o ídolo esportivo, d) a paixão do torcedor, e) esporte e construção da identidade nacional, f) velocidade e aventura, g) ataque e defesa, h) superando barreiras e i) o esporte e o cenário nacional.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
mai/97, pág.166., vol 18, n. 3 .	Victor Andrade de Melo Eduardo Alexandre Dantas da Veiga Fernanda Neves Salazar.	O esporte na imprensa e a publicidade esportiva no Rio de Janeiro do século XIX.	Raros são os estudos históricos brasileiros que se dedicam a discutir profunda e especificamente as peculiaridades do esporte no século XIX. Parte do pressuposto que a prática esportiva do século XIX pode ser de grande utilidade para ampliar nossa compreensão histórica não só acerca do esporte brasileiro, como também da estrutura cultural e social daquela época.

Objetivo (s)	Sistematização /análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Discutir os primórdios da organização da imprensa esportiva no Brasil; as iniciativas pioneiras de utilização do esporte como forma de propaganda; as relações que se estabelecem entre imprensa e publicidade esportiva. Perceber a inserção e a notoriedade do esporte no contexto cultural do Rio de Janeiro do século XIX.	Utilizou duas fontes: a) jornais e revistas da época nas quais o esporte era destacado como conteúdo central e/ou importante; b) jornais de importância no cenário do Rio de Janeiro, fundamentalmente o Jornal do Brasil.	a) As relações entre esporte e imprensa, intermediadas pela necessidade de publicidade, são observáveis desde os primórdios da constituição de um campo esportivo no Brasil, constantemente se estabelecendo de forma ambígua e necessária para ambos, b) já naquela ocasião, a imprensa diretamente influía nas organizações esportivas, sugerindo modificações, promovendo eventos e criando modismos.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.361., vol 21, n. 1.	Barbosa, G. B.; Gocks, A. P. K.; Machado, F. G.; Passos, M. A.; Silva, A. S.; Soeiro, L.B., Torreesini, E. Ferreira filho, F. L.	Figueirense x Avaí: O “Clássico do Século”. Estudo sobre mídia e cultura esportiva em Florianópolis.	O entendimento de que o esporte-espetáculo, mediado pela imprensa, deve ser tematizado e transformado em conteúdo esclarecido/esclarecedor nas intervenções acadêmicas e profissionais da Educação Física, visando à formação de consumidores seletivos e críticos deste bem cultural tecnologicamente disponibilizado.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Apreender e refletir sobre o tratamento dado pelos órgãos florianopolitanos de comunicação de massa ao “clássico do século”, entre Figueirense e Avaí, válido pela Copa do Brasil.	Estudo descritivo da atividade didática de disciplina do curso de Educação Física/UFSC. Categorias de análise: Marketing do jogo, marketing dos clubes, “arranjo” do resultado.	De diferentes maneiras e por variadas estratégias, a interação esporte-meios de comunicação de massa se faz realidade para além das seções e programações específicas dos veículos, constituindo-se em discurso cotidiano para todos que acompanham as diversas mídias. O profissional de Educação Física precisa estar atento, para apreender corretamente o discurso midiático.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.379, vol 21, n. 1.	Luciana Fiamoncini	Dança: esportivizada ou expressiva? Uma análise sobre a influência da indústria cultural.	O ser humano dançou desde sua origem, e a dança representou sua identificação com seus pares e com a natureza, o que possibilitava uma maneira de ver o mundo. Observa que o potencial expressivo da dança vem perdendo espaço para a técnica, para os movimentos padronizados.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Empreender algumas considerações, para posteriores reflexões e entendimentos, acerca do mundo da dança enquanto ação humana em nossa sociedade.	Optou pelo caminho interpretativo da hermenêutica. (Adorno). Eleger as categorias: O caminho da Desportivização (a tendência da desportivização da dança avança na medida em que ela adquire espaço na forma competitiva.) Importância da expressão (essencial, pois se é um modo de existir, cada um pode realizar ou entender um movimento diferente dos outros (...)).	Vistos os processos pelos quais tal atividade vem passando ultimamente, é possível observar a aproximação cotidiana cada vez mais nítida de um modelo de esporte de alta performance coadjuvado de uma avassaladora impregnação de ingredientes demasiadamente mercadológicos.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.382., vol 21, n. 1.	Eunice Simões Lins Gomes	Imagens do corpo no Programa Malhação	A Malhação, programa voltado para o culto do corpo e o entretenimento, tende a compor um modelo estético, o que pode causar constrangimento para os indivíduos. Por outro lado, existem tendências de comportamento que embora se orientem pelo "cuidado de si", se esquivam ao padrão global de beleza.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar as imagens do corpo exibidas no programa “Malhação”, tendo em vista discutir o modelo estético prevalecente na sociedade contemporânea a partir de algumas contribuições das Ciências da Informação e da Comunicação numa perspectiva teórico crítica.	Categorias: Imagem corporal e Indústria Cultural – Adorno e Horkheimer.(1978); Imagem corporal e informação visual.	A novela “Malhação produz um artefato cultural – a imagem do corpo. Não somente isso, sem menosprezar a subjetividade do comportamento significativamente vivido no todo social, mas destina-se a “cuidar” do corpo definindo-lhe seus movimentos e gestos em termos de padrões motores realizados, segundo um código de conduta ética e estética.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.388., vol 21, n. 1.	Giovani De Lorenzi Pires Aguinaldo Gonçalves Carlos Roberto Padovani	Recepção à mídia esportiva entre acadêmicos de Educação Física da UFSC: estudo sobre opiniões conforme posição na estrutura curricular.	Compete ao profissional de Educação Física, entre tantas outras exigências, desenvolver estratégias de intervenção que privilegiem e contribuam para a aquisição de habilidades relativas às diferentes formas de linguagem humana, verbais e não-verbais, por parte dos cidadãos sob sua responsabilidade pedagógica. Considerando que o discurso midiático é atualmente um dos principais promotores de sentidos para o estabelecimento de compreensões socialmente mediadas a respeito de questões do cotidiano do cidadão.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Examinar a ocorrência de mudanças na qualidade de recepção e atribuição de significados à mídia esportiva entre acadêmicos de Educação	- Escala de opinião tipo Likert; - Tratamento estatístico – teste de Goodman para contraste para populações multinomiais. - Análise de conteúdo das	- Demonstrou pouco significativas as diferenças entre os grupos dos formandos e um grupos dos demais acadêmicos. - Não consegue demonstrar, através da análise das respostas, relação entre posição na estrutura curricular e criticidade na recepção ao esporte mediatizado.

Física da UFSC.	respostas.	E lança o seguinte questionamento: Que grau de esclarecimento e emancipação em relação a compreensão da interação Educação Física/ Esporte/Mídia pode-se esperar das intervenções profissionais futuras destes acadêmicos, se a competência para tal, não é elemento do currículo da graduação?
-----------------	------------	--

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.394., vol 21, n. 1.	Mauro Betti	TV a Cabo: maximização do esporte telespetáculo.	A década de 80 inaugura um novo fenômeno comunicacional, com a proliferação das chamadas “novas tecnologias de comunicação”, que compreendem a Internet, as redes eletrônicas, TV por assinatura e outras. Há canais de TV por assinatura especializados em esporte, com programação 24 horas por dia. Quais são as características desta programação. Como ela faz uso da linguagem audiovisual? Haveria diferenças com relação à TV aberta?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Interpretar criticamente, com base na hermenêutica de Paul Ricoeur, o discurso de um canal especializado da TV a cabo sobre o esporte, e apontar possíveis repercussões para a Educação Física.	<p>Categorias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - virtualização e atualização (Lévy 1996) o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade seriam apenas duas maneiras de ser diferentes. - Cultura dominante e cultura alternativa <p>Para Hargreaves (1982) o esporte precisa ser entendido em termos dialéticos, como um processo de recíproca interação entre grupos e classes, que é pleno de tensão [...].</p>	<p>O privilégio aos esporte radicais e a maximização da espetacularização presentes no discurso da TV a cabo fazem jus ao fenômeno da virtualização dos corpos apontado por Lévy (1996)</p> <p>Por outro lado, a maior amplitude de modalidades coberta pela TV a cabo e algumas matérias de caráter investigativo possibilitam uma visão mais contemporânea e, por vezes crítica, da cultura esportiva.</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.394., vol 21, n. 1.	Alfredo Feres Neto	A virtualização do esporte e as suas novas vivências eletrônicas.	A televisão, mídia mais importante em termos de popularização, conta com pouco mais de quatro décadas. Já o computador e a Internet remontam a década de 90, no que se refere ao início de sua popularização e conseqüente consumo. Quais os movimentos/ tendências que aparecem com a virtualização dos esportes?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Colocar em relevo o entendimento do autor sobre o que chama de movimento de “virtualização” do esporte, parte de um movimento ontológico mais amplo, que vem caracterizando as evoluções culturais em curso.	Utiliza-se de Lévy, na análise de categorias: -Virtualização do esporte e as suas novas vivências (a - assistência ao esporte telespetáculo e a “Falação esportiva”) Participação (b- videogame)	As áreas da Educação Física/Ciências do Esporte aprofundarem as pesquisas das novas vivências esportivas, o que , na visão do autor , será essencial para pensar a prática do professor e conseqüentemente a sua formação profissional. Dois parecem ser os movimentos principais “ embaralhamento” um exemplo dele é o telespectador de eventos esportivos se sentir “mais um jogador” e o movimento de ampliação dos limites perceptivos das modalidades esportivas. Lança 2 questões: 1- O que é uma prática de boa qualidade? Temos sido capazes de oferecê-la aos nossos alunos? 2- Qual o lugar das demais atualidades do esporte (assistência, esporte telespetáculo, videogame) em nossas aulas de Educação Física?

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.401., vol 21, n. 1.	Silvia Cristina Franco Amaral	Estudo descritivo sobre a relação entre as mensagens televisivas e o discurso de praticantes – o papel das mediações.	Qual a relação entre o discurso dos praticantes de atividade física e as mensagens televisivas?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Abordar o significado da prática de atividades físicas e o conceito de corpo enfatizando estas mensagens tanto em sua transmissão pela televisão, quanto no discurso das pessoas que praticam estas atividades.	Análise centrada na comparação das semelhanças entre o discurso de três grupos de praticantes de atividade física e as mensagens transmitidas pela televisão. -Realiza-se uma caracterização sócio-cultural da amostra, através de um inventário sobre estilos de vida (EVIA, 1995) adaptado à realidade deste estudo.	Os três grupos analisados apresentam estilos de vida e discursos diferenciados sobre corpo e atividade física, existindo alguns pontos de aproximação. Os dados levam a crer que a televisão é uma instituição social com papel relevante [...]. A ação educativa dos profissionais que atuam com tais comunidades em informarem e conduzirem o processo de apropriação crítica das mensagens televisivas [...].

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.406., vol 21, n. 1.	Vera Regina Toledo Camargo.	O movimento Olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo.	O ponto de partida da autora localiza-se na Grécia antiga. Marco do surgimento do movimento olímpico. Esta localização espaço-temporal, fundamenta-se através dos estudos Antropológicos e nesse, encontramos HELAL (1990), fazendo uma referência aos fenômenos da arte e religião, e a interrelação com o esporte. A televisão é o instrumento da Indústria Cultural de maior importância em nosso século. Através da veiculação de suas imagens, produz e reproduz comportamentos, criando modismos.

Objetivo (s)	Sistematização/a nálise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Refletir sobre a perpetuação e a veiculação dos valores do esporte através do movimento olímpico e dos meios de comunicação	- Esporte e sua interface com os meios de comunicação de massa. - O mito no esporte ou do esporte;	Aponta que os meios de comunicação de massa estão cada vez mais presentes no esporte, assim como o patrocinador tornando-o espetáculo que será consumido pelo público e, especificamente, o movimento olímpico também contribui, porque cria o show para que o mito do esporte possa ressurgir a cada quatro anos e trazem paz e harmonia para a civilização, mesmo que, junto a todo esse discurso, venha acompanhado de manipulações e ideologias políticas e mercadológicas.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.409., vol 21, n. 1.	Eduardo Ribeiro Dantas Kátia Brandão Cavalcante	Práticas corporais e mídia: implicações na formação de uma consciência ecológica.	Quais as concepções de corpo e corporeidade que são difundidas pela revista Boa Forma? Como as idéias sobre o meio ambiente são veiculadas pela revista Boa Forma? Como as idéias sobre práticas corporais junto à natureza são veiculadas pela revista Boa Forma?

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar as idéias que se relacionam às práticas corporais junto à natureza, difundidas através da revista Boa Forma durante os últimos quatro anos (1995 a 1998).	<p>Sistematização/análise das informações</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa descritiva, análise documental sob a técnica da análise do conteúdo; - Categorias: Práticas naturais; práticas não-naturais. (%) <p>Matérias sobre Práticas corporais realizadas em ambientes naturais.</p>	<p>Conclusões / considerações / recomendações</p> <p>A questão da preservação ambiental não é comumente mencionada.</p> <p>A revista veicula uma concepção extremamente visual do corpo, na qual as práticas corporais, em qualquer ambiente, tendem a valorizar a forma física do indivíduo, sem se preocupar com a totalidade do mesmo.</p> <p>Continuidade do estudo com a verificação das tendências que apontaram, no ano de 1998, uma maior divulgação do ambiente natural, assim como das práticas corporais menos preocupadas apenas com a forma física dos indivíduos.</p> <p>Outra possibilidade é a comparação com outras revistas.</p>

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
set/99, pág.416., vol 21, n. 1.	Fátima Maria Piloto	Representações da Cultura Corporal em textos de Jornais.	Entender os textos como importantes contribuidores na produção de subjetividade e identidades dos sujeitos; As atividades corporais aparecem nos jornais seguindo uma determinada lógica dominante e silencia a existência de outras diferentes culturas.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar representações da cultura corporal em textos extraídos de jornais, identificando neles relações de poder.	Análise dos discursos. Categorias: - A venda de imagens e produtos através dos esportes. - Representando os Mbyá-Guaranis no futebol de elite. - Esporte, Educação, Saúde e Natureza	É importante estar atento para o poder que os jornais têm de produzir efeitos cumulativos

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Jan/02, pág.105 ., vol 23, n. 2	Silvia Pavesi Sborquia - Jorge Sérgio Pérez Gallardo	As danças na mídia e as danças na escola.	Este estudo surgiu do uso indiscriminado da dança tratada pela Educação Física na escola. A escola tem reproduzido as caracterizações das danças veiculadas pela mídia sem contextualizá-las, não são todas as danças que devem fazer parte da escola.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Oferecer à comunidade escolar alguns critérios de cunho ético moral para que se obtenham informações sistematizadas de como utilizar a dança.	Estudo bibliográfico. Considera a cultura corporal para a escola. - Disserta sobre mídia e toma como referência os estudos de Thompson (1998), Bordieu (1997). - Debate a Instituição escola e a relação entre conhecimento popular e conhecimento científico. Classificação das danças quanto ao cunho ético-moral.	Elabora uma proposta para que sirva de filtro e determine que danças são apropriadas para ensinar na escola.

REVISTA MOVIMENTO

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Movimento, Ano III – Nº 4 – 1996	Ricardo Ricci Uvinha	O corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo.	A problematização se da em torno do consumo paralelo e o seu alastramento em nossa sociedade, o gerando um caráter simbólico que remete, muitas vezes, à proposta de um “estilo de vida”.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Apontar a estreita ligação da “imagem jovem”, comercializada pelo consumo, com a discussão sobre o tema lazer- adolescência, verificando como muitas organizações têm se valido de elementos comumente experimentados no campo do lazer, por esta faixa etária, para alavancar o consumo na sociedade brasileira atual.	- utiliza-se de Pietrocolla (1997) para discutir o tema, a expressão “sociedade do consumo”-uma sociedade onde a produção de bens é realizada para atender a demanda do mercado. - Analisa categoria como Lazer para o consumo e imagem jovem e consumo - Abramo (1989), a inspiração por adolescentes na esfera do lazer vem das propagandas revestidas de imagens de jovens.	- É imprescindível discutir a incrível força que os meios a serviço da propaganda exercem na atual sociedade que vivemos.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Vol. 9, nº 1, junho de 2003, pág. 09.	Giovani de Lorenzi Pires	A pesquisa em Educação Física e Mídia nas Ciências do Esporte: um possível estado da arte	A partir de algumas reflexões preliminares sobre as relações entre a cultura contemporânea, os meios de comunicação de massa e o campo da Educação Física, é formulada uma breve síntese classificatória dos estudos nesta área de interface apresentados no GTT Mídia do CBCE, 1997-2001. Um possível “estado da arte”.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Formular uma breve síntese classificatória dos estudos nesta área de interface apresentados no GTT Mídia do CBCE, 1997-2001.	Sistematiza os trabalhos apresentados no VII CONBRACE agrupando-as em categorias; Estudo de análise sobre mídia de massa: objetos esporte e corpo; novas linguagens ou estudos instrumentais; novos campos epistemológicos; estudos de interfaces.	- Considera que na área de Educação Física/Esporte/Mídia vem surgindo novas linhas de pesquisa, aumentando a quantitativa e qualitativamente dos estudos, contribuindo para consolidar a área temática, dentro e para além do próprio GTT do CBCE.

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Vol. 9, nº 1, junho de 2003, pág. 173. Resenha da Tese de Doutorado do Professor Giovanni de Lorezi Pires.	Alfredo Feres Neto	Educação física e discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória.	O autor reconhece na obra resenhada uma nova prática que possibilita uma outra leitura acerca da cultura de movimento e esportiva a partir da construção coletiva de ferramentas pedagógicas com vistas a construção de uma formação crítica com relação aos meios de comunicação de massa.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Identificar as relações presentes entre o discurso midiático e a Educação Física, desde a sua gênese até a formulação de possibilidade de intervenção emancipatória.	A resenha reconhece no trabalho: - o uso da pesquisa-ação como procedimento de investigação; - a tematização do discurso midiático como possibilidade de leitura crítica de mensagens subliminares a este discurso; - e como tarefa da prática pedagógica a educação para a mídia.	A resenha reconhece o estudo de Pires como um trabalho de fôlego que problematiza o discurso midiático dos diversos conteúdos culturais da Educação Física/Esporte trazendo contribuição significativa nas esferas da produção de conhecimentos, formação e atuação profissional.

REVISTA PENSAR A PRÁTICA

Referência	Autor (a)	Título	Problematização
Pensar a Prática, vol. 3 (Jul. / Jun.), (1999 / 2000), p. 72	Nara Rejane Cruz de Oliveira	A fita de vídeo como recurso auxiliar em Educação Física	A problematização se dá em torno dos recursos audiovisuais e a sua utilização nas aulas de Educação Física, seja nas escolas ou nas disciplinas dos cursos de formação de professores.

Objetivo (s)	Sistematização/análise das informações	Conclusões / considerações / recomendações
Analisar o recurso audiovisual na relação mídia e EF/Esportes apontando os fatores positivos e negativos que influenciam esta relação, a saber: reprodução de valores hegemônicos em EF/Esportes e possibilidades de democratização dos meios de comunicação para veiculação de informações acerca de EF/Esportes.	Analisar duas fitas de vídeo sobre basquete, a saber: “Aprenda a jogar basquete”, produzida pela Vídeo Ban (TV Bandeirantes), e a fita de uma aula de basquete produzida por um coletivo de alunos de especialização em Educação Física Escolar, buscando apontar quais os valores veiculados por essas fitas, bem como suas possíveis contribuições no âmbito da EF escolar e na formação profissional.	<ul style="list-style-type: none"> - Somente a utilização das fitas de vídeo, dando-lhes um sentido crítico, valores ou produzir fitas amadoras que veiculam valores socialistas, não se constitui na resolução dos problemas; - O autor recomenda a atuação no curso das lutas políticas colocadas em nosso cotidiano; - Aponta os recursos audiovisuais a disposição da cultura corporal se colocando na seguinte perspectiva: a) veicular outras concepções de esporte voltados para a Educação e Educação para o lazer; b) maior abrangência de elementos da cultura corporal, não limitando-se ao esporte; c) possibilidades de usufruto público de tais fitas, não submetidas as leis do mercado; d) baixo custo de produção, pois não visariam ao lucro e à concorrência no mercado; e) ensinar o esporte e/ou outras atividades corporais de forma adequada às necessidades e realidades locais e f) respeito a cultura de movimento tradicional naquela localidade ou região. - Por fim o autor deixa claro que a mídia não é somente uma influência negativa, mas também pode trazer contribuições.

O mosaico construído para entender a escrita que se torna pública em torno da mídia esportiva demonstra um vigor teórico crescente em torno do tema, a necessidade de aprofundamento desse campo, justifica a importância da incursão desse conhecimento organizado pedagogicamente no universo acadêmico.

3.5 ENTRE VISTAS COMO CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Tanto o tratamento dispensado às entrevistas quanto o critério utilizado para eleger os entrevistados foram objetos de muitas reflexões. Foram seis, realizadas com ajuda de um gravador. Optou-se por entrevistas semi-estruturadas a partir de duas perguntas básicas:

Qual a relevância e a pertinência de uma pesquisa que discute comunicação, esporte e juventude?

Na sua opinião, que percepção os jovens constroem a partir dos programas e eventos esportivos que passam na televisão?

O critério para escolha dos entrevistados baseou-se em um reconhecimento teórico, profissional ou vivencial dos mesmos em relação à cultura esportiva e ou cultura juvenil e ou à cultura midiática, do mesmo modo que, no desenrolar da conversa, pelo menos dois campos foram mais explorados com cada entrevistado.

Tomando como porta de entrada/aprofundamento os campos da educação e comunicação; da juventude e da cultura esportiva foram entrevistados o Professor da UFBA, sociólogo Gey Espinheira, com quem dialoguei no capítulo anterior; a Professora da UNEB e pesquisadora Tânia Cordeiro; o Professor de Educação Física e Doutor em Filosofia da Educação pela UNICAMP Mauro Betti; o Jornalista esportivo, Mestre em Comunicação pela UFBA e Professor das Faculdades Jorge Amado Paulo Leandro e a dirigente do Centro de Referência Integral de Adolescentes, a atriz e arte-educadora Claudia Vasconcelos.

Para o Professor Mauro Betti, o relevo e a pertinência da pesquisa referem-se aos educadores, pois trata de três questões vitais no mundo atual.

Os meios de comunicação (mídias) constituem hoje importante referência na construção da nossa interpretação do mundo, dinamizam e transformam a cultura (no sentido amplo do termo) mediante a acelerada circulação de signos que promovem. E por causa das mídias contemporâneas (em especial a TV). [...] o esporte adquire uma nova dimensão – o esporte telespetáculo – uma representação da prática esportiva 'real', construído mediante o olhar interessado da câmara, da edição das imagens e dos comentários que se fazem sobre elas, buscando a espetacularização dos eventos. (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁴⁶

Reconhece que os jovens se constituem em um grupo de intensa influência da mídia e que têm sido procurados, como sendo

[...] importante grupo de consumidores do esporte telespetáculo, e ao mesmo tempo os que mais podem se beneficiar da prática esportiva, e portanto precisam ter acesso a uma educação esportiva adequada. É urgente, pois, saber quem são estes jovens (e mesmo o que se pode chamar de 'juventude' hoje), o que pensam, como se vêem e vêem o mundo, o que esperam, como torná-los sujeitos e não objetos na sociedade. É uma pergunta difícil de generalizar, pois é preciso considerar as 'mediações' presentes no contexto da recepção. Contudo, a análise do discurso televisivo indica a existência de uma representação hegemônica do que é esporte e do que é ser esportista, embora não seja correto falar em 'o' esporte, mas em

⁴⁶ Depoimento obtido através de entrevista do professor doutor Mauro Betti, em 08 de julho de 2004.

'esportes', na medida em que existem diferentes níveis de prática e diferentes significados associadas a estas práticas. Todavia, aquela representação hegemônica aponta na direção do esporte como dinheiro, esforço máximo (e mesmo dor...), disciplina, vitória a qualquer custo etc., e tende a abarcar todas as outras possibilidades de se praticar esporte; quer dizer, o esporte que possui potencial para realizar valores associados a contextos de lazer, educação e saúde tende a subjugar-se ao modelo do esporte telespetáculo, que possui outros valores e está muito mais atrelado hoje a interesses econômicos. Ser 'esportista' não está mais associado com a exercitação da motricidade mediante aquelas formas culturais que se convencionaram denominar como 'esporte', mas é também 'falar' sobre esporte, 'estar por dentro' dos fatos do mundo esportivo globalizado. (INFORMAÇÃO ESCRITA).

Para a Professora Tânia Cordeiro, a relevância desse enfoque de pesquisa está na

[...] relação entre comunicação e o esporte. O esporte tem um caráter mais universal, mais intercambiável. A própria olimpíada, a copa do mundo, são linguagens que conseguem estar em todas as televisões do mundo. Isto permite falar de poder. Logo depois do esporte vem à violência, então são as duas linguagens que tem este grau de expansão e não requerem tantas outras habilidades da parte dos receptores. [...] a televisão vinculada ao esporte é um fator de socialização muito grande e ela tem uma capacidade de dizer sobre a realidade que permite que eu me situe mesmo não estando naquele lugar que ela fala. No conjunto dos temas, os jovens mais se preocupam em acompanhar, especialmente os jovens do gênero masculino a temática do esporte. (INFORMAÇÃO ORAL)⁴⁷

Pelo fato da pesquisadora já ter um trânsito fecundo com a juventude procurei saber dela o que pensa sobre a juventude:

Aí tem uma coisa que eu tenho a maior dificuldade em admitir que existe 'a juventude', eu acho que existem 'juventudes', não sei precisar quantas.[...] As condições sócio-econômicas acabam produzindo diferenças. Tenho muitas dúvidas quanto a esta categoria que seria 'a juventude'. No entanto, tem alguns outros parâmetros que a gente pode ver alguma universalidade por aí. Por exemplo, eu sei que mesmo sonhando de maneira tão diferente eles ainda são muito sonhadores. [...] O que a televisão oferece em termos de programação esportiva eu acho que tem alguns pontos interessantes, por exemplo, nos sonhos das pessoas pobres, ser jogador de futebol é um sonho muito grande [...] enquanto o jovem de classe média... 'eu ainda não sei', 'eu ainda estou pensando', ele é muito eles não têm esta preocupação, é bem claro marcado nestes jovens de classe

⁴⁷ Depoimento obtido através de entrevista da professora Tânia Cordeiro, em 05 de fevereiro de 2004.

média eles tem o esporte como uma prática oferecida pelas famílias, praticam, clube, enfim, escola, etc e tal. Enquanto que lá no bairro, não é que eles não tenham a bola deles, eles usam essa coisa do esporte é relativamente acessível, mas a própria condição de acesso é diferente, não tem técnico, não tem umas tantas coisas, o que dá uma diferença bastante grande, no entanto ambos tem ídolos, ambos tem isso na pauta deles de vida deles, entre os papos é uma coisa muito freqüente. É muito fácil você aceitar estes jovens através de um papo de futebol, por exemplo. (INFORMAÇÃO ESCRITAS).

Acerca da produção de sentido na mídia e da capacidade persuasiva dos meios de comunicação em produzir, independente da situação sócio-econômica os mesmos ídolos, a professora acha que não. Compreende que os telespectadores, os ouvintes e ou leitores se interessam pela mesma temática, uma mesma paixão, “mas os mesmos ídolos não”.

Diante do questionamento sobre o alargamento da temporalidade do jovem e da relação entre propaganda de produtos, mídia esportiva e sua eventual influência de consumo, desejos entre jovens de condições sócio-econômica diferente, defende:

Acho que não é nem só o caso da televisão, o esporte é tido como uma coisa maravilhosa e isso de uma certa maneira encontra muito respaldo no imaginário desta meninada. Eles tomam o esporte, principalmente o pessoal mais pobre como sendo uma possibilidade para significar a vida. (INFORMAÇÃO ORAL).

Então, a televisão e a mídia esportiva, em particular, influenciam as pessoas, seus comportamentos, suas compras e decisões cotidianas?

Sem dúvida. O problema é que esse efeito não é gerado a partir do produto a muito tempo que nós consumimos a imagem do produto...e o esporte é uma química muito limpa. Ele produz uma impressão de limpeza. É uma coisa saudável do ponto de vista físico, moral, ético, tudo limpo, tudo certo, com regras, uma coisa disciplinada, educativa, é lazer, é um conjunto. Então além de tudo diverte, apaixona, enfim, é um conjunto de coisas que é muito poderoso em termos de elemento cultural para ancorar[.]. A comunicação esportiva produz um conjunto de informações, de rituais, já não são mais nem informações de uma certa maneira, em termos midiáticos, qual que concorre com o real se

você for olhar, por exemplo, um jogo de futebol sendo narrado a narração de jogo de futebol é uma coisa impressionante porque os caras eles inventam como será o jogo, e ele inventa vários jogos a partir dali ele vai ganhar de qualquer jeito, porque no momento aquela uma das referências que ele colocou no início se der certo, ele vai se lembrar, eu não falei Galvão [...] o jogo que ganha é o jogo da televisão isso daí, de uma certa maneira produz uma espécie de totalização prescindindo todo o jogo e depois do jogo tem os comentários que é uma outra forma de venda ele está vendendo notoriedade, credibilidade, ele ganhou o jogo, ele passa não só o jogo pela representação do jogo, passa a ser o grande negócio. (INFORMAÇÃO ORAL).

E o pré-evento acaba sendo uma coisa tão importante quanto o próprio jogo?

É, e aí vem a coisa do interior do jogo, que na realidade, normalmente, a gente não parar para pensar o quanto aquele interior também é o jogo da televisão e não o jogo real. Eu, por exemplo, sei muito menos do jogo real do que do jogo da televisão se você observa o jogo da televisão. A TV tem uma preocupação de construir individualidades e a gente está numa sociedade que isto é um valor, positivo, então, nessa construção de individualidades, ele o vende, constrói famas, se você for verificar a idéia de coletivo desaparece e o jogo real precisa do coletivo. Os ângulos dão mais peso para quem está segurando a bola do que quem pode fazer uma jogada de sucesso. (INFORMAÇÃO ORAL).

Quanto às percepções dos jovens brasileiros a partir da mídia esportiva sustenta que:

Primeiro que eles tomam aquelas verdades que são apenas uma construção da realidade, como sendo sua saída. Então “eu vou ser um jogador...isso vai ser minha saída”, isso é uma das alternativas das possíveis representações. Uma outra coisa é que como ali é silenciado em torno da técnica, não aparece um jogo de futebol que não dá certo. Portanto são representações que adquirem a representação de uma coisa mágica. Guga, Ronaldinho são mágicos, então eu também posso ser mágico, eu não preciso estudar, porque essas coisas são mágicas, elas não são resultado de um processo. É uma das coisas que se apresenta como saída, principalmente para aqueles que se sentem fracassados. (INFORMAÇÃO ORAL).

Para o jornalista Paulo Leandro, a mídia esportiva tem um papel importante na vida das pessoas. Ele considera importante refletir sobre o fazer do jornalismo esportivo e pensa que o mesmo

[...] teria a função de pegar a realidade ou como nós percebemos a realidade os fatos, as competições, os jogos, os treinos as contratações dos times, as manifestações dos torcedores, processar essas informações [...] e selecionar o que ela considera de mais relevante, tendo como pressupostos os princípios de identificação da notícia conforme convencionado atualmente, que são: interesse, importância, inusitado [...] depois disso transformar em discurso noticioso ou de reportagem; tentar ser o mais fiel possível a esse trabalho de buscar na realidade essa matéria prima e tentar repassar para os nossos leitores como é que a gente viu essa realidade. (INFORMAÇÃO ORAL)⁴⁸.

Sobre a formação do jornalista esportivo o Professor Leandro entende

que

[...] o jornalista esportivo ele se faz ainda na primeira infância, quando ele começa a colecionar seu álbum de figurinhas, começa a ser incentivado pelo pai a torcer pelo seu time de coração. É ali que nós nos formamos, pelo menos começamos a nos formar jornalistas de esporte. Eu não conheço nenhum jornalista de Esporte que tenha se formado, se capacitado na faculdade. (INFORMAÇÃO ORAL).

Quando se pergunta a respeito da discriminação do jornalismo esportivo

diz:

[...] o jornalismo esportivo tem uma baixa relevância dentro do ambiente das redações de jornal porque os jornalistas se habituaram a rejeitar esse jornalismo como sendo relacionado à alienação [...] que o jornalista esportivo afastaria as pessoas de uma suposta realidade econômica e política que seriam mais valorizados ou de anomia que seria um jornalismo voltado para fazer com que as pessoas se afastassem também dessa mesma realidade. O jornalismo esportivo cresceu como um filho bastardo dentro da imprensa, aquele filho indesejado que nasceu dentro do noticiário geral, primeiro como notinhas de esportes curtas, depois foi ganhando o seu espaço a medida que o jornal foi virando também um produto a venda. (INFORMAÇÃO ORAL).

A participação de Claudia Vasconcelos, na presente pesquisa está implicada com a sua experiência no MIAC e pela sua condição de jovem professora que trabalha com formação crítica de jovens. Nesta entrevista ela

⁴⁸ Depoimento obtido através de entrevista do Jornalista Paulo Leandro, em 08 de setembro de 2004.

apresentou um olhar particular sobre o deslumbramento das juventudes e sobre a relação tempo e comunicação no cotidiano desse grupo social.

[...] trabalhar com jovem é muito bacana, o tempo inteiro você é estimulado a responder mais rápido, [...] a gente tem mais abertura para se jogar nas coisas que a gente acredita, principalmente nesse período de adolescência, e entrando na juventude a gente, primeiro, fica um pouco deslumbrado com outras experiências de outros jovens que, para nós passam a ser referência.[...] a gente começa a perceber também que é possível na prática. Então, a gente quer que as coisas aconteçam muito rapidamente. E isso, pra gente que trabalha com essa dinâmica do jovem é muito estimulante porque você passa o tempo inteiro a reacreditar em coisas que, às vezes você começa a dizer que não é bem assim e que as coisas mudam muito lentamente e a gente começa, às vezes, a não enxergar os resultados e os jovens ficam mostrando o tempo inteiro que é possível. (INFORMAÇÃO ORAL)⁴⁹

Quando perguntada sobre o sentido da comunicação desenvolvida por e para os jovens e, em particular, a experiência do MIAC a professora reconhece que, em grande medida, a sintonia entre pauta e linguagem é que define uma apreensão mais crítica do real.

[...] a comunicação é trabalhada no MIAC, colocando em pauta questões que normalmente não estão nos meios de comunicação ou não estão do jeito que a gente quer que esteja. [...] Por exemplo: todas as lutas por garantia de direitos que têm em Salvador, elas costumam não aparecer nos meios de comunicação. Costuma aparecer uma imagem de juventude que eu acho que se resume muito a estereótipos [...] a 'juventude só gosta de rock'; 'a juventude é violenta'; 'a juventude usa drogas'; sobre a juventude tem-se uma imagem um pouco estereotipada. E eu acho que, quando esses movimentos começam a se firmar e começam a fazer, a produzir sua comunicação, mesmo que seja uma comunicação que não tenha o alcance muito grande, mas em alguns momentos ela também alcança um número legal de pessoas. Eu acho que começa a intervir mesmo na imagem que é mostrada do jovem. (INFORMAÇÃO ORAL).

⁴⁹ Depoimento obtido através de entrevista com a Prof^a Claudia Vasconcelos, em 18 de fevereiro de 2004.

Quando perguntada sobre qual era o diferencial dessas mídias alternativas construídas no seio da cultura juvenil em relação à grande mídia, a miaqueira argumenta que:

[...] o grande diferencial é se sentir sujeito que escreve sua história. Porque na sociedade atual a gente é muito de engolir mesmo o que vem pra gente, e quando a gente produz e aquilo vira notícia, você se vê mais legitimado numa coisa que você produziu, mesmo que não escreveu, mas você se reconhece ou na escrita ou na imagem, no vídeo, nas coisas que são produzidas e eu acho que você se sente muito mais sujeito da sua história [...]. (INFORMAÇÃO ORAL).

Por fim, buscou-se ouvir um pouco sobre a relação entre a comunicação e as dinâmicas e práticas corporais.

Primeiro por essa coisa dinâmica que o jovem é, ou seja, os jovens gostam de tudo que trabalhe muita coisa ao mesmo tempo porque o jovem está muito disposto, na minha opinião a conhecer o mundo. Porque quando a gente sai da infância e entra na puberdade mesmo, a gente começa a descobrir muita coisa e eu acho que essas descobertas passam por tudo, pela cabeça, pelo corpo, pelo sentimento, pela emoção e eu acho que trabalhar com metodologia, com coisas que mexam diretamente que não façam muito a dicotomia da razão e da emoção; que trabalhe mais integralmente esses jovens. Eu acho que eles se interessam porque ele começa a viver como um todo e além do mais tem a parte divertida porque a interação através do jogo, da conversa, da dinâmica, eu acho que é uma interação muito mais prazerosa. (INFORMAÇÃO ORAL).

O conjunto das entre vistas foi sinalizando pontos de vista, modos distintos de percepção e inquietações sobre a situação em que vivem as juventudes brasileiras. No entanto, três traços que me pareceram comuns foram: a sensação que as próprias juventudes vivem respectivamente um processo de mudança, o reconhecimento do relevo e da influência da educação e da comunicação na construção e reconstrução de *habitus* próprios de cada juventude e a importância da escola e do trabalho como interesse imediato, do tempo presente.

Na linha do que foi dito pelos entrevistados, é preciso considerar os espaços simbólicos e reconhecer a centralidade do cotidiano na vida juvenil. Segundo Pais (2001), o tempo presente é o do cotidiano da “ascendência sobre os tempos que lhes são adjacentes, os do passado e do futuro” (p. 78). Entretanto o tempo presente não apaga o passado e não o impede de vislumbrar um futuro. Trata-se de uma valorização do presente pela possibilidade imediata da aventura⁵⁰. Aventuras de várias ordens se configuram como parte de cada dia da mais longa caminhada para a vida adulta, em especial, para os jovens de menor renda. Os caminhos de passagem para a idade adulta não são marcados por adversidades.

São caminhos longos, sinuosos, com escolhos. De fato, assiste-se, na sociedade contemporânea, a um prolongamento da condição juvenil: porque os percursos escolares são mais longos, porque há uma mais tardia inserção no mercado de trabalho; porque o acesso a casa própria é difícil; porque os casamentos se retardam, devido também a uma maior liberalização das relações sexuais. (PAIS, 2001, p. 81).

Acrescentam-se às referidas palavras as novas relações familiares, a extraordinária velocidade e quantidade de informações advindas, principalmente, dos meios de comunicação de massas e a difícil mobilidade social, em razão da restrição de renda, mesmo com a ampliação de nível de escolarização. Nesse cenário, forma-se *habitus* monitorado muito mais pelas oportunidades sociais do que pelo futuro duvidoso.

⁵⁰ Aventura neste texto acompanha o que Simmel, citado por Pais, como “um produto da concretização entre a actividade e passividade, entre o que nos é dado e que se conquista”. (2001, p. 80).

3.6 A QUESTÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Durante o diálogo empírico no presente estudo, o olhar específico da pesquisa buscou resolver a equação envolvendo esporte, televisão e juventude. Considera-se pertinente, como forma de qualificar o processo, tomar para análise crítica: o cenário, o sujeito e o objeto; e como caminho qualificado para melhor compreender a relação sujeito-objeto reafirmar o pensamento de Silva (2000), quando assume que “uma relação de troca e intercâmbio, de aproximação e distanciamento, e de um jogo de alteridade” na qual o sujeito é um ser social que “se reconhece diferente dos objetos, cria e descobre significações, elabora conceitos, idéias, juízos e teorias.”(p. 34 e 35).

Nessa perspectiva, para o intento deste trabalho, recorro aos estudos sobre as representações sociais como referência fundante para perceber os discursos e seus nexos. Nos grupos focais, levamos em consideração os três níveis do processo representacional: cognitivo (implicação do sujeito, necessidade de ação e acesso à informação); formação da representação social (objetivação e ancoragem) e edificação das condutas (opinião e atitudes). A partir dessa base teórica, busquei analisar as falas, levando em consideração a face figurativa e a face simbólica presentes nos fragmentos dos discursos.

No debate em torno das representações, as contribuições originais do sociólogo francês Emile Durkheim, (lidas em Moscovici), no início do século XX ao lado dos escritos de Levi-Bruhl, se destacam historicamente por ter buscado sob o manto das representações coletivas e sem distinguir saberes, designar múltiplas classes mentais envolvendo ciência, religião, mitos, etc. Assim tais reflexões, como adverte Moscovici, são consideradas fundamentais para ressignificarmos e atualizarmos o que hoje nesse campo temático se nomeia

de representações sociais. Para Moscovici (2001), dentre os limites dos estudos de Durkheim, é possível depreender a oposição entre as representações coletivas e as representações individuais por meio de um mesmo critério: “a instabilidade da transmissão e da reprodução de algumas; a variabilidade ou o caráter efêmero das outras.” (p. 47). Sendo assim, o limite de seus estudos nessa área pode ser sintetizado pela oposição entre o *estável* e o *instável*, o *individual* e o *coletivo*; *a pessoa* e *a sociedade*. Tais clivagens, no entanto, foram sementes essenciais para reflexão sociológica que promoveram a substituição da noção de representações coletivas por um conceito de representações sociais. Esse processo decorre da afirmação da indivisibilidade entre o sujeito e o social e consolida um campo de pesquisa capaz de promover um fecundo debate envolvendo a sociologia e a psicologia.

Para Nóbrega (1990),

[...] a teoria das representações sociais formulada no final da década de 50 deste século se apresenta como proposição de uma *démarche* epistemológica de interpretação da realidade quotidiana da vida moderna. Ela marca uma nova etapa história da psicologia, à medida que opera uma ruptura com os ‘modelos funcionalistas’ e positivistas ainda em vigor a época (p. 6).

Ornelas (2004) argumenta que a representação social emerge do cotidiano dos sujeitos, busca estabelecer relações “[...] entre as construções simbólicas com a realidade social e dirige seu olhar epistêmico para entender como esta realidade constrói a leitura dos símbolos presentes em nosso cotidiano” (p. 14) ao tempo em que pontua:

A representação recebe o nome de *social* justamente porque é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaborar comportamentos e a estabelecer a comunicação entre os indivíduos. Esse conhecimento se nutre da ciência que, por sua vez, é apropriada pelos sujeitos pertencentes a determinados grupos. (p. 15)

Nesse sentido, a âncora teórica desta pesquisa se localiza em grande medida nos estudos de Moscovici, (1961) notadamente no seu reconhecimento da representação social como forma de conhecimento interessado no fenômeno da comunicação e em um “social móvel”. Para ele, no contexto da década de 60, a noção de representação social apoiava-se muito mais na capacidade do sujeito em construir o mundo com as condições materiais postas na sociedade, do que as condições estruturais da própria sociedade. No entendimento do autor, o fenômeno representativo, sobretudo na sociedade contemporânea, tem como características a pluralidade e mobilidade social bem como a intensidade e fluidez das trocas e comunicações, assim considera que

[...] as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos a as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, a prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica. (MOSCOVICI, 2003, p. 10).

Uma teoria que, segundo Nóbrega, tematiza o senso comum, dando-lhe “*status* legítimo” de produção de conhecimento sem apresentar “uma contraposição ao saber científico” (1990, p. 7 e 9).

Para o presente campo teórico nos ajudar no diálogo acerca das representações com qualquer grupo social e o da juventude, em particular, é mister compreender que a representação de uma coletividade vai além da soma das representações dos indivíduos. Trata-se de uma forma de conhecimento

[...] socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das intenções sociais.(JODELET, 2001, p. 22)

Um conhecimento que se constrói, com base em saberes encontra na educação um *campo fértil*. Segundo Gilly (2001), “o interesse essencial da noção de representação social para a compreensão dos fatos de Educação consiste no fato de que orienta a atenção para o papel de conjuntos organizados de significações sociais no processo educativo” (p. 321). A autora reconhece a educação como *lócus* importante para compreensão de como as representações sociais “[...] se constroem, evoluem e se transformam no interior dos grupos sociais e para elucidar o papel dessas construções nas relações desses grupos com o objeto de suas representações.”(p. 322). É preciso considerar também que as representações sociais na ambiência da educação “são feitos de contradições” (GILLY, 2001, p. 322) guardam vínculos com outros sistemas representacionais, devem ser refletidas na relação com a cultura e tratadas como “fenômenos observáveis diretamente ou reconstruídos por um trabalho científico” (JODELET, 2001, p.17)

O sentido social das representações possibilitou um diálogo qualificado entre a psicologia e a sociologia e pode ser percebido nas evidências do cotidiano à medida que “circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais.” (JODELET, 2001, p. 17 e 18). São representações comuns cujo núcleo consiste

em crenças, que são, em geral, mais homogêneas, afetivas, impermeáveis à experiência ou à contradição e deixam pouco espaço para variações individuais; [...] e fundamentadas no conhecimento, que são mais fluidas, pragmáticas, passíveis de teste de acerto ou erro e deixam certa liberdade para a linguagem, a experiência e até mesmo para as faculdades críticas dos indivíduos. (MOSCOVICI, 1961, p. 40 e 41)

Sendo assim, é pertinente a conversa de Nóbrega com Moscovici, quando diz:

Toda representação social é sempre ‘uma representação de alguma coisa ou de alguém’, processo em que se fundem o conceito e o objeto percebido no seu caráter imaginante. A natureza imaginante ou figurativa da representação está invariavelmente vinculada ao seu aspecto significante. [...] ‘a estrutura de cada representação nos aparece desdobrada, ela tem duas faces tão pouco dissociáveis quanto o são a frente e o verso de uma folha de papel; a face figurativa e a face simbólica’. (1990, p. 13).

Portanto, não existe representação sem objeto e no ato de emersão de cada representação observam-se dois pólos: a figura, como face do imaginário e a significação como face do conceitual.

As pontes do debate realizado até aqui se potencializam no trabalho, quando trago a corrente das representações sociais referenciadas na dialética.

Para Minayo (1994) da “relação entre as idéias e a base material” e da insatisfação com a perspectiva ingênua da filosofia alemã Neo-Hegelianiana em Marx é que podemos discutir a dimensão dialética na teoria das representações. Na visão marxista, a categoria central do campo das idéias, dos pensamentos, das representações é a *consciência* que, por sua vez, está vinculada com a vida material.

Não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência [...] A consciência é desde o início um produto social: ela é mera consciência do meio sensível mais próximo, é a conexão limitada com outras pessoas e coisas fora do indivíduo. [...] A consciência jamais pode ser outra coisa que o homem consciente e o ser dos homens é o seu produto de vida real. (MARX, 1984, p. 43 e 45).

Minayo, no entanto, adverte que é nos escritos do próprio Marx (1984), “as circunstâncias fazem os homens, mas os homens fazem as circunstâncias” (p. 45), que vamos encontrar razões para compreender dialogicamente o “determinismo mecânico da base material sobre a consciência” (MINAYO, 1994, p. 98), e chama atenção para “o paralelo entre consciência e linguagem, entre as representações e o real invertido” (p. 99) e sinaliza para a *condição de classe* que subjaz a formação das consciências.

As representações sociais se “manifestam nas palavras, sentimentos e condutas [...] e possui graus diversos de clareza e de nitidez em relação à realidade.” (MINAYO, 1994, p. 108). A autora aponta o caráter contraditório das representações sociais e reconhece que elas “podem ser consideradas matéria-prima para a análise do social e também para ação pedagógica-política de transformação, pois retratam e refratam a realidade, segundo determinado segmento da sociedade” (p. 110).

3.6.1 Do olhar vadio à colheita

Talvez a figura do caleidoscópio⁵¹ possa expressar melhor a multiplicidade dos *habitus* e representações sociais dos sujeitos de diálogos da presente pesquisa. Sendo as representações sociais uma modalidade de conhecimento prático e que devem “ser analisadas criticamente, uma vez que correspondem às situações reais de vida.” (MINAYO, 1994, p. 109) e *habitus* uma mediação que envolve presente e passado aqui é tomado como “o inconsciente da história, que a história produz, incorpora as estruturas objetivas nesta quase natureza” (BOURDIEU, 1973, p. 179), o nosso olhar começou

⁵¹ Aparelho óptico formado por um tubo de cartão ou de metal, com pequenos fragmentos de vidro colorido que se refletem em pequenos espelhos inclinados, apresentando a cada movimento, combinações variadas e agradáveis.

sociologicamente vadio. Não obedeceu a uma lógica de demonstração, mas “a uma lógica de descoberta na qual a realidade social se insinua, conjectura, indicia” (PAIS, 2002, p. 34). É evidente, como metaforiza o referido autor, que mesmo nas rotas do cotidiano o conhecimento do social

[...] carrila através de conceitos, os quais constituem, por assim dizer, os vagões ou carruagens do conhecimento. Mas o investigador é o maquinista do carrilamento do conhecimento [...] e como etimologicamente método significa caminho e como o caminho se faz ao andar, o método que nos deve orientar é esse mesmo: o de trotar a realidade, passear por ela em deambulações vadias, indiciando-a de uma forma bisbilhoteira, tentando ver o que nela se passa mesmo quando <nada se passa>. Nesse vadiar sociológico, como se adivinha, importa fazer da sociologia do cotidiano uma viagem e não um porto. (PAIS, 2002, p. 35).

Tais questões concorreram para pensar a pesquisa qualitativa e socialmente referenciada, para buscar uma análise ideológica e para inscrevê-la no campo das ciências humanas.

Para captar nos grupos focais as variantes discursivas, a presente investigação considerou o grupo como “mundo sócio-histórico” e o reconheceu não apenas como “um campo-objeto que está ali para ser observado; ele é também um campo sujeito que é constituído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas cotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmo e aos outros”. (THOMPSON, 1995, p. 358). Nesse sentido, foram analisadas as narrativas e os argumentos dos jovens buscando compreender as doxas⁵² e facilitar a interpretação e a reinterpretação das informações qualitativas.

Diante dos “dados” levantados junto às quatro fontes citadas, realizamos uma triangulação ou uma losagolação do conjunto das informações, promovendo, como sugere Pais (2001), uma espécie de *collage*, uma

⁵² Doxa: doksa: parecer, opinião, juízo, conjectura.

construção própria na qual “os fragmentos iluminam porque encerram em si o todo”. Valorizamos os relatos e as informações essenciais que, sob a égide de um labor sociológico, impliquem em duas fases: “uma fase analítica na qual há um desmembramento das unidades de significantes e uma fase de organização, sintética, construtiva” (p. 103). Desse modo, podemos pensar numa técnica de *bricolagem*, que promova a “atitude e prática de desmontagem e montagem, unindo e relacionando conteúdos fragmentados, como as palavras o fazem quando falamos de uma vida” (PAIS, 2001, p. 103).

Os procedimentos metodológicos apontados neste estudo foram sendo delineados no percurso por quem lançava o olhar sobre um objeto a ser investigado. Um olhar sobre o essencial. A essência é o objeto da dialética, “se manifesta no fenômeno. O fato de se manifestar no fenômeno revela o seu movimento e demonstra que a essência não é inerente nem passiva. Justamente por isso, o fenômeno revela a essência” (KOSIK, 1969, p. 11). O desafio foi “interconectar” as partes no todo.

O par ‘partes/todo’ é uma parêntese típica de pares determinados. Não se pode explicar um dos elementos do par sem o outro. Os dois termos mantêm relações de reciprocidade, implicação, pressuposição, dependência. O desafio que se nos coloca é o de saber como os interconectar. Mas esse é o desafio da análise interpretativa, o de trabalhar os fragmentos de sentido, interconectando-os revirando-lhes os sentidos. O prefixo “ana” de analisar remete, etimologicamente, para a idéia de sentidos contrários, de novos sentidos. Sentidos que possam rebelar-se contra os liamentos de vida que nos são dados numa aparente linearidade, em sua forma lisa (PAIS, 2001, p. 103).

O levantamento documental, os questionários, discussões em grupos focais bem como os demais dados “colheitados” foram organizados e categorizados sob a tensão entre as abordagens bibliográficas e conceituais e as investigações empíricas e foram analisadas e interpretadas visando

estabelecer nexos entre elas e perceber a relevância, pertinência e autenticidade das informações.

3.6.2 Olhares e falas luso-brasileiras: em “contraste”, as representações sociais das juventudes

A presente investigação como integrante de uma pesquisa matricial, que pode ser entendida como uma metodologia “que parte do diálogo crítico e criativo com a realidade, não do monólogo da consciência isolada” e do entendimento que “a realidade é complexa, multiformente condicionada, implicando uma matriz múltipla de relações lógicas e práticas”. (DEMO, 1994, p. 65), buscou entender, aprofundar e refletir acerca das possibilidades de formação humana da juventude e sob o foco da mídia televisiva sobre esporte, ouvir e trocar olhares com outras experiências de estudos e pesquisas e edificar um modo próprio de pesquisar.

Sendo o esporte uma possibilidade de lazer e sendo o lazer um campo simbólico da juventude, importa, mais uma vez trazer, Pais (2003) para, contrariando a mitificada tese da “juventude homogênea”, promover o lazer como campo privilegiado de visibilidade e sociabilidades juvenis. O desafio é, pois, minar os mitos nos seus próprios terrenos” (p. 159) e sustentar o esporte como fecundo campo empírico para aprofundar estudos na área em questão.

Para fazer avançar nosso estudo, ampliar nossos referenciais teóricos, qualificar nosso contato empírico junto à juventude e responder à problematização levantada por esse estudo, foram constituídas sanfonas de escutas.

Nas idas e vindas ao encontro dos grupos de jovens, desenvolvemos um ritual: iniciávamos com uma conversa sobre o sentido de pesquisar, chamando

a atenção sobre a pertinência e a relevância da investigação que estava realizando. Apresentava o texto-vídeo com imagens sobre o fenômeno esportivo e com imagens e argumentos vinculados à pesquisa. Em seguida, com um roteiro organizado e flexível, realizava um grupo de discussão com o objetivo de provocar e “colher” as doxas reveladas nas entrelinhas das falas e gestos dos jovens participantes.

Os discursos colhidos nos grupos focais foram como um quebra-cabeça se integrando e formando uma rede representacional. Uma cadeia de palavras-chaves e significações que constituíram as seguintes categorizações: presença; marcas/dinheiro; escola/aprendiz; hino/raça; Deus/religião e droga/conhecimento.

A **presença no esporte** foi a primeira síntese categorial que identifiquei, após registrar nas falas dos participantes do grupo focal o campo de vivência do esporte como uma questão percebida de modos distintos.

“o esporte tem grande influência nas nossas vidas [...] ele está na escola, no bairro e todo dia na televisão [...] a gente não precisa nem sair de casa. Todo mundo acaba vendo esporte na TV.”

“tem imagens nesse vídeo [...] imagens de televisão mesmo, que marcam a gente.”

“Um desporto que cresce cada vez mais em Portugal é a capoeira.”

“O esporte desenvolve de maneira física, na junta, na saúde”

“O desporto é muito bom. Ajuda a cuidar da mente, desperta nossa curiosidade”

Sabemos da abrangência da cultura esportiva. No entanto, é do mundo vivido corporalmente ou do mundo visto ou sentido que emerge basicamente a presença do ser em si, e da forma de percepção sobre o esporte. Para Kunz

(1994), “a tematização do esporte enquanto mundo vivido permite, assim, questionar de forma contextualizada, os momentos em que a corporeidade e movimento ganham significado na infância e adolescência” (p.60).

A segunda categorização que observei, situou-se no binômio marca/dinheiro. A valoração **do dinheiro, das marcas** e *grifes* como bens que afirmam prestígio e conformam poder são construídos, inclusive a partir da mídia, dentro da subliminar sedução para o consumo. No contexto dos grupos, a propaganda na televisão aparece de modo incisivo. São produtos de um universo tão distante da capacidade de renda das famílias mais pobres e, de repente, é como ficassem pertinho e logo, logo, voltassem a se distanciar.

“A renda interfere no esporte. Quem não tem dinheiro só aprende no colégio. No meu colégio agora nós estamos aprendendo handebol [...] o esporte é muito bom, aumenta a resistência física, ajuda no nosso crescimento e, às vezes, é até terapêutico”

“a propaganda da Tim, leva a gente com Ronaldo e Cafu para vários lugares do mundo.”

“muitas propagandas e jogos é só pra vender produtos e muitas vezes as pessoas só vêem a propaganda do jogo porque o horário de alguns jogos é muito tarde para quem precisa acordar cedo.”

“A propaganda começa muito antes de começar os jogos. Nas placas e nas propagandas de radio e TV.”

“O patrocinador não deveria mandar nos horário dos jogos.”

“Comprar os produtos que saem na TV é mais agradável, da mais moral. Mas eu compro o que não sai na televisão também.”

“A propaganda no desporto é importante...mas tem que ter limites. Durantes os jogos na TV a propaganda é muito prolongada.”

“Acho que tem que ser publicidade no desporto e não desporto na publicidade”

“A maioria dos jovens quer comprar o que passa na televisão.”

“A maioria das vezes a globo é que compra os jogos [...] e quem compra é que manda. Por que a globo toma conta de tudo? Quando não é esporte é violência [...] para a TV Educativa não sobra nada.”

“Precisava diversificar as modalidades esportivas na TV e isso só acontece nas olimpíadas.”

As falas demonstram o quão é importante refletir criticamente sobre o que se mostra nas mídias. Trata-se de investirmos em receptores que se tornem sujeito do seu olhar, contribuirmos para a formação de “[...] cidadãos autônomos, com capacidade para se situar na cultura esportiva, sendo sujeitos da sua construção e do seu consumo.” (Pires, 2002, p.171).

A terceira categoria articulou a **Escola** como espaço **aprendiz**. O esporte possibilidade pedagógica de cultura corporal no âmbito cultura escolar. Ao se discutir conteúdo, método e interesse pelo esporte, busquei saber o valor, o desejo e as condições para a prática esportiva.

“Depende do colégio. Muitos professores querem obcecar o aluno para jogar um esporte. Mas ele também ensina o limite”

“Toda gente gosta de desporto [...] mas só pratica os mais fáceis e os mais baratos.”

“[...] no esporte a gente se diverte e aprende muitos valores [...] mas nem sempre a gente pode praticar o que gosta [...] meu sonho é praticar natação.”

“Tem hora que é demais. Os jornalistas escolhem um jogador e ai só fala dele. Um exemplo foi último campeonato brasileiro. Escolheram Robinho e Diego, e foi só Robinho e Diego e Diego e Robinho [...] e nunca escolhem um jogador do Bahia ou do Vitória...na televisão o nordeste é sempre discriminado.”

Nesse conjunto, expressam-se representações acerca do significado da prática do esporte na escola e reconhece o esporte, ora como possibilidade

pedagógica e exercício de prazer, ora como frustração pela falta da oportunidade ou desejo contido.

Das relações **étnico-raciais e dos hinos nacionais** emergiu o quarto agrupamento como categoria. Tratou-se de um debate sobre o mito da democracia racial, tomando a mídia esportiva como espaço de afirmação simbólica de raças e nações.

“Tem racismo na TV [...] mas no esporte é diferente. O atleta que tem resultado a mídia tem que mostrar.”

“O jogador é divulgado pelo que faz independente de ser branco ou negro.”

“Quero dizer uma coisa que veio na minha cabeça agora [...] Por que a mídia não mostra as boas coisas que acontecem aqui?”

“O hino nacional no esporte só quando vai representar o Brasil. No colégio eu não sou muito chegada.”

“O hino? Eu acho muito importante. É uma forma de preservar a cultura. As vezes eu não consigo nem cantar (e nem sei todo confesso), é muita emoção mesmo pela televisão.”

Ora como referente, capaz de atuar a favor daquele que atua sob o manto da fé, ora com temor, o delicado tema que articula **religião** e esporte obteve, junto aos jovens pesquisados, um destaque para **Deus** como instância de fé para alcançar o sucesso no esporte e de distanciamento do Deus todo poderoso, das práticas humanas de caráter sócio-esportivas.

“esporte é uma coisa [...]religião é outra”

“é claro que a religião se envolve com o esporte[...]por que Deus está em tudo”

“Esporte e religião podem se misturar [...] se Atenas é a cidade dos deuses!”

“Sou favorável à religião no desporto. O problema é que muitos atletas se benzem para TV e não pra Deus.”

O debate sobre a relação esporte e **droga** nos remete a uma máxima consolidada no imaginário social de que um dos principais caminhos para se evitar as drogas ilícitas estaria justo na prática regular de esporte. O grupo apresentou um olhar cético a esse respeito.

“Mais ou menos. Eu conheço muita gente que pratica esporte e usa drogas.”

“[...] o caso mesmo de Maradona que passa no vídeo é diferente. Ele como era um grande jogador e o corpo físico não estava agüentando mais...não tinha mais capacidade de mostrar o seu trabalho [...] ai partiu para o doping, para o uso de drogas e veio também a bebida e a cocaína.”

“Se não tivesse exame anti-doping seria muito pior.”

“Sobre consciência no esporte o que eu acho é que cada um faz o que pode o que vem na cabeça [...] mas, as vezes, para mostrar que é bom faz tudo ...usa até droga pra ganhar.”

Relatos oficiais, mesmo que questionáveis, do ponto de vista de protocolos muito rígidos, “indicam que o problema do doping no esporte é um problema quase tão antigo como o próprio esporte. O chamado uso de “meios auxiliares”, especialmente de natureza química, para influenciar no rendimento esportivo já era algo conhecido nas antigas olimpíadas gregas.” (Kunz, 1994, p. 50 e 51). Portanto, o caminho do esporte pode ser contraditoriamente o caminho da drogatização.

Provocados pelas perguntas: Esporte **aliena**? Por que tem **violência** no esporte? Qual é seu ídolo no esporte?, instalou-se uma polêmica sobre as oportunidades sociais como saída para melhoria da qualidade de vida e a violência como uma construção social.

“O esporte aliena as pessoas fracas [...] tem que ficar ligada.”

“A mídia não encontra na periferia, nos bairros populares o que procura.”

“A novela malhação fala do dia a dia e ensina a sair de alguns problemas.”

“Eu não sou fanática por futebol como meu irmão...mas é aquela coisa [...] quando o Benfica vai jogar todo mundo torce lá em casa.”

“Quem não quer ter a mesma chuteira de um ídolo?”

“A violência não é instinto do Jovem o que pega mesmo não é só o abandono [...] é a falta de oportunidade.”

“A violência surge por toda gente quer ganhar.”

“A capoeira é povão, todo mundo gosta de capoeira na Bahia, mas sai muito pouco na mídia.”

“A TV influencia muito o povão. Mas é uma raridade passar o povão na TV – passa mesmo os famosos e tudo por causa do IBOPE. Se Pelé chegar em águas claras [...] todo mundo quer ir ver e depois vai colar na televisão pra ver se saiu.”

“Ainda outro dia eu estava pensando nisso. Acho que não tenho ídolo. Mas gosto de ouvir os cracks falando.”

O desejo de ser alguém, de ser escutado, é latente nas comunidades juvenis. Não se fala em cultura da paz, mas se reivindica e se cultiva o sonho da oportunidade de estudo e de trabalho. Nota-se uma grande preocupação com a violência urbana tão nítida nos bairros populares de Salvador.

Os dados da Comissão de Justiça e Paz demonstram que estamos numa verdadeira guerra na Região Metropolitana de Salvador, “se mata mais do que se matou na guerra da Iugoslávia, através de 10.484 bombardeios, que tanto chocou o mundo”. Nesta guerra regional, “tanto os que morrem quanto os que matam são jovens, trabalhadores, negros(as) e moram nos bairros pobres da periferia. E entre os que mais matam estão policiais, a serviço do Estado.” E o que é mais grave é que “há resultados idênticos em pesquisas realizadas em

outros Estados pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos”.(SILVA a., 2000, p.101)

Ao final dos grupos focais, importou ao presente estudo saber a repercussão e a importância de pesquisa, envolvendo a juventude na visão dos próprios jovens.

“É muito bom porque nem todo mundo conhece a teoria do jovem.”

“A pesquisa faz agente pensar em coisas que nunca tínhamos pensado antes [...] uma pesquisa sobre televisão e esporte agente pode falar o que vê e o que sente [...] é o nosso ponto de vista...uma fonte sobre o adolescente.”

“A pesquisa nos integrou mais, agente fica sabendo o que o colega sente e pensa.”

“É bom a faculdade querer saber a opinião do jovem daqui.”

Ficou evidente o interesse recíproco entre universidade e comunidade e em particular a comunidade juvenil. A pesquisa reforçou ainda o relevo social e o vínculo popular que o fazer universitário pode ter e atestou o grupo focal como um procedimento contemporâneo em investigações qualitativas.

Tira 03 – Laerte



4 *HABITUS* E FASCÍNIO DA TELEVISÃO: O ESPAÇO-TEMPO DA MÍDIA ESPORTIVA

Pode-se pensar o Brasil a partir da televisão?

Sim, sem dúvida.

E talvez não haja mais a possibilidade
de pensar o Brasil sem pensar a TV.

Bucci⁵³

O processo comunicativo, sobretudo a mídia de grande alcance, denominada de Meios de Comunicação de Massas (MCM), é composto pela mídia impressa, radiofônica e televisiva. Tais mídias, ou *media* como preferem os estadunidenses e também os franceses, têm origem no latim *médium*. Na teoria da comunicação, o termo *media* “designa o conjunto de meios de comunicação social ou de massas, como a imprensa (jornais, revistas e até livros), meios eletrônicos como rádio e televisão, além de outras tecnologias que vão sendo gradualmente inventadas e industrializadas, como, hoje em dia, a internet” (Freixo, 2002, p. 16). Os MCMs cada dia mais ampliam sua penetração cultural e sua capacidade de formação social e ideológica. A ideologia da e na comunicação vem instigando vários autores que estudam o processo comunicacional na sociedade contemporânea.

Freixo considera que todo ato comunicativo (informação e entretenimento) tem influência pontual na vida social das pessoas e, a longo prazo, conseqüências indeterminadas. Para o autor, isso implica “aceitar a função de informar, mas, também, a de formar, que têm os meios de comunicação de massa e, em particular, a televisão (Freixo, 2002, p. 16). Nessa perspectiva, dois princípios pedagógicos concorrem para nexos mais

⁵³ Eugênia Bucci é crítico de televisão e organizador do livro *a TV aos 50*.

consistentes entre a educação e a comunicação. São atitudes que visam:

Educar para o uso da televisão: formar espectadores conscientes, críticos e activos, capazes de programar o seu próprio consumo e de realizar um uso eficiente da televisão. Trata-se de uma educação que a sociedade, salvo excepções, não desenvolve e que, por conseguinte, poucas instituições educativas acolhem [...] *Educar através da televisão:* transmitir conteúdos formativos e educativos através da televisão. Não se perca de vista que esse grande e urgente objectivo constituiu uma necessidade profundamente sentida por muitos e, sobretudo, pelos jovens estudantes. Assim, torna-se necessário imaginar uma estratégia global que permita integrar, de modo coerente e sistemático, a inteligência da televisão com a educação, em prol de uma facilitação na compreensão dos conteúdos e de uma adequação à realidade do cotidiano dos alunos.(p.18).

Em Paiva (2002), tais princípios são relativamente contemplados como *recursos educativos e recursos didáticos*.

Como educativos a autora entende

Os programas que se valem de todos os recursos possíveis da técnica e da tecnologia dos acervos de imagem, de situações imprevistas e de criatividade, para tratar um tema ou uma questão de modo a *provocar* questões (outras) no espectador. Os programas não pretendem ensinar nada, mas apresentar situações de impactos, de confronto, de questionamento, que coloquem os conhecimentos e as experiências anteriores em xeque, obrigando o espectador a se indagar e a vasculhar seu repertório pessoal para tentar se posicionar, decidir, pensar, discordar, concordar com alguma situação que lhe é apresentada, ou que o desafie (PAIVA, 2001, p. 69).

E como didático Paiva relaciona aqueles programas

que têm uma disposição incontestável para “ensinar” alguma coisa (o que não quer dizer que o consigam). Mas se armam de seqüências chamadas lógicas, estruturas de início, meio e fim que partem do chamado mais fácil para o mais difícil, de esquemas organizativos e recursos de fixação. (PAIVA, 2001, p. 68).

As produções em torno da comunicação e, em especial, da televisão podem, nos quadros sistematizados e organizados por Freixo, encontrar uma qualificada descrição. A bem da verdade, faz-se necessário também registrar os limites que podem incorrer as tentativas de classificação.

Os esforços acadêmicos para construção dos esquemas e quadros buscaram situar, no quadro a seguir, o campo da comunicação ao longo da história. Inicialmente, é mister reconhecer o caráter multidisciplinar da comunicação e sua dimensão polissêmica. A abrangência conceitual da comunicação permitiu a Freixo (2002) reconhecer a atualidade dos estudos de Frank Dance (1970) e mapear cerca de 15 componentes:

QUADRO 07 - COMPONENTES CONCEPTUAIS EM COMUNICAÇÃO

Símbolos/Verbais/Fala:	“Comunicação é o intercâmbio verbal de pensamento ou idéia.” (John B. Hoben, 1954).
Compreensão:	“Comunicação é o processo pelo qual compreendemos os outros e, em contrapartida, esforçamo-nos por compreendê-los. É um processo dinâmico, mudando e variando constantemente em resposta à situação total.”(Martin P. Anderson, 1959).
Interação/ Relacionamento/ Processo Social:	A interação, mesmo em nível biológico, é uma espécie de comunicação; caso contrário, actos comuns não poderiam ocorrer.”(G.H. Mead, reedição, 1963).
Redução da Incerteza:	“A comunicação decorre da necessidade de reduzir a incerteza, de actuar eficientemente, de defender ou fortalecer o ego.” (Dean C. Bamlund, 1964).
Processo:	“Comunicação: a transmissão de informação, idéias, emoção, habilidades etc., pelo uso de símbolos – palavras, imagens, números, gráficos etc. É o acto ou processo de transmissão que usualmente se designa como comunicação.” (Berelson e Steiner, 1964).
Transferência/Transmissão/Intercâmbio:	“(…) o fio condutor parece ser a idéia de algo que está a ser transferido de uma coisa ou pessoa para outra. Usamos a palavra comunicação ora em referência ao que é assim transferido, ora aos meios pelos quais é transferido, ora ao processo como um todo. Em muitos casos, o que é assim transferido continua sendo compartilhado; se eu transmito informação a outra pessoa, ela não deixa de estar em minha posse pelo facto de passar a estar também na posse dela. Assim sendo, a palavra comunicação adquire também o sentido de participação. É nesta acepção por exemplo, que os devotos religiosos comungam.” (J.Ayer, 1955).
Ligação/Vinculação:	“A comunicação é o processo que liga entre si partes descontínuas de mundo vivo.” (Ruesch, 1957).
Participação Comum:	“Comunicação é um processo que torna comum para dois ou muitos o que era monopólio de um ou poucos.” (Alex Godê, 1959).
Canal/Transmissor/Meio/Via:	“Os meio de emissão de mensagens militares, ordens etc., por telefone, telégrafo, rádio, mensageiros ou estafetas.” (American College Dictionary).
Reprodução de Lembranças:	“Comunicação é o processo de conduzir a atenção de outra pessoa, com a finalidade de reproduzir lembranças.” (Cartier e Harwood, 1953).

Resposta Discriminativa / Modificação do Comportamento/ Resp.	“Comunicação é a resposta discriminatória de um organismo a um estímulo.” (S.S.Stevens, 1950).
Estímulos:	“Todo e qualquer acto de comunicação é visto como uma transmissão de informação, consistindo em estímulos discriminativos de uma fonte para um receptor.” (Theodore Newcomb, reedição, 1956).
Intencional:	“Na sua essência, a comunicação tem como interesse central aquelas situações comportamentais em que uma fonte transmite uma mensagem a um receptor (ou receptores), com o propósito consciente de afectar o comportamento deste último (ou destes últimos).” (Gerald Miler, 1966).
Tempo/Situação:	“O processo de comunicação é o de transição de uma situação estruturada como um todo para outra, num padrão preferido.” (Bess Sondel, 1956).
Poder:	“(…) comunicação é o mecanismo pelo qual o poder é exercido.” (S.Schacter, 1951).

Os conceitos em tela, construídos historicamente, se associam aos fundamentos teóricos da comunicação humana desenvolvidos por Littlejohn, citado por Freixo, que apontam três grandes áreas (orientações gerais, processos básicos e contextos de comunicação) e 11 generalizações sobre o ato comunicativo.

QUADRO 08 GENERALIZAÇÕES E CONCEITOS BÁSICOS SOBRE COMUNICAÇÃO

Área	Generalização	Conceito-chave
Orientações Gerais	A comunicação é um processo complexo. O processo de comunicação é primordialmente um processo de interacção simbólica.	Processo Interacção simbólica
Processos Básicos	A interacção simbólica é um processo de emissão e recepção de mensagens codificadas. Um sinal é um estímulo que tem significado para as pessoas. As mensagens são sinais e grupos de sinais formados através dos processos de pensamento humano. As mensagens fornecem informação. A comunicação resulta em mudança.	Codificação Significado Processos de pensamento Informação Persuasão e mudança
	A comunicação interpessoal ocorre em contexto de	Interpessoal

Contextos de Comunicação	interacção face-a-face. A comunicação realiza-se em contexto de pequeno grupo. A comunicação realiza-se em contexto da organização. A comunicação realiza-se em contexto de massa.	Pequeno grupo Organizacional Massas
--------------------------	---	---

Com base nos apresentados, podemos depreender o carácter ideológico da comunicação. Comunicação aqui entendida como uma construção societária que envolve “a relação com o outro, a troca, a partilha, ou seja, a comunicação é talvez o que melhor define a situação do homem em sociedade, com os seus êxitos e os seus insucessos [...] não há sociedade humana sem comunicação” (FREIXO, 2002, p. 25). Sendo assim, ao pensar em comunicação, convém destacar as relações de poder, as tensões culturais, as disputas por hegemonia.

Gastaldo (2002) discute a noção de hegemonia a partir do pensamento gramisciano, e nos ajuda a entender como a mídia cumpre uma função ideológica. Gastaldo advoga a tese em que a hegemonia é resultante de conflitos entre forças sociais diferentes e que os espaço midiáticos são lócus privilegiados de edificação de hegemonias. As mídias tem o poder de propor temas e veicular mensagens encharcadas de representações sociais. Desse modo, concorre para edificar “realidades” e potencializar “definições” como elemento poderoso e “eficaz na constituição de uma ‘versão dominante’ na cultura de uma sociedade” (GASTALDO, 2002, p. 42).

A dinâmica midiática como veículo de publicidade de produtos e fatos sociais busca, nas suas entrelinhas, mais leitores, ouvintes e telespectadores numa “luta arbitrada pelo índice de audiência” (BOURDIEU, 1997, p. 69). As olimpíadas podem ser um bom exemplo da audiência a qualquer preço. Nesse caso, o preço em questão busca construir a audiência por antecipação, antes

das “provas”. Em artigo nomeado A costumeira enganação⁵⁴, o jornalista Mino Carta adverte que, com os Jogos Olímpicos, assistimos “mais um exemplo do tradicional esforço da elite nativa para iludir a nação”. Seus escritos durante as Olimpíadas da Grécia 2004 reconhecem a importância do esporte e das olimpíadas em particular, mas não abre mão da crítica aos grandes grupos de comunicação de massa, quando os mesmos tentam “conquistar” a audiência, promovendo mais euforia do que informação.

Quem olha a tevê, escuta o rádio ou lê os jornais, nestes dias, habilita-se à convicção de que o Brasil vai ganhar as Olimpíadas de Atenas. Na voz dos locutores, na pena dos comentaristas, registra-se a euforia das grandes vigílias. Não é que as Olimpíadas não sejam excepcional espetáculo e não mereçam cobertura especial. Não é que o Brasil careça de condições para se tornar potência do esporte mundial, bem como em outros domínios. Ocorre que o esporte, bem como outras manifestações do homem, não escapam às contingências políticas, econômicas e sociais. De sorte que, na circunstância em questão, desenrola-se mais um capítulo da retórica engendrada por uma elite (elite?) ignorante, predadora, arrogante e hipócrita. E o povo, alvo da operação e caldo de cultura de eventuais heróis olímpicos? Por obra desta turmeta de donos do poder, às vezes chamados de cartolas, o Brasil não é a potência que merece ser, no esporte e em tudo o mais. Quanto às Olimpíadas, a representação nativa conseguiu sua melhor colocação, 15º lugar, em Antuérpia, há 84 anos, quando os participantes eram poucos e bastavam três medalhas para se destacar. Em 1924, 28, 32 e 36, zero medalha. Nas últimas Olimpíadas, Sydney 2000, o Brasil foi o 52º, com 12 medalhas, 6 de prata e 6 de bronze. Resultado paupérrimo para uma nação de quase 200 milhões de habitantes. Nos últimos 84 anos, atletas brasileiros penduraram no peito 66 medalhas olímpicas. As duas Alemanhas, atualmente unificadas com cerca de 80 milhões de habitantes, só em 1976 ganharam exatamente o dobro. Há diferenças óbvias, está claro. E as Olimpíadas teriam de registrar, muito antes que uma contenda entre nações, a prova da perfectibilidade do ser humano. Mas não exageremos nas expectativas. Aceitemos os arroubos contingentes de quem identifica na vitória esportiva a demonstração de uma supremacia nacional. Causa espécie, contudo, a euforia hipócrita dos comunicadores, motivada pela exclusiva razão mercadológica. Resulta na enésima enganação do povo sofrido. (<http://www.cev.org.br/cessado> em 11 de agosto de 2004).

Entretanto, não podemos reduzir a mídia ao aspecto da audiência. Ela produz *bens culturais*. A esse respeito convém entender a comunicação massiva como

⁵⁴ Revista Carta Capital: 11 de Agosto de 2004 - Ano X - Número 303.

[...] entidade complexa e multidimensional, a mídia também tem uma dimensão social, manifesta estruturalmente em sua institucionalização. A tecnologia necessária à veiculação dos produtos da mídia não existe isolada na sociedade, ela se insere na sua estrutura através de instituições, como indústrias (que fornecem equipamentos e tecnologia), governos (que regulam as relações entre mídia e sociedade), universidades (que fornecem quadros profissionais para as instituições), além das próprias empresas de comunicação, que operam (no Brasil) sob concessão do governo (GASTALDO, 2002, p. 41).

Na telinha, o esforço para o desenvolvimento tecnológico de comunicação envolve distintos setores da sociedade, mas as concessões públicas de sinais de televisão continuam reproduzindo hegemonicamente a lógica dos grandes grupos privados.

Nesse cenário, trago mais uma vez Pretto que, citando Novaes, revela:

No Brasil, a situação é preocupante uma vez que há apenas quatro famílias de comunicação eletrônica no país. Para Washington Novaes, 'o que existe hoje no Brasil, nesta matéria, é um imenso anacronismo. Na verdade mais do que a propriedade sobre os meios de comunicação, temos a propriedade privada da informação' (p. 50).

O fenômeno midiático é amplo, se caracteriza pela variedade de modalidades e de programações e vive sob a égide crescente e sofisticada do mercado neoliberal em detrimento do mercado justo.

Nessa linha, porém, de modo próprio e independente, a mídia alternativa busca consolidar seu espaço. Exemplo de mídia crítica e engajada e que volta seu olhar para os movimentos sociais é possível apontar o Centro de Mídia Independente - CMI cujo propósito é estruturar

[...] uma rede de produtores independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. O CMI Brasil quer dar voz aos que não têm voz constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que freqüentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses dos ricos e dos poderosos. A ênfase da cobertura

é sobre os movimentos sociais, particularmente, sobre os movimentos de ação direta (os "novos movimentos") e sobre as políticas às quais se opõem. A estrutura do site na internet permite que qualquer um disponibilize textos, vídeos, sons e imagens tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações. (SITIO VIRTUAL DA CMI BRASIL, 2004).

Trata-se de uma verdadeira cadeia de produção, na qual a televisão se configura em canal privilegiado. Para Machado (2000), falar de televisão requer definir um “*corpus*, ou seja, um conjunto de experiências” que acolhe distintas possibilidades de “produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos” e compreende as atividades desse ramo que se desenvolvem “nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público” (p. 19 e 20). A TV, essa janela *in door* do local e do global, talvez seja o mais qualificado e abrangente veículo de comunicação contemporâneo.

Segundo Bucci, “em números aproximados, há cerca de 40 milhões de lares com televisão no Brasil, o que corresponde a 90% do total. Isso, para uma população que lê pouco, dá à TV uma condição de monopólio da informação, ou seja, a TV monologa sem que outros meios lhe façam contraponto”. (Bucci, 2000, p. 9). O autor reconhece os avanços estéticos e tecnológicos alcançados pela televisão brasileira bem como o papel estratégico da TV no processo de integração nacional, mas aponta nos seus escritos a importância de pensar a televisão de modo crítico, original e propositivo. Para ele, criticar a televisão se constitui em um exercício de “utilidade pública”. Um desafio inadiável já que “talvez não haja mais possibilidade de pensar o Brasil sem pensar a TV” (BUCCI, 2000, p. 8).

Fischer (2001) aponta que, no período mais recente, mesmo os meios de comunicação reconhecendo o lugar e a importância da família e da escola na educação dos mais jovens, “a TV brasileira tem se apresentado como uma instância da cultura que deseja oferecer mais do que informação, lazer e entretenimento”. Os estudos da autora reforçam a necessidade da crítica permanente ao discurso⁵⁵ televisivo não só por reconhecer que a TV também é um lugar especial de educação, com “importantes repercussões nas práticas escolares” mas porque os discursos midiáticos, ao fazerem parte do cotidiano da imensa maioria da população conseqüentemente “nos sub-jeitivam, nos dizem ‘o que dizer’”.(FISCHER, 2001, p. 85).

A presente pesquisa reconhece a importância da multiplicidade de olhares midiáticos e subscreve a luta pela democratização dos meios de comunicação, como veremos a seguir, ao tempo em que busca situar o quadro referente às propriedades de televisão no Brasil e na Bahia (ver anexo) bem como rastrear na mídia, e de modo particular na mídia televisiva, os crescentes programas, tempos e espaços destinados ao esporte nos meios de comunicação de massas e entender os interesses subjacentes a essas programações.

4.1 DEMOCRATIZAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A sociedade brasileira historicamente reivindica o acesso democrático à informação e, mais do que isso, luta por critérios socialmente referenciados para concessão de rádio e TV. Ainda na década de 70, surgiram as primeiras

⁵⁵ Discurso para Fischer em dialogo com Foucault “não se confunde com fala, oratória, frases, enunciações [...] e não se opõe a (nem se distingue de) aquilo que costumeiramente entendemos por ‘prática’ ou até mesmo por ‘realidade’. Discurso é mais do que isso. [...] o discurso é ele mesmo uma prática: o discurso constitui nossas práticas e é construído no interior dessas mesmas práticas.” (2001, p. 85)

iniciativas orgânicas de um movimento nacional de luta pela democratização do “quarto poder”.

Eram formulações imbuídas, principalmente, de um enfoque meramente contrapositivo, oposicionista e ‘negativo’, privilegiando as denúncias em detrimento das proposições e identificação de novas possibilidades. Prevalencia, entre setores de esquerda - e mesmo entre setores liberais que se preocupavam com as questões da comunicação no Brasil - a concepção de que, em última instância, só a “conquista do Estado” proporcionaria os meios necessários para a profundidade das transformações pretendidas que, aliás, nunca eram claramente formuladas. A luta precedendo a ‘conquista do Estado’, portanto, era caracterizada como um simples momento de contraposição. A prática da denúncia, ainda que desprovida de projeto, satisfazia por seu contorno ‘heróico’. (www.fndc.org.br> Acesso em 22 de maio de 2004.)

Os crescentes questionamentos relativos à concentração dos grandes meios de comunicação de massa na mão de poucos, potencializada pelos 20 anos de ditadura militar no Brasil, em confronto com o processo de redemocratização da sociedade brasileira, impulsionaram no final da década de 80, especialmente no início da década de 90, uma razoável produção literária crítica a respeito do tema. Tais produções eram difusas, particularizadas e, em parte, de cunho anarquista, cumpriram papel importante⁵⁶, mas não “feriam as estruturas dominantes da comunicação” restringindo a espaços periféricos. (www.fndc.org.br> Acesso em 22 de maio de 2004).

Esse movimento fez surgir, “a partir de um esforço de revisão crítica das frustradas experiências anteriores” no início da década de 90, um fórum aberto de discussão sobre o tema, denominado Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação⁵⁷ que, desde 1996, transformou-se em pessoa jurídica. O

⁵⁶ Em cerca de duas décadas de luta pela democratização da comunicação no Brasil, uma exceção propositiva ocorreu quando alguns setores apresentaram para o governo Tancredo Neves e desconsideradas pelo governo Sarney, uma política para comunicação.

⁵⁷ As entidades integrantes do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação reuniram-se de 29 a 31 de julho de 1994, em Salvador e na oportunidade aprovaram este

fórum “congrega entidades da sociedade civil para enfrentar os problemas da área das comunicações no país” e após uma paralisação orgânica retomou suas atividades, a partir do final de 2001, coincidindo com o momento histórico em que se apontava para a possibilidade de um projeto nacional democrático e popular chegar a alta administração pública do Brasil e com o debate sobre a regulamentação da área das comunicações e a explicitação do interesse da mídia ao capital de empresas e investidores nacionais e estrangeiros nesse setor.

Nesse cenário, durante o Fórum foi formulado e encaminhado ao governo federal um programa⁵⁸ para a área das comunicações, buscando, como registra seu sítio eletrônico, contribuir para a “construção da democracia, da cidadania e da nacionalidade no Brasil”. O documento com as Bases de um Programa para a Democratização da Comunicação e com proposta de caminhos e atitudes para uma comunicação pública e democrática no país, afirma que, diante do contingente populacional brasileiro, do espaço territorial que o nosso país ocupa no cenário mundial e da força da sua economia, o Brasil

[...] precisa, urgentemente, dos meios de comunicação de massa para desenvolver uma cultura nacional, recuperar sua auto-estima, impulsionar sua economia e serviços de interesse público, superar seus desequilíbrios e projetar-se como potência mundial”. Só com premissas revolucionárias o Brasil alcançará a condição de enfrentar um contexto internacional adverso e ir mais longe do que o levaram os impulsos desenvolvimentistas iniciados nas décadas de 30 e 60, que adotaram premissas conservadoras. As transformações que se impõem, na área da comunicação – com uma recomposição do papel do Estado, da sociedade e do setor privado – são necessidades estratégicas para o desenvolvimento do país (FNDC, 1994)

documento para servir como referência na interlocução junto ao Estado, aos partidos políticos e à sociedade civil.

⁵⁸ Documento aprovado na sua IX Plenária, ocorrida no Rio de Janeiro, entre 14 e 16 de junho de 2002.

O Fórum reuniu, em torno de si, cerca de 50 Comitês Regionais e Comissões pró-Comitês e 32 entidades nacionais e liderou, em diferentes frentes, a luta pela democratização da comunicação no Brasil: “a implantação do Conselho de Comunicação Social, a disputa da regulamentação da TV a Cabo e da elaboração de uma nova *Lei de Imprensa* - que o Fórum respondeu, posteriormente, com o projeto da *Lei da Informação Democrática*”.

Mesmo desafiada pelas suas frentes de luta, o Fórum nunca abandonou “a perspectiva do desenvolvimento de um programa abrangente para a área da comunicação, superando as armadilhas e limitações” [...] e o “desconforto de lidar com algo mais do que ‘palavras de ordem’, fórmulas fixas, idéias fechadas e soluções definitivas e dedicou-se a aprender o convívio com o precário, o provisório e o instável, características próprias da realidade humana. A fé começou a ser substituída pela ação estratégica”. Tal ação é uma construção coletiva e vem sendo desenhada com contradições e com a intenção de constituir o que foi denominado pelo fórum de um *meio condutor de finalidades estratégicas* que compreende a comunicação no bojo de um fazer universal e reconhece que a comunicação de massa foi extraordinariamente potencializada a partir da década de 50, com a popularização da televisão.

Nesse processo, salta aos olhos a capacidade de influência dos meios de comunicação de massa na sociedade, ao tempo em que, técnica e politicamente vem ampliando seu papel estruturador no cotidiano de indivíduos e gerações. Tal papel, fundado num ritmo vertiginoso, na superficialidade dos acontecimentos e na exacerbação dos apelos comerciais, vem operando assustadores processos de desumanização. Aumenta o poder de persuadir de forma desproporcional ao controle do Estado democrático e da sociedade.

Para se contrapor a essa situação, o fórum, após um diagnóstico sobre o quadro da política de comunicação no Brasil, apresentou quatro estratégias orientadoras de políticas públicas para o setor.

A primeira estratégia visa desenvolver o controle público, tomando como referência as relações democráticas,

[...] atribuam à sociedade condição de iniciativa diante do Estado e do setor privado. Estas novas relações pretendem revolucionar as bases do poder real, neste país, com a superação da mistificação do Estado como encarnação onisciente e onipotente da universalidade e detentor exclusivo do monopólio da representação do Público. E também com o compartilhamento, entre os setores organizados da sociedade e o setor privado, das responsabilidades na construção e orientação dos sistemas de comunicações. Neste contexto, o Estado deverá ser afirmado e fortalecido no seu papel de regulador e qualificador das práticas sociais, com uma ação substantivamente legitimada pelas novas relações. Estas transformações serão buscadas com o estabelecimento de relações multilaterais, nas quais se destaca um sistema de mediações institucionais que deverá permitir a interação da sociedade com o Legislativo, com os órgãos administrativos do Governo Federal, com as 'entidades pensantes' do Estado, com a representação do setor privado e com as massas de consumidores de meios de comunicação. Também deverão possibilitar a capacitação e a integração dos setores organizados da sociedade entre si. A construção do **controle público** deverá corresponder ao advento de práticas democráticas na elaboração de políticas públicas para a área das comunicações, gerando critérios para a concessão, posse e uso dos veículos e, sobretudo, a possibilidade de incidência democrática da sociedade sobre o conteúdo dos veículos de comunicação.

A segunda estratégia discute a reestruturação do mercado na área das comunicações,

[...] superando a espontaneidade e orientando seu desenvolvimento e dotando-o de finalidades humanizadoras. Para o alcance deste objetivo, é decisivo a existência de um Governo Federal que adote medidas de estímulo à concorrência e ao exercício da capacidade empreendedora, em larga escala no país, tanto no seu sentido comercial como político, visando a pluralidade.

A terceira estratégia versa sobre a capacitação da sociedade e dos cidadãos,

[...] imprescindível para uma mobilização crescente da sociedade, do setor privado e do Estado na realização das tarefas gigantescas e complexas, mas perfeitamente exeqüíveis, de revolucionar estruturalmente os sistemas de comunicações do país. É uma mobilização que deve conferir legitimidade e sentido social à atuação

do setor privado, e estabelecer uma ampla representação da pluralidade nos sistemas de comunicações. São medidas que vão da disseminação da capacidade de **produção de inteligência** pelos setores organizados da sociedade, sobre a área das comunicações, até o estímulo à **autonomia intelectual** dos indivíduos.

Finalmente, uma política de desenvolvimento da cultura como a quarta estratégia. Caracteriza-se pelo senso crítico às políticas de comunicações e incide sua ação na dimensão cultural do país.

O país necessita de uma **política de desenvolvimento da cultura** para alcançar autonomia estratégica e exercer sua soberania, num contexto internacional particularmente adverso. É necessário deflagrar um processo civilizatório, com o concurso dos meios de comunicação de massa para que o país, democraticamente, possa arbitrar seu destino e suas finalidades.

Ainda que relativizemos o olhar estratégico do fórum, em essência, estamos com os desafios postos pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) na luta por uma comunicação que valorize o ser humano, que assegure uma concessão e uma regulação democrática da radiodifusão no Brasil e que possa reverter o quadro de concentração de poder e mando na mídia brasileira⁵⁹.

Esse processo é complexo, internacional e vem de muito tempo. Preto, no final da década passada, já denunciava esse fato.

Após a segunda Guerra Mundial, essa concentração tem se intensificado, com um movimento sem igual de aproximação de diversas indústrias, que antes eram concorrentes e hoje passa a trabalhar em parcerias. São fusões, associações, desenvolvimentos de projetos comuns, todos com o mesmo objetivo: aperfeiçoar mais ainda os novos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, atingir um mercado mundial. (1996, p. 44).

⁵⁹ O Ministério das Comunicações tornou público, pela primeira vez na história do Brasil, relatório com a composição societária de todas as emissoras de rádio e TV do Brasil. Ver lista dos proprietários da mídia baiana. Em anexo é possível ver a lista dos “donos” da mídia brasileira no sítio: <http://www.mc.gov.br/rtv/licitacao/ACIONISTAS.pdf>, acessado em 22 de maio de 2004.

Sendo assim, pode-se apreender o caráter contraditório desse processo e reafirmar a importância estratégica da luta contra a concentração dos meios e a favor da democratização dos meios e das mensagens de comunicação.

4.2 A TV PARA ALÉM DO QUE SE MOSTRA

O ato comunicativo na televisão tem características próprias e, no interior do seu processo, destaca-se a audiência. Nela inscreve-se uma dimensão denominada de recepção sobre a qual se vêm desenvolvendo importantes pesquisas. Trata-se de uma questão antiga que reúne recentes e qualificados enfoques.

Para Melo (1998), pesquisar em comunicação requer estudar cientificamente os elementos que constituem o processo referente à comunicação bem como analisar todos “os fenômenos relacionados ou gerados pela transmissão de informações” (p. 20). A rigor é o estudo do comunicador, da mensagem e do receptor. Para o referido autor, a pesquisa em comunicação é um campo interdisciplinar de estudo que remonta a antiguidade grega e que pode ser subdividida em distintas fases: a dos *sofistas*; a dos *enciclopedistas*; a dos *filósofos sociais*; a dos *cientistas sociais* e a fase da *pesquisa integrada*.

Mattelart e Mattelart, (1997) refutam as abordagens excessivamente cronológicas de leitura da história das teorias e concebem, como trajetória do debate, uma forma não linear. Uma dinâmica de fluxos e refluxos sociais e históricos. Os autores saúdam a possibilidade de receptor sujeito, ao tempo em que defendem o caráter interdisciplinar das ciências da informação e

comunicação.

Para Wolf (1987), a comunicação de massa é feita de diferentes aspectos: ordenamento legal, operações financeiras, programas e programações, artefactos tecnológicos. Sua teoria influenciou e continua influenciando as teorias da comunicação. Recorta oito momentos para caracterizar os estudos sobre os meios de comunicação: a teoria hipodérmica; teoria empírico-experimental; teoria da pesquisa de campo; teoria estrutural funcionalista; teoria crítica; teoria culturológica; teoria *cultural studies* e as teorias comunicativas (Wolf, 1987, p. 18). Buscando organizar tais abordagens, apresento quadro desenvolvido coletivamente por César Leiro, Cleide Aparecida Rodrigues e Ricardo Coutinho para um seminário da disciplina: EDC 708/2002, Educação e tecnologias contemporâneas, coordenada pelos professores Edvaldo Couto e Nelson De Luca Pretto, articulando as teorias, principais características e o seu tempo histórico aproximado.

QUADRO 09 - DEMONSTRATIVO DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO I

TEORIA	CARACTERÍSTICAS	MODELO	REFERÊNCIAS
HIPODÉRMICA Anos 30	Prioriza os efeitos dos meios: quem diz o quê, através de que canal, com que efeito? Relação direta entre a exposição do receptor às mensagens e o comportamento. "cada indivíduo é um átomo isolado que reage isoladamente às ordens e às sugestões dos meios de comunicação de massa monopolizados". (W.Mills, 1963, apud Wolf, 1992, p.22)	"Agulha hipodérmica"- modelo Lasswell: enfoque micro-sociológico dos modos de comunicação – propaganda da guerra. teoria matemática da comunicação Pesquisa quantitativa – Survey	Ciências Sociais e Psicologia behaviorista (Watson, Pavlov) Paul Lazarsfeld – Sociólogo Harold Lasswell Cientista político Kurt Lewin Psicólogo Carl Hovland Psicólogo

<p>ABORDAGEM EMPÍRICO – EXPERIMENTAL</p> <p>Anos 40</p>	<p>Revisão do processo comunicativo entra o jogo na relação entre emissor, mensagem e destinatário. Estudo da eficácia persuasiva ótima e o insucesso das tentativas de persuasão Aspectos psicológicos considerados: interesse; seleção; percepção seletiva; e memorização.</p>	<p>A eficácia da persuasão se ampara em 4 fatores: Credibilidade de fonte; a ordem da argumentação; a integralidade das argumentações e a explicação das conclusões.</p> <p>-Causa - estímulo persuasão -Processos psicológicos intervenientes -efeito comportamento</p>	<p>Sociologia política e Psicologia behaviorista e de Harold Lasswell cientista político</p>
<p>ABORDAGEM EMPÍRICA DE CAMPO</p> <p>Anos 40 e início da década de 50</p>	<p>Influência geral dos <i>mass media</i> que perpassa nas relações comunitárias. A influência das comunicações de massa é só uma componente, uma parte. Abordagem dos “usos e gratificações” – estudo dos efeitos dos meios de massa ao receptor⁶⁰.</p>	<p>Apresenta duas correntes:</p> <p>1 – estudo da composição diferenciada dos públicos e dos modelos de consumo de comunicação de massa (uso e satisfações)*; 2 – estudo das mediações sociais que caracterizam o consumo.</p>	<p>Sociologia Lazarsfeld, Merton</p> <p>Teoria administrativa: análise de conteúdo, características dos ouvintes, estudo sobre as satisfações do público; o contexto social e os efeitos dos mass media.</p>
<p>CRÍTICA</p> <p>A partir da década de 50</p>	<p>Analisa a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria. “...a influência dos MCM é tão forte e nefasta que “impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente” (Medeiros, 2001, p. 8).</p>	<p>Critica a pesquisa qualitativa de análise do comportamento do indivíduo. Sem excluir a investigação empírica defende a análise de compreensão da sociedade, análise dos aspectos econômicos. Desnaturaliza a teoria administrativa de Lazarsfeld.</p>	<p>Influência Marxista. Adorno e Horkheimer defendem a tese de que os meios de comunicação de massa exercem grande poder de sobre a população.</p> <p>Jürgen Habermas, Walter Benjamin, Marcuse</p>
<p>CULTUROLÓGIC A</p> <p>A partir da década de 60</p>	<p>Estudo da cultura da massa, distinguindo os seus elementos antropológicos mais relevantes e a relação entre o consumidor e o objeto de consumo.</p>	<p>Perspectiva transdisciplinar Abordagem etnográfica - pesquisa qualitativa.</p>	<p>Edgar Morin -Abordagem crítica com vistas a uma sociologia da cultura contemporânea - Propõe uma fenomenologia sistemática Roland Barthes – Abordagem estruturalista.</p>

⁶⁰ Os efeitos da comunicação de massa são entendidos como resultantes das satisfações às necessidades do receptor. O receptor atribui a eficácia aos meios a partir da satisfação das suas necessidades. O foco questionado desta abordagem é a hipervalorização da esfera da recepção num plano de atendimento às necessidades individuais.

<p>ESTUDOS CULTURAIS</p> <p>A partir da década de 60</p>	<p>Enfatiza a “atividade humana” como produção ativa da cultura ao invés do seu consumo passivo. Expõe a dialética que se instaura entre o sistema social e as transformações culturais.</p>	<p>Pesquisa qualitativa. Constata-se uma multiplicidade de objetos de investigação (subculturas, MCMs, estrutura ideológica, consumo, gênero, estudo de audiência, etc). Analisa as práticas culturais simultaneamente como formas materiais e simbólicas.</p>	<p>Interseção de várias disciplinas</p> <p>Hall Stuart-identidade coletiva.</p> <p>Richard Hoggort Raymond Williams Thompson</p>
---	--	--	--

Nesse cenário referente às teorias da comunicação, importa compreender historicamente a chegada e os desafios dos estudos sobre recepção. Essa concepção está vinculada à *virada lingüística* que valoriza a concepção da linguagem como forma de interação, portanto do sujeito que age. Trata-se de uma teoria que busca redimensionar e relativizar o papel de sujeito no processo de comunicação e apresentar uma crítica superadora a manipulação nos meios de comunicação de massas.

QUADRO 10 – DEMONSTRATIVO DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO II

TEORIA	CARACTERÍSTICAS	MODELO	REFERÊNCIAS
<p>RECEPÇÃO</p> <p>A partir dos anos 90</p>	<p>Contraditório espaço de trocas, onde o sujeito – receptor não pode mais ser considerado como indivíduo passivo, como receptáculo vazio ou como vítima dos meios.</p>	<p>Propõe um deslocamento das esferas emissão/mensagem para a dimensão do sujeito-receptor. Processo dinâmico rompe com visão “etapista” da comunicação</p>	<p>Estudos de Barbero, mediações: cotidianidade, temporalidades, fragmentações sociais e culturais Guillermo Orozco Gómez</p>

Com o fim do silêncio acadêmico nacional em relação à indústria cultural⁶¹ a partir da década de 50, os estudos sobre o receptor e a comunicação foram se ampliando e revelando tensões e conflitos referentes ao processo de importação da temática sociocultural no Brasil. Após a década de

⁶¹ Ver mais em Ortiz – “Industria cultural e cultura brasileira”, 1988.

60, o olhar funcionalista do fazer comunicativo se afirma no Brasil pelas mãos “das agências norte-americanas de publicidade e dos institutos de pesquisa e de opinião pública” (SOUSA, 1995, p. 17).

Nas décadas seguintes, de 70 e 80, as reflexões frankfurtianas⁶² com grande repercussão teórica, afirmavam a razão técnica, centrada na crítica econômica e na proposição de uma teoria da ação comunicativa que buscava articular objetividade e subjetividade, reforçando o lugar de homens e mulheres como atores e atrizes responsáveis pela comunicação.

Da década de 90 até os nossos dias, observamos uma veloz mudança de todo artefato tecnológico, uma multiplicidade de meios de comunicação e um volume extraordinário de informações. Ainda assim, permanece a selvageria do grande capital na busca do lucro, gerando um crescente abismo social. Nesse cenário, os projetos societários passam a ser disputados de modo surpreendente nos meios de comunicação de massas. Faz-se necessário, portanto, para além do acesso à informação e à alfabetização digital, que a atenção a programas, reportagens, sítios virtuais e periódicos seja acompanhado de uma formação crítica e radical de receptores, internautas e leitores. Cidadãos e cidadãs que sejam sujeitos e não objetos da mídia e que sejam capazes de construir nexos entre a conjuntura econômica e política e a vida da comunidade em que vive.

Cogo e Gomes (2001) afirmam ser, na recepção, em que se produz a comunicação e consideram que a Investigação em Recepção (IR) se caracteriza como um enfoque da pesquisa em comunicação, a qual se pauta,

⁶² Escola de Frankfurt – Movimento teórico grande repercussão e acolhimento nos estudos críticos oriundo do Instituto para a Pesquisa Social e que reúne intelectuais como Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamim, Fromm, Habermas, dentre outros.

“por um lado, pela compreensão sobre o que fazem os públicos com os meios de comunicação de massa, como a televisão, e as mensagens que emitem e, por outro lado, o papel que desempenham a cultura e as instituições sociais na mediação dos processos de recepção” (p. 1).

No esforço teórico para repensar integralmente o sentido da comunicação, Martín-Barbero (1995) parte do princípio de que “a recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, em termos de disciplina, metodologia, mas uma espécie de um outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação” (p. 40). Em uma construção dual, o mesmo autor reconhece duas moralistas concepções epistemológicas – uma *condutista* que “faz da recepção unicamente um lugar de chegada e nunca de partida” (p. 41) e outra *iluminista* “concebida como um processo de transmissão do conhecimento para quem não conhece. O receptor era ‘tábua rasa’, apenas um recipiente vazio para depositar os conhecimentos originados, ou produzidos, em outro lugar” (p. 41). Para Martín-Barbero o debate é complexo e acolhe quatro chaves na trama conceitual da investigação sobre recepção: os estudos da vida cotidiana, os estudos sobre o consumo, os estudos sobre a estética e semiótica da leitura e os estudos sobre a história social e cultural dos gêneros.

O autor questiona os caminhos de legitimação das mídias, ao tempo em que defende um uso social dos meios que impulsiona “a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido [...] o caráter lúdico da relação com os meios” e, ao mesmo tempo, propõe gradualmente um rompimento com “aquele racionalismo que pensa a relação com os meios somente em termos de conhecimento ou desconhecimento, em termos ideológicos; quer resgatar, além do lúdico, o caráter libidinal, desejoso, da relação com os meios” (p. 54).

Nessa linha, em um trabalho dissertativo que leva em consideração os estudos sobre recepção, comunicação e prática pedagógica, Rodrigues (2001) reconhece que o receptor não é um sujeito passivo no processo comunicativo nem no processo de ensino aprendizagem. Para a autora o sujeito é um ator da comunicação estabelecida com um emissor e que uma ambiência comunicativa “exige dos sujeitos desse processo a postura de alteridade. Isto é, a capacidade do sujeito de colocar-se no lugar do outro; neste caso, de conceber que o outro é também sujeito da ação comunicativa, a qual está carregada de significados e saberes” (p. 102 e 103).

Nessa busca de afirmação de paradigmas explicativos contemporâneos no campo da comunicação, a superação do conservador determinismo emissor-receptor vem se configurando como uma dimensão ultrapassada. O olhar do receptor no dizer de Sousa ganha uma significação, um sentido cultural e uma força no cotidiano na qual:

[...] o receptor deixa de ser visto, mesmo empiricamente, como consumidor necessário de supérfluos culturais ou produto massificado apenas porque consome, mas resgata-se nele também um espaço de produção cultural; é um receptor em situações e condições, e por isso mesmo cada vez mais a comunicação busca na cultura as formas de compreendê-lo, empírica e teoricamente. Esse receptor é melhor percebido no mundo da cultura em produção popular, em que a própria comunicação se encontra, daí surgindo novas chances para o encontro do sujeito (1995, p. 26 e 27).

O receptor demarca audiência e seu respectivo índice de aceitação. Para Bourdieu (1997), a audiência exerce um efeito particular sobre a televisão: “ele se retraduz na pressão da urgência”. Para o teórico francês a concorrência entre as televisões “toma a forma de uma concorrência pelo *furo*, para ser o primeiro” (p. 38 e 39). Tal disputa concorre para confirmar a fala de Bourdieu

quando anuncia que as desigualdades sociais também se reproduzem no âmbito da cultura.

Tais reflexões, relativizadas no conceito de estrutura, podem concorrer para uma aproximação mediada entre as noções de cultura e comunicação e resultar em uma opção de pesquisa que valorize a juventude como sujeito coletivo e o cotidiano como espaço tempo de análise.

Jacks (1995), na busca de uma nova sensibilidade nos estudos de recepção e cultura regional, reconhece que “o lugar privilegiado para abordar as mediações tende a ser o cotidiano [...]” (p.153). Aponta para a necessidade de compreendermos as nuances do real na relação cultura e comunicação e adverte aos pesquisadores interessados em “largar a segurança de outros enfoques para trabalhar com as mediações” (p.164) para as ambigüidades entre o universo simbólico e o imaginário popular.

O quadro histórico, apresentando as teorias da comunicação e as reflexões em torno dos estudos de recepção, necessita ampliar seu horizonte teórico e buscar superar as críticas tautológicas da comunicação, Sfez, (1990), e alcançar as produções mais recentes no âmbito da comunicação e, em especial, as teorias da interatividade e da formação da consciência. As grandes mudanças sócio-tecnológica que estamos vivendo não nos parecem suficientes para declararmos o fim da razão moderna. No entanto, as profundas transformações que estão por emergir nos fazem acompanhar Felipe Serpa e Nelson Preto (1996), quando afirmam que estamos *no limite histórico da modernidade*.

Nessa trilha, importa destacar os princípios metodológicos básicos que no entendimento de Lopes regem o paradigma marxista: a análise é centrada no produto e na produção cultural; o estudo opera com modelos

macroestruturais; o nível do estudo da comunicação e da cultura é propriamente o nível ideológico das ações sociais e o nível interpretativo da abordagem é marcado pela busca de princípios. (LOPES, 2001, p. 58). Nessa perspectiva, é atual o olhar gramsciano sobre a cultura, da hegemonia e da subalternidade. Para Gramsci, não há determinismos, e sim, processo histórico concreto de grande valor cultural cujo estatuto das classes subalternas é o “de uma coexistência não harmoniosa com outras culturas e ideologias, mas não necessariamente sempre conflitiva”.

Para ele, não há uma coletividade homogênea de cultura, são numerosas as “estratificações culturais” e o sentido de popular na cultura “deve ser estudado como posição relacional” (Lopes, 2001, p. 65).

Para discutir hegemonia e mídia se faz necessário estabelecer mediações culturais e tecnológicas. Segundo Pires (2000), “as tecnologias de comunicação no campo da transmissão eletrônica do esporte, o espectador, presente ao local da disputa, e o telespectador, que assiste através da televisão, consomem espetáculos diferentes!” (p. 56 e 57). As redes de comunicação do esporte são hoje fonte estruturante no interesse pelo fenômeno esportivo. A diversidade e a quantidade de informação envolvendo a cultura esportiva são surpreendentes. A mídia ocupa lugar de destaque nesse cenário e tem, em grande medida, se dedicado muito mais à publicidade do **ter** do que à a publicidade do **ser** humano.

De olho nesse imaginário e interessado em persuadir os grupos sociais para o consumo, muitas vezes supérfluo, a vida básica, as principais emissoras de TV têm buscado competência técnica e reservado um espaço significativo ao tema esporte e ao público jovem. Ao ocuparem uma parte considerável no tempo dos jovens brasileiros, os programas de televisão promovem

entretenimentos e ilusões e edificam “padrões de comportamento, valores e objetivos de vida” (PORTO, 2000, p. 51). Tal visão é reforçada por (FREIXO, 2002), quando reconhece a televisão como fenômeno social que promove “mutações fundamentais na vida das pessoas e em particular dos jovens”, e, portanto, “se torna necessário contar com o seu contributo em contexto educativo” (p. 49).

4.3 TV, *HABITUS* E SEGMENTAÇÃO DOS PROGRAMAS ESPORTIVOS

O interesse cultural e os meios de comunicação são construções humanas e como tal podem se tornar habituais. A singularidade do hábito e sua implicação com o fazer cotidiano, na compreensão de Barros Filho e Martino, (2003) se constituem em um campo conceitual fértil denominado de *habitus* e reúne, em torno de si, um “conjunto de esquemas de classificação do mundo, interiorizado ao longo de uma trajetória social singular e gerador de comportamento sem cálculo” (p. 11).

Habitus é um termo originário do latim “que significa aspecto exterior, aparência, postura” e que em Bourdieu, significa “disposição adquirida e durável, pela qual o sujeito reproduz condicionantes sociais, fazendo-os sofrer uma transformação” (RUSS, 1994, p. 126). No dizer do próprio Bourdieu nos seus escritos sobre Questões de Sociologia, *habitus* “é o que se adquiriu, mas que se encarnou de maneira durável no corpo sob a forma de disposições permanentes [...]. É uma espécie de máquina transformadora que faz com que ‘reproduzamos’ as condições sociais de nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível” (RUSS, 1994, p. 126).

Pensar em *habitus* pressupõe pensar em relações de produção.

Produção de sentido, de conhecimento acadêmico e de práxis social. A produção de sentido evocada como dimensão perceptiva do hábito em Barros Filho e Martino considera que “perceber é atribuir sentido. Sensação (faculdade de sentir), direção (faculdade de orientar) e significado (faculdade de julgar) são os três sentidos do sentido” (2003, p. 71 e 72) e visam deslocar o olhar para além do familiar. Essas possibilidades se movem e apreendem com a dinâmica social e principalmente com o sujeito.

Sabemos que as reflexões sobre o sujeito “se incorporou tardiamente ao estudo da comunicação de massa” e “as causas dessa exclusão advêm de necessidades históricas em que o processo de manipulação era a grande preocupação” (BARROS FILHO e MARTINO, 2003, p. 35).

Para os referidos autores, as questões partem desde a distinção do conceito de sujeito e do conceito de indivíduo (relativamente superado com diferentes autores, especialmente com os trabalhos de Durkheim e Freud) e passam pelas questões epistemológicas que envolvem o lugar da “singularidade do observador e do momento da observação” (p. 37) diante das abordagens científicas.

A resistência de estudos sistematizados referentes ao sujeito na comunicação “limitou-se durante as seis primeiras décadas do século XX aos objetivos de sua produção, veiculação e efeitos sociais” (BARROS FILHO e MARTINO, 2003, p. 35).

Na relação envolvendo pedagogia e comunicação é possível, no dizer de Bourdieu (1982,), reconhecer as contradições do sistema de ensino e o perigo da reprodução acrítica. Para o autor “reduzir a relação pedagógica a uma pura

relação de comunicação seria impedir-se de perceber as características específicas que elas deve à autoridade da instituição pedagógica” (p. 122).

Ainda segundo Bourdieu (1982,) a “comunicação pedagógica implica e impõe uma definição social” e é o modo de veiculação e de “inculcação da mensagem” (p. 122), que garante legitimidade à informação transmitida.

Entretanto, no período recente, notadamente com as contribuições da escola latino-americana, dois aportes teóricos vêm reforçando o sujeito no campo da comunicação: os estudos da recepção e a análise do discurso.

O cenário abrangente do debate sobre o sujeito, para Barros Filho e Martino, compõe um par sociológico que envolve: campo e *habitus*, “não há um sem o outro” é como sugere a parlenda “*lé com cré*”. Campo e *habitus* caracterizam-se reciprocamente pelas posições sociais estruturadas e estruturantes.

Freixo (2002) também se ocupou das reflexões sobre o conceito de *habitus* e em sua tese apresenta um qualificado recorte

O vocábulo *habitus* tem origem na língua latina utilizada pela tradição escolástica e pretende designar ‘a disposição natural para a prática de certas coisas, ou adquiridas pela repetição freqüente dos mesmos actos’ ou, ainda, ‘o modo sempre igual de actuar, de proceder’⁶³. O vocábulo traduz a palavra grega *héxis*, utilizada por Aristóteles para designar “as disposições adquiridas pelo corpo e pela alma”. O termo, escreve a propósito Claude Dubar, foi utilizado ainda por Durkheim, numa sua obra publicada com o título *Évolution Pédagogique en France* (1904-1905), onde é afirmado que “há em cada um de nós um estado profundo de onde os outros derivam e encontram a sua unidade: é sobre ele que o educador deve exercer uma acção durável... é uma acção do espírito e da vontade que possibilita uma visão das coisas numa determinada perspectiva... no cristianismo corresponde a uma certa atitude da alma, a uma certo *habitus* do nosso ser moral”⁶⁴. Émile Durkheim define, assim, educação ‘como a constituição de um estado interior e profundo que orienta o indivíduo num sentido definido para a vida inteira’⁶⁵. (p. 83 e 84).

⁶³ Cf. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

⁶⁴ Ver mais em Claude Dubar.

⁶⁵ Idem.

Sendo assim, o *habitus* possibilita um processo contínuo de adaptação a situações concretas da realidade cotidiana, uma experiência que se reconcilia no convívio do sujeito com cada *habitus* e gera um sentido próprio em cada relação dialética.

4.3.1 A mídia esportiva impressa no Brasil, na Itália e na Península Ibérica.

A trajetória do jornalismo que trata particularmente do fenômeno esportivo decorre do jornalismo geral. Para Leandro (2003), “o autor francês Edouard Seidler aponta como o mais antigo órgão esportivo no mundo, o inglês *Bell's Life*.” (p. 1). O órgão inglês contou depois da sua fundação (1838) com a mudança de nome e passou a se denominar *Sporting Life*. Na França, em 1854, surge o Jornal *Le Sport*, sem precisar o período de fundação, Leandro (2003), registra o *L'Equipe* como o primeiro diário esportivo do mundo e destaca o veículo de comunicação *Révue Athlétique* do Barão Pierre de Coubertin na sua luta pela reorganização dos Jogos Olímpicos.

No Brasil, a Gazeta fazia sucesso

“com a publicação da página de esportes às segundas-feiras desde 1928, época em que o seu precursor Jornal dos Sports já cumpria bem seu papel de promover o espetáculo esportivo para conquistar leitores. Não tem sido uma caminhada fácil “As notas esportivas apareciam misturadas ao noticiário geral, tornando o aparecimento tardio da crônica dedicada ao esporte um



Figura 02 – Jornal Lance

indício para este setor ser considerado um filho bastardo do jornalismo” (LEANDRO, 2003, p. 18). Nesse cenário de desconfiança é que Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*, duvida de que o futebol, sendo um esporte vindo da Inglaterra e *implantado* no Brasil, não pegaria; ao lado da previsão de João Saldanha, na década de 60, de que a *Revista Placar* não sairia das primeiras edições, essas previsões se constituíram em equívocos históricos de avaliação.

Tais constatações foram pontuadas pelo jornalista esportivo Coelho (2003), em recente estudo sobre o tema. Para ele, o preconceito com o jornalismo esportivo não impediu sua larga extensão. As primeiras páginas de divulgação esportiva surgem em 1910, no jornal *Fanfulla*, em São Paulo. Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos [...] A *Fanfulla* é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro. O jornal trazia relatos de página inteira no tempo em que o esporte ainda não cativava multidões. (COELHO, 2003, p. 8).

Ainda segundo Coelho, “a rigor, foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. O primeiro a lutar ferozmente contra a

realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí” (COELHO, 2003, p. 9). Qual seja: nascimento e desaparecimento de jornais e revistas que se ocupavam exclusivamente do esporte. Outro periódico histórico foi, também no Rio de Janeiro, a Revista do Esporte que “viveu bons anos entre o final da década de 1950 e o início dos anos



Figura 03 – Revista Placar

60. Viu nascer Pelé, o Brasil ganhar títulos mundiais, viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades” (COELHO, 2003, p. 9). No final da década de 60, o jornalista Roberto Petri “lançou seu próprio diário esportivo: O Jornal. Não durou”. (COELHO, 2003, p. 10). Nesse período, sem periodicidade garantida, surgem no Brasil os Cadernos de Esportes nos grandes jornais e somente em 70, as revistas esportivas regulares.

Os jornais do Rio de Janeiro, já no início do século XX, pouco a pouco ampliavam os espaços jornalísticos para o futebol. “Os jogos dos grandes times

da época aos poucos foram ganhando destaque”. Dentre os assuntos em relevo, estava à trajetória do Vasco da Gama que em 1923, venceu o campeonato de futebol da Segunda Divisão, “apostando nos negros em seus quadros” e repetiu a dose, no ano seguinte, “apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa alegando que o clube dos portugueses e negros não possuía estádio à altura de disputar a Primeira Divisão”. Essa história presente nos periódicos da época registrou que “Os portugueses



Figura 04 - Jornal dos Sports

construíram o Estádio de São Januário e nunca mais saíram das divisões de elite do futebol do país” (COELHO, 2003, p. 9).

O preconceito e as dificuldades do setor não impediram o surgimento nos anos 30, no Rio de Janeiro, do *Jornal dos Sports*. Com uma edição para o Rio de Janeiro e outra para São Paulo e com uma circulação restrita, o *Jornal dos Sports* ao lado do *Lance* podem ser considerados os únicos periódicos



Figura 05 – Jornal Record

impressos brasileiros especificamente sobre o esporte. O *Jornal dos Sports* é um órgão de informação sobre esporte, com sede no Estado do Rio de Janeiro, fundado em 13 de março de 1931. Atualmente, conta com a participação de Washington Rope, Haroldo Habib, Deborah Lannes e Marco Faria como editores gerais. Os preços do jornal variam a depender da região e do Estado

do Brasil. No Rio de Janeiro, por exemplo, custa R\$ 0,90, em Minas Gerais R\$ 1,00, na Bahia R\$ 1,50 e no Rio Grande do Sul e no Pará R\$ 2,00. Dentre os conteúdos que compõem as suas colunas destacam-se: Futebol Cariocão; um espaço para reportagens especiais, *Boxs* com informações atuais denominada “Ta Sabendo?”, uma página de opinião focada essencialmente no futebol; a coluna “Mais Esportes” que faz referências a outros assuntos esportivos; um espaço “Eventos no Rio” que cita alguns atividades esportivos que ocorrem em cada mês; o espaço “Rádio e TV” com os horários e a programação das

emissoras; a página “Internacional” que informa acontecimentos esportivos em outros países; o espaço “É show de bola” traz comentários sobre as notícias do dia, perfil de ex-atletas e curiosidades variadas, uma reportagem especial e finalmente a coluna “Saúde” que orienta os leitores a cuidar-se bem apresentando dicas de saúde com a contribuição de especialistas.

O Jornal Lance é um diário esportivo de circulação nacional, cujos direitos estão reservados a © Areté Editorial S/A. Rio / São Paulo, 2000. Possui como conselheiros editoriais Afonso Cunha, Juca Kfourri, Marcelo Damato, Matinas Suzuki Jr. e Walter Mattos Júnior e também tem variação de preço a depender da região e do Estado do Brasil. No Rio de Janeiro custa R\$ 0,90 e em Minas Gerais e no Distrito Federal R\$ 1,25.



Figura 06 – Jornal Mundo Deportivo

As edições analisadas do Jornal Lance apresentam notícias sobre futebol nacional e internacional, automobilismo - especificamente Fórmula 1 e com restritas reportagens sobre outros esportes. Além das notícias, encontramos a programação da TV aberta e por assinatura, palavras cruzadas e cartas dos leitores. Cabe registro às colunas Raio X e Apito inicial, várias reportagens

sobre o futebol com comentários e reportagens sobre aspectos políticos, técnicos e táticos.

É digno de nota o Jornal Gazeta Esportiva. Apaixonado pelo esporte, seu maior dirigente na década de 20, o jornalista Cásper Líbero aproximou o



Figura 07 - A Gazeta Esportiva
A primeira edição do jornal

Jornal A Gazeta (fundado em 1906) das práticas esportivas e sob sua liderança ajudou a criar importantes competições a exemplo da Corrida de São Silvestre. Para cobrir tais eventos, passou inicialmente a editar diariamente uma seção sobre esporte. O primeiro número da Gazeta Esportiva, como suplemento, circulou em 24 de dezembro de 1928 e em 10 de outubro de 1947, diante da receptividade, o periódico se

amplia, ganha vôo próprio e mantém circulação regular no sudeste brasileiro.

Diante da necessidade de circulação agiu e dinâmica a Gazeta Esportiva tornou-se também um jornal eletrônico - gazetaesportiva.net.



Figura 08 - Jornal A Tarde

Ao lado dos jornais brasileiros, alguns países mantêm edições nacionais e diárias para tratar especificamente sobre o fenômeno esportivo. Em Portugal, Espanha e Itália circulam com grande interesse popular, periódicos que anunciam o esporte como carro chefe, mas a rigor concentram-se nas atividades que giram em torno do futebol. Em Portugal, registramos: O jogo, A Bola e o

Record. Surpreendentemente em determinadas situações conjunturais

conseguem vender mais do que os jornais gerais como Diário de Notícias, Jornal de Notícias e o Público.

A paixão italiana pelo esporte garante também três periódicos nacionais sobre esporte na mídia impressa italiana: La Gazzetta Sportiva, Tuttosport e o Corriente dello Sport. Na Espanha, registramos o jornal Mundo Desportivo, o Sport e o Eurocopa.

No estado da Bahia, surgiu em 2002, o Jornal do Torcedor. Um jornal direcionado ao leitor baiano e que teve sua primeira edição veiculada em



Figura 09 - Caderno A Tarde Esporte

março de 2002, mas não passou da primeira edição. O mesmo grupo editorial do Jornal do Torcedor, *Marchete*, mantém com periodicidade irregular, um tablóide denominado de Chutes & Socos - Puro Esporte. A rigor, as informações diárias sobre esporte na mídia impressa, produzidas na Bahia, circulam basicamente em três jornais: Correio da

Bahia, Jornal da Bahia e Jornal A Tarde. Os dois primeiros mantêm uma



Figura 10 - Revista Isto É

página notícia sobre esporte e o último passou a editar, a partir de 31 de agosto de 2003, o suplemento A Tarde Esporte Clube.

Vale ressaltar, ainda que revistas de circulação nacional, mesmo não sendo específicas do esporte, eventualmente usam as imagens esportivas como metáfora jornalística para ilustrar tema da conjuntura nacional. Considere-

se, como exemplo, a edição de dezembro de 2003, pela da Revista ISTOÉ, reproduzida a seguir.

O relevo do esporte na mídia pode ser constatado não só na vitória. A derrota de um time e seu conseqüente rebaixamento na edição histórica⁶⁶ do Jornal A Tarde obteve destaque superior às mais importantes notícias nacionais e internacionais do dia.



Figura 11 - Jornal Tutto Sport

Afora a instabilidade e o grau de importância dado nos jornais impressos baianos, é mister reconhecer, como aponta Leandro (2003), a significância social que vem conquistando o jornalismo esportivo na Bahia. "A procura pelo setor por partes de jovens saídos das universidades é maior que em relação a duas décadas atrás. A valorização deste setor, como página de amplo alcance de público, vem fortalecendo

as editorias de esportes." (p.197) e indicando a necessidade de se reconceptualizar o currículo em comunicação.

4.4 ESPORTE NO CAMPO DA TV

Bourdieu (1997), ao se debruçar sobre a *televisão* em curso no Collège de France, trata da influência que os mecanismos de um campo jornalístico, cada vez mais sujeito à lógica do grande mercado, e chama atenção para o

⁶⁶ A edição do Jornal A Tarde a que o texto se refere circulou no dia 15 de dezembro de 2003.

perigo da *censura invisível*. O autor comenta sobre “complacência narcísica de um mundo jornalístico muito propenso a lançar sobre si próprio um olhar falsamente crítico” (p.13), ao tempo em que se opõe à conversão da televisão em instrumento de opressão simbólica, ao invés de instrumento de democracia.



Figura 12 – Jornal Eurocopa

é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico.” (p.25).



Figura 13 - Corriere dello Sport

A programação, o enquadramento, o foco valorizado pela televisão “tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população” (BOURDIEU, 1997, p. 23) e o exercício paradoxal de construção, sob a lógica do *ocultar mostrando*. Bourdieu discute ainda a seleção do texto e da imagem televisiva e considera que “o princípio de seleção

Em tempos de Jogos Olímpicos, o jornalismo volta suas câmeras para a seleção para o mais próprio espetáculo esportivo. Rituais nacionalistas em um cenário supostamente movidos por ideais universalistas. Cada TV nacional

apresenta sua verdade e seu potencial olímpico. Um país inteiro na expectativa de um salto, um arremesso, um gol. A super exploração da vitória e a ocultação sutil da derrota. Uma certa reedição da máxima dos Três Mosqueteiros, *um por todos e todos por um*, sob a égide da exploração simbólica e econômica do particular/ planetário oriundos do espetáculo esportivo. Nesse cenário, trago, mais uma vez, a palavra de Bourdieu quando afirma que

O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição é internacional) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade” (1997, p. 123).

O fato é que, cada dia mais, estamos diante da TV para assistirmos aos eventos esportivos, às novelas, aos filmes ou às edições jornalísticas.

De olho nesse imaginário e em quem vai receber o texto midiático, as principais emissoras de TV têm buscado sofisticar a técnica de áudio e vídeo



Figura 14 - Jornal Sport

em torno do esporte, e sob a batuta do ideário olímpico e do esporte de rendimento, em consonância com comitês olímpicos e federações esportivas, notadamente a Federação do Futebol, reservado para além do espaço na sua grade de programação, têm fortalecido linguagens e poderes.

Em matéria veiculada na internet⁶⁷, o colunista Sílvio Lancellotti, por ocasião dos 100 anos da FIFA, escreveu sobre esses poderes. Tomando o jogo França e Brasil com resultado, 0 X 0, realizado no dia 19/05/2004, em Paris; ele elucida bem o poder da cartolagem no esporte bussiness.

O jornalista revela que o jogo, realizado na Cidade da Luz, foi um “detalhe na sucessão de festanças que a FIFA programou para comemorar o seu primeiro século de vida” e descreve que, para além do espetáculo do campo, o evento demonstrou fora dele uma outra faceta.

Abrigou cartolas do universo inteiro, em cerimônias públicas e, seguramente, também, nas suas habituais parlapatices de bastidores. Paralelamente ao prélio, e a uma série de cerimônias formosas, Paris abrigou o 54º Congresso da história da entidade, com cerca de 1.400 delegados das suas 204 federações devidamente reconhecidas - uma quantidade superior, incrivelmente, à das Nações Unidas, que são 191. (LANCELLOTT, 2004)

Lancellott comenta que o suíço Joseph Blatter de 68 anos de idade, presidente da FIFA desde 1998, “o oitavo monarca na história da entidade”, como grande anfitrião das festanças no Hall du Carroussel do próprio Palácio do Louvre, “recebeu muito mais holofotes do que Jean-Pierre Raffarin, o primeiro-ministro da França”. Depois de inaugurar o evento no templo sagrado da Cidade Luz, abriu uma celebração multimídia que exibiu de tudo, de documentários variados a um show de música afro-pop. Tudo com recursos do

⁶⁷ Sílvio Lancellot é colunista permanente do *site* da IG e a matéria foi acessada no dia 20/05/2004.

gordo cofre da FIFA. O jornalista descreve com detalhes os mimos e a força da mídia esportiva:

Difícil imaginar quanto custou o Congresso aos cofres da FIFA. Não importa - trata-se de cofres bilionários, mesmo, graças à administração do antecessor de Blatter, o brasileiro João Havelange, no poder de 1974 a 1998, atualmente o presidente-de-honra da entidade. [...]

Alguns números, no entanto, sugerem o tamanho do brinquedo. A FIFA disponibilizou 120 funcionários na organização do Congresso. Contratou 22 intérpretes para as traduções simultâneas dos atos de plenário. Contratou dois chefes-de-cozinha, 26 auxiliares e 158 maîtres d'hotel para a realização de um jantar de gala, nesta sexta-feira. Ofereceu mimos aos 120 jornalistas, aos quarenta fotógrafos e aos componentes das quarenta equipes de TV que cobriram o Congresso; aos seiscentos jornalistas, aos 150 fotógrafos e às cem equipes de TV que transmitiram França e Brasil, ao vivo, a 105 países.

Os profissionais da mídia ainda puderam usar, no QG do Congresso, noventa lap-tops, 45 impressoras, dez copiadoras, dez aparelhos de fax. E a FIFA alojou, gratuitamente, em seis hotéis de Paris, exatos 1.362 convidados, cinco diárias cada qual. Além desses, outros 38, moradores da cidade, garantiram o seu prazer no jantar-de-gala. . (LANCELLOTT, 2004)

Na oportunidade Blatter justifica o conjunto das iniciativas “pela família do futebol” e anuncia: "Nós precisamos continuar a espalhar o futebol pelo mundo. Porque é o futebol que faz este mundo um lugar melhor". A “família” é pequena, mas os seus interesses são cada vez maiores.

Ao jornalismo servil e acrítico, Silva (2000 b.) batizou, em seus escritos, de miséria do jornalismo e, particularmente, no mundo da bola faz contundentes questionamentos aos caminhos da mídia esportiva/futebol. Para ele, futebol é o único tema que não sofre restrições de tempo e destaca a mobilização da imprensa brasileira, durante os eventos futebolísticos internacionais.

Quando a delegação brasileira desembarcou no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, para última Copa do Mundo do século XX, a imprensa francesa, perplexa, não sabia se filmava os jogadores ou os radialistas brasileiros que munidos de celulares, narravam a aterrissagem do avião, contavam a vida dos pilotos, anunciavam a

abertura da porta dianteira, explodiam de entusiasmo ao visitar o primeiro craque em solo francês.(p. 122)

O espanto da imprensa francesa ganhou destaque no jornal francês *L'equipe* que, na oportunidade, registrou a presença de cerca de 90 pessoas na comitiva de cobertura da copa pela finada TV Manchete e quase 150 pela Globo. No entanto, como podemos verificar nos comentários sobre a festa da Fifa, o “delírio esportivo não é uma exclusividade brasileira. O problema é o grau de dominação que alcança no Brasil” (SILVA, 2000, p. 123). O olhar factual e o discurso redundante, hegemonicamente deslocados dos problemas sociais, encontram, no esporte, um grande espaço midiático. Ainda para o autor citado, o “futebol converteu-se num simulacro de discussão livre” (p.123) em que “a repetição é uma norma. O irrisório torna-se essencial. O boato ganha força desestabilizadora. A especulação transforma-se em banco de dados para análises estapafúrdias” (p. 124). É chegada a hora de ampliar o olhar crítico, contribuir para superação da hegemonia do vulgar e qualificar o debate e a formação profissional na área.

Tira 04 - Laerte



5 SÍNTESES POSSÍVEIS E DESAFIOS ESTRATÉGICOS

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas "originais" significa, também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, "socializá-las" por assim dizer transformá-las, portanto, em base de ações vitais [...].
GRAMSCI

Após longa reflexão em torno do debate referente à educação, à comunicação e à cultura esportiva, tendo as juventudes como sujeitos de diálogos, importa considerar a dimensão apreendente que pude vivenciar; o alargamento teórico e metodológico que a pesquisa me proporcionou, ao tempo em que me renovei para novos desafios estratégicos em busca do Brasil cidadão.

Mesmo diante das profundas desigualdades sociais e econômicas em que vivemos e da perplexidade e incerteza do nosso tempo, foi possível encontrar esperança e expectativa, sobretudo entre os mais jovens, de que haveremos de, no lugar da apologia à ignorância, promover o conhecimento crítico e superador da ordem neoliberal vigente.

Quanto aos resultados da pesquisa, fruto das informações levantadas, dos "dados" de campo, dos diálogos com autores referenciados e das reflexões realizadas por este pesquisador, vale ressaltar a importância depositada na educação, por todas as pessoas e pelos documentos institucionais a que tive acesso e, dado à velocidade e à quantidade de informações disponíveis, o caráter provisório do conhecimento. Ficou claro, também, a vocação inequívoca e o interesse latente dos jovens de serem sujeitos da sua própria

história e de se envolverem com outras práticas pedagógicas promovidas pela escola. Para além de uma escola ativa, o que fica evidente é o desejo da reinvenção cotidiana da escola. Uma escola que, para o pensador italiano Gramsci, deveria se caracterizar como criadora.

A Escola criadora é o coroamento da escola ativa.[...] Assim a escola criadora não significa escola de 'inventores e descobridores'; ela indica uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um 'programa' predeterminado que obrigue à inovação e à originalidade a qualquer custo. (1985, p. 124).

No meu entender, a provisoriedade do conhecimento não contradiz à reconstrução de projetos em curso. As sínteses são justas para que as produções possam considerar novos horizontes.

Dentre os caminhos e eventuais recomendações na conclusão de um trabalho acadêmico, o que importa é compreender melhor o que se estudou; reconhecer as sínteses possíveis e como sugere Boaventura (1969), “saber deixar algo de tudo que se disse” (p. 80), “abrir janelas para o futuro” (p. 81), ou seja, “[...] fazer o resumo dos argumentos, marcar o próprio ponto de vista e abrir perspectivas” (p. 82).

Sendo assim, ao chegar no capítulo final da tese, muitas são as possibilidades de sínteses. Optei por quatro grandes sínteses. O losango também nos serve como diagrama, como figura.

A primeira trata do campo teórico. As referências de estudos e pesquisas em torno das representações da juventude, a partir da mídia esportiva, nos permitem reconhecer o patrimônio teórico nesse campo e nos desafiam a aprofundar as reflexões em educação e comunicação. É preciso afirmar uma

televisão de serviço público, a favor dos interesses gerais dos cidadãos; dito de outra forma, instituir uma televisão com ideais e não só com interesses mercantilistas. Trata-se de educar numa dupla vertente: para o uso eficiente da televisão, e de educar através da televisão transmitindo conteúdos formativos e educativos. (FREIXO, 2002, p. 525)

Trata-se de atualizar as referências formativas em educação/comunicação, renovar a luta pela democratização dos meios de comunicação e estimular o olhar crítico e a produção midiática alternativa.

A segunda refere-se à relevância do protagonismo e das representações das juventudes. Tal síntese busca registrar uma tentativa do jogo social vigente de adequar o jovem à ordem política hegemônica. No entanto, os segmentos sociopolíticos descontentes com essa ordem, se movem, ora como instituição acadêmica, ora como movimento popular, buscando se opor às iniciativas neoliberais nas quais se valorizam o individualismo e a fúria consumista, em detrimento das ações solidárias e do protagonismo juvenil. Protagonismo entendido aqui como sujeito principal, agente da ação que se pode referir a uma pessoa, a um grupo, a uma instituição ou a um movimento social e acrescido do adjetivo juvenil por se referir ao jovem. Para Costa (2000) o protagonismo juvenil

[...] é uma forma de atuação com os jovens, a partir do que eles sentem e percebem da sua realidade. Não se trata de uma atuação para os jovens, muito menos de uma atuação sobre os jovens. Portanto, trata-se de uma postura pedagógica visceralmente contrária a qualquer tipo de paternalismo, assistencialismo ou manipulação. (p.23).

Sendo assim, falar em protagonismo juvenil significa tratar de um tipo de protagonismo desenvolvido pelos próprios jovens. Um fazer cultural amplo, um conceito em construção.

Dentre as ações protagonistas pró-ativas importa registrar as experiências desenvolvidas pelo Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural no Brasil e pelo grupo Batoto Yetu em Portugal. Ambas, no meu entender, buscam situarem-se como experiências críticas de formação humana, particularmente de formação juvenil, na qual os sujeitos envolvidos no conjunto das suas ações expressam opiniões e exercitam seus compromissos com a cidadania.

Mais do que reconhecer o significado do protagonismo juvenil e o êxito de experiências nesse campo, importa, aqui as evidências encontradas ao longo da pesquisa. Trata-se de, à luz dos dados levantados nesse estudo, reconhecer a essência das representações sociais da juventude, as leituras que foram possíveis fazer e o que podemos propor.

Após o desenvolvimento da nossa estratégia de investigação e tomando como base a compreensão de Silva (1998) no que se refere à natureza da comunicação no âmbito da educação, é possível pôr em relevo três dimensões: intercâmbio da informação, processo de interação e o processo de influência.

Para o mesmo autor, a informação “refere-se a *tudo o que* um sujeito conta, diz, expressa, etc., a outro. Esse tudo é um conjunto de dados, indicações, notícias, conhecimentos, etc. Em tal sentido a informação é o conteúdo da mensagem” (p. 103). O contexto sociocultural desse início de século é marcadamente informativo e a quantidade e a variedade de informações e a multiplicidade de linguagens são evidentes na sociedade e no universo da juventude em particular.

O discurso televisivo é potencializador da dimensão referente ao intercâmbio da informação. No que se refere ao saber esportivo, a análise possibilita dizer que o esporte na TV moldura interesse e, subjacente a suas

mensagens, organiza um conjunto de representações sociais que vão além do seu campo original de conhecimentos.

Quanto ao processo interativo, o que está em jogo é a relação. E aí a linguagem importa muito. Durante o encontro com os grupos focais no Brasil e em Portugal foi possível perceber falas, olhares, gestos e posturas; foram plenas, porém diferenciadas. Sendo que na ambiência comunitária a participação foi de corpo inteiro.

Por último, o processo de influência que Silva analisa em dois níveis: “um imposto pela própria natureza do processo comunicacional e o outro pela interação de influenciar [...]” (1998, p. 106).

Na primeira situação, o processo de *comunicare* (latim) de tornar comum resulta do intercâmbio comunicativo e a ação de cada um dos comunicantes “está relacionada com a do outro, vai respondendo a ela e vai adequando o intercâmbio à dinâmica que se gera nas sucessivas intervenções” (p. 106) e, na segunda, a influência “não deriva do processo em si [...] a intenção pode estar expressamente indicada ou não, isto é, pode pertencer ao nível manifesto ou latente da mensagem” (p. 107). Essa terceira dimensão ficou explícita não só nos dados do questionário como em diversas intervenções dos jovens nos grupos focais. As falas e expressões apresentaram muitas vezes reflexões críticas e originais. No entanto, o conformismo e a dificuldade de compreensão dos nexos e condicionamentos históricos entre o saber esportivo e os interesses econômicos ou do abismo entre os seus representantes e os ídolos construídos revelaram a ausência da mediação escolar, notadamente do projeto pedagógico da Educação Física, na produção de conhecimentos sobre o esporte, a partir da cultura midiática.

Retomando as sínteses, destacamos na terceira ponta, os procedimentos metodológicos. Uma dinâmica múltipla e articulada de procedimentos, um processo rico de experimentações que, para a presente pesquisa, se revelou produtivo. A metodologia considerou fontes documentais primárias e secundárias, dialogou com sujeitos jovens e estudiosos do tema, levantou “dados” em territórios luso e brasileiro, mediou sua linguagem entre a escrita e a imagem, num jogo iconográfico importante e buscou a aproximação do leitor com parte substantiva do objeto de estudo recortado.

Os discursos e os silenciamentos revelaram ditos e não-ditos na experiência dos grupos focais como fonte dinâmica e qualificada de pesquisa em torno da cultura juvenil.

Por fim, a quarta síntese anuncia as *janelas abertas para o futuro*, em dois passos centrais pós-pesquisa. Trata-se de considerar a *pedagogia social* de Pistrak (2000) como uma necessidade de “estudar a realidade atual, penetrá-la, viver nela” bem como compreender o ensino por complexos ou por universos temáticos. (p. 32)

Os complexos temáticos da pedagogia social nos diferentes processos formativos são uma questão de método “não é simplesmente a questão de uma assimilação melhor e mais completa destes ou daqueles estudos”. Trata-se de uma questão que “se relaciona com a essência do problema pedagógico, com o conhecimento dos fenômenos atuais em suas relações e dinâmicas recíprocas” (p.35). Para Caldart (2000), o *sistema dos complexos* é uma proposta de organização do trabalho pedagógico constituído a partir de “temas socialmente significativos” (p. 14) elementos para “uma teoria pedagógica de inspiração socialista e marxista” (p. 15).

O desafio posto, portanto, é de pensar experiências temáticas que elejam os estudos sobre juventude e mídia esportiva/lazer, articulados ou particularizados, como pertinente e contemporâneo na formação profissional em Educação/Educação Física e Jornalismo/Comunicação. A esse respeito Carvalho e Hatje haviam alertado para a “necessidade de se criar disciplinas específicas nos currículos dos cursos de Educação Física” e propõe “estudos interdisciplinares entre as áreas de Educação Física e Comunicação Social⁶⁸.” (p. 262). Os autores entendem que a instituição desse conhecimento “em parte novo para a Educação Física”[...] tem como objetivo estudar e interpretar os fenômenos sociais veiculados pelos meios de comunicação [...] e quer-se a reorganização e a reestruturação da Educação Física frente aos meios de comunicação, fazendo com que os mesmos digam aos meios o que deve ser veiculado e não o contrário.” (262).

Para além da criação de disciplinas específicas, entendemos que a experiência de estudo e de organização do trabalho pedagógico como propõe Paulo Freire deve reunir, “universos temáticos”⁶⁹ ou conjunto de “temas geradores” que implica, necessariamente, “numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação [...] que proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos ‘temas geradores’ e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos.” (FREIRE, 1978, p 102 e 103).

Ao concluir a quarta síntese, é preciso reconhecer ainda a necessidade de uma articulação qualificada entre as experiências temáticas de estudos e pesquisas e o projeto curricular de cada curso, seja qual for a modalidade de ensino.

⁶⁸ O Centro de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, RS, desde 1991 já vem desenvolvendo cursos de formação em nível de graduação e pós-graduação nessa temática.

⁶⁹ Com a mesma conotação Freire a denomina de “temáticas significativas”.

E como segundo passo, importa reafirmar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídia/memória, educação e lazer (MEL), na plenitude da sua produção e como núcleo importante de idéias e labor de experimentação universitária e espaço de produção e socialização de pesquisa constituinte do princípio educativo.

Os dois passos desejam um único caminho. Aquele que visa “reencantar a educação” e se inserir no que Assmann (1998) denominou de hipótese desafiadora. Qual seja:

[...] a humanidade entrou numa fase na qual nenhum poder econômico ou político é capaz de controlar e colonizar inteiramente a explosão dos espaços do conhecimento. A internet é um exemplo para entender o que se pode dizer com essa hipótese. Por isso a dinamização dos espaços do conhecimento se tornou a tarefa emancipatória politicamente mais significativa. Dito de outra maneira, parece que surgiu uma brecha entre a acumulação do capital e a explosão e difusão dos conhecimentos. Se isso for verdade, cabe a educação entrar fundo nessa brecha. (p. 27).

Nenhuma síntese nos autoriza a colocar um ponto final no que pesquisamos. No entanto, é preciso, ao concluir o texto, apresentar suas sínteses possíveis. E as considerações finais do meu estudo apontam para o reconhecimento de que os nossos objetivos investigativos foram, em grande medida, alcançados. As janelas abertas durante o percurso investigativo nos colocam diante de novos desafios, de novas brechas.

A dimensão conclusiva do presente trabalho evoca novos horizontes e confirma, notadamente após o Estágio de Doutorado realizado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, o quão é importante uma experiência internacional sistematizada no processo de formação dos doutorandos e a responsabilidade social de honrar as bolsas públicas concedidas pelas agências públicas de fomento à pesquisa.

Durante o fechamento de qualquer trabalho acadêmico, foi assim na minha dissertação de mestrado em educação⁷⁰, é mister reafirmar o caráter provisório do conhecimento e a transitoriedade das sínteses ao longo do processo de construção.

As sementes que foram plantadas no decorrer da tessitura da tese e que não floresceram como sínteses objetivas no presente campo de estudo, ora por limites do pesquisador ora pelas demarcações temporais do curso, podem ser regadas e talvez colhidas em novas produções, quem sabe?...

5.1 DESAFIOS ESTRATÉGICOS DA CONSTRUÇÃO DOS OBSERVATÓRIOS DA JUVENTUDE E DA MÍDIA ESPORTIVA

A conseqüência de uma pesquisa pode ser medida pelas sementes, ou seja, pelas problemáticas sociológicas que se planta, pelo jeito que se rega, isto é, pelo modo de desenvolvimento do processo investigativo e pela qualidade das suas colheitas, ou mais, pelas propostas apontadas no texto.

Após todo o percurso desse estudo, imagino como forma de dar conseqüência ao que pesquisamos, a construção no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídia/memória, Educação e Lazer⁷¹, de dois Observatórios.

Entendo os Observatórios como espaços dinâmicos cujo sentido é o de “facultarem um conhecimento de realidades sobre as quais se fazem incidir políticas sociais que serão tanto mais apropriadas quanto mais se apóiem em

⁷⁰ A dissertação de mestrado em tela foi orientada pela Prof^a Dr^a Ana Alice Costa (NEIM/UFBA), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia e defendida em 2001. O título do trabalho é Lazer e Educação nos Parques Públicos de Salvador: encontro de sujeitos em espaços de cidadania.

⁷¹ O Grupo MEL - Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídia/memória, educação e lazer, foi fundado no dia 20 de março, dia da água, e apresentado à comunidade acadêmica no dia 20 de abril de 2004.

estudos sérios da realidade” (PAIS, 2004). A experiência coletiva que estamos construindo está centrada em três inspirações fundantes.

Nos Observatórios da Cidadania que são

organizações da sociedade civil de 60 países, criada em 1995, com o objetivo de pressionar os governos a implementar os compromissos de desenvolvimento social assumidos nas conferências do Ciclo Social das Nações Unidas, como as conferências de Copenhague (Desenvolvimento Social) e de Pequim (Mulher)[...] procura influir nos processos e debates relativos à globalização, confrontando as assimetrias de poder econômico e poder global. Prioriza a interseção entre os planos internacional e nacional, suas implicações para as políticas públicas e o impacto sobre as condições de exclusão e da desigualdade social, nas suas várias manifestações. [...] A perspectiva do Observatório é a de produção e difusão de conhecimentos e informações; de promoção de diálogos; de mobilização da sociedade civil e articulação de parcerias entre os diversos setores sociais. (CADERNOS DO OBSERVATÓRIO, 2001, p. 7).

No referido Observatório, cabe destacar seu vínculo com a educação, notadamente com a Campanha Nacional pelo direito à Educação. Se for verdade que pela educação nos fazemos sujeitos reflexivos e históricos, e que o direito à educação, socialmente referenciada, é uma responsabilidade de Estado e da sociedade, é fundamental pensarmos a existência de mais observatórios sintonizados com a luta por educação como um direito de todos.

Como segunda referência, levamos em consideração o Observatório Permanente da Juventude de Portugal. Trata-se de um programa resultante do protocolo entre o Instituto Português da Juventude e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. O programa visa estudar a questão da juventude e implantar políticas setoriais numa ação combinatória “entre interesse político, conhecimento científico e experiência acumulada desde há muitos anos, materializando num patrimônio de publicações assinalável” (Sitio OPJ/ICS, 2003, p. 1).

Por fim, cabe registrar como elemento inspirador o Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Santa Catarina. Tal Observatório foi apresentado pelo seu coordenador Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires, em Mesa Redonda sobre “Mundialização da cultura e mídia esportiva”, realizada na Faculdade de Educação da UFBA⁷² e suplementado em depoimento escrito.

Para Giovani Pires, o surgimento do Grupo de Estudos Observatório⁷³ da Mídia Esportiva tem como principal objetivo introduzir na formação inicial e continuada em Educação Física temáticas que levem à

- a) compreensão do discurso midiático a respeito dos conteúdos da Educação Física;
- b) apropriação didática (teórico-metodológica) da linguagem midiática.

Pires justifica a pertinência acadêmica do observatório e reconhece que,

[...] da mesma forma que a indústria midiática produz e veicula sentidos/significados que são socialmente compartilhados na cultura contemporânea, assim também o faz em relação aos temas da cultura de movimento, que são tematizados, pedagogicamente tratados e transformados em conteúdos de estudo e intervenção da Educação Física. Assim, compreender e ressignificar didaticamente estas influências, na perspectiva do esclarecimento, é uma tarefa epistemológica da Educação Física.

Junto com o Observatório, desenvolvemos outras instâncias de intervenção relativas ao tema Educação Física/Mídia, a saber: no **ensino**: criação de disciplina optativa na Graduação, na Especialização e no Mestrado; na **extensão**: apoio à editoração da revista Motrivivência e produção e apresentação de programa (Esporte e Cultura) na TV Cultura de Florianópolis; na **pesquisa**: realização e orientação de pesquisas individuais e coletivas, na graduação e na pós-

⁷² A Mesa Redonda em tela foi moderada por César Leiro e contou com uma exposição do Prof. Dr. Giovani De Lorenzi e comentários do Diretor da FACED - UFBA e do Grupo de Pesquisa em Comunicação Prof. Dr. Nelson Preto. Na oportunidade o Prof. Wellington Araújo apresentou uma comunicação cujo tema foi “Copa do mundo 2002: mídia esportiva no âmbito da educação física escolar”.

⁷³ O nome Observatório da Mídia Esportiva é uma homenagem ao jornalista Alberto Dinnes, criador do Observatório da Imprensa, principal instituto de acompanhamento e crítica da mídia nacional, foi criado em 2003 e é vinculado ao Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física – NEPEF/CDS/UFSC.

graduação (Especialização e Mestrado); como **base material** para viabilizar estas e outras iniciativas, criamos o Laboratório de Mídia do Centro de Desportos – LABOMIDIA.

O recorte teórico/conceitual e metodológico do grupo centra seus pressupostos da chamada *educação para a mídia*, ao tempo em que toma como *pano-de-fundo a concepção crítico-emancipatória da Educação Física*.

[...] buscamos um diálogo de conceitos da Teoria Social Crítica/Escola de Frankfurt (especialmente os conceitos de Esclarecimento, Indústria Cultural e Teoria da Semicultura) e dos Estudos Culturais da Sociologia Latinoamericana da Comunicação (notadamente os estudos de recepção e a dialética das múltiplas mediações culturais) .

Especificamente em relação ao Observatório, ele nasce do interesse e da necessidade de integrar pesquisas e pesquisadores (docentes, acadêmicos e pós-graduandos), visando o desenvolvimento de estudos e investigações coletivas e individuais, que tenham o discurso e a linguagem midiática como objeto e/ou ferramenta de estudo.

Os estudos e pesquisas no Observatório, em tela têm, segundo seu coordenador, um caráter coletivo e podem ser agrupados atualmente, em dois grandes eixos: 1) pesquisa e produção, utilizando a imagem como texto; 2) acompanhamento da mídia esportiva.

“No primeiro eixo, temos buscado produzir ‘textos-visuais’, que possibilitam a acesso e apropriação de ferramentas midiáticas (produção de pré-roteiros, captação de imagens e áudio, decupagem, roteirização e edição de vídeos) para observar/interpretar aspectos da cultura de movimento. Esse eixo atende ao entendimento de Ferrés (1995) e Beloni (2001), de que mais significativo do que tratar a mídia separadamente, como *ferramenta* ou como *objeto*, é desejável fundir estas duas estratégias na *produção midiática*.

Já o segundo eixo nos interessa sobretudo acompanhar e analisar o discurso midiático cotidiano, para entender aspectos como a produção de agenda-setting sobre tópicos do esporte e do lazer[...].”(Depoimento de Giovani De Lorenzi Pires, agosto de 2004).”

Os Observatórios que proponho na ambiência da Universidade Federal da Bahia reúnem duas abordagens diferentes, porém articuladas entre si. Um **Observatório da Juventude** que articule experiências de pesquisa, dialogue com os movimentos sociais, organizações governamentais e não governamentais interessados nessas temáticas e pela via da integração entre ensino-pesquisa-extensão com as próprias juventudes, e um **Observatório da Mídia Esportiva** com o propósito de sistematizar as experiências já em andamento no campo da comunicação setorial referente às culturas corporais/esportivas e de contribuir para a instituição de estudos e pesquisas sobre a mídia esportiva nas universidades baianas.

A iniciativa do Observatório da Mídia Esportiva reconhece o esporte como direito social, situado num tempo histórico, o considera como fenômeno cultural da humanidade de grande alcance popular. Uma prática social configurativa da cultura corporal que acolhe diversas modalidades e que encontra, nos meios de comunicação de massa, uma repercussão crescente no pensar e no fazer cotidiano de parcelas significativas da população e das juventudes em particular.

Nesse sentido, é que entendo ser importante a universidade ousar compreender, organizar, planejar e ressignificar a mídia esportiva, cada dia mais segmentada e espetacularizada, e de participar do debate acerca do esporte como dimensão das ciências humanas e da vida cidadina. Os Observatórios devem potencializar a produção e socialização do conhecimento, perseguindo como objetivos: organizar grupos de estudos permanentes sobre juventude e sobre mídia e esporte, ampliar nossos referenciais teóricos e qualificar nosso campo de diálogo empírico junto às comunidades; trocar experiências de estudos e pesquisas com outros grupos nacionais e

estrangeiros; dar continuidade à produção de vídeos sobre esporte e lazer junto à TV universitária; levantar dados referentes aos periódicos, sítios virtuais e programas sobre o tema, sua audiência/leitores e abrangência temática; ampliar a investigação sobre o trato pedagógico da mídia esportiva na formação de professores de Educação Física e Jornalistas; organizar uma página com a produção dos observatórios bem como estimular a produção de artigos científicos e submetê-los ao debate público; realizar e participar de eventos científicos (seminários, palestras, apresentação de filmes e oficinas) visando discutir o tema e socializar pesquisas.

Por fim, cabe registrar que o estudo apresenta sínteses possíveis, visa ampliar o debate em educação e busca, coletivamente, dar outros passos. Para tanto, constituem desafios importantes nas trilhas dessa tese: fortalecer a pesquisa nesse campo, potencializar as condições infra-estruturais da linha/grupo de estudo e pesquisa e o empenho na socialização dos conhecimentos produzidos.

5.2 EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E CONHECIMENTO EM MÍDIA ESPORTIVA: O PROJETO *CULTURA EM MOVIMENTO*

A Lei 8.977/95, que regula a TV a Cabo no Brasil e sua conseqüente operacionalização por uma empresa operadora de redes de televisão a cabo em Salvador, possibilitou a implantação do primeiro canal de televisão universitário da Bahia, em 2000, num pool envolvendo quatro universidades UFBA, UCSAL, UNEB e UNIFACS.

O processo de criação da TV em tela contou com passos históricos importantes dados pela UFBA na proposição do Consórcio do Canal Universitário; na organização de uma comissão composta por cinco

membros⁷⁴; incumbida de pensar um projeto estratégico para o canal universitário e para TV UFBA em particular. Tal iniciativa requereu uma coordenação executiva⁷⁵ e, no primeiro momento, os equipamentos de gravação e edição (câmera, vídeos e ilha de edição) foram disponibilizados pelo projeto Educanal da FACED.

O canal universitário da Bahia se juntou a dezenas de Instituições de Ensino Superior – IES do Brasil inteiro num grande esforço institucional para desenvolver a televisão acadêmica. Com esse propósito, a Associação Brasileira de Televisão Universitária se constituiu e já realizou oito edições do Fórum Brasileiro de Televisão Universitária⁷⁶. O Fórum é uma das atividades da Associação Brasileira de Televisão Universitária. Em seu sítio virtual, a ABTU, registra sua fundação no final de 2000, com a finalidade de “congregar as instituições de ensino superior que produzem televisão educativa e cultural”. Desde a década de 90, “dezenas de IES, de todo o país, vem se lançando no desafio da comunicação audiovisual eletrônica”, com o propósito de “fazer com que o conhecimento científico, gerado na academia, chegue ao público mais rapidamente, e de forma mais eficiente”, buscando representar o segmento audiovisual universitário do Brasil e pelas ondas eletromagnéticas (nas frequências VHF e UHF), cabo, satélite e internet trabalham “pela expansão das atividades universitárias no campo da mídia e da teleducação”.

Seu fórum vem buscando entender cada experiência regional e traçar novas estratégias de atuação no campo da mídia e da teleducação no Brasil.

⁷⁴ A comissão provisória foi composta por um representante da Reitoria (Othon Jambeiro), um representante da FACOM (Elias Gonçalves), um representante da FACED (Nelson Pretto), um representante da Pró-Reitoria de Extensão (Maria Clara Melro) e um profissional da área do audiovisual, estudante de pós-graduação da UFBA (Roberto Duarte).

⁷⁵ O Prof Roberto Duarte foi o primeiro coordenador executivo da TV UFBA.

⁷⁶ Sob a liderança da UNEB foi realizado em Salvador/Bahia, no período de 19 a 21 de maio de 2004, o VIII Fórum Brasileiro de Televisão Universitária, com o tema “Função comunitária e responsabilidade social”.

Na última reunião do Fórum, a ênfase foi a responsabilidade social e o caráter público das TVs Universitárias e sua relação com as TVs Educativas, TVs Escolas, canais do Sistema S, canais do Congresso Nacional e do Judiciário e seu papel na formação dos telespectadores e dos profissionais que fazem a televisão brasileira.

Voltando à TV Universitária na Bahia, importa registrar que, atualmente, a programação da UFBA ocupa uma hora na grade geral da TV Universitária e é veiculada três vezes por dia, de terça a domingo. A sintonia se dá no canal 16 da empresa NET em circuito a cabo, alcançando cerca de 50 mil lares na Região Metropolitana de Salvador.

5.2.1 Formação profissional e produção de conhecimento na mídia universitária

O esforço de colocar no “ar” a primeira experiência de um canal televisivo universitário na Bahia coincidiu com o interesse da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA de potencializar programas das unidades de ensino para TV UFBA.

Nesse âmbito, surgiu como parte do nosso estágio em produção, direção e apresentação em mídia televisiva⁷⁷, o Projeto “Cultura em Movimento”, uma produção da FACED para a TV UFBA cujo foco principal tem sido cultura corporal e lazer sob a ótica da educação. Os programas foram pensados com as mesmas inquietações que levaram Belloni, ainda no início da década de 90, a propor a educação para mídia. Para ela, diante da presença das mídias no

⁷⁷ Estágio desenvolvido como parte das atividades do curso de formação profissional em teleradialismo no CEFET/BA.

universo escolar e diante das questões postas por Len Masterman (1993),

citado por Belloni (2001):

- O consumo elevado das mídias e a saturação à qual chegamos;
- a importância ideológica das mídias, notadamente através da publicidade;
- a aparição de uma gestão da informação nas empresas (agências de governo, partidos políticos, ministérios etc.);
- a penetração crescente das mídias nos processos democráticos (as eleições são antes de tudo eventos midiáticos);
- a importância crescente da comunicação visual e da informação em todos os campos (fora da escola, que privilegia o escrito, os sistemas de comunicação são essencialmente icônicos);
- a expectativa dos jovens a serem formados para compreender sua época (que sentido há em martelar uma cultura que evita cuidadosamente as interrogações e as ferramentas de seu tempo?);
- o crescimento nacional internacional das privatizações de todas as tecnologias da informação (quando a informação se torna mercadoria, seu papel e suas características mudam). (p. 10).

Faz-se necessário, neste debate, demarcar duas dimensões indissociáveis entre educação e comunicação. Para a autora, essa interlocução deve considerar duas frentes:

Ferramentas pedagógicas extremamente ricas e proveitosas para melhoria e expansão do ensino. *Objeto de estudo* complexo e multifacetado, exigindo abordagens criativas, críticas e interdisciplinares; sem esquecer que se trata de um 'tema transversal' de grande potencial aglutinador e mobilizador. (2001, p. 9).

Nessa perspectiva, ganham relevo os estudos teórico-vivencial do Observatório da Mídia Esportiva da UFSC. Nele, a construção coletiva de ferramentas pedagógicas permitem aos acadêmicos “uma outra leitura e a conseqüente ressignificação da cultura de movimento e esportiva mediada pela indústria da comunicação de massa.” (p.120).

Na experiência do projeto *Cultura em movimento*, os programas buscam dar significado mais amplo à temática esporte e lazer e foram concebidos para serem desenvolvidos periodicamente. Seu formato combina imagens e depoimentos de pesquisadores e convidados e acolhe sempre um professor e

um estudante da Faculdade de Educação como apresentadores. Dois programas já foram veiculados na grade de programação da TV Universitária, em particular, nos horários da TV UFBA. O primeiro, as vésperas da Copa do Mundo, discutiu criticamente o futebol - uma paixão do povo brasileiro⁷⁸. O segundo programa foi sobre o lazer nos parques públicos de Salvador⁷⁹.

Os vídeos se constituem uma referência das produções da FACED para TV UFBA, uma produção didática para graduação e pós-graduação, intra e extra-muros e uma atividade de relativa importância temática para todos que reconhecem a comunicação no âmbito da cultura corporal como possibilidade estratégica do fazer pedagógico.

Estratégia também experienciada por Fischer, ao lado de estudantes de Pedagogia, que, iluminado pelo cotidiano cultural e pelas representações de pessoas comuns, juntou forma e conteúdo, entrelaçando “as questões de linguagem propriamente dita – os recursos audiovisuais, de imagem, som, textos, edição, a escolha de planos e ritmos, a seleção de apresentadores” (FISCHER, 2001, p. 108) vêm investigando mídia, cultura e produção de subjetividades, ampliando a significação na formação docente e a compreensão do que seja currículo. Para Fischer,

Mergulhar nesse universo de produção, veiculação e recepção de artefatos culturais é participar de uma investigação permanente sobre nós mesmos, nossa cultura, as relações de poder em nossa sociedade, os modos de constituir sujeitos e de interpelar indivíduos e grupos sociais. É também fazer o aprendizado da fruição de um tipo

⁷⁸ Foi apresentado por mim e pela estudante de pedagogia Daniela Dantas e contou com a participação do Comentarista Esportivo da TV Educativa e da Rádio Sociedade da Bahia, Armando Oliveira; do professor da disciplina Futebol do curso de Educação Física da Faced/UFBA Fernando do Espírito Santo e do antropólogo e professor da UFBA Roberto Albergaria.

⁷⁹ Reuniu em dois blocos o nosso depoimento e o da professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Aruane Garzedini, falando sobre a educação e lazer e espaço público respectivamente. Num segundo bloco apresentaram suas idéias o professor da disciplina Recreação Romilson Augusto dos Santos da (UFBA) e o ambientalista do Grupo Gambá, Renato Cunha.

de produção muito específico que, de um modo ou outro, nos olha e recebe, cotidianamente, o nosso olhar. (2001, p. 109).

Para efeito de conclusão desse trabalho, importa sublinhar o todo e as partes como integrantes dos complexos temáticos da pedagogia social. O desafio posto, portanto, é de pensar complexos temáticos que elejam os estudos sobre juventudes e mídia esportiva/lazer, articulados ou particularizados, como pertinentes e contemporâneos na formação profissional em Educação/Educação Física e Jornalismo/Comunicação. A esse respeito Carvalho e Hatje haviam alertado para “necessidade de se criar disciplinas específicas nos currículos dos cursos de Educação Física” e propõe “estudos interdisciplinares entre as áreas de Educação Física e Comunicação Social⁸⁰.” (p. 262). Os autores entendem que a instituição desse conhecimento, “em parte novo para a Educação Física” [...], tem como objetivo estudar e interpretar os fenômenos sociais veiculados pelos meios de comunicação [...] e quer-se a reorganização e a reestruturação da Educação Física frente aos meios de comunicação, fazendo com que os mesmos digam aos meios o que deve ser veiculado e não o contrário.” (262).

Para além da criação de disciplinas específicas, entendemos que a experiência de estudo e de organização do trabalho pedagógico por *complexos temáticos* ou na perspectiva freiriana de, “universo temático”⁸¹ ou conjunto de “temas geradores” implica necessariamente “numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação [...] que proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos ‘temas geradores’ e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos.” (FREIRE, 1978, p 102 e 103).

⁸⁰ O Centro de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, RS, desde 1991, já vem desenvolvendo cursos de formação em nível de graduação e pós-graduação nessa temática.

⁸¹ Com a mesma conotação, Freire o denomina de “temáticas significativas”.

Ao concluir a quarta síntese, é preciso reconhecer ainda a necessidade de uma articulação qualificada entre *os Complexos Temáticos ou Universos Temáticos* e o projeto curricular de cada curso, seja qual for a modalidade de ensino.

Nessa trilha, o presente estudo aponta a necessidade de, à luz do *habitus* e representações sociais evidentes nas falas dos jovens, dos depoimentos dos professores entrevistados e do que diz a ampla literatura dialogada ao longo deste texto, entender a crise social em que vivemos, eleger categorias teóricas radicais, que nos ajudem a entender as contradições sociais na raiz dos seus problemas e organizar tematicamente a formação profissional dos que têm a responsabilidade histórica de trabalhar com as juventudes. Cabe ainda, como desafio particular, dar continuidade e fortalecer o Projeto **Cultura em Movimento** como uma ação didática de aprendizagem relacional envolvendo as categorias educação e comunicação, como mais uma referência teórico metodológico para o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. O projeto visa, ainda, se afirmar como objeto de estudo e de intervenção pedagógica de produção e difusão de conhecimento crítico e significativo para a formação profissional nas áreas da Educação/Educação Física e de Comunicação.

5.3 TOCANDO EM FRENTE

Ao concluir o estudo a que me propus, quero, em três parágrafos, falar de trinta e oito anos de formação interrompida, porém continuada.

Atento à possibilidade (auto) biográfica, busquei revisitar, com a ajuda de meus pais, meu longo ciclo formal de educação; e, através de uma breve

narrativa pessoal, reconhecer os passos essenciais, o conjunto das relações que construí histórica e culturalmente nessa caminhada.

Considerando que as narrativas devem ser exercitadas a partir do grupo que cada pessoa vive ou viveu, minha história na educação formal começa na Escola Maria José, na familiar rua Greenfeld na Barra; na qual descobri as letras, as artes e me alfabetizei pelas mãos da professora Lucinha Grangeon. Pelas mãos das professoras Lígia e Zulmira, estudei parte do ensino fundamental na *saborosa* Escola Osvaldo Valente. Concluí o Ensino Fundamental na Escola Pública Colégio Estadual Manoel Devoto e lá, “a Bahia me deu régua e compasso”, saí da Barra fui para o Rio Vermelho. No centro da cidade, fiz o Ensino Médio e fechei o Ensino Básico com um Curso Profissionalizante em Patologia Clínica, no histórico Colégio Águia.

Ingressei na Universidade Católica do Salvador, cursando a licenciatura plena em Educação Física e, nessa universidade, fiz um curso de pós-graduação lato sensu em Administração Desportiva. No Centro Federal de Ensino Tecnológico da Bahia (CEFET), fiz mais um Curso Profissionalizante em Teleradialismo e na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, desenvolvi o Mestrado e o Doutorado em Educação, com uma passagem, como Investigador Visitante, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Fui incluído em quase todas as modalidades e graus de ensino.

Ao pensar nos desdobramentos dessa pesquisa realizada, renovo meu compromisso, como docente aprendiz, de exercer o magistério aliançado na educação como direito de todos e dever do Estado, em um método que vincula sujeito, trabalho pedagógico e produção de conhecimento, numa concepção dialética constituinte da possibilidade fundante do fazer científico e no desafio

do ensino e da pesquisa conforme anuncia a epígrafe deste capítulo, em *ações vitais*, como dimensões estratégicas do devir socialista.

Trago, nessas linhas finais os poetas Almir Satter e Renato Teixeira⁸² para afirmarem comigo: “hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe... penso que cumprir a vida, seja simplesmente compreender a marcha, ir *tocando em frente*... cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz... só levo a certeza de que muito pouco eu sei”.

⁸² Almir Satter e Renato Teixeira são os compositores da música *Tocando em Frente*. Gravada em CD pela Sony Music.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: Maria Virginia de Freitas, Fernanda de Carvalho Papa, (Org). **Políticas públicas: juventude em pauta**. Ação Educativa, 2003.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude e contemporaneidade. In: **Revista Brasileira de Educação**/ ANPED, Número Especial, São Paulo, 1997.

ALTUVE, Eloy. **Desporto: o modelo perfeito de globalização**. Centro Experimental de Estudos Latinoamericanos: Maracaibo / Venezuela, 2002.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **A Reivenção o esporte: possibilidade da prática pedagógica**. Autores Associados: Campinas, SP: 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia educação**. Autores Associados: Campinas, SP: 2001.

_____. **O papel da televisão no processo de socialização**. Brasília, UNB (Série Sociologia), 1992.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1985.

BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro: esporte, televisão e Educação Física**. Campinas: Papirus, 1988.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **Ordenamento de idéias**. Estuário, Salvador: 1969.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: 1997.

_____. BOURDIEU, Pierre e PASSERON Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Edições Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1982.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BUCCI, Eugênio. **a TV aos 50 anos: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
CADERNOS DO OBSERVATÓRIO. Ibase, nº 3, 2001.

- CALDART, Roseli Salete. Apresentação In: **Fundamentos da escola do trabalho**. 2000.
- CARVALHO, Sergio e HATJE, Marli. **Proposta de desenvolvimento de um novo conhecimento na e para Educação Física e a Comunicação Social no Brasil**. Revista do CBCE.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- COGO, Denise e GOMES, Pedro Gilberto. **Televisão, escola e juventude**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO. **O desafio para o século XXI**: coletânea de texto. Brasília: Câmara dos Deputados, coordenação de publicação, 2001.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- CRIADO, Enrique Martín. **Producir la juventud**. Madri: ISTMO, 1988.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DEMO, Pedro. **Conhecimento moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas: Autores Associados. 1995.
- DOWBOR, Ladislau, IANNI, Octavio e outros. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DURÕES, Geraldo Magela. **Programas esportivos televisivos: contradições para Educação Física escolar**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Católica de Brasília. Distrito Federal.
- ELIAS. Norbert. **A busca da excitação**. Memória e Sociedade, Viseu-Portugal, 1992.
- FARIAS, Maria de L. S. O. **Fala e escuta de professores (entre)laçam-se na sala de aula**. 2004. Tese (Curso de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.
- FAVERO, Celso Antonio e SANTOS, Stella Rodrigues. **Semi-árido**: fome, esperança e vida digna. Salvador: UNEB, 2002.
- FAZENDA, Ivani Catarina. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. Educação, Religião e Juventude: novas perspectivas a partir de uma pesquisa. In: **Cadernos do CEAS** Nº 193. Maio/Junho 2001.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FORUM NACIONAL PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO. Brasília: 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

FREIXO, Manoel João Vaz. **A televisão e a instituição escolar**. Instituto Piaget, 2002.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Tendências epistemológicas**: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos, In: Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1995.

GARRIGOU, Alain e LACROIX, Bernard. **Norbert Elias**: a política e a história. Editora Perspectiva, São Paulo: 2001.

GASTALDO, Édison Luis. **Pátria de chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Leopoldo-RS, 2002.

GILLY, Michel. As representações sociais no campo da Educação. In: _____ **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GOMES, Henritte Ferreira. **Metodologia da pesquisa**: documentação científica. Mimeo ICI-UFBA, Salvador, 2004.

HETKOWSKI, Tânia Maria e GEWEHR Rodrigo Barros. **Adolescente-Televisão-Grupo**: buscando compreender o adolescente na era televisiva. Ijuí. Ed Unijuí, 2000.

JACKS, Nilda. **A pesquisa de recepção no Brasil**: em busca da influência latino-americana. 1995.

JAMESON, Fredric. **Sobre a intervenção cultural**. Revista Crítica Marxista, São Paulo, 2000.

JODELE, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In. _____ **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUNZ, Elenor. **Transformações didático-pedagógicas do esporte**. Ijuí. Ed Unijuí, (1ª edição) 1994 e (2ª edição) 1998.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI Marina. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª edição, editora Atlas, São Paulo, 1992.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, 1996.

LEANDRO, Paulo Roberto. **O jornalista e o cartola: o jornalismo esportivo impresso na Bahia e sua resistência ao campo da política**. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal da Bahia. Salvador.

LEIRO, Augusto César Rios. **Lazer e educação nos parques públicos de Salvador: encontro de sujeitos em espaços de cidadania**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador.

LINHARES, Meily Assbú. **A trajetória política do esporte no Brasil; interesses envolvidos, setores excluídos**. Belo Horizonte, 1998.

_____. **Jogos da política, jogos do esporte: subsídios à reflexão sobre as políticas públicas para o setor esportivo**. In: Lazer e esporte: políticas públicas. Campinas, Autores Associados, 2001.

LOPES, Maria Imaculada Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O Esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. Salvador: Malabares, 2003.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A TV levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Eca/USP, Brasiliense, 1995.

MARQUES, Maria Ornélia da Silveira. Escola noturna e jovens. In: Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação/ANPED**, Número Especial, São Paulo, 1997.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã, teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Hucitec, 1984.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação/ANPED**, Número Especial, São Paulo, 1997.

MÉSZÁROS, Istvan. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

_____. O conceito de representação social dentro da sociologia clássica. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho (Orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. São Paulo: Zahar.

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: MOSCOVICI, Serge. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

_____. **Representações sociais**: investigações em Psicologia social. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003.

NOBREGA, Sheva Maria. **O que é representação social**. Mimeo, 1990.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PAIS, Machado José. **Consciência histórica e identidades**. Oeiras - Portugal: Celta Editora, 1999.

_____. **Culturas juvenis**. Coleção Análise Social. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Portugal, 2003.

_____. **Ganchos tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Coleção Trajetórias. Portugal, 2001.

_____. **Sociologia da vida quotidiana**: teorias, métodos e estudos de caso. Imprensa de Ciências Sociais: Portugal, 2002.

PAIVA, Jane. **Teleducação, televisão e desenvolvimento da leitura.** In: Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras. Vera Masagão Ribeiro (Org) Campinas, SP: São Paulo: Ação Educativa 2001.

PASSOS, Elizete e LUCKESI, Cipriano. **O Conhecimento: Significado, Processo e Apropriação.** In: Introdução à Filosofia. UFBA: Salvador, 1992.

PERALVA, O jovem como modelo cultural. In: Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação/ANPED**, Número Especial, São Paulo, 1997.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **A Educação Física e o discurso midiático:** abordagem crítico-emancipatória em pesquisa-ação no ensino de graduação. 2000. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas.

_____. **Educação Física e o discurso midiático:** abordagem crítico-emancipatória. Editora Unijuí, 2002.

_____. A pesquisa em educação física e mídia nas ciências do esporte um possível "estado atual da arte". **Revista Movimento** v. 9, n. 1, 2003.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho.** Editora Expressão Popular. São Paulo, 2000.

POCIELLO, Christian. **Les Cultures Sportives.** Presses Universitaires de France, Paris:1995.

PORTO, Tânia Maria Esperon. **A televisão na escola... Afinal, que pedagogia é esta?** Araraquara: JM Editora, 2000.

_____, **Redes em Construção: meios de comunicação e práticas educativas.** JM Editora, 2003.

PRETTO, Nelson de Lucca. **Uma escola sem/com futuro:** educação e multimídia. Campinas: Papyrus, 1996.

RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho. O processo comunicativo na prática pedagógica. In: Inter-ação - **Revista da Faculdade da Educação**, UFG. Goiânia, 2001.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia.** São Paulo: Scipione, 1994.

SERGIO, Manoel. **Para uma nova dimensão do desporto.** Editora Instituto Piaget, Lisboa-Portugal, 2003.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação.** Lisboa, Instituto Piaget, 1990.

SILVA, Ana Lúcia. **Entre as armas da fome e as arma de fogo.** In: A outra face da moeda. Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador. 2000.

SILVA, Bento Duarte. **Educação e comunicação.** Colectânea – Monografias em Educação e Psicologia, Braga, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Maurício Roberto. **O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar: Onde está o lazer/lúdico? O gato comeu?.** 2000 c. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos.** Petrópolis, RJ, 1996.

SOUSA, Mauro Wilton de (Org). **Sujeito: o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOUZA, Ana Márcia. **A ciência e a técnica nas sociedades industriais modernas: uma reflexão sobre a Educação Física.** Maringá: v. 14, nº 3. Maio/1993.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre a juventude em educação. In: Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação/ANPED,** Número Especial, São Paulo, 1997.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Referencial teórico metodológico para a produção do conhecimento sobre metodologia do ensino da educação física e esportes. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Santa Maria: vol.16, nº 2, janeiro/1995.

_____. Desporto educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. In: **Coletânea de Textos** da 1ª Conferência Nacional de Educação, Cultura e Desporto. Câmara dos Deputados do Brasil, Brasília, 2000.

_____. O socialismo e as tarefas da Juventude. **Rascunho Digital,** FAGED/UFBA, Salvador, 2002.

TESE GUIA, **CONFERÊNCIA NACIONAL DE ESPORTE.** MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2004.

THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995.

WOLF, Mauro, **Teorias da comunicação.** Lisboa, Presença, 1987.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO

ANEXO A – COMPONENTES CURRICULARES DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E JORNALISMO (BRASIL/PORTUGAL)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Estrutura e Funcionamento do Ensino
Recreação
Educação e Sociedade
Fisiologia I
Fisiologia do Exercício
Higiene, Educação e Saúde
Estágio Supervisionado I e II
Psicologia da Educação
Desenvolvimento Motor e Educação
Cinesiologia da Dança
Basquete I e II
Treinamento Desportivo
Problemas da Educação
Fisiologia II
Futebol I e II
Handebol
Voleibol I e II
Natação I e II
Medidas e Avaliação em Educação Física
Atletismo I e II
Capoeira I e II
Socorros de Urgência
Anatomia I
Organização e Administração Desportiva
Seminário I
Ciência e Educação
Teoria e Prática do Currículo
Ginástica
Ginástica Especial
Ginástica Escolar
Dimensão Estética da Educação
Ginástica Rítmica Desportiva I e II
Bases Biológicas do Desenvolvimento Humano
Rítmica
Fundamentos da Alimentação e Nutrição
Educação e Identidade Cultural
Introdução a Sociologia
Estudos de Problemas Brasileiros
Filosofia
Didática

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Anatomia aplicada à educação física
Biologia. Humana aplicada à educação física
Didática
Análise histórica da educação física/esporte e lazer
Análise filosófica da educação física/esporte/lazer
Metodologia do ensino da educação física
Prática Curricular I
Introdução ao trabalho científico
Bioquímica aplicada à educação física
Cinesiologia
Prática Curricular II
Análise sócio-antropológica da educação física/esporte/lazer
Fisiologia humana
Metodologia do ensino do esporte I
Metodologia do ensino das atividades Aquáticas
Metodologia do ensino da ginástica
Prática Curricular III
Política e gestão educacional
Fisiologia do exercício
Nutrição aplicada à educação física
Desenvolvimento e aprendizagem motora
Metodologia do ensino do esporte II
Prática Curricular IV
Educação física adaptada
Medidas e avaliação em educação física
Atividade física e saúde coletiva
Metodologia do ensino do jogo
Estágio Curricular I
Metodologia do ensino da dança
Treinamento desportivo
Trabalho e lazer
Seminário de projeto de pesquisa
Estágio Curricular II
Políticas Públicas/planejamento e gestão em educação física/esporte e lazer
Primeiros socorros
Estudo das manifestações culturais
Estágio Curricular III
Monografia
Estágio Curricular IV

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

Comunicação e Expressão
Ludomotricidade Básica
Metodologia Científica
Bioquímica Básica
Atletismo I

Introdução à Motricidade Humana
Práxis Motoras e Coletivas
Natação I
Introdução a Filosofia
Cinesiologia
Estrutura e Funcionamento de Ensino I e II graus
Biologia
Psicologia Geral
Ginástica Analítica
Futebol I
Sociologia
Fisiologia Humana
Basquetebol
Psicologia da Educação
Nutrição
Fisiologia do Exercício
Voleibol
Ginástica Olímpica
Lesões do Aparelho Locomotor e sua Reabilitação
Teologia
Didática da Educação Física
Biometria Humana
Ginástica Rítmica e Desportiva
Handebol
Medidas de Saúde
Treinamento Desportivo
Capoeira Desportiva
Recreação Lazer e Cultura Popular
Planejamento de Ensino
Administração Desportiva
Ginástica de Musculação
Culturas Motoras
Metodologia Especial
Metodologia da Pesquisa
Introdução a Informática
Ética Profissional
Antropologia
Prática de Ensino

OPTATIVAS

Atividade Física na 3ª Idade
Atividade Física e Qualidade de Vida na Empresa
Atividade Física na Promoção da Saúde
Dança de Salão
Futebol de Salão
Futebol II
Ginástica Rítmica Desportiva II
Introdução ao Direito Desportivo
Ludomotricidade na Pré – Escola
Mergulho
Metodologia da Iniciação Desportiva
Metodologia do Jogo na Educação Física

Natação II
 Personal Training
 Tênis de Campo
 Triathlon
 Voleibol II
 Vôlei de Praia
 Yoga

UNIÃO METROPOLITANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Cinesiologia
 Fisiologia do Exercício
 Fundamentos da Musculação
 Treinamento Desportivo
 História da Educação Física e do Desporto
 Sociologia da Educação
 Filosofia e Ética Profissional
 Estrutura e Funcionamento da Educação
 Língua Portuguesa
 Introdução à Informática
 Metodologia Científica
 Trabalho de Conclusão de Curso I
 Trabalho de Conclusão de Curso II
 Estágio Supervisionado I
 Estágio Supervisionado II
 Estágio Supervisionado III
 Estágio Supervisionado IV
 Metodologia do Ensino de Atividades Aquáticas I
 Metodologia do Ensino de Atividades Aquáticas II
 Metodologia do Ensino de Atividades Desportivas I
 Metodologia do Ensino de Atividades Desportivas II
 Metodologia do Ensino de Atividades Desportivas III
 Metodologia do Ensino da Ginástica
 Metodologia Ensino da Capoeira
 Prática Pedagógica I
 Prática Pedagógica II
 Didática da Educação Física
 Atividade Física e Envelhecimento
 Atividade Física na Empresa
 Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida
 Anatomia Humana
 Biologia Humana
 Bioquímica
 Crescimento e Desenvolvimento
 Educação Física Adaptada
 Fisiologia Humana
 Gestão e Administração em Atividades Físico-Desportivas
 Jogos, Recreação e Lazer
 Nutrição, Atividade Física e Saúde
 Primeiros Socorros
 Programas Personalizados de Condicionamento Físico

FACULDADES MONTENEGRO

Comunicação em Educação Física
História da Educação Física
Psicologia I
Anatomia Aplicada I
Fundamentos Biológicos I
Folclore
Sociologia
Psicologia II
Anatomia Aplicada II
Fundamentos Biológicos II
Lazer e Recreação I
Biomecânica do Exercício
Fisiologia
Psicomotricidade
Lazer e Recreação II
Fundamentos Biológicos III
Didática Geral
Fundamentos de Fisioterapia
Higiene e Socorros de Urgência
Dança I
Natação
Atletismo
Didática da Ed. Física I
Antropologia Cultural
Ed. Física e Esporte Especial
Handebol
Teoria, Prática e Metodologia da Ginástica Analítica I
Medidas e Avaliação em Ed. Física
Didática da Educação Física II
Optativa
Ginástica Olímpica
Voleibol I
Teoria, Prática e Metodologia da Ginástica Analítica II
Estrutura e Funcionamento do 1º e 2º Graus
Didática da Educação Física II
Optativa
Basquetebol I
Voleibol II
O Profissional de Ed. Física como Agente de Saúde
Tecnologia do Material e Instalações em Educação Física
Prática de Ensino e Estágio Supervisionado I
Optativa
Basquetebol II
Esportes Comunitários
Prática de Ensino e Estágio Supervisionado II

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS

Biologia Humana
Anatomia Humana
Técnicas de Comunicação e Expressão
Fisiologia Humana
Psicologia Geral
Introdução à Informática
Filosofia e Ética Profissional
Iniciação à Metodologia Científica
Sociologia
Bioquímica
Desenvolvimento Motor
Treinamento Desportivo
Fisiologia do Exercício
Nutrição, Atividade Física e Saúde
Metodologia da pesquisa
Metodologia do Ensino da Ginástica
Metodologia do Ensino do Atletismo
Metodologia do Ensino da Nataçao
Metodologia do Ensino da Capoeira
Metodologia do Ensino do Voleibol
Metodologia do Ensino do Voleibol
Metodologia do Ensino do Basquete
Metodologia do Ensino do Futebol
Metodologia do Ensino da Nataçao
Metodologia do Ensino do Handebol
Metodologia do Ensino do Atletismo
Jogos e Recreação - Educação Física para Portadores de Deficiências
Gestão e Administração de Atividades Físico Desportivas
Treinamento Neuromuscular
Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida
Atividade Física na Empresa
Atividade Física na Terceira Idade
Atividade Física e Esportes na Infância e Adolescência
Atividades Aquáticas para a Promoção da Saúde
Prescrição de Exercícios para Grupos Especiais
Medidas de Avaliação Ed. Física e Esportes
Seminário de Pesquisa - Ensino Monográfico
Estágio Supervisionado
Estudos do Lazer
Epidemiologia da Atividade Física
Avaliação e Prescrição de Exercícios Físicos
Personal Training
Técnicas Alternativas de Saúde
Empreendedorismo e Marketing

FACULDADE SOCIAL DA BAHIA

Biologia Humana
 Anatomia Humana
 Ritmo e Movimento
 Análise Antropologia de Educação Física, Esporte de Lazer
 Voleibol
 Introdução ao Trabalho Científico
 Bioquímica
 Cineantropometria
 Teoria e Prática da Ginástica
 Análise Histórica da Ed. Física Esporte e Lazer
 Psicologia do Desenvolvimento
 Análise Filosófica
 Fisiologia Humana
 Didática
 Basquetebol
 Análise Sociológica da Educação Física, Esporte e Lazer
 Educação Física Adaptada
 Psicologia da Aprendizagem
 Fisiologia do Exercício
 Informática aplicada a Educação Física
 Teoria e práticas dos Jogos e Brincadeiras
 Estrutura e Funcionamento da Educação Escolar
 Prática de Ensino I
 Treinamento de Atividades Físico Esportivas
 Cinesilogia
 Desenvolvimento Motor
 Conhecimento e Metodologia da Ed. Física I
 Prática de Ensino II
 Socorros de Urgência
 Organização de Atividades Físico Esportivas
 Conhecimento e Metodologia da Ed. Física II
 Prática de Ensino II
 Conhecimento e Metodologia da Ed. Física III
 Prática de Ensino IV
 Capoeira
 Prática de Ensino V
 Handebol

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

1º BLOCO

COMP. I – EIXO CIENTÍFICO-CULTURAL:

MÓDULO 1 = AS CIÊNCIAS NATURAIS E A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

MÓDULO 2 = ASPECTOS FILOSÓFICOS, ANTROPOLÓGICOS E HISTÓRICOS QUE FUNDAMENTAM A EDUCAÇÃO FÍSICA

MÓDULO 3 = O PAPEL SOCIAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

COMP. 2 – EIXO DA FORMAÇÃO DOCENTE

MÓDULO 1 = OS CAMPOS DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

COMP. 3 – EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO PROFISSIONAL

MÓDULO 1 = LABORATÓRIO DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

MÓDULO 2 = LABORATÓRIO DE VIVÊNCIAS E REFLEXÕES DE PRÁTICAS CORPORAIS

COMP. 4 – EIXO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

MÓDULO 1 = SEMINÁRIO TEMÁTICO I

2º BLOCO**COMP. 1 – EIXO CIENTÍFICO-CULTURAL:**

MÓDULO 1 = AS CIÊNCIAS NATURAIS E A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

MÓDULO 2 = ASPECTOS SOCIOLOGICOS, ANTROPOLÓGICOS E HISTÓRICOS QUE FUNDAMENTAM A EDUCAÇÃO FÍSICA

MÓDULO 3 = EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS TEMÁTICAS

COMP. 2 – EIXO DA FORMAÇÃO DOCENTE

MÓDULO 1 = FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

MÓDULO 2 = LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS RELACIONADAS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

COMP. 3 – EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO PROFISSIONAL

MÓDULO 1 = LABORATÓRIO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

MÓDULO 2 = LABORATÓRIO DE VIVÊNCIAS E REFLEXÕES DE PRÁTICAS CORPORAIS

COMP. 4 – EIXO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

MÓDULO 1 = SEMINÁRIO TEMÁTICO II

3º BLOCO**COMP. 1 – EIXO CIENTÍFICO-CULTURAL:**

MÓDULO 1 = EDUCAÇÃO FÍSICA E O CURRÍCULO

MÓDULO 2 = AS CIÊNCIAS NATURAIS E A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

MÓDULO 3 = O JOGO E O ESPORTE COMO ATIVIDADES SOCIAIS

MÓDULO 4 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA CAPOEIRA

COMP. 2 – EIXO DA FORMAÇÃO DOCENTE

MÓDULO 1 = FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DA CAPOEIRA

MÓDULO 2 = SABERES NECESSÁRIOS À DOCÊNCIA

MÓDULO 3 = ASPECTOS METODOLÓGICOS QUE FUNDAMENTAM O ENSINO DO JOGO E DO ESPORTE

COMP. 3 – EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO PROFISSIONAL

MÓDULO 1 = LABORATÓRIO DE VIVÊNCIAS E REFLEXÕES DE PRÁTICAS CORPORAIS

MÓDULO 2 = INICIAÇÃO A PESQUISA NA EDUCAÇÃO FÍSICA I

COMP. 4 – EIXO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

MÓDULO 1 = SEMINÁRIO TEMÁTICO III

4º BLOCO

COMP. 1 – EIXO CIENTÍFICO-CULTURAL:

MÓDULO 1 = LAZER NA EDUCAÇÃO FÍSICA

MÓDULO 2 = AS DIMENSÕES DA AVALIAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO

MÓDULO 3 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA GINÁSTICA I

MÓDULO 4 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA ATIVIDADE FÍSICA I

MÓDULO 5 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESPORTE I

MÓDULO 6 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA NATAÇÃO

COMP. 2 – EIXO DA FORMAÇÃO DOCENTE

MÓDULO 1 = FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DA GINÁSTICA I

MÓDULO 2 = FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DA NATAÇÃO

MÓDULO 3 = FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DO ESPORTE I

COMP. 3 – EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO PROFISSIONAL

MÓDULO 1 = INICIAÇÃO A PESQUISA NA EDUCAÇÃO FÍSICA I

MÓDULO 2 = LABORATÓRIO DE VIVÊNCIAS E REFLEXÕES DE PRÁTICAS CORPORAIS

COMP. 4 – EIXO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

MÓDULO 1 = TÓPICOS ESPECIAIS I

5º BLOCO

COMP. 1 – EIXO CIENTÍFICO-CULTURAL:

MÓDULO 1 = ASPECTOS GERAIS NA PREVENÇÃO DE ACIDENTES NA EDUCAÇÃO FÍSICA

MÓDULO 2 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA ATIVIDADE FÍSICA II

MÓDULO 3 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESPORTE II

MÓDULO 4 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESPORTE III

COMP. 2 – EIXO DA FORMAÇÃO DOCENTE

MÓDULO 1 = A ESCOLA COMO ESPAÇO REFLEXIVO PARA EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA I (ESTÁGIO I)

MÓDULO 2 = INVESTIGAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE AÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO FORMAL (ESTÁGIO I)

MÓDULO 3 = PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DO ESPORTE II

MÓDULO 4 = PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DO ESPORTE III

MÓDULO 5 = PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DO ENSINO DA GINÁSTICA II

COMP. 3 – EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO PROFISSIONAL

MÓDULO 1 = INICIAÇÃO A PESQUISA NA EDUCAÇÃO FÍSICA II

COMP. 4 – EIXO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

MÓDULO 1 = TÓPICOS ESPECIAIS II

6º BLOCO**COMP. 1 – EIXO CIENTÍFICO-CULTURAL:**

MÓDULO 1 = EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL

MÓDULO 3 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESPORTE IV

MÓDULO 4 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESPORTE V

MÓDULO 5 = FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA DANÇA

COMP. 2 – EIXO DA FORMAÇÃO DOCENTE

MÓDULO 1 = A ESCOLA COMO ESPAÇO REFLEXIVO PARA EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA II (ESTÁGIO II)

MÓDULO 2 = INVESTIGAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE AÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO FORMAL II (ESTÁGIO II)

MÓDULO 3 = PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DO ESPORTE IV

MÓDULO 4 = PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DO ESPORTE V

MÓDULO 5 = PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DA DANÇA

COMP. 3 – EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO PROFISSIONAL

MÓDULO 1 = INICIAÇÃO A PESQUISA NA EDUCAÇÃO FÍSICA IV

COMP. 4 – EIXO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

MÓDULO 1 = TÓPICOS ESPECIAIS III

7º BLOCO**COMP. 1 – EIXO CIENTÍFICO-CULTURAL:**

MÓDULO 1 = O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS AÇÕES ADMINISTRATIVAS

MÓDULO 2 = TRABALHO, CULTURA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

COMP. 2 – EIXO DA FORMAÇÃO DOCENTE

MÓDULO 1 = A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS I (ESTÁGIO III)

MÓDULO 2 = DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO FORMAL I (ESTÁGIO III)

COMP. 3 – EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO PROFISSIONAL

MÓDULO 1 = SEMINÁRIO PARA TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO I (TCC I)

COMP. 4 – EIXO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES**8º BLOCO****COMP. 1 – EIXO CIENTÍFICO-CULTURAL****COMP. 2 – EIXO DA FORMAÇÃO DOCENTE**

MÓDULO 1 = A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS II (ESTÁGIO IV)

MÓDULO 2 = DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO FORMAL II (ESTÁGIO IV)

COMP. 3 – EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO PROFISSIONAL

MÓDULO 1 = SEMINÁRIO PARA TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO II (TCC II)

COMP. 4 – EIXO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO/PORTUGAL

Universidade Técnica de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana

-Licenciatura em Ciência do Desporto

- Educação Física e Desporto Escolar
- Treino Desportivo
- Exercício e Saúde

Licenciatura em Ciências do Desporto

1º ano

Atividades físicas e desportivas 1
Análise do processo ensino aprendizagem
Anatomofisiologia I
Anatomofisiologia II
Antropologia e História do corpo
Bioquímica
Cin antropometria
Desenvolvimento motor
História do Desporto
Matemática I
Matemática II

2º ano

Atividades físicas e desportivas II
Análise das práticas profissionais
Biomecânica
Cinesilogia
Controlo Motor e aprendizagem
Estatística I
Estatística II
Fisiologia do Exercício
Nutrição e atividade física
Perturbações do desenvolvimento
Prevenção, segurança e emergência
Sistemática das atividades físicas e desportivas
Sociologia do desporto

Educação Física e Desporto Escolar

3º ano

Desenvolvimento curricular em Educação Física
Didática da educação Física
Estratégias de ensino
Fisiologia do desporto

Metodologia do treino
Prática Pedagógica I
Prescrição do Exercício
Psicologia do desporto

4º ano

Avaliação e Educação da aptidão física
Avaliação em educação física
Educação para a saúde
Gestão da animação desportiva
História da educação
Necessidades educativas especiais
Opção desportiva
Pedagogia do desporto I
Pedagogia do desporto II
Prática pedagógica II
Sociologia da educação e organização escolar

5º ano

Estágio pedagógico
Seminário

Treino Desportivo

3º ano

Avaliação e educação da aptidão física
Fisiologia do desporto
Gestão das organizações
Metodologia do treino- Modalidade de Opção I
Metodologia do treino- Modalidade de Opção II
Modelos e estratégias de formação
Nutrição no desporto
Pedagogia do desporto I
Pedagogia do desporto II
Prescrição do exercício

4º ano

Biologia das qualidades físicas
Metodologia do treino- modalidade de opção III
Planeamento do treino desportivo
Planeamento e gestão de projetos
Psicologia do desporto
Treino desportivo em pessoas com deficiência
Seminário
Estágio

Exercício e saúde

3º ano

Atividade física e saúde pública
Avaliação da aptidão física e bem estar
Biologia das qualidades físicas

Gestão das organizações
Metodologia das atividades físicas I
Metodologia das atividades físicas II
Modelos e estratégias de formação
Nutrição e comportamentos alimentares
Pedagogia do desporto
Prescrição do exercício
Psicologia do exercício

4º ano

A mulher e o exercício
Exercícios e doenças crônicas
Exercícios e saúde na pessoa com deficiência
Exercício, envelhecimento e saúde
O exercício, a criança e o adolescente
Obesidade e controle do peso
Planeamento e gestão de projetos
Seminário
Estágio

Licenciatura em Gestão do Desporto

1º ano

Atividades Desportivas
Anatomofisiologia I
Anatomofisiologia II
Desenvolvimento Motor
Informática
Introdução a Economia
Introdução à Gestão
Introdução ao direito
Matemática I
Matemática II

2º ano

Biomecânica
Contabilidade Analítica
Contabilidade Geral
Direito do desporto
Estatística I
Estatística II
Fisiologia do exercício
Matemática III
Organização do desporto
Sociologia do desporto

3º ano

Atividade física e saúde pública
Análise financeira
Equipamentos desportivos

Fiscalidade
Gestão financeira
História do desporto
Marketing
Psicologia do desporto
Recursos humanos
Sistemas de informação

4º ano

Avaliação e gestão de projetos
Comportamento Organizacional
Gestão estratégica
Marketing do desporto (opcional)
Negociação e ética (opcional)
Pedagogia do desporto (opcional)
Prevenção, segurança e emergência (opcional)
Estágio profissional

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Licenciatura Educação Física e Desporto

1º Ano

Desenvolvimento e adaptação motora
Anatomofisiologia
História de Educação Física e Desporto
Estatística
Bioquímica
Teoria e Prática dos Desportos I
Atletismo
Basquetebol
Futebol
Ginástica Rítmica
Ginástica Aeróbica
Tênis de Mesa

2º Ano

Sociologia do desporto
Técnicas e estratégias de ensino em educação física
Fisiologia do Esforço
Biomecânica
Introdução à informática
Teoria e prática dos desportos II
Judô
Voleibol
Tênis e Badminton
Ginástica Desportiva

3º Ano

Higiene e traumatologia do desporto

Pedagogia das atividades físicas e do desporto
 Planejamento e técnicas de avaliação em educação física
 Psicofisiologia Psicologia do desporto
 Expressão artística /dança
 Teoria e prática dos desportos III
 Andebol
 Natação
 Patinagem
 Rugby

4º Ano

Organização e desenvolvimento do desporto
 Saúde e condição física
 Animação desportiva, lazer e recreação
 Análise e gestão da instituição escolar
 Educação especial
 Teoria e Metodologia do treino
 Epistemologia da motricidade humana
 Seminário

5º Ano

Estágio pedagógico

COMPONENTES CURRICULARES CURSOS DE JORNALISMO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA/FACOM

Currículo Obrigatório

Teorias da Comunicação
 Oficina de Comunicação Escrita
 Teorias do Jornalismo
 Semiótica
 Oficina de Comunicação Audiovisual
 Comunicação Jornalística
 Estética da Comunicação
 Comunicação e Atualidade I
 Comunicação e Atualidade II
 Oficina de Jornalismo Impresso I
 Comunicação e Tecnologia
 Oficina de Radiojornalismo
 Comunicação e Política
 Comunicação e Ética
 Oficina de Telejornalismo I
 Comunicação e Cultura Contemporânea
 Oficina de Jornalismo Digital
 Elaboração de Projetos em Comunicação
 Desenvolvimento Orientado de Projeto
 Oficina de Assessoria de Comunicação

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação ou
Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS

Introdução às Ciências da Comunicação
Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação
Oficina de Comunicação Escrita
História da Radiodifusão
Seminários Avançados I
Teoria da Comunicação
Tecnologia da Radiodifusão
Oficina de Comunicação Audiovisual
Estética e História da Arte
Seminários Avançados II
Teoria da Imagem
Elementos de Sonoplastia
Oficina de Criação em Rádio
Redação e Roteiro para Rádio e TV I
Seminários Avançados III
Fotografia e Iluminação
Direção de Programas de Rádio e TV
Oficina de Criação em Televisão
Realidade e Cultura Brasileira
Fundamentos da Sociologia
Oficina de Produção em Rádio
Gêneros do Rádio e da TV
Seminários Avançados V
Mídia e Mercado
Oficina de Produção em TV
Elaboração de Projetos em Comunicação
Comunicação e Hiperídia
Oficina de Gestão da Empresa Audiovisual
Novas Tecnologias Aplicadas ao Rádio e à Televisão
Seminários Avançados VII
Projeto Experimental em Rádio e TV

As Faculdades Jorge Amado mantém na área de comunicação três habilitações: Rádio e TV, Publicidade e Propaganda e Jornalismo. Observamos o curso de jornalismo.

FACULDADES JORGE AMADO

Filosofia e Arte
Introdução ao Jornalismo
Antropologia Cultural
Sociologia Geral e da Comunicação

Oficina de Leitura e Escrita I
 Informática Aplicada
 Atelier de Produção de Texto IA/Planejamento e Produção Gráfica B
 Teorias da Comunicação
 Métodos de Pesquisa em Comunicação
 Atelier de Produção de Texto IB/Planejamento e Produção Gráfica A
 Oficina de Leitura e Escrita II
 História do Jornalismo
 Jornalismo Comunitário
 Teorias do Jornalismo
 Atelier de Produção de Texto IIA/Oficina de Leitura B
 Ética
 Atelier de Produção de Texto IIB/Oficina de Leitura A
 Atelier de Radiojornalismo IA/Atelier de Fotojornalismo IB
 Assessoria de Comunicação
 Novas Tecnologias de Comunicação
 Comunicação e Economia
 Atelier de Fotojornalismo II
 Atelier de Radiojornalismo II
 Atelier de Produção de Texto III
 Comunicação e Política
 Atelier de Produção de Texto IV
 Novas Tecnologias da Comunicação
 Atelier de Telejornalismo I
 Cultura Brasileira e Baiana
 Comunicação e Esporte
 Teoria da Opinião Pública

FACULDADE DOIS DE JULHO

Língua Portuguesa
 Língua Portuguesa II
 Teoria da Comunicação II
 Realidade S.P.E.B
 Sociologia Geral
 História da Comunicação
 Metodologia Científica
 Filosofia e Ética
 Sociologia da Comunicação
 Antropologia Cultural
 Técnica de Reportagem
 Teoria da Comunicação I
 Língua Portuguesa III
 Jornalismo Digital
 Psicologia da Comunicação
 Redação Jornalística I
 Redação Jornalística II
 Teoria do Jornalismo
 Comunicação e Economia
 Comunicação Comunitária
 Oficina de Jornalismo I

Introdução à Fotografia
 Regulamentação da Comunicação
 Comunicação e política
 Radiojornalismo I
 Oficina de Jornalismo II
 Editoração Eletrônica, Planejamento e Produção Gráfica
 Comunicação nas Organizações I
 Radiojornalismo II
 Fotojornalismo
 Teoria e Método de Pesquisa Em Comunicação
 Telejornalismo I
 Radiojornalismo III
 Comunicação nas Organizações II
 Edição
 Telejornalismo II
 Projeto E
 Experimental

FACULDADE DA CIDADE

Introdução ao Estudo da Comunicação
 Metodologia do Trabalho Científico
 Oficina de Comunicação Escrita I
 Teoria da Comunicação
 Elementos de Fotojornalismo
 Comunicação Comparada
 Teoria do Jornalismo
 Oficina de Comunicação Escrita II
 Oficina de Comunicação Audiovisual I
 Técnica de Reportagem e Entrevista
 Estética da Comunicação e Cultura de Massa
 Oficina de Comunicação Audiovisual II
 Oficina de Radiojornalismo I
 Redação em Jornalismo
 Assessoria de Imprensa
 Semiótica
 Oficina de Telejornalismo I
 Oficina de Radiojornalismo I
 Oficina de Jornalismo Impresso I
 Divulgação Cultural e Promoção de Eventos
 Jornalismo em Pequenos Meios
 Oficina de Comunicação Audiovisual II
 Oficina de Telejornalismo II
 Oficina de Jornalismo Impresso II
 Vídeo
 Comunicação, Ética e Legislação
 Administração da Empresa Jornalística
 Oficina de Jornalismo On-Line I
 Oficina de Gestão da Comunicação I
 Comunicação e Marketing Institucional
 Metodologia da Pesquisa Científica
 Oficina de Gestão da Comunicação II

Empreendedorismo
 Oficina de Jornalismo On-Line II
 Tópicos Avançados I
 Estágio Supervisionado
 Projeto Exp. em Jornalismo
 Estágio Supervisionado

FACULDADE INTEGRADA DA BAHIA

Comunicação e Tecnologia
 Oficina de Comunicação
 Teoria e Método de Pesquisa
 Informática Aplicada
 Realidade Sócio-Econômica e Política Brasileira
 Teorias da Comunicação I
 Comunicação e Tecnologia II
 Realidade Sócio-Econômica e Política Regional
 Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação
 Língua Portuguesa I - Redação e Expressão Oral
 Oficina de Texto I
 Língua Portuguesa II - Redação e Expressão Oral
 Teorias da Comunicação II
 Introdução à Fotografia
 Comunicação Comparada
 Comunicação e Cultura Contemporâneas
 Oficina de Texto II
 Comunicação e Política
 Língua Portuguesa III - Redação e Expressão Oral
 Teorias do Jornalismo
 Oficina de Texto III
 Laboratório de Agência de Notícias
 Fotografia Jornalística I
 História do Jornalismo
 Planejamento e Design Gráfico
 Ética e Legislação em Jornalismo
 Editoração Eletrônica
 Fotografia Jornalística II
 Técnicas de Edição em Jornalismo
 Oficina de Jornalismo Impresso
 Políticas Públicas de Comunicação
 Oficina de Multimídia – Webdesign
 Oficina de Jornalismo Digital
 Técnicas de Apuração e Edição em Jornalismo Digital
 Planejamento Estratégico e de Comunicação
 Oficina de Assessoria de Comunicação
 Jornalismo Especializado I
 Linguagem Radiofônica
 Oficina de Radiojornalismo
 Técnica de Edição e Finalização em Telejornalismo
 Oficina de Telejornalismo
 Oficina de Planejamento e Gestão Jornalística

Elaboração de Projetos em Comunicação
Jornalismo Especializado II
Tópicos Especiais em Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso - Projeto Experimental em Comunicação

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS

Introdução às Ciências da Comunicação
Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação
Oficina de Comunicação Escrita
História do Jornalismo
Teoria da Comunicação
Teoria do Jornalismo
Oficina de Comunicação Audiovisual
Técnica de Reportagem e Entrevista
Seminários Avançados I
Seminários Avançados II
Semiótica
Elementos de Fotojornalismo
Oficina de Jornalismo Impresso
Oficina de Radiojornalismo
Redação em Jornalismo I
Redação em Jornalismo II
Estética da Comunicação e Cultura de Massa
Fundamentos de Sociologia
Seminários Avançados III
Seminários Avançados IV
Realidade Sócio-econômica e Política Brasileira
Fundamentos de Economia
Comunicação e Hipermedia
Oficina de Telejornalismo
Oficina de Jornalismo On-Line
Gêneros Jornalísticos
Administração da Empresa Jornalística
Comunicação, Ética e Legislação
Seminários Avançados V
Seminários Avançados VI
Elaboração de Projetos em Comunicação
Agência de Notícias
Oficina de Gestão da Comunicação
Jornalismo Especializado
Seminários VII
Projetos Experimentais em Jornalismo

UNIVERSIDADE DE ENSINO SUPERIOR DE FEIRA DE SANTANA

Língua Portuguesa
Matemática
Informática
História da Comunicação

Teoria do Jornalismo
Economia
Sociologia
Filosofia
Técnica de Reportagem
Teoria da Comunicação
Psicologia
Estatística
Cultura Brasileira e Regional
Oficina de Jornalismo I
Comunicação Comparada
Metodologia Científica
Atividades Complementares
Oficina de Jornalismo II
Produção Gráfica
Fotografia
Antropologia Cultural
Propaganda e Marketing
Laboratório em Pesquisa de Opinião Pública
T. e Metodologia de Pesquisa em Comunicação
Planejamento em Comunicação
Redação no Jornalismo
Editoração Eletrônica
Assessoria de Comunicação
Telejornalismo
Legislação e Ética no Jornalismo
Comunicação Comunitária
Rádio Jornalismo
Edição
Computação Gráfica
Tópicos Especiais de Jornalismo II
Projeto Experimental

ANEXO B –RELAÇÃO DOS SÓCIOS DAS EMISÓRAS DE TV

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES – SECRETARIA DE SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA UNIDADE DE FEDERAÇÃO: BAHIA
 RELAÇÃO DOS SÓCIOS DAS EMISSORAS DE RADIO E TELEVISÃO⁸³ –
 CLASSIFICAÇÃO SIGLA UF/ CIDADE/ ENTIDADE – REL. RCA013 DATA
 05/ 01/ 2004.

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

NAS ENTIDADES COM MAIS DE 21 SÓCIOS, SOMENTE OS MAIORES ACIONISTAS FORAM RELACIONADOS.

AS ENTIDADES COM MAIS DE 21 SÓCIOS, ESTÃO ASSINALADAS COM *
 (*) APÓS O NOME DA ENTIDADE. *

ANTES DO NOME DE CADA SÓCIOS ESTÁ ASSINALADO ENTRE (), SEU TIPO DE PARTICIPAÇÃO NA EMPRESA:

- (E) A PESSOA SOMENTE DIRETOR DA ENTIDADE
- (D) A PESSOA DIRETOR E SOCIO DA ENTIDADE
- (S) A PESSOA SOMENTE SOCIO DA ENTIDADE

NOME ENT: TELEVISÃO OESTE BAIANO LTDA CIDADE: BARREIRAS TS: TV CANAL:05
 SOCIOS: (S) BALTAZARINO ARAÚJO ANDRADE (D) MARCO ANTONIO LEAO.

NOME ENT: TELEVISÃO SANTA CRUZ LTDA CIDADE: ITABUNA TS: TV CANAL:04
 SOCIOS: (D) CESAR DE ARAUJO MATA PIRES (S) ANTONIO MENEZES FILHO

NOME ENT: TV CABRÁLIA LTDA CIDADE: ITABUNA TS: TV CANAL:07
 SOCIOS: (D) JOAO BATISTA RAMOS DA SILVA (D) MARCELO BEZERRA CRIVELLA (D) JULIO CESAR LIMA DE FREITAS
 (S) RENATO COSTA CARDOSO

NOME ENT: TELEVISÃO NORTE BAIANO LTDA CIDADE: JUAZEIRO TS: TV CANAL: 07-
 SOCIOS: (D) LUIZ FERNANDO PEDREIRA LARANJEIRA (S) BERNARDO CARVALHO FARIAS

NOME ENT: FUNDAÇÃO FUNDESUL CIDADE: PORTO SEGURO (SEGURO) TS: TV CANAL : 21 E

⁸³ Optamos por anexar parcialmente a relação dos acionistas e executivos com concessão pública para funcionamento de meios de comunicação, em razão da mesma não está mais disponível na página virtual do Ministério das Comunicações.

SOCIOS: (E) WELLINGTON DOS SANTOS ALVES (E) JESUINO BARBOSA
LIMA (E) CARLOS MARIA SCHIMIDT PABST
(E) MARIA APARECIDA NASCIMENTO ALVES

TELEVISÃO RECORD S/ A (S) RENATO DE ABREU MADURO
(S) NELSON ALMEIDA TABOADA (S) (ESP.) FRANCISCO A. C. B. DE
MELLO (S) HAROLDO DRUMOND DE CARVALHO
(S) ANGELICA SOLEDADE HANSER (S) EDMEIA MIRANDA CARVALHO
BRITO (S) MANOEL MORGADO CORTIZO
(S) CLEOBULO DE OLIVEIRA FREITAS (S) JAIME MEIRELLES DA COSTA
PINTO (S) RODRIGO MARTINS CATARINO
(S) LUIZ CARLOS SA FREIRE (S) ARMANDO CARNEIRO DA ROCHA (S)
JOSE DIEGO B. LORENZO LASTRA
(S) (ESP.) GILENO AMADO (S) (ESP.) ODORICO M. T. DA SILVA (S)
WALDEMAR MONTEIRO ANGELIN
(S) HEITOR DA COSTA PINTO MARBACK (S) FERMIN PAULINO IRUJO
ANDREZA (S) MARIO HENRIQUES DA SILVA FILHO

NOME ENT: TELEVISÃO BAHIA LTDA CIDADE: SALVADOR TS: TV
CANAL:11

SOCIOS: (S) CESAR DE ARAUJO MATA PIRES (S) ANTONIO CARLOS
PEIXOTO DE MAGALHÃES JUNIOR (S) PAULA MARON DE MAGALHAES
GUSMAO
(S) CAROLINA DE MAGALHAES GUINLE (S) LUIS EDUARDO MARON DE
MAGALHAES FILHO (D) ARLETE MARON DE MAGALHAES

NOME ENT: TELEVISÃO ITAPOAN SOCIEDADE ANÔNIMA (*) CIDADE:
SALVADOR TS: TV CANAL:05

SOCIOS: (S) LUIZ PEDRO RODRIGUES IRUJO (S) IRENE RODRIGUES
IRUJO (S) HELIETE RODRIGUES IRUJO DE ALMEIDA
(S) PAULO ROBERTO VIEIRA GUIMARAES (S) RENATO DE ABREU MADURO
(S) RADIO E TELEVISAO RECORD S/ A
(S) MARIA DA PENHA M CARIوبا P ALVES (S) NICE ROCHA DE
OLIVEIRA (S) MANOEL MARQUES DA SILVA
(S) (ESP.) ODORICO M. T. DA SILVA (S) PEDRO CARDOSO DE ARAUJO
FILHO (S) MARIO DA SILVA CRAVO
(S) NAIR BORGES (S) JULIO DE SOUZA CARMO (S) MARIO WALLACE
SIMONSEN
(S) ODILON POMPILIO DE SOUZA (S) JOAO DE MEDEIROS CALMON (S)
ANTONIO SANCHES GALDESNO
(S) CLEMENTE MARIANI BITTENCOURT (S) ADENOR SOUZA SOARES (S)
FERMIN PAULINO IRUJO ANDREZA

NOME ENT: TV ARATU S/ A CIDADE: SALVADOR TS: TV CANAL:04
SÓCIOS: (S) NILO AUGUSTO MORAES COELHO (D) SILVIO ROBERTO DE
MORAES COELHO (E) NEI DA ROCHA BANDEIRA JUNIOR

NOME ENT: TELEVISÃO SUL BAHIA DE TEIXEIRA DE FREITAS LTDA
CIDADE: TEIXEIRA DE FREITAS TS: TV CANAL:05
SÓCIOS: (S) NIZAN MANSUR DE CARVALHO GUANAES GO (D) JOAO
AUGUSTO MARQUES VALENTE

NOME ENT: TELEVISÃO CONQUISTA LTDA CIDADE: VITÓRIA DA
CONQUISTA TS: TV CANAL : 05+
SOCIOS: (D) PAULA MARON DE MAGALHAES GUSMAO (S) CAROLINA DE
MAGALHAES GUINLE (S) LUIS EDUARDO MARON DE MAGALHAES FILHO

NOME ENT: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
CIDADE: VITORIA DA CONQUISTA TS: TV CANAL : 45 E
SOCIOS: (E) WALDENOR ALVES PEREIRA FILHO (E) ADERBAL DE
CASTRO MEIRA FILHO (E) GILENO NOVAES PAIVA